



**ORSON
SCOTT CARD**

© JOGO DO
EXTERMINADOR

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

ORSON SCOTT CARD

O JOGO DO EXTERMINADOR

Tradução de Norberto de Paula Lima

1990

Ano Internacional da Alfabetização

Título original: *Ender's Game* Copyright © Orson Scott Card, 1985

Capa de Jackson Armstrong

Site: <http://www.behance.net/BeHead>

Todos os direitos reservados à
Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.

EDITORA ALEPHI

Índice

[Agradecimentos](#)

[Terceiro](#)

[Peter](#)

[Graff](#)

[Lançamento](#)

[Jogos](#)

[A Bebida do Gigante](#)

[Salamandra](#)

[Rato](#)

[Locke e Demóstenes](#)

[Dragão](#)

[Veni Vidi Vici](#)

[Bonzo](#)

[Valentine](#)

[O Professor de Ender](#)

[Orador dos Mortos](#)

[Orson Scott Card](#)

*Para Geoffrey, Que faz-me lembrar
Quão jovens e quão velhas
Podem ser as crianças.*

Agradecimentos

Partes deste livro foram recontadas em minha primeira história de ficção científica, *Ender's Game*, no número de agosto de 1977 de *Analog*, editada por Ben Bova. Sua fé em mim e esta história são o alicerce de minha carreira.

Harriet McDougal, de *Tor Book*, é o mais raro dos editores — aquele que entende uma história e pode ajudar o autor a torná-la exatamente aquilo que ele quis dizer. Eles não pagam-na o suficiente. A tarefa de Harriet, porém, foi um pouco mais facilitada por causa do excelente trabalho do meu editor doméstico, Kristine Card. Tampouco pago a ela o suficiente.

Meus agradecimentos também para Barbara Bova, que tem sido minha amiga e agente de todos os momentos, e para Tom Doherty, meu editor, que deixou-me convencê-lo a publicar este livro durante a ABA em Dallas, o que evidencia seu superior discernimento ou o quanto alguém pode estar cansado durante uma Convenção de Ficção Científica.

Terceiro

“Olhei através de seu olhos, escutei através de seus ouvidos, e eu lhe digo: é ele. Ou pelo menos, o mais próximo que poderemos conseguir”

“Foi o que você disse sobre o irmão”

“O irmão mostrou-se impossível. Por outras razões. Nada a ver com sua capacidade”

“O mesmo para a irmã. E há dúvidas sobre ele. É demasiado maleável. Demasiado desejoso de se render à vontade de alguém”

“Não se a outra pessoa for seu inimigo.”

“Então, o que faremos? Cercá-lo de inimigos todo o tempo?” “Se for preciso”

“Pensei que você havia dito que gostava desse menino.”

“Se os insecta o apanharem, vão fazer com que eu pareça o tio favorito dele”

“Está bem. Afinal, estamos salvando o mundo. Vamos ficar com ele”

A senhora no monitor sorriu simpaticamente e arrumou o cabelo:

— Andrew, suponho que agora você já está enjoado desse horrível monitor. Porém, tenho boas notícias. O monitor vai embora hoje. Vamos tirá-lo agora mesmo, e não vai doer nem um pouquinho.

Ender assentiu. Era uma mentira, é claro, que não ia doer nem um pouquinho. Mas como os adultos sempre diziam isso que *ia* doer, ele podia contar com aquela afirmação como uma previsão acurada do futuro. Às vezes, mentiras são mais confiáveis do que a verdade.

— Então, venha até aqui Andrew. Sente-se à mesa de exame. O médico virá vê-lo em um minutinho.

O monitor vai embora. Ender tentou imaginar o pequeno dispositivo faltando, em sua nuca. “Vou me virar na cama e ele não vai ficar apertando. Não vou sentir nada incomodando e esquentando no chuveiro.”

“E Peter não vai mais me odiar. Vou para casa mostrar a ele que o monitor foi embora e ele vai ver que eu também não passei. Agora, vou ser só um menino normal, como ele. Então não vai ser tão mau. Ele vai me perdoar que eu fiquei com o monitor um ano inteiro a mais. Seremos...”

“Não amigos, provavelmente. Não, Peter é perigoso demais. Ficava tão bravo. Irmãos, porém. Não inimigos, não amigos, mas irmãos, capazes de viver numa mesma casa. Ele não vai me odiar, só vai me deixar em paz. E quando ele quiser brincar de *insectum* e fuzileiro, talvez eu não precise brincar, talvez eu possa só ler um livro.”

Mas Ender sabia, pensando bem, que Peter não o deixaria em paz. Havia algo nos olhos de Peter, quando estava de mau humor, e sempre que Ender percebia aquele olhar, aquele brilho, sabia que a única coisa que Peter *não* faria era deixá-lo em paz. “Estou estudando piano. Venha virar as páginas para mim. Oh, o menino do monitor está muito ocupado para ajudar o irmão? Ele é tão inteligente! Vai matar alguns *insecta*, fuzileiro? Não, não, eu não quero sua ajuda. Posso fazer sozinho, filho da mãe, seu *Terceirinho*”

— Não vai demorar nada, Andrew —, disse o médico. Ender fez que sim.

— Foi projetado para ser removível. Sem infecção, sem machucar. Mas vai picar um pouco, e algumas pessoas dizem que sentem que está faltando alguma coisa. Você vai ficar procurando por alguma coisa, alguma coisa que procura e não acha, e não consegue lembrar o que era. Pois vou dizer-lhe. É o monitor a coisa que você vai ficar procurando, e que não vai estar mais aí. Em alguns dias essa sensação passará.

O médico estava torcendo algo na parte de trás da cabeça de Ender. De repente, uma dor perpassou-o como uma agulha, do pescoço até o púbis.

Ender sentiu um espasmo nas costas e seu corpo arqueou violentamente para trás, sua cabeça bateu na cama. Sentia espernear e suas mãos apertavam uma à outra, tão forte que doíam.

— Didi! —, gritou o médico. — Preciso de você! A enfermeira entrou correndo e assustou-se.

— Preciso relaxar esses músculos. Pegue para mim! O que está esperando?

Algo passou de mão em mão. Ender não conseguia ver o que era. Ele pulou para um lado e caiu da mesa de exame.

— Segure! —, gritou a enfermeira.

— Segure o menino...

— Segure o senhor, doutor, ele é forte demais para mim...

— Não dê tudo! Ou vai paralisar o coração...

Ender sentiu uma agulha entrando nas costas, pouco acima do colarinho.

Queimava, mas dentro dele o fogo se espalhava, os músculos relaxavam, gradualmente. Agora podia chorar com o medo e a dor.

— Você está bem, Andrew? —, perguntou a enfermeira.

Andrew não conseguia lembrar de como se falava. Levantaram-no da mesa. Verificaram seu pulso, fizeram outras coisas que não entendeu.

O médico estava trêmulo, sua voz tremia enquanto falava.

— Eles deixam essas coisas nos meninos por três anos, o que esperam? Poderíamos desligá-lo, percebe? Desligar o cérebro dele para sempre.

— Quando acaba o efeito da droga? —, perguntou a enfermeira.

— Deixe-o aqui pelo menos por uma hora. Observe-o. Se não começar a falar em 15 minutos, me chame. Poderíamos tê-lo desligado para sempre. Eu não tenho cérebro de *insectum*.

E ele voltou para a classe da srta. Pumphrey, 15 minutos antes do último sinal. Seus passos ainda eram um pouco inseguros.

— Você está bem, Andrew? —, perguntou a srta. Pumphrey.

— Sim.

— Você esteve doente? Meneou a cabeça.

— Não está parecendo muito bem.

— Tô bem.

— É melhor sentar-se, Andrew.

Dirigiu-se para sua carteira, mas interrompeu-se. O que estava procurando, mesmo? “Não consigo me lembrar do que eu estou procurando.”

— Sua carteira é ali —, disse a srta. Pumphrey.

Sentou-se, mas era de algo mais que precisava, algo que tinha perdido.

“Vou achar depois.”

— Seu monitor —, cochichou a menina atrás dele. Andrew deu de ombros.

— O monitor dele —, ela cochichou para os outros.

Andrew dobrou o braço e apalpou a nuca. Havia um curativo. Tinha sumido. Agora era como todo mundo.

— Tá frouxo, Andy? —, perguntou um menino que sentava na outra fileira, e atrás dele. Não conseguia lembrar o nome do outro. Peter. Não, esse era um outro.

— Silêncio, sr. Stilson —, disse a srta. Pumphrey. Stilson encolheu-se.

A srta. Pumphrey falou sobre a multiplicação. Ender riscava sua carteira, desenhando topografia de ilhas montanhosas e então mandando sua carteira mostrá-las em três dimensões, de todos os ângulos. A professora saberia, claro, que ele não estava prestando atenção, mas não veio amolar. Sempre sabia a resposta, mesmo quando ela pensava que estava distraído.

No canto de sua carteira, apareceu uma palavra e esta começou a deslocar-se. Ela ficava de cabeça para baixo, de trás para a frente e de frente para trás, mas Ender sabia o que significava muito antes de chegar à parte de baixo, e virar para cima:

TERCEIRO

Ender sorriu. Foi ele quem descobriu como enviar mensagens e fazê-las andar — mesmo com seu inimigo secreto a insultá-lo, o método de comunicação era um elogio para ele. Não era sua culpa, se era um Terceiro. Era idéia do governo, eles é que autorizavam a coisa — ademais, como um Terceiro como Ender poderia ter ido para a escola? E agora, o monitor fora-se. O experimento intitulado Andrew

Wiggin não tinha dado certo. Se pudessem, tinha certeza que rescindiriam os contratos que permitiram seu nascimento. Não funcionou, apaguem o experimento.

A campanha tocou. Todos faziam a assinatura final em suas carteiras ou apressadamente escreviam lembretes para si mesmos. Alguns estavam transmitindo lições ou dados para seus computadores de casa. Uns poucos se juntavam em volta das impressoras, enquanto algo que queriam mostrar era impresso. Ender espalmou as mãos sobre o teclado

para crianças na borda de sua carteira e ficou imaginando como seria ter mãos tão grandes quanto as de um adulto. Devem parecer tão grandes e desajeitadas, dedos grossos e curtos, e palmas gordas. Claro, eles usavam teclados maiores — mas como os dedos grandes deles poderiam traçar uma linha fina, do jeito que Ender sabia, uma linha tão precisa que podia fazê-la espiralar 79 vezes, do centro à borda da carteira sem que elas se tocassem ou se superpusessem.

Dava-lhe algo para se ocupar enquanto a professora ficava chateando com aritmética. Aritmética! Valentine ensinara-lhe quando tinha três anos.

— Você está bem, Andrew?

— Sim, senhora.

— Vai perder o ônibus.

Ender fez que sim e levantou. Os outros meninos já tinham ido. Estariam esperando, porém, os piores. Seu monitor não estava espetado no pescoço, ouvindo tudo o que ouvia e vendo tudo o que via. Agora podiam dizer o que bem entendessem. Podiam até bater nele — ninguém podia vê-los e, assim, ninguém viria em seu socorro. O monitor tinha suas vantagens e sentia falta delas.

Era Stilson, claro. Não era maior do que os outros meninos, mas era maior que Ender. E tinha outros consigo. Sempre tinha.

— Ei, Terceiro.

“Não responda. Não há nada a dizer.”

— Ei, Terceiro, estamos falando com você, Terceiro, namorado de *insectum*, é com você mesmo.

Não conseguia pensar em nada para responder. “Qualquer coisa que eu diga, será pior. Então não vou dizer nada.”

— Ei, Terceiro, *Terceirinho*, foi reprovado, hein? Eu achava que você era melhor que nós, mas perdeu seu passarinho, Terceirinho, ganhou um curativo no pescoço.

— Vai me deixar passar? —, perguntou Ender.

— Vamos deixar ele passar? Vamos deixar ele passar? —, todos riram.
— Claro que vamos deixar você passar. Primeiro, vamos deixar passar seu braço, depois seu traseiro e depois talvez um pedaço de seu joelho.

Os outros repetiam:

— Perdeu o passarinho, Terceirinho! Perdeu o passarinho, Terceirinho!

Stilson começou a empurrá-lo, com uma das mãos, e alguém atrás dele empurrou-o na direção de Stilson.

— Serra, serra, serrador! —, disse alguém.

— Tênis!

— Pingue-pongue!

Isto não ia acabar bem. De modo que Ender resolveu que no fim não seria ele o mais infeliz. Da próxima vez que Stilson viera empurrá-lo, Ender o agarrou e tentou dar-lhe um soco, mas errou o golpe.

— Oh, quer lutar comigo? Quer lutar comigo, Terceirinho? Os outros agarraram-no por trás.

Ender não estava com vontade de rir, mas riu.

— Quer dizer que precisam tantos para bater num Terceiro?

— Somos gente, não Terceiros, cara de bosta. Você é forte como um peido!

Mas soltaram-no. E assim que o fizeram, Ender chutou alto e forte, atingindo Stilson bem no esterno. Caiu. Ender ficou atônito — não achou que ia derrubar Stilson só com aquele pontapé. Não lhe ocorreu que Stilson não levaria uma briga desta tão a sério, que não estava preparado para um golpe desesperado.

Por um momento, os outros recuaram e Stilson ficou ali, sem se mexer. Todos pensaram que ele tinha morrido. Ender, porém, estava pensando num meio de impedir que eles se vingassem. Evitar que um outro dia todos viessem bater nele. Precisava ganhar esta parada agora, e de uma vez por todas, ou então iria ter de briga todos os dias, e isso seria cada vez pior.

Ender conhecia as regras tácitas da briga de homem, mesmo tendo apenas seis anos. Era proibido bater enquanto o oponente estava caído no chão, só um animal faria isso.

De modo que Ender foi até o corpo prostrado de Stilson e chutou de novo, repetidamente, nas costelas. Stilson gemeu e rolou para longe. Ender andou à volta do outro e chutou de novo, desta vez nos testículos. Stilson nem conseguia emitir um som, só se dobrava e as lágrimas escorriam.

Então Ender encarou os outros friamente:

— Acho que vocês estão pensando em me pegar. Acho que acabariam me batendo bastante. Mas lembrem-se do que eu faço com quem tenta me machucar. Depois, vocês vão pensar como ia ser ruim, no dia em que eu pegasse vocês —, chutou Stilson no rosto. O sangue do nariz salpicou o chão. — Não vai ser assim, vai ser pior.

Virou-se e foi embora. Ninguém foi atrás dele. Virou uma esquina do corredor, que dava no ponto de ônibus. Ainda estava ouvindo os meninos atrás dele dizendo:

— Puxa, olha só: ele tá acabado.

Ender encostou a cabeça na parede do corredor e chorou até que o ônibus veio. “Sou como Peter. Tirando meu monitor, sou só como Peter.”

Peter

“Tudo bem, acabou. Como ele está indo?”

“Você vive dentro do corpo de alguém por alguns anos, fica acostumado. Agora, olho para a cara dele e não sei dizer o que está acontecendo. Não estou acostumado com as expressões faciais. Estou acostumado a senti-las.”

“Vamos, não estamos falando de psicanálise. Somos soldados, não feiticeiros. Você o viu dando uma bela surra no chefe de uma turma.”

“Ele foi durão. Não bateu só um pouco: deu duro, mesmo. Como Mazer Rackham, no...”

“Poupe-me dessa história. De modo que no julgamento de seu comitê, ele passa.”

“E muito bem. Vamos ver o que vai fazer com o irmão, agora que o monitor se foi.”

“E o irmão. Não tem medo do que o irmão vai fazer com ele?” “Você que me disse que este negócio não era sem risco.”

“Assisti de novo a alguns dos teipes. É inevitável. Gosto do menino. Acho que vamos arruiná-lo.”

“Claro que sim, é nosso trabalho. Somos a bruxa malvada. Prometemos chocolate, mas devoramos os putinhos vivos.”

— Lamento, Ender —, Valentine sussurrava. Estava olhando para o curativo.

Ender tocou a parede, e a porta fechou-se atrás dele.

— Não me importo. Gostei de tirar.

— O que você tirou? —, Peter entrou na sala, mastigando um bocado de pão e pasta de amendoim.

Ender não via Peter como o belo menino de dez anos que os adultos viam, com cachos escuros e espessos e um rosto que poderia ter sido o

de Alexandre, o Grande. Ender olhou para Peter apenas para detetar raiva ou tédio, os estados perigosos que quase sempre levavam à dor. Agora, quando os olhos de Peter descobriram o curativo no pescoço do outro, o lampejo indicativo de raiva apareceu.

Valentine percebeu, também.

— Agora, ele é como nós —, disse ela, tentando acalmar, antes que o outro tivesse tempo de atacar.

Mas Peter não queria saber.

— Como nós? Ficou com a chupeta até os seis anos. Quando você perdeu a sua? Você tinha três, eu perdi a minha antes dos cinco. Ele quase conseguiu, maldito, *insectum*.

“Está tudo bem”, pensou Ender. “Só falatório, Peter. Está bem.”

— Bem, agora seus anjos da guarda não estão vigiando —, disse Peter. — Agora não estão vendo se você sente dor, não ouvem o que eu digo, não vêem o que faço com você. Que tal? Que acha?

Ender fez sinal de indiferença.

De repente, Peter sorriu e bateu palmas, fingindo bom humor.

— Vamos brincar de *insectum* e fuzileiro.

— Onde está mamãe? —, perguntou Valentine.

— Fora —, disse Peter. — Agora eu tomo conta.

— Acho que vou chamar o papai.

— Chame —, respondeu Peter. — Você sabe que ele nunca está.

— Vou jogar —, disse Ender.

— Você é o *insectum* —, disse Peter.

— Deixa ele ser o fuzileiro pelo menos uma vez —, disse Valentine.

— Não mete o bedelho —, disse Peter. — Vamos lá em cima, escolha suas armas.

Não ia ser um bom jogo, Ender tinha certeza. Não era uma questão de vencer. Quando os meninos brincavam nos corredores, em tropas inteiras, os *insecta* não ganhavam nunca, e às vezes os jogos ficavam violentos. Mas aqui, no apartamento deles, o jogo já começaria violento e o *insectum* não podia bater em retirada, como faria nas guerras de verdade. O *insectum* estava no jogo até que o fuzileiro decidisse que tinha acabado.

Peter abriu sua gaveta e tirou a máscara de *insectum*. “Mamãe ficou zangada quando Peter comprou-a, mas papai apontou que a guerra não iria embora se escondêssemos as máscaras de *insecta* e não deixássemos as crianças brincar com armas laser de faz-de-conta. Melhor brincar de guerra e ter uma chance melhor de sobreviver quando os *insecta* voltassem.”

“Se eu sobreviver aos jogos”, pensou Ender. Pôs a máscara. Fechou-se como uma mão apertada contra seu rosto. “Mas isto não é como um *insectum* se sente”, pensou Ender. “Eles não colocam o rosto, como uma máscara, ela é o rosto deles. Nos mundos deles, será que os *insecta* colocam máscaras humanas, e brincam? E do que eles nos chamam? Melecas, por que somos tão macios e oleosos, em comparação a eles?”

— Cuidado, meleca —, disse Ender.

Ele mal conseguia ver Peter pelos buracos para os olhos. Peter sorriu.

— Meleca, hein? Bem, *insectum-tungã*, vamos ver como quebra esse seu rosto.

Ender não viu nada chegando, exceto uma mudança de posição de Peter, a máscara cortava sua visão periférica. De repente, a dor e a pressão de um golpe na têmpora, perdeu o equilíbrio e caiu.

— Não enxerga direito, *insectum*?

Ender começou a tirar a máscara. Peter apertou o dedão do pé contra o púbis de Ender.

— Não tire a máscara.

Ender recolocou a máscara e afastou as mãos. Peter o apertou com o pé. A dor tomou conta de Ender, que se curvou.

— Cai duro, *insectum*. Vamos vivisseccionar você. Finalmente pegamos um vivo e vamos ver como você funciona.

— Peter, pare —, pediu Ender.

— Peter, pare. Muito bem. Então vocês *insecta* podem adivinhar nossos nomes. Soam patéticos, como crianças simpáticas, para que gostemos de vocês e sejamos bonzinhos. Mas não adianta. Vejo você como realmente é. Eles quiseram que você fosse humano, Terceirinho, mas, na verdade, é um *insectum*, e agora posso ver.

Levantou o pé, deu um passo e ajoelhou-se sobre Ender, o joelho pressionando a barriga, logo abaixo do esterno. Apoiou cada vez mais seu peso sobre Ender. Ficava difícil respirar.

— Eu poderia matá-lo, assim —, Peter sussurrou. — Só apertar e apertar, até você morrer. E eu diria que não sabia que estava machucando, que era só brincadeira, e eles acreditariam, e tudo estaria bem. E você estaria morto. E tudo bem.

Ender não conseguia falar, o ar estava sendo expelido de seus pulmões. Peter podia estar falando sério. Provavelmente não, mas bem que podia.

— Estou falando sério. Não sei o que você está pensando, mas estou falando sério. Eles só autorizaram você, porque eu era tão promissor. Mas não fui adiante. Você se saiu melhor. Eles acham que você é melhor. Mas não quero um irmãozinho melhor, Ender. Eu não quero um Terceiro.

— Vou contar —, disse Valentine.

— Ninguém acreditaria em você.

— Acreditam, sim.

— Então você também está morta, querida irmãzinha.

— Ah, sim —, insistiu Valentine. — Vão acreditar. Eu não sabia que ia matar Andrew. E quando ele estava morto, eu não sabia que ia matar Valentine também.

A pressão ficou menos intensa.

— Então. Hoje não. Mas um dia, vocês dois não estarão juntos. E vai acontecer um acidente.

— Você só fala —, disse Valentine. — Não acaba fazendo nada.

— Não mesmo?

— E sabe por que não? —, perguntou Valentine. — Porque você quer ir para o governo, um dia, Quer ser eleito. E eles não vão eleger você se a oposição descobrir que seu irmão e sua irmã morreram em acidentes estranhos quando eram pequenos. Especialmente por causa da carta que coloquei em meu arquivo secreto, e que vai ser aberto se eu morrer.

— Pára de dizer besteira —, disse Peter.

— Eu digo que eu não morri de morte natural. Foi Peter quem me matou e se ainda não matou Andrew, vai matá-lo logo também. Não dá para condenar você, mas dá para fazer com que não seja eleito.

— Você é o monitor dele, agora —, retrucou Peter. — É melhor vigiar ele, dia e noite. É melhor ficar sempre por aí.

— Ender e eu não somos bobos. Nós nos saímos tão bem quanto você em tudo. Até melhor, em algumas coisas. Somos crianças muito inteligentes. E você não é o mais esperto, Peter, só é o maior.

— Ora, eu sei. Mas vai chegar um dia em que você não estará junto dele, vai se distrair. E, de repente, vai se lembrar, e vai correr até ele, e ele estará perfeitamente bem. E da próxima vez, você não vai se preocupar tanto, não vai voltar tão depressa. E todas as vezes, ele estará bem. E vai pensar que eu esqueci. Mesmo lembrando que eu disse isto, vai achar que eu esqueci. E os anos passarão. E então vai acontecer um terrível acidente e vamos encontrar o cadáver, e você vai chorar, e chorar, e vai se lembrar desta conversa, Vally, mas vai ter vergonha de si mesma por lembrar, porque vai saber que eu terei mudado, que foi realmente um acidente, que foi cruel de você até ter lembrado do que eu disse numa briga da infância. Só que vai ser verdade. Vou me safar, e ele vai morrer, e você não vai fazer nada, nadinha. Mas você vai continuar acreditando que eu sou apenas o maior.

— O maior burro —, respondeu Valentine.

Peter saltou de pé e avançou. Ela encolheu. Ender arrancou sua máscara. Peter jogou-se de costas na cama e começou a rir. Alto, mas sinceramente, os olhos lacrimejando.

— Vocês são demais, os maiores trouxas do planeta Terra.

— Agora ele vai contar que foi tudo brincadeira —, observou Valentine.

— Não uma brincadeira, um jogo. Posso fazer vocês acreditarem em qualquer coisa. Posso fazer vocês dançarem como marionetes. — E fingindo voz de monstro: — Vou matar você e cortar em picadinho e jogar no lixo. — Continuou rindo. — Os maiores trouxas do sistema solar.

Ender ficou ali, olhando o outro dar risada e pensou em Stilson, pensando como era esmagar o corpo do outro. Este aqui é que merecia. Este aqui é que deveria ter apanhado daquele jeito.

Como se pudesse ler a mente dele, Valentine cochichou:

— Não, Ender.

Peter, de repente, rolou para o lado e escorregou para fora da cama, colocando-se em posição para lutar.

— Sim, Ender, a qualquer hora, Ender.

Ender levantou a perna esquerda, tirou o sapato e levantou o pé.

— Está vendo aqui, no dedão? É sangue, Peter.

— Ooh, ooh. Vou morrer, vou morrer. Ender matou uma lagartixa e agora vai me matar.

Não havia meio de intimidar o outro. Peter era um assassino nato e ninguém sabia, senão Valentine e Ender.

Mamãe voltou para casa e lamentou com Ender sobre o monitor. Papai também chegou e ficou dizendo que aquilo era uma bela surpresa, que tinha filhos tão fantásticos que o governo lhes disse para terem três, e agora não queria nenhum deles de modo que podia ficar com os três e tinha o Terceiro...

Enquanto o pai falava, Ender teve vontade de gritar com ele, que sabia que era um Terceiro: “Eu sei e, se quiser, eu vou embora, para você não precisar ficar com vergonha na frente dos outros, desculpe, perdi o monitor e agora você tem três filhos e nenhuma explicação, que inconveniente para você. Desculpe, desculpe, desculpe.”

Ficou na cama, olhando para cima, no escuro. No beliche, em cima dele, podia ouvir Peter revirando e tossindo, inquieto. Então Peter desceu e saiu do quarto. Ender ouviu o ruído da descarga e a silhueta de Peter na porta.

“Ele acha que estou dormindo. Vai me matar”, pensou Ender.

Peter avançou até a cama e não subiu o beliche. Chegou devagarzinho até a cabeça de Ender.

Mas não pegou um travesseiro para sufocá-lo. Não tinha nenhuma arma.

— Ender, desculpe, sei como é, desculpe, sou seu irmão, amo você —, cochichou ele.

Muito tempo depois, a respiração regular de Peter dizia que ele dormia.

Ender arrancou o curativo do pescoço. E, pela segunda vez naquele dia, chorou.

Graff

“A irmã é o elo fraco. Ele realmente a ama.”

“Eu sei Ela pode acabar com tudo, desde o começo. Ele não vai querer deixá-la.” “Então, o que vai fazer?”

“Persuadi-la de que ele quer ficar conosco mais do que quer ficar com ela” “E como vai fazer isso?”

“Vou mentir para ele.”

“E se isso não funcionar?”

“Então vou dizer a verdade. Podemos fazer isso, numa emergência. Não podemos ter tudo planejado, você sabe.”

Ender não sentiu muita fome no café da manhã. Ficou imaginando como seria na escola enfrentar Stilson depois da luta do dia anterior. O que os amigos dele fariam. Provavelmente nada, mas não podia ter certeza, Não queria ir.

— Você não está comendo nada, Andrew —, disse a mãe. Peter entrou na sala.

— Bom dia, Ender. Obrigado por deixar sua toalha nojenta no meio do banheiro.

— Especial pra você —, resmungou Ender.

— Andrew, você precisa comer.

Ender esticou os pulsos, num gesto que dizia: então me alimente pela veia.

— Muito engraçado —, respondeu a mãe. — Tento dar-lhes atenção, mas isso não faz diferença para meus filhos gênios.

— Foram só seus genes que nos fizeram gênios, mamãe —, respondeu Peter. — Com certeza, nenhum do papai.

— Ei, eu ouvi isso —, respondeu o pai, sem tirar os olhos das notícias que apareciam escritas na mesa, enquanto comia.

— Eu não ia falar à toa. Era pra ouvir, mesmo. A mesa apitou. Alguém estava à porta.

— Quem é? —, perguntou a mãe.

O pai apertou um botão e um homem apareceu no vídeo. Estava vestindo o único uniforme militar que ainda significava alguma coisa — o da EI, Esquadra Internacional.

— Pensei que tudo tinha acabado —, falou o pai. Peter nada disse, só colocou leite em seu cereal. E Ender ponderou:

— Talvez eu não precise ir à escola hoje, afinal de contas...

O pai digitou o código de abrir a porta e saiu da mesa.

— Vou atender. Fiquem e comam.

Ficaram, mas sem comer. Alguns momentos depois, o pai voltou para a sala e fez sinal para a mãe.

— Entrou numa fria —, disse Peter. — Eles descobriram o que aconteceu com Stilson e agora vão levar você pra cumprir pena no Cinturão.

— Só tenho seis anos, estúpido. Sou menor.

— Você é um Terceiro, seu bosta. Não tem direito algum. Valentine entrou, o cabelo como um halo desarrumado em torno do rosto.

— Onde estão o papai e a mamãe? Estou doente, não vou pra escola.

— Outro exame oral, hein? —, observou Peter.

— Cala a boca, Peter —, disse Valentine.

— Relaxe e goze —, respondeu Peter. — Podia ser pior.

— Não sei como.

— Podia ser um exame anal.

— Ha, ha, ha —, respondeu a irmã. — Onde estão mamãe e papai?

— Conversando com um cara da EI.

Instintivamente, ela olhou para Ender. Afinal, eles esperaram durante anos que alguém viesse e dissesse que Ender tinha passado, que precisavam de Ender.

— Está bem, olhem só pra ele —, dizia Peter. — Mas poderia ser eu, vocês sabem. Afinal, podem ter percebido que eu era o melhor do lote. — Os sentimentos de Peter estavam feridos e estava sendo mesquinho, como de hábito.

A porta abriu-se.

— Ender —, disse o pai. — É melhor vir até aqui.

— Lamento, Peter —, provocou Valentine. O pai estava ameaçador.

— Crianças, isto não é brincadeira.

Ender acompanhou o pai até a sala de visitas. O oficial da EI levantou-se quando entraram, mas não estendeu a mão para Ender.

A mãe estava retorcendo sua fita de casamento no dedo.

— Andrew —, disse ela. — Nunca pensei que você era um briguento.

— O menino Stilson está no hospital —, disse o pai. — Você realmente fez um belo trabalho com ele. E com os pés, Ender, isso não foi muito justo.

Ender meneava a cabeça. Esperava que viria algo da escola, a respeito de Stilson, e não de um oficial da Esquadra. A coisa era mais séria do que pensara.

Ainda assim, não sabia como poderia ter agido de outra maneira.

— Tem uma explicação para seu comportamento, rapazinho? —, quis saber o oficial.

Ender meneou a cabeça, de novo. Não sabia o que dizer e tinha medo de se expor como mais monstruoso do que era indicado por suas ações. “Vou

enfrentar, não importa o castigo”, pensou. “Vamos acabar logo com isso.”

— Vamos considerar quaisquer circunstâncias atenuantes —, disse o oficial. — Mas devo dizer-lhe que não parece nada bom. Chutar o outro no saco, no rosto muitas vezes e no corpo, quando já estava no chão, parece que você estava gostando da coisa.

— Não gostei, não —, Ender falou baixinho.

— Então por que fez tudo isso?

— A turma toda estava com ele.

— E então? Isso desculpa alguma coisa?

— Não.

— Diga-me, por que continuou chutando o outro? Você já tinha ganho.

— Chutar ele e derrubar ganhou a primeira briga. Eu queria ganhar todas as outras, naquela hora, para que eles me deixassem em paz.

Ender não podia evitar, estava com muito medo, com muita vergonha do que tinha feito, mesmo fazendo força para não chorar, chorou de novo. Ele não gostava de chorar, coisa que fazia raramente. Agora, em menos de um dia, chorou três vezes. E de cada vez, ficava pior. Chorar na frente de seu pai, de sua mãe e daquele soldado, era uma vergonha.

— Vocês tiraram o monitor —, disse Ender. — Eu precisava tomar conta de mim mesmo, não é?

— Ender, você precisava pedir socorro a um adulto —, começou a dizer o pai.

Mas o oficial levantou-se e cruzou a sala, indo até Ender. Estendeu a mão.

— Meu nome é Graff, Ender. Coronel Hyrum Graff. Sou o diretor do treinamento básico na Escola de Guerra, no Cinturão. Vim convidá-lo para ir para a escola.

— Mas o monitor...

— A etapa final de seus testes era ver o que aconteceria sem o monitor. Nem sempre fazemos isso, mas em seu caso...

— E eu passei?

A mãe estava incrédula.

— Mandou o Stilson pro hospital? E o que vocês fariam se Andrew o matasse, iam dar-lhe uma medalha?

— Não é o que ele fez, sra. Wiggin. É o porquê. — O coronel Graff estendeu para ela uma pasta cheia de papéis. — Aqui estão as requisições. Seu filho foi liberado pelo Serviço de Seleção da EI. Claro que já temos o vosso consentimento, dado por escrito, na época em que a concepção foi confirmada, ou ele nem poderia ter nascido. Ele sempre seria nosso, se estivesse qualificado.

— Não é muito simpático de sua parte fazer-nos crer que não o queriam e agora vão levá-lo —, falou o pai com a voz trêmula.

— E essa charada sobre Stilson —, observou a mãe.

— Não foi uma charada, sra. Wiggin. Até que soubéssemos qual tinha sido a motivação de Ender, não poderíamos ter certeza se ele não era apenas mais um... Precisávamos saber o que aquela atitude significava. Ou pelo menos o que Ender acreditava significar.

— Precisa chamá-lo desse apelido idiota? —, a mãe começou a chorar.

— Lamento, sra. Wiggin. Mas é o nome pelo qual ele chama a si mesmo.

— E o que vai fazer, coronel Graff? —, perguntou o pai. — Sair com ele pela porta agora mesmo?

— Depende.

— De quê?

— Se Ender quiser vir.

O choro da mãe se transformou em amarga risada.

— Então, é voluntário, afinal! Que doçura!

— Para vocês dois, a escolha foi feita quando Ender foi concebido. Mas para Ender, a escolha não foi feita. Os recrutas são boa bucha de canhão, mas para fazer oficiais, é preciso voluntários.

— Oficiais? —, perguntou Ender. Ao som de sua voz, os outros caíram em silêncio.

— Sim —, respondeu Graff. — A Escola de Guerra é para treinar os futuros capitães de astronaves, os comandos das flotilhas e os almirantes da esquadra.

— Nada de ilusões, aí! —, o pai interrompeu, nervoso. — Quantos meninos da Escola de Guerra realmente terminam no comando das naves?

— Infelizmente, sr. Wiggin, essa informação é confidencial. Mas posso dizer que nenhum dos meninos que consegue passar do primeiro ano jamais deixou de ser oficial comandante. E nenhum serviu em posto inferior a imediato de uma nave interplanetária. Mesmo nas forças domésticas de defesa, dentro de nosso sistema solar, há postos honrosos.

— E quantos passam do primeiro ano? —, quis saber Ender.

— Todos os que realmente querem passar.

Ender quase ia dizendo que queria ir. Mas conteve-se. Isto ia deixá-lo longe da escola, mas isso era bobagem, era um problema apenas de alguns dias. Ia deixá-lo longe de Peter, e isto era mais importante, pois poderia ser questão de sobrevivência. Mas abandonar o pai e a mãe e, acima de tudo, deixar Valentine. Depois, virar soldado. Ender não gostava de lutar. Não gostava de gente como Peter, o forte contra o

fraco, e não gostava de gente como ele, também, o inteligente contra o tolo.

— Acho —, disse Graff — que Ender e eu deveríamos ter uma conversinha em particular.

— Não —, disse o pai.

— Não vou levá-lo sem que ele converse com vocês de novo —, disse Graff. — De qualquer modo, vocês não podem me impedir.

O pai olhou para Graff por mais um momento, então levantou-se e saiu da sala. A mãe parou para apertar a mão de Ender. Fechou a porta atrás de si ao sair.

— Ender — Graff foi falando — se vier comigo, não voltará aqui por muito tempo. Não há férias na Escola de Guerra. Nem visitas. O curso completo de treinamento dura até os 16 anos. Só terá a primeira licença, sob certas circunstâncias, quando tiver 12 anos. Acredite, Ender, as pessoas mudam em seis ou em dez anos. Sua irmã Valentine será uma mulher quando você a encontrar de novo, se vier comigo. Vocês serão estranhos um para o outro. Ainda vai gostar dela, mas ela será uma desconhecida. Como vê, não vou fingir que é fácil.

— E mamãe e papai?

— Eu lhe conheço, Ender, observei os discos do monitor por algum tempo. Não vai sentir falta de sua mãe e de seu pai, não por muito tempo. E eles tampouco vão sentir muito sua falta.

As lágrimas vieram aos olhos de Ender, a despeito de si mesmo. Virou o rosto, mas não queria passar a mão para limpá-las.

— Eles gostam de você, Ender. Mas você precisa entender o que sua vida custou para eles. Eles nasceram religiosos, você sabe. Seu pai foi batizado com o nome de John Paul Wiczorek. Católico. O sétimo de nove filhos.

Nove filhos. Isso era impensável. Criminoso.

— Muito bem. As pessoas fazem coisas estranhas pela religião. Você conhece as sanções, Ender, não eram tão fortes, mas, mesmo assim, não era fácil. Só os primeiros dois filhos tinham educação grátis. Os impostos subiam pesadamente com cada novo filho. Seu pai chegou aos 16 e invocou a Lei de Não-Concordância com a Família para se separar da família dele. Mudou o nome, renunciou à sua religião e prometeu

nunca ter mais do que os dois filhos que lhe eram permitidos. Toda a vergonha e a perseguição que sofreu quando criança, ele prometeu a si mesmo que nenhum filho dele passaria pela mesma coisa. Entendeu bem?

— Ele não me queria.

— Bem, ninguém mais quer um Terceiro. Você não pode esperar que eles tenham ficado contentes. Mas seu pai e sua mãe são um caso especial. Ambos renunciaram às suas religiões: sua mãe era mórmon, mas, de fato, seus sentimentos ainda são ambíguos. Sabe o que quer dizer ambíguo?

— Sentem duas coisas ao mesmo tempo.

— Estão com vergonha de terem vindo de famílias não-concordantes. Escondem este fato. Até ao ponto que sua mãe recusa-se a admitir que nasceu em Utah, a menos que os outros desconfiem. Seu pai renega sua ascendência polonesa, pois a Polônia ainda é um país não-concordante e sob sanção internacional, por causa disso. Como você vê, ser um Terceiro, mesmo sob instruções diretas do governo, desfaz tudo o que eles tentaram fazer.

— Sei disso.

— Mas é ainda mais complicado. Seu pai ainda lhe deu o nome de santo, aceito pela igreja. De fato, ele batizou vocês três assim que os levou para casa. E sua mãe fez objeção. Eles brigaram por causa disso todas as três vezes, não porque ela não queria que vocês fossem batizados, mas porque ela não queria que vocês fossem católicos. De fato, não desistiram de suas religiões. Eles consideram vocês como motivo de orgulho, porque contornaram a lei e tiveram um Terceiro. Mas também são motivo de vergonha, porque não têm coragem de ir em frente e praticar a não-concordância que ainda sentem ser a coisa certa. E vocês são um símbolo de vergonha pública, porque a cada passo você interfere com os esforços deles de assimilação com a sociedade normal, concordante.

— E como você sabe de tudo isso?

— Monitoramos seu irmão e sua irmã. Você ficaria surpreso ao saber o quanto esses instrumentos são sensíveis. Estávamos ligados diretamente em seu cérebro. Ouvimos tudo o que você ouviu, estivesse

ouvindo atentamente ou não. Quer você entendesse ou não. Mas nós entendíamos.

— Assim meus pais me amam e não me amam?

— Eles amam você. A questão é se eles querem você aqui ou não. Sua presença nesta casa é um conflito constante. Uma fonte de tensão. Entende?

— Não sou eu quem causa tensão.

— Nada que você faça. Mas é sua vida. Seu irmão odeia você, porque você é a prova viva de que ele não era bom o suficiente. Seus pais estão ressentidos com você por causa do passado ao qual eles querem se esquecer.

— Valentine me ama.

— De todo o coração. Completamente, sem restrições, ela está devotada a você e você a adora. Eu lhe disse que não seria fácil.

— E como é lá em cima?

— Trabalho duro. Estudos, como na escola, aqui, exceto que vai aprender matemática e a mexer em computadores muito mais intensamente. História militar. Estratégia e tática. Acima de tudo, a Sala de Guerra.

— O que é isso?

— Jogos de guerra. Todos os meninos ficam organizados em exércitos. Dia após dia, em gravidade zero, há batalhas simuladas. Ninguém se machuca, mas é importante se você ganha ou perde. Todos começam como soldados rasos, recebendo ordens. Os meninos mais velhos são seus oficiais, e é dever deles treinar e comandar você nas batalhas. Não posso dizer-lhe mais do que isso. É como brincar de *insectum* e fuzileiro, exceto que têm armas que funcionam e os camaradas que lutam a seu lado, e todo seu futuro e o da espécie humana dependem de você aprender bem, de lutar bem. É uma vida dura, e não vai ter uma infância normal. É claro, com sua mente e na qualidade de Terceiro, não teria uma infância normal de qualquer jeito.

— Só há meninos?

— Umhas poucas meninas. Elas não costumam passar nos exames de admissão. Há muitos séculos de evolução trabalhando contra elas.

Nenhuma delas será como Valentine, porém. Mas você vai encontrar muitos irmãos lá.

— Como Peter?

— Peter não foi aceito, pelas mesmas razões pelas quais você o odeia.

— Eu não o odeio. Eu só...

— Tem medo dele. Bem, Peter não é tão mau assim, sabe? Ele foi o melhor que encontramos em muito tempo. Pedimos a seus pais para escolher uma filha, da próxima vez, que é o que queriam, do mesmo jeito, esperando que Valentine seria como Peter, mas mais suave. Mas ela nasceu boazinha demais. E então, pedimos por você.

— Para ser metade Peter e metade Valentine.

— Se as coisas saírem direito.

— E eu sou?

— Até agora, parece que sim. Nossos testes são muito bons, Ender. Mas eles não podem dizer-nos tudo. De fato, quando se trata de saber com certeza, não nos dizem quase nada. Mas eles são melhor do que nada —, Graff inclinou-se para a frente e tomou as mãos de Ender. — Ender Wiggin, se fosse apenas uma questão de escolher o melhor e o mais feliz futuro para você, eu lhe diria para ficar em casa. Fique aqui, cresça, seja feliz. Há coisas piores do que ser um Terceiro, coisas piores do que um irmão maior que não sabe se decidir se vai ser um ser humano ou um chacal. A Escola de Guerra é uma destas coisas piores. Mas nós precisamos de você. Os *insecta* poderão parecer como um jogo para você, por hora, mas eles quase acabaram conosco da última vez. E isso não foi o pior. Eles nos pegaram desprevenidos, em inferioridade numérica e sem armas adequadas. A única coisa que nos salvou é que tínhamos o mais brilhante comandante militar que já encontramos. Chame a isto destino, Deus ou uma sorte danada, mas tínhamos Mazer Rackham.

— Mas agora, não o temos mais, Ender. Reunimos tudo o que a humanidade podia produzir, uma esquadra que faz a que eles enviaram contra nós, da última vez, como um bando de crianças brincando numa piscina. Temos algumas armas novas, também. Mas talvez não seja suficiente, mesmo assim. Porque em 80 anos, desde a última guerra, eles tiveram o mesmo tempo que nós, para se preparar. Precisamos o melhor que pudermos arranjar, e depressa. Talvez você não vá trabalhar

para nós, ou talvez sim. Talvez você ceda com a pressão, talvez isso arruíne sua vida, talvez você me odeie por ter vindo aqui à sua casa, hoje. Mas se há uma chance de você ficar conosco, e por isso os *insecta* nos deixem em paz para sempre, então eu preciso pedir-lhe para vir comigo.

Ender tinha dificuldade em se concentrar no coronel Graff. O homem parecia distante, pequeno, como se Ender pudesse pegá-lo com uma pinça e jogá-lo no bolso. “Deixar tudo aqui, e ir para um lugar que era muito difícil, sem Valentine, sem mamãe e sem papai.”

Então pensou nos filmes dos *insecta* que todos tinham de ver pelo menos uma vez por ano. A Devastação da China. A Batalha do Cinturão. Morte, sofrimento e terror. E Mazer Rackham em suas brilhantes manobras, destruindo uma frota inimiga duas vezes maior do que a dele e com o dobro do poder de fogo, usando as pequenas naves humanas que pareciam tão frágeis. Como crianças lutando contra adultos. E nós ganhamos.

— Estou com medo —, disse Ender, calmamente. — Mas irei com o senhor.

— Diga isso de novo.

— Foi para isso que eu nasci, não foi? Se eu não for, por que ficar vivo?

— Não é o suficiente.

— Eu não quero ir, mas eu vou. Graff concordou.

— Você poderá mudar de idéia, Até a hora em que subir no carro comigo, poderá mudar de idéia. Depois, estará à disposição da Esquadra Internacional.

Entendeu bem isso?

Ender assentiu.

— Está bem. Vamos contar para eles.

A mãe chorou. O pai abraçou Ender muito apertado. Peter deu-lhe a mão e disse:

— Seu nanico sortudo.

Valentine deu-lhe um beijo e ficou com o rosto molhado de lágrimas. Não havia bagagem. Nenhum pertence a levar.

— A escola vai dar-lhe tudo o que precisar, de uniformes a material escolar. E quanto aos brinquedos, só haverá um jogo.

— Adeus —, disse Ender a sua família. Pegou a mão do coronel Graff e saiu com ele pela porta.

— Mate alguns *insecta* por mim! —, gritou Peter.

— Eu te amo! —, gritou a mãe.

— Vamos escrever! —, disse o pai.

E enquanto entrava no carro e esperava silenciosamente na entrada, ouviu o grito angustiado de Valentine:

— Volte para mim! Vou amar você para sempre!

Lançamento

“Com Ender, precisamos atingir um delicado equilíbrio. Isolá-lo o suficiente para que ele continue criativo, senão vai integrar-se ao sistema daqui e nós o teremos perdido. Ao mesmo tempo, precisamos certificar-nos de que ele vai conservar sua forte capacidade de liderança.”

“Se merecer promoção, vai ser um líder.”

“Não é tão simples. Mazer Rackham podia manejar sua pequena frota e ganhar.

Quando esta nova guerra acontecer, será excessivo, mesmo para um gênio. Muitas pequenas naves.

Ele vai precisar se relacionar com facilidade com os subordinados.”

“Muito bem. Ele precisará ser um gênio e bom também.”

“Não bom. Se ele for bonzinho, os insecta vão acabar conosco.” “Então você vai isolá-lo.”

“Vou mantê-lo completamente a parte do resto dos meninos, quando chegarmos à Escola.”

“Não tenho dúvidas. Estarei a sua espera. Assisti aos vídeos do que ele fez com Stilson.

Não é um menino bonzinho o que você está levando.”

“É onde você se engana. Ele é até mais bondoso. Mas não se preocupe. Vai deixar isso de lado logo, logo.”

“Por vezes, acho que você gosta de quebrar a espinha desses geniozinhos.”

“É preciso uma certa arte para fazer isso, e eu tenho um jeito. Mas gostar? Bem, talvez.

Quando se juntam os pedaços de novo, eles ficam melhores.” “Você é um monstro.”

“Obrigado. Mereço um aumento de salário?” “Só uma medalha. A

verba não é infinita.”

Dizem que a falta de peso pode causar desorientação, especialmente em crianças, cujo senso de direção não é muito firme. Mas Ender estava desorientado já antes de deixar a gravidade da Terra. Ainda antes do lançamento do ônibus espacial.

Havia mais 19 meninos neste lançamento. Saíram em fila do ônibus e entraram no elevador. Conversavam, brincavam e se provocavam uns aos outros.

Ender ficou em silêncio. Observou como Graff e os outros oficiais o observavam. Analisando. “Tudo o que fazemos significa algo”, Ender percebeu. Eles riem. Eu não rio.

Brincou com a idéia de tentar ser como os outros meninos. Mas não conseguia pensar em nenhuma piada, e nenhuma piada deles parecia engraçada. Fosse qual fosse a direção de onde vinha a risada dos outros, Ender não podia encontrar um tal lugar correspondente dentro de si mesmo. Estava com medo, e o medo deixava-o sério.

Vestiram-no com um uniforme, de uma só peça. Era engraçado não sentir uma cinta na cintura. Sentia-se dentro de um saco, e nu, com uma roupa como aquela. Havia câmeras de tevê, penduradas como animais nos ombros de homens que se agachavam e se arrastavam. Os homens moviam-se devagar, à maneira dos gatos, de modo que o movimento da câmera fosse suave. Ender surpreendeu-se andando suavemente, também.

Imaginou a si mesmo na televisão, sendo entrevistado. E o repórter lhe perguntava: “Como se sente, sr. Wiggin?” “De fato, bem, mas com um pouco de fome.” “Fome?” “Ah, sim, eles não nos deixam comer por 24 horas antes do lançamento.” “Que interessante, eu não sabia disso.” “Na verdade, todos nós estamos com fome.” Todo o tempo da entrevista, Ender e o cara da tevê deslizariam suavemente na frente da câmera, dando longos passos. Pela primeira vez, Ender teve vontade de rir. Deu um sorrisinho. Os outros meninos perto dele estavam rindo naquela hora, também, por uma outra razão. “Acham que estou sorrindo por causa da piada deles, mas estou rindo de uma coisa muito mais engraçada.”

— Subam a escada, um de cada vez —, disse um oficial. — Quando chegarem a um corredor com assentos vazios, sentem-se. Não há bancos junto da janela.

Era uma piada. Os outros meninos riram-se.

Ender estava quase por último, mas não era o último. As câmeras de tevê não desistiam, porém. Será que Valentine vai me ver entrando no ônibus espacial? Pensou em acenar para ela, correr para a câmera e dizer: “Posso fazer tchauzinho para Valentine?” Não sabia se isto seria censurado na fita, pois os meninos que partiam para a Escola de Guerra deviam comportar-se como heróis. Não deviam sentir saudades de ninguém. Ender não sabia quanto à censura, mas sabia que correr para a frente das câmeras seria errado fazer.

Cruzou a pequena ponte até a porta do ônibus espacial. Percebeu que a parede à sua direita estava acarpetada como um piso. Era onde começava a desorientação. Na hora em que pensou na parede como um piso, começou a sentir que estava andando por uma parede. Chegou à escada e notou que a superfície vertical atrás dela também estava acarpetada. “Estou subindo pelo chão. Mão depois de mão, um passo depois do outro.”

E depois, só por brincadeira, fingiu estar subindo a parede para *baixo*. Foi o que aconteceu quase instantaneamente em sua imaginação, convencendo-se contra a evidência da gravidade. Surpreendeu a si mesmo agarrando-se ao assento, mesmo que a gravidade estivesse agindo fortemente contra ele.

Os outros meninos estavam pulando nos assentos, cutucando-se, empurrando-se e gritando. Ender procurou cuidadosamente os cintos, percebeu como eram feitos para segurá-lo pelas virilhas, cintura e ombros. Imaginou a nave de cabeça para baixo e a Terra lá em cima, os dedos gigantes da gravidade segurando a todos firmemente no lugar. “Mas vamos escorregar”, pensou. “Vamos cair para fora do planeta.”

Mal sabia da importância disto, naquela época. Mais tarde, porém, iria lembrar-se que, ainda antes de deixar a Terra, pensava nela apenas como um planeta, como qualquer outro, e não em particular, o seu.

— Ah, já percebeu —, comentou Graff. — Estava de pé, na escada.

— O senhor vai conosco? —, perguntou Ender.

— Usualmente não desço à Terra para recrutamento. Sou como o encarregado aqui. Administrador da Escola. Como o diretor. Disseram-me para voltar para lá, ou seria despedido —, e sorriu em seguida.

Ender sorriu também. Sentia-se à vontade com Graff. Ele era bom. E era o diretor da Escola de Guerra. Ender relaxou um pouco. Ao menos teria um amigo, lá.

Os outros meninos já estavam com os cintos apertados, os que não tinham feito como Ender. Então esperaram por uma hora, enquanto uma televisão na frente da cabine os instruía sobre o vôo no ônibus espacial, a história do vôo espacial e seu possível futuro com as grandes astronaves da EI. Coisa chata. Ender já unha visto esses filmes antes.

A diferença é que nunca estivera amarrado numa poltrona dentro de um ônibus espacial. Nem pendurado de cabeça para baixo, com a Terra lá em cima.

O lançamento não foi mau. Um pouco assustador. Algumas sacudidas, uns poucos momentos de pânico, achando que este poderia ser o primeiro lançamento malogrado na história do ônibus. Os filmes nunca deixaram claro quanta violência se poderia experimentar deitado numa poltrona.

Então acabou, e ele estava realmente pendurado naqueles cintos, sem gravidade alguma.

Mas como já havia se reorientado, não ficou surpreso quando Graff subiu a escada de trás para a frente, como se estivesse descendo para a frente do ônibus. Nem ficou incomodado quando Graff prendeu seus pés debaixo de uma barra e o empurrou com as mãos, de modo que ele virou de cabeça para cima, como se estivesse num avião comum.

As reorientações eram demais, para alguns. Um menino estava com ânsia, Ender entendeu por que foram proibidos de comer qualquer coisa por 20 horas antes do lançamento. Vomitar em gravidade zero não devia ser nada engraçado.

Mas para Ender, o jogo da gravidade de Graff era engraçado. E ele levou o jogo adiante, imaginando que Graff estava, de verdade, pendurado de cabeça para baixo, no corredor central, e imaginou-o também na perpendicular, com os pés contra uma parede. Com a gravidade podia ir para qualquer lado. “Para onde eu quiser que vá. Posso fazer Graff ficar de cabeça para baixo e ele nem vai saber.”

— O que acha tão engraçado, Wiggin? —, a voz de Graff era ríspida. “O que fiz de errado”, pensou Ender. “Será que ri alto?”

— Fiz uma pergunta, soldado!

“Ah, sim. Este era o começo da rotina de treinamento.” Ender vira alguns filmes de guerra na televisão e eles sempre gritavam bastante com os soldados, no começo do treinamento, até que ele e o oficial se tornassem bons amigos.

— Sim, senhor.

— Então responda!

— Pensei no senhor pendurado de cabeça para baixo. Achei engraçado —, soava idiota, agora, com Graff olhando para ele friamente.

— Para você, suponho que seja mesmo engraçado. Será engraçado para mais alguém, por aqui?

Vários “nãos” foram murmurados.

— Bem, por que não é? —, Graff encarou-os, com olhar de desprezo. — Cérebros vazios, é o que temos nesta viagem. Cabeças de alfinete. Só um de vocês teve cabeça para perceber que em gravidade zero as direções são as que quisermos que sejam. Entendeu, Shafts?

O menino fez que sim.

— Não, não entendeu nada. É claro que não entendeu. Não é só ignorante, mas também mentiroso. Só há um menino nesta viagem com cérebro: é Ender Wiggin. Olhem bem para ele, *menininhos*. Ele vai ser comandante, enquanto todos vocês ainda estiverem de fraldas, lá em cima. Porque ele sabe como pensar em gravidade zero e vocês só pensam em vomitar.

Esta não era a maneira como as coisas deviam se passar. Graff devia criticá-lo, e não colocá-lo como o melhor. Deviam estar todos uns contra os outros, de início, de modo que pudessem ser amigos depois.

— A maioria de vocês vai congelar. Acostumem-se a pensar nisso, *menininhos*. A maioria de vocês vai acabar na Escola de Guerra, porque não têm miolos para entender a pilotagem no espaço sideral. A maioria de vocês não vale o

preço para trazê-los até a Escola de Guerra, porque não têm o que é necessário. Alguns de vocês poderão passar. Alguns, apenas, poderão ser de algum valor para a Humanidade. Mas não apostem. Eu estou apostando em um só.

De repente, Graff deu uma cambalhota e apanhou a escada com as mãos, balançou os pés, longe da escada. Fez uma parada de mão, se o piso fosse para baixo. Pendurado pelas mãos, se o piso fosse para cima. Andando com as mãos, voltou pelo corredor até sua poltrona.

— Parece que você *está feito* por aqui —, cochichou o menino a seu lado.

Ender fez que sim.

— Ah, não quer nem conversar comigo?

— Eu não pedi a ele que falasse aquelas coisas —, Ender respondeu, no mesmo tom.

Sentiu uma forte dor no topo da cabeça. E de novo. Risadinhas lá atrás. O menino no assento de trás devia ter soltado os cintos. De novo, um golpe na cabeça. “Vá embora”, pensou Ender. “Não lhe fiz nada.”

Mais um golpe na cabeça. Risadas dos meninos. Graff não via nada disso? Não ia parar com isso? Outro golpe. Mais duro. Estava doendo. Onde estava Graff?

Então, tudo ficou claro. Graff provocara aquilo deliberadamente. Era pior que os abusos dos filmes de guerra, Quando o sargento xingava você, os outros gostavam mais de você. Mas quando um oficial gosta de você, os outros o odeiam.

— Ei, comedor de bosta —, veio o sussurro detrás dele. Foi golpeado na cabeça, de novo. — Gostou? Ei, supercérebro, achou engraçado? —, outro golpe, desta vez tão forte que Ender gemeu baixinho de dor.

Se Graff estava armando tudo isso, não havia outro jeito, senão sair sozinho da situação. Esperou até que outro golpe estivesse para vir. Agora. Sim, lá veio o golpe. Doía, mas Ender estava pronto para sentir a chegada do próximo.

Agora. E bem na hora. “Apanhei você.”

Quando o próximo golpe estava para chegar, Ender esticou as duas mãos para cima, agarrou o menino pelo pulso e puxou-o com toda a força.

Na gravidade normal, o menino seria puxado contra o encosto de Ender, machucando o peito. Em gravidade zero, deu uma cambalhota sobre a poltrona e subiu para o teto. Ender não esperava por essa. Não percebera como a gravidade zero ampliava a força de uma criança. O menino saiu voando, ricocheteando contra o teto, depois no chão e

contra outro menino sentado, em seguida, foi para o corredor, os braços sacudindo. Começou a gritar, quando seu corpo bateu na parede da frente da cabine, o braço esquerdo dobrado debaixo do corpo.

Levou apenas alguns segundos. Graff já estava presente, agarrando o menino em pleno ar. Com toda destreza, levou-o pelo corredor a um outro homem.

— Braço esquerdo quebrado. Eu acho.

Em alguns instantes, o menino recebera uma droga e estava quieto, flutuando, enquanto o oficial colocava uma tala no braço quebrado.

Ender sentiu-se mal. Só queria agarrar o braço do outro. Não, não. Ele queria machucar, mesmo, e puxou com toda a força. Só não queria exagerar tanto, mas o outro menino estava sentindo exatamente a dor que Ender queria. A gravidade zero o traíra, eis tudo. “Eu sou Peter. Eu sou como ele.” E Ender odiou a si mesmo.

Graff postou-se na parte da frente da cabine.

— O que são vocês, seus lerdos? Em suas mentes débeis, não perceberam um fato simples? Foram trazidos aqui para serem soldados. Em suas antigas escolas, em suas antigas famílias, talvez fossem grandes coisas, talvez fossem durões, talvez fossem espertos. Mas escolhemos os melhores dentre os melhores e só vão encontrar outros meninos assim. E quando lhes digo que Ender Wiggin é o melhor neste lançamento, entendam bem, cabeças de alfinete. Não brinquem com ele. Muitos já morreram na Escola de Guerra, antes. Será que fui bem claro?

Houve silêncio por todo o resto do lançamento. O menino ao lado de Ender foi escrupulosamente cuidadoso para não tocá-lo.

“Eu não sou um assassino”, Ender repetia para si mesmo, todo o tempo.

“Eu não sou Peter. Não importa o que ele diga, eu não sou assim. Eu não sou. Estava só me defendendo. Agüentei muito tempo. Fui paciente. Não sou o que ele disse.”

Uma voz pelo alto-falante disse-lhes que estavam se aproximando da Escola, Levariam 20 minutos para desacelerar e atracar. Ender foi ficando para trás. Os outros até que estavam deixando que fosse o último a deixar o ônibus espacial, subindo na direção que fora para

baixo, quando embarcaram. Graff estava esperando no fim do tubo estreito que levava do ônibus até o coração da Escola de Guerra.

— O vôo foi bom, Ender? —, perguntou Graff, alegremente.

— Pensei que o senhor fosse meu amigo —, involuntariamente, a voz de Ender ficou trêmula.

— O que lhe deu essa idéia, Ender? «—, Graff pareceu surpreso.

— Porque o senhor... Porque o senhor me falou como amigo, honestamente. O senhor não mentiu.

— Também não vou mentir agora. Meu trabalho não é fazer amigos. Meu trabalho é produzir os melhores soldados do mundo. De toda a história do mundo. Precisamos de um Napoleão. De um Alexandre. Só que Napoleão perdeu, no fim, e Alexandre queimou-se e morreu jovem. Precisamos de um Júlio César, só que ele se transformou num tirano e morreu por causa disto. Meu trabalho é produzir uma criatura assim, e todos os homens e mulheres de que precisarmos para ajudá-la. Nada disso quer dizer que precisamos fazer amizade com crianças.

— O senhor fez com que eles me odiassem.

— E então? O que vai fazer? Rastejar para um cantinho? Dar beijinhos neles, para que eles gostem de você de novo? Só há uma coisa que vai fazer com que eles não o odeiem mais. É ser tão bom que eles não possam ignorá-lo. Eu lhes disse que você era o melhor. Agora é melhor ser, mesmo.

— E se eu não puder?

— Pior para você. Olhe, Ender, lamento se você se sente só e com medo. Mas os *insecta* estão lá fora. Dez bilhões, 100 bilhões, um trilhão deles, nem sabemos. E com tantas naves que também não sabemos. E com armas que não conseguimos entender. E com vontade de usar essas armas, para acabar conosco. Não é o mundo que está em jogo, Ender. Nós é que estamos em jogo. A humanidade toda. No que concerne ao resto do mundo, podíamos ser varridos e o universo se ajustaria, dando mais um passo na evolução. Mas a humanidade não quer morrer. Enquanto espécie, evoluímos para sobreviver. E a maneira como fazemos isso é refinando a nós mesmos, no intervalo de algumas gerações, fazendo nascer alguns gênios entre nós. O que inventa a roda. A eletricidade. O avião. Aquele que constrói uma cidade, um país, um império. Está entendendo bem?

Ender achava que sim, mas não tinha certeza, por isso nada disse.

— Não, claro que não. Mas vou falar bem claramente. Os seres humanos são livres, exceto quando a humanidade precisa deles. Talvez a humanidade precise de você. Para fazer alguma coisa. Acho que a humanidade precisa de mim, para descobrir para que você serve. Nós dois podemos fazer coisas desprezíveis, Ender, mas se a humanidade sobreviver, teremos sido bons instrumentos.

— É só isso? Instrumentos?

— Todos os seres humanos individuais são instrumentos, para que os outros nos usem, ajudando a todos a sobreviver.

— E mentira.

— Não, é só uma meia verdade. Vai poder pensar na outra metade depois de ganharmos a guerra.

— Ela terá acabado antes de eu crescer.

— Espero que você esteja errado. Aliás, não vai ajudar em nada se ficar aqui, conversando comigo. Os outros meninos, sem dúvida, estão comentando que o velho Ender Wiggin está lá, bajulando o Graff. Se espalharem que você é o queridinho do professor, vai ficar no gelo para sempre. Em outras palavras, vá embora e deixe-me em paz.

— Até logo —, disse Ender. Andou, mão após mão, ao longo do tubo por onde os outros se foram.

Graff ficou a observá-lo a se afastar. Um dos professores perto dele observou:

— É esse o tal?

— Só Deus sabe. Se não for Ender, é melhor que o tal apareça logo.

— Talvez não apareça nunca —, comentou o professor.

— Talvez. Mas se assim for, Anderson, então, em minha opinião, Deus é um *insectum*. Pode contar que fui eu quem disse.

— E vou mesmo.

Ficaram em silêncio por mais um pouco.

— Anderson.

— Sim.

— O menino está errado. Eu sou amigo dele.

— Eu sei.

— Ele é puro. No fundo do coração, ele é muito bom.

— Eu li os relatórios.

— Anderson, pense só no que vamos fazer com ele.

— Vamos fazer dele o melhor comandante militar da história —, Anderson falou em tom desafiador.

— E então vamos colocar o destino do mundo sobre seus ombros. Para seu bem, espero que não seja ele. Espero mesmo.

— Alegre-se. Os *insecta* podem matar a todos nós, antes que ele se forme.

— Tem razão. Já me sinto melhor —, Graff sorriu.

Jogos

“Você tem toda minha admiração. Um braço quebrado, golpe de mestre.” “Foi só um acidente.”

“Mesmo? Eu já o havia recomendado no relatório oficial.”

“Aquilo foi demais. Tornou o outro idiotinha um herói. Poderia estragar o treinamento de muitos outros meninos. Pensei que ele ia pedir ajuda.”

“Pedir ajuda? Pensei que você era quem mais dava valor ao fato de ele sempre resolver sozinho seus problemas. Quando ele estiver lá fora, cercado por uma frota inimiga, não haverá ninguém para ajudá-lo, se ele chamar.”

“Quem poderia adivinhar que o maldito ia sair da poltrona? E que iria bater justo contra a parede?”

“Só mais um exemplo da estupidez dos militares. Se você realmente tivesse miolos, estaria fazendo uma carreira que preste, assim como corretor de seguros.” “E você também, grande gênio.”

“Precisamos reconhecer o fato de que somos militares de segunda linha, com o destino da raça humana em nossas mãos. Dá uma deliciosa sensação de poder, não é? Especialmente porque desta vez se perdermos, não haverá ninguém para nos criticar.” “Nunca pensei na coisa desse jeito. Mas não vamos perder.”

“Vejamos como Ender se sai. Se já o perdemos, se ele não puder enfrentar a situação, quem depois dele? Quem mais?”

“Vou fazer uma lista.”

“Entretanto, veja como não perder Ender.”

“Já lhe disse. Seu isolamento não pode ser rompido. Ele nunca pode acreditar que alguém virá para ajudá-lo, jamais. Se ele eventualmente pensar que há um caminho fácil, estará acabado.”

“Tem razão. Isso seria impossível. Se ele acreditasse que tem um amigo.” “Ele pode ter amigos. Mas parentes, não.”

Os outros meninos já tinham escolhido suas camas, quando Ender chegou. Parou junto à porta do dormitório, procurando pela última cama que restava. O teto era baixo Ender podia esticar a mão e tocá-lo. Um quarto para crianças, com o beliche de baixo ficando junto ao chão. Os outros meninos observavam-no de soslaio. Com toda certeza, a cama de baixo bem junto à porta era a única vazia. Por um momento, ocorreu a Ender que, ao deixar que os outros lhe reservassem o pior lugar, estava fazendo um convite a outras provocações. Por outro lado, ele jamais poderia desalojar alguém.

Deu um largo sorriso.

— Ei, obrigado —, disse sem nenhum sarcasmo, tão sinceramente quanto se tivessem reservado para ele a melhor posição. — Pensei que ia ter de pedir por uma cama baixa bem do lado da porta.

Sentou-se e olhou para o armário que estava aberto ao pé da cama. Havia um papel grudado com fita adesiva do lado de dentro da porta.

*Coloque sua mão no scanner,
no alto de sua cama
e diga seu nome duas vezes.*

Ender achou o scanner, uma folha de plástico opaco. Colocou a mão esquerda sobre ele e disse:

— Ender Wiggin. Ender Wiggin.

No scanner brilhou a cor verde por um momento. Ender fechou seu armário e tentou reabri-lo. Não podia. Então pousou a mão sobre o scanner e disse:

— Ender Wiggin. — A porta se abriu. O mesmo aconteceu com três outros compartimentos.

Um deles continha quatro macacões como o que estava usando e um branco. Um outro compartimento continha uma pequena carteira, como as da escola. Então, os estudos ainda não tinham acabado.

Era o compartimento maior que continha o prêmio. À primeira vista, parecia como um traje espacial completo, com capacete e luvas. Mas não era. Não havia vedação hermética. Porém, cobria todo o corpo. Era bem acolchoado e também um pouco rígido.

Junto havia uma pistola. Uma pistola laser, parecia, já que a extremidade era de vidro sólido e transparente. Mas, com certeza, não dariam armas mortais nas mãos de crianças...

— Não é uma laser —, disse um homem. Ender levantou a cabeça. Ele nunca o vira antes. Um homem jovem e de olhar bondoso. — Mas tem um feixe bastante estreito. Bem focalizado. Você pode apontar e projetar um círculo de luz de três polegadas numa parede a 100 metros de distância.

— Pra que serve?

— É um dos jogos que praticamos durante o recreio. Alguém ainda está com seu armário aberto? — O homem olhou à volta. — Quero dizer, seguiram as instruções e codificaram suas vozes e mãos? Só podem abrir os armários dessa maneira. Este quarto será sua casa durante o primeiro ano ou pouco mais, aqui na Escola de Guerra, de modo que escolham sua cama e usem sempre a mesma. Normalmente, deixamos que vocês escolham seu oficial representante e o instalamos na cama mais baixa, perto da porta, mas aparentemente esta posição já foi tomada. Não podemos recodificar os armários, agora. Então pensem bem em quem escolheram. Jantar em sete minutos. Sigam os pontos de luz no chão. Seu código de cores é vermelho-amarelo-amarelo, sempre que tiverem ordem de seguir um caminho, ele será vermelho-amarelo-amarelo, três pontos, lado a lado, vão para onde essas luzes indicarem. Então, qual é seu código de cores?

— Vermelho-amarelo-amarelo!

— Muito bem. Meu nome é Dap. Serei sua mãe pelos próximos meses.

Os meninos riram.

— Riam o quanto quiserem, mas não esqueçam disso. Se se perderem na escola, o que é bem provável, não fiquem por aí abrindo todas as portas. Algumas delas dão para fora. — Mais risadas. — Em vez disso, digam a alguém que sua mãe é Dap e eles vão me chamar. Ou digam suas cores e as pessoas vão acender um caminho para levá-los de volta para casa. Se tiverem algum problema, venham conversar comigo. Lembrem-se, eu sou a única pessoa que é paga, por aqui, para ser simpática com vocês. Mas não muito. Mostrem-me a língua e eu lhes quebro a cara. OK?

Todos riram de novo. Dap tinha um quarto cheio de amigos. É fácil conquistar a simpatia de crianças assustadas.

— Em que direção é para baixo, alguém pode dizer-me? Todos responderam.

— OK, isso é verdade. Mas essa direção é para o lado de fora, A nave está girando e é o que faz sentir que é para baixo. O piso de fato é curvo nessa direção. Se andarem sempre nessa direção, vão voltar para o ponto de onde saíram. Mas não tentem. Ao longo desse caminho, estão os quartos dos professores e também os dos meninos maiores. Eles poderão bater em vocês. Na verdade, isso vai acontecer

de qualquer modo. E quando acontecer, não venham chorando para mim. Entenderam? Isso aqui é a Escola de Guerra e não o jardim da infância.

— O que devemos fazer, então? —, perguntou um menino, preto, muito pequeno, que tinha um beliche superior, perto de Ender.

— Se você não gosta de apanhar, imagine um meio de isso não acontecer. Mas estou avisando: assassinato é estritamente contra as regras. Também qualquer ferimento proposital. Já soube que houve uma tentativa de homicídio, no caminho daqui. Um braço quebrado. Se isso acontecer de novo, alguém vai pra geladeira. Entenderam?

— O que é ir para a geladeira? —, perguntou o menino com o braço na tala.

— Gelo. Mandar pra geladeira. Mandar de volta para a Terra. Acabou a Escola de Guerra.

Ninguém olhou para Ender.

— Se algum de vocês está pensando em criar caso, pelo menos que seja esperto, está bem?

Dap saiu. Eles ainda não estavam olhando para Ender.

Ender sentiu o medo crescer dentro de sua barriga. O menino cujo braço quebrara, não lamentava. Era um Stilson. Tal como Stilson, já estava formando sua turma. Um punhado de meninos, vários dentre os mais fortes, estava rindo, no outro extremo do quarto, e vez ou outra, algum deles virava para olhar para Ender.

De todo coração, Ender queria voltar para casa. O que tudo isso tinha a ver com salvar o mundo? Não havia monitor. Era Ender contra a turma,

de novo, só que agora, estavam num mesmo quarto. Peter de novo, mas sem Valentine.

O medo continuou, durante todo o jantar, na medida em que ninguém sentou ao lado dele no refeitório. Os outros estavam conversando sobre coisas como o grande placar em uma das paredes, a comida, os meninos mais velhos. Ender apenas fica olhando, sozinho.

Os placares davam a classificação dos times. Registros de vitórias e derrotas, com os resultados mais recentes. Alguns dos meninos maiores aparentemente faziam apostas sobre os jogos. Dois times, Manticore e Asp, não tinham placar recente e o espaço deles só piscava. Ender concluiu que estavam lutando naquele momento.

Notou que os meninos mais velhos estavam divididos em grupos, de acordo com os uniformes que vestiam. Alguns, com uniformes diferentes, estavam conversando, mas em geral cada grupo tinha sua própria região. Os calouros, seu próprio grupo, e os dois ou três grupos imediatamente mais velhos tinham uniformes azuis simples. Mas os meninos grandes, os que estavam em times, vestiam um uniforme muito mais vistoso. Ender tentou adivinhar quais que correspondiam aos diversos nomes. Escorpião e Aranha eram fáceis. Também Chama e Maré.

Um menino maior veio sentar-se junto dele. Não só um pouco mais velho, parecia ter 12 ou 13 anos. Até já tinha uma penugem no rosto.

— Oi.

— Oi —, respondeu Ender.

— Sou Mick.

— Ender.

— Isso é um nome?

— Desde que sou pequeno, minha irmã me chama assim.

— Não é um mau nome. Ender. “Terminador”. Muito bem.

— Espero que sim.

— Ender, você é o *insectum* de sua turma de calouros? Ender deu de ombros.

— Notei que você estava comendo sozinho. O menino de quem ninguém gosta. Às vezes, acho que os professores provocam isso de propósito. Os professores não são nada bons. Você vai ver.

— Tá bem.

— Então, você é o *insectum*.

— Acho que sim.

— Ei. Não é para lamentar, sabe? —, deu para Ender seu pãozinho e pegou o pudim do outro. — Coma, é nutritivo. Vai mantê-lo forte. — Mick atacou o pudim.

— E você? —, perguntou Ender.

— Eu? Eu não sou ninguém. Sou um peido no ar condicionado. Estou sempre por aí, mas a maior parte do tempo ninguém me nota.

Ender procurou sorrir.

— É engraçado, mas não é piada. Não vou a lugar algum. Já estou ficando grande. Vão mandar-me logo para minha próxima Escola. De modo algum será a Escola Tática. Nunca fui um líder, sabe? Só os caras que vão ser líderes é que vão pra lá.

— E como é que se faz para ser líder?

— Ei, se eu soubesse acha que estaria por aqui? Quantos caras de meu tamanho você já viu por aqui?

“Não muitos”, pensou Ender, mas não disse nada.

— Uns poucos. Não sou o único bucha de *insectum* meio congelado. Há poucos. Os outros caras já são todos comandantes. Todos os caras de meu lançamento têm seus times. Mas eu, não.

Ender assentiu.

— Escuta, carinha. Estou lhe fazendo um favor. Faça amigos. Seja um líder. Beije as botas se precisar, mas se os outros caras lhe desprezarem... sabe o que quero dizer?

Ender fez que sim, de novo.

— Não, você não sabe. Vocês calouros são todos iguais. Não sabem de nada. Mentes vazias como o espaço. Não tem nada aí dentro. E se alguma coisa acerta em vocês, vocês se desmancham. Olhe, se acabar como eu, não se esqueça que alguém lhe avisou. É a última coisa boa que alguém vai fazer por você.

— Então, por que me contou?

— O que você é, o sabidão? Cala a boca e come.

Ender calou-se e comeu. Não gostou de Mick. E sabia que não havia meio de acabar como o outro. Talvez fosse o que os professores

estavam planejando, mas Ender não pretendia satisfazer aos planos deles.

“Eu não vou ser o *insectum* de minha turma”, pensava Ender. “Não deixei Valentine, mamãe e papai para vir aqui e ser congelado.”

E enquanto erguia o garfo até a boca, podia sentir sua família à volta, como sempre fora. Sabia exatamente para onde olhar, a mãe tentando fazer Valentine comer sem fazer barulho. Sabia exatamente onde o pai estaria, passando os olhos nas notícias na mesa, enquanto fingia participar da conversa, ao jantar. E Peter, fingindo que tirava uma ervilha esmagada de dentro do nariz, até mesmo Peter podia ser engraçado.

Foi um erro pensar neles. Sentiu um nó na garganta, mas engoliu-o de volta, não conseguia mais enxergar seu prato.

Não podia chorar. Não havia a menor chance de que fosse tratado com compaixão. Dap não era a mãe. Qualquer sinal de fraqueza indicaria aos Stilson e Peter que este menino podia ser vencido. Ender fez o que sempre fizera quando Peter o atormentava. Começou a contar os dobros. Um, dois, quatro, oito, 16, 32, 64. E continuou fazendo as contas de memória até onde pôde: 128, 256, 512, 1.024, 2.048, 4.096, 8.192, 16.384, 32.768, 65.536, 131.072, 262.144. Em 67.108.864, começou a ficar inseguro: será que deixou de contar algum algarismo? Ele estaria na dezena de milhões ou na centena de milhões, ou só nos milhões? Tentou dobrar de novo e perdeu a conta: 1.342 e mais alguma coisa. 16? Ou 17.738? Perdeu-se. Começou de novo. Todos os dobros que podia memorizar. A dor passara. As lágrimas foram embora. Não ia chorar mais.

Até aquela noite, quando as luzes foram apagadas, à distância pode ouvir diversos meninos soluçando por suas mães, pais ou cachorros. Ele mesmo não pode evitar. Seus lábios formaram o nome de Valentine. Podia ouvir a voz dela, seu riso, ao longe, no fundo da sala. Podia ouvir a mãe passando por sua porta, olhando para ver se tudo estava em ordem. Podia ouvir o pai rindo do vídeo. Era tudo tão claro e nunca mais as coisas seriam assim. Estarei velho quando fosse encontrá-los de novo: 12 anos, se for cedo. “Por que disse sim? Por que fui tão louco? Ir à escola não seria nada. Enfrentar Stilson todos os dias. E Peter. Era só um mijão, não tinha medo dele.”

— Eu quero ir para casa —, sussurrou.

Mas seu sussurro era o que usava quando chorava de dor, quando Peter o atormentava. O som não ia além de seus próprios ouvidos e às vezes, nem isso.

E suas lágrimas podiam cair involuntariamente sobre o lençol, mas seus soluços eram tão leves que nem sacudiam a cama, tão baixos que não podiam ser ouvidos. Mas a dor estava presente, intensa em sua garganta e na cara, e também no peito e nos olhos. “Eu quero ir para casa.”

Dap veio à porta, naquela noite, e passou silenciosamente por entre os beliches, tocando em alguns. Por onde ele passava, o choro aumentava e não o contrário. O toque de bondade, neste lugar assustador, era o bastante para empurrar alguns até as lágrimas. Mas não Ender. Quando Dap veio, seu choro terminara e seu rosto estava seco. Era o rosto mentiroso que apresentava à mãe e ao papai, quando Peter era malvado com ele, não se atrevia a deixar transparecer. “Obrigado por isso, Peter. Pelos olhos secos e pelo choro silencioso. Você me ensinou como esconder qualquer coisa que sentisse. Mais que nunca, preciso disso, agora.”

Havia também a Escola. Todos os dias, horas de aulas. Leitura. Números. História. Vídeos das batalhas sangrentas no espaço, os fuzileiros espalhando suas tripas pelas paredes das naves dos *insecta*. Holografias das guerras limpas da Esquadra, naves transformando-se em flocos de luz, à medida que uma liquidava outra, na noite escura. Muitas coisas para aprender. Ender estudava como qualquer um, todos eles esforçando-se pela primeira vez em suas vidas, pois pela primeira vez estavam competindo com colegas de classe que eram no mínimo tão brilhantes quanto eles.

Mas os jogos, era para isso que viviam. Era isso o que enchia as horas entre acordar e dormir.

Dap mostrou-lhes a sala de jogos no segundo dia. Era lá em cima, bem para cima dos andares em que os meninos viviam e trabalhavam. Subiram escadas até onde a gravidade enfraquecia e ali na caverna viram as luzes ofuscantes dos jogos.

Alguns dos jogos eram conhecidos deles, alguns até já haviam jogado em casa. Jogos simples e jogos difíceis. Ender passou reto pelos jogos

bidimensionais em vídeo e começou a estudar os jogos dos meninos maiores, os jogos holográficos, com objetos flutuando no ar. Ele era o único calouro naquela parte da sala e, ocasionalmente, algum dos meninos maiores o empurrava para fora do caminho. “O que está fazendo aqui? Cai fora. Saia voando”. E é claro, ele saía voando, com a pequena gravidade do lugar, erguendo os pés e flutuando até bater em algo ou alguém.

Todas as vezes, porém, ele se safava e voltava a um local diferente, para ver o jogo de um outro ângulo. Era muito pequeno para ver os controles e como o jogo era de fato jogado. Mas não importava. Pegava o movimento geral no ar. A maneira como o jogador abria túneis no escuro, túneis de luz, que as naves inimigas procuravam e seguiam sem perdão, até apanharem a nave do jogador. O jogador podia fazer armadilhas: minas, bombas flutuantes, *loops* no ar que forçavam as naves inimigas a se repetir indefinidamente. Alguns dos jogadores eram inteligentes. Outros perdiam depressa.

Ender gostava mais, porém, quando dois meninos jogavam um contra o outro. Então precisavam usar os túneis um do outro e logo ficava claro qual deles entendia alguma coisa de estratégia.

Depois de uma hora, mais ou menos, começou a perder a graça. Ender entendia as coisas repetitivas. Entendia as regras que o computador estava seguindo, de modo que podia sempre, uma vez dominados os controles, vencer o inimigo em suas manobras. Espirais, quando o inimigo estava de um jeito, *loops* quando o inimigo estava de outro modo. Ficar esperando numa armadilha. Jogar sete armadilhas e depois atraí-los para ela. Não havia desafio na coisa, só uma questão de jogar até que o computador ficasse tão rápido que nenhum reflexo humano podia vencê-lo, Não tinha graça. Era com os outros meninos que ele queria jogar. Os meninos tão treinados pelo computador, que mesmo quando jogavam uns contra os outros tentavam imitar o computador. Pensar como uma máquina, em vez de pensar como um menino.

“Eu poderia vencê-los desta maneira. Eu poderia vencê-los daquela outra maneira.”

— Eu queria lutar com você —, disse para o menino que acabava de vencer.

— Ai de mim, mas o que é isto? Um *insectum* ou uma tunga?

— Um novo bando de anões chegou a bordo —, comentou um outro.

— Mas ele fala. Sabia que eles podiam falar?

— Percebo —, disse Ender. — Você está com medo de jogar comigo.

Quem ganhar duas de três vence.

— Ganhar de você seria tão fácil quanto mijar no chuveiro.

— Mas não tão divertido —, completou ainda um outro.

— Sou Ender Wiggin.

— Escuta, cara. Você é ninguém. Entendeu? Ninguém, sacou? Você é ninguém até matar pela primeira vez. Entendeu bem?

A gíria dos outros meninos tinha um ritmo próprio. Ender pegou rapidamente.

— Se sou ninguém, como é que você está com medo de jogar três partidas comigo?

Agora os outros é que ficaram impacientes.

— Mata esse bicho logo e vamos continuar.

Assim, Ender tomou seu lugar nos controles que não lhe eram familiares.

Suas mãos eram pequenas, mas os controles eram bem simples. Só precisou um pouco de experiência para descobrir que botões usavam determinadas armas. O controle de movimento era uma esfera padrão. Seus reflexos eram lentos, no começo. O outro menino, cujo nome ele ainda não sabia, ficou na frente bem depressa. Mas Ender aprendeu rápido e estava com um desempenho bem melhor, quando o jogo acabou.

— Satisfeito, calouro?

— Duas em três.

— Não permitimos duas partidas em três.

— Então você me venceu da primeira vez que eu toquei neste jogo. Se não pode fazer isso duas vezes, não pode fazer nunca mais.

Jogaram de novo e, desta vez, Ender foi hábil o bastante para fazer algumas manobras que, pelo visto, o menino não conhecia. Seus padrões não podiam acompanhar os do outro. Ender não ganhou facilmente, mas ganhou.

Os meninos maiores pararam de rir e fazer piadas. O terceiro jogo passou-se no mais total silêncio. Ender ganhou-o com rapidez e eficiência.

Quando terminou, um dos meninos mais velhos disse:

— Já é hora de trocarem esta máquina. Está ficando de um jeito que uma cabeça de alfinete pode ganhar dela.

Nenhuma palavra de cumprimento. Só um silêncio total, enquanto Ender se afastava.

Não foi muito longe. Só ficou a uma certa distância e observava os jogadores seguintes usando as coisas que acabara de lhes ensinar. “Qualquer cabeça de alfinete? Ender sorria, interiormente. Eles nunca vão me esquecer.”

Sentia-se bem. Ganhara alguma coisa e contra meninos mais velhos. Provavelmente não o melhor dos veteranos, mas não mais tinha a sensação de pânico de estar em águas demasiado profundas, que a Escola de Guerra poderia ser muito para ele. Tudo o que tinha a fazer

era observar o jogo e entender como as coisas funcionavam e então podia usar o sistema, e até superá-lo.

Era esperar e observar o que mais custava. Durante este tempo, tinha de ter paciência. O menino cujo braço quebrara estava à busca de vingança. Seu nome, Ender ficou sabendo depressa, era Bernard. Dizia seu nome com sotaque francês, já que os franceses, com seu arrogante separatismo, insistiam que o ensino da língua-padrão só começasse aos quatro anos, quando os padrões da língua francesa já estivessem estabelecidos. Seu sotaque tomava-o exótico e interessante, seu braço quebrado tomava-o um mártir, seu sadismo tomava-o um foco natural para todos os que gostavam de causar dor nos outros.

Ender tomou-se o inimigo deles.

Pequenas coisas. Chutar sua cama sempre que entravam ou saíam pela porta. Empurrá-lo enquanto carregava sua bandeja nas refeições. Fazê-lo tropeçar nas escadas. Ender aprendeu logo a não deixar nada fora de seus armários, também aprendeu a ser ágil com os pés, equilibrar-se sempre. Certa vez, Bernard chamou-o de “Equilibrista*”, e o apelido pegou.

Havia ocasiões em que Ender ficava com raiva. Com Bernard, claro, a raiva era coisa inadequada. Era por causa do tipo de pessoa que era: um atormentador. O que enfurecia Ender era como os outros o seguiam tão facilmente. Certamente os outros sabiam que não havia justiça na vingança de Bernard. Com toda certeza sabiam que o outro é que batera primeiro, quando viajam no ônibus espacial, e que Ender estava respondendo à violência. Se sabiam disso, agiam como se não soubessem, e mesmo que não soubessem, deviam poder perceber, pelo comportamento de Bernard, que ele era uma víbora.

Afinal, Ender não era seu único objetivo. Bernard estava começando a construir um império, não?

Ender observava, à distância do grupo, enquanto Bemard estabelecia a hierarquia. Alguns dos meninos eram-lhe úteis, e ele os adulava descaradamente. Alguns eram servidores fiéis, fazendo tudo o que ele queria, mesmo que fossem tratados com desprezo.

Mas alguns se irritavam com o domínio de Bemard.

Ender, ao observar, sabia dos que se ressentiam contra Bemard. Shen era pequeno, ambicioso e suscetível. Bernard descobrira isso depressa e

logo passou a chamá-lo de “Minhoca”.

— Porque ele é tão pequeno —, dizia Bernard. — E porque ele se contorce. Olhem como rebola quando anda.

Shen saiu correndo, mas eles só riram mais alto.

— Olha a bunda dele. Até logo, “Minhoca”!

Ender nada disse para Shen, seria por demais óbvio, então, que ele estaria começando sua própria turma. Apenas sentou-se com a carteira no colo, parecendo o mais estudioso possível.

Mas não estava estudando. Estava mandando sua carteira enviar ininterruptamente uma mensagem a cada 30 segundos. A mensagem seria transmitida para todos, e era breve e ia direto ao assunto. Sua dificuldade era ocultar a origem, como os professores faziam. As mensagens que partiam de um dos alunos sempre tinham seus nomes automaticamente inseridos. Ender não tinha decifrado o sistema de segurança dos professores, ainda, de modo que não podia fingir ser um dos professores. Mas podia criar um arquivo de um aluno inexistente, que ele, por puro capricho, chamou de Deus.

Só quando a mensagem estava pronta para ser transmitida foi que ele tentou chamar a atenção do olhar de Shen. Como todos os outros meninos, estava olhando para Bernard e seu séquito, rindo e fazendo piadas, caçoando do professor de matemática, que muitas vezes se interrompia no meio de uma sentença e olhava em volta, como se tivesse descido do ônibus no ponto errado, e não soubesse onde estava.

Eventualmente, porém, Shen olhou à volta. Ender acenou para ele com a cabeça, apontou para sua carteira e sorriu. Shen pareceu desconcertado. Ender

levantou sua carteira um pouco e então apontou para ela. Shen procurou sua própria carteira. Ender então enviou a mensagem. Shen viu quase na hora. Leu e riu alto. Olhou para Ender como quem diz: “Foi você quem fez isso?” Ender deu de ombros, dizendo:

— Não sei quem fez e não fui eu.

Shen riu de novo e vários dos outros meninos que não estavam perto da turma de Bemard pegaram suas carteiras e olharam. A cada 30 segundos a mensagem aparecia em todas as carteiras, caminhou

rapidamente à volta da tela e então desapareceu. Todos os meninos riram.

— Onde está a graça? —, perguntou Bernard.

Ender fez força para não sorrir quando Bernard olhou pelo quarto e imitou medo que muitos outros sentiam. Shen, é claro, sorria ainda mais desafiadoramente.

Demorou um instante, então Bernard disse a um de seus meninos que trouxesse uma carteira. Juntos, eles leram a mensagem.

Esconda sua bunda. Bernard está de olho. Deus

Bernard ficou vermelho de raiva.

— Quem fez isso! —, gritou.

— Deus —, explicou Shen.

— Com certeza, não foi você —, replicou Bernard. — Isto exige cérebro demais para uma minhoca.

A mensagem de Ender expirou depois de cinco minutos. Depois de um momento, uma mensagem de Bernard apareceu em sua carteira:

Eu sei que foi você. Bernard

Ender nem ergueu os olhos. Agiu, de fato, como se não tivesse percebido a mensagem. “Bernard só quer me apanhar com ar de culpado. Mas ele não tem certeza.”

É claro, não importava se ele sabia. Bernard ia puni-lo de qualquer modo, porque precisava reconstruir sua posição. A única coisa que não podia tolerar era que os outros meninos rissem dele. Precisava deixar claro quem era o chefe. Foi assim que Ender foi atacado no banho, naquela manhã. Um dos meninos de Bernard fingiu tropeçar para cima dele e acertou o joelho em sua barriga. Ender suportou em silêncio. Estava apenas fazendo um reconhecimento sobre a guerra aberta. Não faria nada.

Mas na outra guerra, a guerra das carteiras, já tinha o ataque seguinte pronto. Quando voltou do banho, Bernard estava furioso, chutando as camas e gritando com os outros:

— Eu não escrevi isso! Cala a boca!

Estava escrita em todas as carteiras, a seguinte mensagem:

Adoro sua bunda. Quero beijá-la. Bernard.

— Eu não escrevi essa mensagem! —, Bernard gritava. Depois da gritaria continuar por algum tempo, Dap apareceu na porta.

— Qual é o problema?

— Alguém esteve, escrevendo mensagens usando meu nome. —, Bernard estava abatido.

— Que mensagem?

— Não importa que mensagem!

— Para mim, importa. — Dap pegou a carteira mais próxima, que por acaso pertencia ao menino do beliche acima de Ender. Dap leu, sorriu de leve e devolveu a carteira.

— Interessante.

— Não vai descobrir quem fez? —, quis saber Bernard.

— Sim, eu sei quem fez —, disse Dap.

“Sim”, Ender pensou. “O sistema era fácil de quebrar. Eles queriam que nós o quebrássemos ou partes dele, ao menos. Eles sabem que fui eu.”

— Bem, então quem foi? —, Bernard gritou.

— Está gritando comigo, soldado? —, perguntou Dap, com toda a calma.

De imediato o estado de espírito no quarto mudou. Da raiva de parte dos amigos mais próximos de Bernard, até a euforia em meio ao resto, todos ficaram quietos. A autoridade ia falar.

— Não, senhor.

— Todos sabem que o sistema coloca automaticamente o nome do remetente.

— Mas não fui eu quem escreveu isso! —, insistiu Bernard.

— Está gritando? —, perguntou Dap.

— Ontem alguém enviou uma mensagem que estava assinada *Deus* —, acrescentou Bernard.

— Mesmo? —, comentou Dap. — Eu não sabia que ele estava inscrito no sistema. — Depois, Dap saiu do quarto, que se encheu de riso.

A tentativa de Bernard, de ser o chefe do quarto, fora quebrada, agora, só alguns estavam com ele. Mas eram os piores. Ender sabia que, até terminar o reconhecimento, tudo seria muito difícil para ele. Mesmo assim, brincar com o sistema tinha cumprido sua função. Bernard fora contido e todos os meninos que tinham alguma qualidade estavam livres dele. Melhor que tudo: Ender fizera tudo sem mandá-lo para a enfermaria. Muito melhor desta maneira.

Então passou ao assunto mais sério: projetar um sistema de segurança para sua carteira, pois as salvaguardas do sistema eram obviamente inadequadas. Se um menino de seis anos podia acabar com elas, obviamente eram colocadas como um brinquedo e não como uma segurança séria. Só um outro jogo que os professores colocavam à nossa frente. “E neste eu sou bom.”

— Como você fez aquilo? —, perguntou Shen no café da manhã.

Ender observou que era a primeira vez que um calouro de sua turma sentava-se com ele numa refeição.

— Fiz o quê?

— Enviar uma mensagem com um nome falso. E com o nome de Bernard! Aquilo foi grande. Eles o apelidaram de “Guarda-Bunda”. Na frente dos professores, é “Guarda”, mas todos sabem no que ele está de olhando.

— Pobre Bernard —, murmurou Ender. — E ele é tão sensível.

— Vamos lá, Ender. Você rompeu o sistema. Como fez?

Ender meneou a cabeça e sorriu.

— Obrigado por pensar que sou tão inteligente para fazer isso. Mas aconteceu só que eu vi primeiro, foi tudo.

— OK, não precisa me contar. Mesmo assim, foi grande. — Comeram em silêncio, por um tempo. — Eu reboło quando ando?

— Que nada. Só um pouco. Não dê passos tão compridos, é só isso.

Shen concordou.

— A única pessoa que reparou nisso foi Bernard.

— Ele é um porco —, respondeu Shen. Ender deu de ombros:

— No todo, os porcos até que não são maus.

— Tem razão. Eu estava sendo injusto com os porcos —, riu Shen.

Riram juntos e mais dois calouros juntaram-se a eles. O isolamento de Ender tinha acabado. A guerra estava apenas começando.

A Bebida do Gigante

“Tivemos nossos desapontamentos no passado, demoramos vários anos esperando que eles conseguissem, mas que nada. A coisa boa sobre Ender é que ele está determinado a congelar nos primeiros seis meses.”

“Como?”

“Não percebe o que está acontecendo? Ele estacionou na Bebida do Gigante, no jogo da mente. Será que o menino é suicida? Você nunca mencionou este fato.”

“Todos se defrontam com o Gigante, ocasionalmente.” “Mas Ender não o deixa. Como Pinual.”

“Todos parecem com Pinual, vez ou outra. Mas ele é o único que se matou. Não creio que tivesse algo a ver com a Bebida do Gigante.”

“Você está apostando minha vida, nisso. E veja o que ele fez com sua turma de calouros.”

“Não foi culpa dele, você sabe.”

“Não me importa. Culpa dele ou não, está envenenando aquele grupo. Eles deveriam unir-se e justo onde ele está há um abismo.”

“De qualquer modo, não planejo deixá-lo ali por muito tempo.”

“Então é melhor planejar novamente. Aquela turma está doente, ele é o foco de infecção.

Ele ficará até a turma ficar curada.”

“Eu fui a fonte de infecção. Eu o estava isolando e funcionou.” “Dê-lhe tempo. Para ver como se sai.”

“Não temos tempo.”

“Não temos tempo para empurrar um menino para a frente, com chances iguais de ser tanto um monstro como um gênio militar.”

“É uma ordem?”

“O gravador está ligado, está sempre ligado, sua retaguarda está protegida, não me amole.”

“Se é uma ordem, então eu vou...”

“É uma ordem. Segure-o onde está, até que vejamos como ele enfrenta as coisas em sua turma. Graff, você me dá úlceras.”

“Você não teria úlceras se deixasse a escola comigo e cuidasse da Esquadra.”

“A Esquadra está precisando de um comandante. Não há nada para tomar conta até que você me arranje o tal.”

Alinharam-se desajeitadamente na sala de combate, como crianças numa piscina pela primeira vez, agarrando-se aos corrimões. A gravidade zero era assustadora, desorientadora, logo descobriram que as coisas iriam melhor se não mexessem os pés.

Pior, as roupas atrapalhavam. Era mais difícil fazer movimentos precisos, pois as roupas dobravam-se um pouco mais devagar, resistiam mais do que qualquer outra que tinham vestido antes.

Ender agarrou o corrimão e flexionou os joelhos. Notara que, junto com a rigidez, a roupa tinha um efeito amplificador do movimento. Era difícil começar, mas as pernas da roupa continuavam movendo-se, e bastante, depois de seus músculos pararem. “Dê um impulso com uma força e a roupa o impulsiona com o dobro da força. Vai ser difícil, por algum tempo. Melhor começar agora.”

Assim, segurando o corrimão, impulsionou-se fortemente com os pés.

Instantaneamente, deu uma cambalhota, os pés voando sobre a cabeça e bateu de costas contra a parede. O rebote foi mais forte e suas mãos soltaram-se do corrimão. Saiu voando pela sala de combate, revirando pelo ar.

Por um momento desagradável, procurou conservar sua antiga orientação para-cima-e-para-baixo. Seu corpo tentou endireitar-se, procurando a gravidade que não estava ali. Então forçou-se a mudar de rumo. Estava indo ao encontro de baixo. De imediato, conseguiu controlar-se. Não estava voando, estava caindo. Era um mergulho. Agora, podia escolher como bater naquela superfície.

“Estou indo rápido demais para conseguir agarrar o corrimão e ficar parado, mas posso suavizar o impacto. Posso sair voando em ângulo, se girar quando bater e usar meus pés...”

Não funcionou como planejara. Saiu em ângulo, mas não no ângulo previsto. Nem teve tempo para refletir. Bateu em outra parede, desta vez muito rápido para que pudesse estar preparado. Mas, bem por acaso, descobriu uma forma de usar os pés para controlar o ângulo do rebote. Agora, estava voando pela sala, de novo, em direção aos outros meninos, ainda agarrados à parede. Desta vez, sua velocidade já era baixa o bastante para agarrar um corrimão. Estava num ângulo maluco em relação aos outros, mas novamente sua orientação mudara e podia dizer que estavam todos deitados no chão, não pendurados em uma parede ou mais de cabeça para baixo do que eles.

— O que está tentando fazer, matar-se? —, perguntou Shen.

— Tente —, respondeu Ender. — A roupa não vai deixar que se machuque e você pode controlar os ricochetes com as pernas, assim. — E repetiu o movimento que tinha feito.

Shen meneou a cabeça, não ia tentar nenhuma acrobacia maluca como aquela. Mas um menino saiu voando, na mesma velocidade de Ender, porque não começou com uma cambalhota, mas com um movimento muito rápido. Ender nem precisou olhar para saber que era Bernard. E logo depois dele, seu melhor amigo, Alai.

Ender observou-os na grande sala, Bernard esforçando-se para se orientar na direção que considerava como o chão, Alai fazia o movimento e preparava-se para rebater na parede. “Não era de surpreender que Bernard quebrara o braço no ônibus espacial”, considerou Ender. Ele se enrijece, quando está voando. Entra em pânico. Ender guardou esta informação para futura referência.

E mais um fragmento de informação, também. Alai não se impulsionou na mesma direção de Bernard. Foi para um outro canto da sala. Suas trajetórias divergiam mais e mais, à medida que voavam e ao passo que Bernard fazia uma aterrissagem desajeitada e ricocheteava contra a parede. Alai resvalou em três superfícies perto do canto, que lhe conservaram a maior parte de sua velocidade e o enviaram voando em um ângulo surpreendente. Alai gritou e exultou, e também os meninos que o assistiam. Alguns deles esqueceram-se de que estavam sem peso e soltaram-se da parede para aplaudir. Agora vagavam à deriva em muitas direções, mexendo seus braços, tentando nadar.

“Ora, isso é um problema”, pensou Ender. “E se você ficar à deriva? Não há maneira de impulsionar-se.”

Ficou tentado a se colocar à deriva e resolver o problema por tentativa e erro. Mas conseguia ver que os outros, com seus esforços infrutíferos, não tinham controle e ele não podia pensar em nada que os outros já não estivessem fazendo.

Segurando-se com uma das mãos no piso, brincou ociosamente com a pistola de brinquedo que estava presa a seu traje, pouco abaixo do ombro. Então lembrou-se dos foguetes de mão por vezes usados pelos fuzileiros quando faziam uma abordagem, num assalto a uma estação inimiga. Sacou a pistola e examinou-a. No dormitório, já tinha experimentado todos os botões, mas a arma não atirou. Talvez na sala de combate, ela funcionasse. Não havia instruções escritas. Nenhuma indicação nos controles. O gatilho era óbvio, ele tivera armas de brinquedo, como todas as crianças. Havia dois botões que o polegar podia alcançar facilmente e vários outros ao longo da coronha, que eram quase inacessíveis, caso não se usassem os dedos. Obviamente, os dois botões perto do polegar visavam a um uso instantâneo.

Apontou para o chão e apertou o gatilho. Sentiu a pistola ficar quente.

Quando soltou o gatilho, esfriou na hora. Também, um pequeno círculo de luz apareceu no chão para onde apontara.

Apertou o botão vermelho no alto da pistola e o gatilho, de novo. Mesma coisa. Então apertou o botão branco. Deu um forte lampejo que iluminou uma grande área, mas não tão intensamente. A pistola permaneceu fria.

Dap dissera que o botão vermelho é como um laser, mas não é a mesma coisa, enquanto o botão branco é como uma lâmpada. Nenhum dos dois ajuda nas manobras.

“Assim, tudo depende de seu impulso, o curso que estabelece quando sai. Significa que vamos ter de ser muito bons no controle do impulso e dos ricochetes, ou vamos ficar sempre flutuando no meio do nada.” Ender olhou à volta. Alguns meninos estavam flutuando perto das paredes, agitando os braços para tentar agarrar o corrimão. A maioria dava gargalhadas e encontrões, alguns seguravam uns nas mãos dos

outros e iam em círculos. Só poucos, como Ender, estavam calmamente segurando-se nas paredes, observando.

Um destes, ele viu, era Alai. Terminou em outra parede, não muito longe de Ender. Com um impulso, Ender lançou-se para se aproximar depressa de Alai. Uma vez em pleno ar, ficou imaginando o que diria ao outro. Alai era amigo de Bernard. O que Ender teria a dizer-lhe?

De qualquer modo, agora, não havia como mudar o curso. Ficou olhando bem para a frente e treinou fazer pequenos movimentos das mãos e das pernas para controlar a direção em que estava olhando, enquanto se deslocava. Tarde demais, percebeu que sua mira fora demasiado boa. Não ia aterrissar perto de Alai, ia dar de encontro com ele.

— Aqui, agarre minha mão! —, gritou Alai.

Ender estendeu a mão. Alai absorveu o impacto e ajudou-o a fazer uma aterrissagem razoavelmente suave contra a parede.

— Isso foi bom —, disse Ender. — Deveríamos praticar essa coisa.

— Foi o que pensei, só que ninguém está conseguindo nada por aqui. O que acontece se sairmos juntos? Deveríamos poder empurrar um ao outro em sentidos opostos.

— Acho que sim.

— Tá bem?

Era um reconhecimento de que nem tudo poderia sair bem entre eles. Está bem se fizemos algo juntos? A resposta de Ender foi agarrar Alai pelo pulso e preparar-se para dar um impulso.

— Pronto? —, perguntou Alai. — Vai!

Como se impulsionaram com forças diferentes, começaram a circular um em volta do outro. Ender fez pequenos movimentos com as mãos, depois mexeu uma perna. O movimento dos dois foi vagaroso. Tentou de novo. Pararam de orbitar. Agora, flutuavam regularmente.

— Cabeça, Ender —, comentou Alai. Isto era um grande elogio. — Vamos dar impulso antes de bater naquela turma.

— E depois vamos nos encontrar naquele canto —, Ender não queria chegar ao campo inimigo e fracassar.

— O último guarda peidos na garrafa de leite —, disse Alai.

Então lenta, mas constantemente, manobraram até se defrontarem, braços e pernas estendidos, mãos contra mãos, joelhos contra joelhos.

— E então batemos um no outro? —, perguntou Alai.

— Eu também nunca fiz isso antes.

Impulsionaram-se de novo. Saíram mais depressa do que esperavam.

Ender bateu contra dois meninos e terminou numa parede onde não desejava.

Levou um momento para se reorientar e descobrir o canto em que ele e Alai deviam encontrar-se. Alai já estava na direção certa. Ender imaginou um curso que incluía dois ricochetes para evitar os aglomerados maiores de meninos.

Quando Ender chegou ao canto, Alai enganchara os braços em dois corrimões adjacentes e fingia estar dormindo.

— Você ganhou.

— Quero ver aquela sua coleção de peidos.

— Guardei em seu armário. Não percebeu?

— Pensei que eram minhas meias.

— Não usamos mais meias.

— É mesmo.

Um detalhe que os lembrava que estavam muito longe de casa. Isso tirou parte da graça de terem dominado um pouco a navegação.

Ender pegou sua pistola e fez uma demonstração do que aprendera sobre os dois botões do polegar.

— O que faz quando você mira numa pessoa? —, perguntou Alai.

— Eu não sei.

— Por que não descobrimos? Ender meneou a cabeça.

— Poderia machucar alguém.

— Quero dizer, porque não disparamos no pé um do outro ou coisa assim.

Eu não sou como Bernard, nunca torturei gatos para me divertir.

— Ah.

— Não pode ser muito perigoso ou não dariam estas armas para crianças.

— Agora somos soldados.

— Atire em meu pé.

— Não. Você atira em mim.

E foi o que fizeram. Imediatamente Ender sentiu a perna do traje enrijecer, imobilizar-se nas juntas do joelho e do tornozelo.

— Congelou? —, perguntou Alai.

— Duro como uma tábua.

— Vamos congelar alguns deles —, disse Alai. — Vamos fazer nossa primeira guerra. Nós contra eles.

Sorriram. Então Ender acrescentou:

— E melhor convidar Bernard. Alai ergueu um sobrolho:

— Hein?

— E Shen.

— Aquele olho puxado que rebola?

Ender percebe que Alai estava brincando.

— Ei, não podemos ser todos crioulos.

— Meu bisavô mataria você por isso.

— Meu bisavô o venderia antes disso.

— Vamos pegar Bernard e Shen, e congelar esses namorados de *insecta*.

Em 20 minutos, todos na sala estavam congelados exceto Ender, Bernard, Shen e Alai. Os quatro ficaram ali, gritando e rindo, até que Dap chegou.

— Vejo que vocês aprenderam a usar seu equipamento —, disse ele.

Então fez alguma coisa num controle que segurava na mão. Todos flutuaram lentamente para a parede em que ele estava. Passou no meio dos meninos congelados, tocando-os e descongelando seus trajes.

Houve várias queixas de que não fora justo como Alai e Bemard dispararam quando estavam desprevenidos.

— Por que estavam desprevenidos? Tinham seus trajes, da mesma maneira que eles. Tiveram o mesmo tempo para ficar flutuando por aí, como baratas tontas. Parem de reclamar e vamos começar.

Ender notou que estava pressuposto que Bemard e Alai eram os líderes do combate. Tudo bem. Bernard sabia que Ender e Alai aprenderam a usar as pistolas juntos e eram amigos. Bemard podia acreditar que Ender juntara-se à sua turma, mas não era assim. Ender juntara-se a uma nova turma. A turma de Alai. E Bernard também entrou.

Porém, isso não era óbvio para todos. Bernard ainda mandava e desmandava. Mas Alai agora movia-se livremente pela grande sala e Bernard ficava louco. Alai brincava um pouco e o acalmava. Quando foi a hora de escolher o líder da turma, Alai foi a escolha quase unânime. Bernard ficou abatido por alguns dias, mas depois melhorou e todos se adaptaram ao novo padrão. A turma não estava mais dividida entre a turma de Bernard e os marginais de Ender. Alai fora o elo entre eles.

Ender estava sentado em sua cama, com a carteira no colo. Era a hora de estudos individuais e ele estudava o Jogo Livre. Era um jogo louco, sempre mutável, em que o computador da escola ficava inventando coisas novas, como construir um labirinto que se podia explorar. Por algum tempo, podia-se voltar atrás a fatos que lhe agradavam, por muito tempo, eles desapareciam e algo novo tomava seu lugar.

Às vezes, aconteciam coisas engraçadas, estimulantes, e Ender precisava ser rápido para continuar vivo. Tinha uma porção de mortes, mas estava certo, os jogos eram assim mesmo, você morria muito para aprender como funcionavam.

Sua figura na tela começara como a de um menininho. Depois, mudou para um urso. Agora era um grande rato, com mãos compridas e delicadas. Passou sua figura debaixo de um grande número de móveis. Brincou bastante com o gato, mas agora ficou chato: fácil demais se esquivar, já conhecia toda a mobília.

“Mas não vou passar pelo buraco do rato, agora”, disse consigo mesmo. “Estou cansado do Gigante. É um jogo chato e não ganho nunca. Tudo o que escolho, está errado.”

Mas passou pelo buraco do rato, afinal, e pela pequena ponte do jardim.

Evitou os patos e os mosquitos, que atacavam em mergulho, tentou brincar com eles, mas era fácil demais, e se brincasse muito tempo com os patos, transformava-se em um peixe, o que ele não gostava. Ser um peixe lembrava-lhe por demais estar congelado na sala de combate, o corpo todo rígido, esperando o fim do treinamento, para que Dap o descongelasse. Então, como de hábito, encontrou-se subindo as colinas.

As avalanches começaram. De início, ele era repetidamente apanhado, esmagado num exagerado líquido viscoso, debaixo de um montão de rochas.

Agora, dominava a técnica de subir as ladeiras em ângulo, para evitar o esmagamento, sempre procurando os pontos mais altos.

Como sempre, as avalanches deixavam de ser amontoados de pedras. As encostas dos morros abriam-se e em vez de cascalho, era pó branco, macio, crescendo como uma torta, com a crosta da terra rompendo-se e caindo. Era macio e esponjoso e a figura dele movia-se devagar. Quando ele pulou do pão, estava numa mesa, O filão de pão Gigante atrás dele, um pedaço de manteiga enorme a seu lado. E o próprio Gigante, apoiando o queixo nas mãos, olhando para ele. A figura de Ender tinha a altura do rosto do Gigante, do queixo até a testa.

— Acho que vou comer sua cabeça —, disse o Gigante, como sempre o fazia.

Então, em vez de correr ou ficar ali, Ender avançou sua figura até o rosto do Gigante e chutou-o no queixo.

O Gigante mostrou a língua e Ender caiu no chão.

— Que tal um jogo de adivinhação? —, perguntou o Gigante. Então, não fazia diferença alguma: o Gigante só jogava o jogo de adivinhação.

Computador estúpido. Milhões de cenários possíveis em sua memória e o Gigante só sabia jogar um único jogo.

O Gigante, como sempre, colocou dois copos enormes na mesa em frente a Ender. Os dois estavam cheios com líquidos diferentes. O computador tomava o

cuidado de não repetir os líquidos, não que pudesse lembrar. Desta vez, um continha um líquido de aspecto cremoso e grosso. O outro fervia e espumava.

— Um é veneno e o outro, não —, disse o Gigante. — Acerte e eu o levo até a Terra das Fadas.

Para acertar era necessário colocar a cabeça dentro de um dos copos e beber. Nunca acertava. Por vezes, sua cabeça era dissolvida ou ele pegava fogo. Outras vezes, caía lá dentro, e se afogava ou caía para fora, ficava verde e apodrecia rapidamente. Era sempre assustador e o Gigante sempre ria.

Ender sabia que, qualquer que fosse sua escolha, morreria. O jogo era falseado. Na primeira morte, sua figura reaparecia na mesa do Gigante para jogar de novo. Na segunda morte, voltava às avalanches e à ponte do jardim. Depois, ao buraco do rato e, em seguida, se voltasse ao

Gigante para jogar e se morresse de novo, a carteira se apagava. A expressão “Jogo Livre Terminado” ficava passeando em volta da carteira e Ender deitava-se e tremia, até que conciliasse o sono. O jogo tinha algum truque, mas o Gigante falara da Terra das Fadas, uma Terra das Fadas idiota, para crianças de três anos, provavelmente com uma idiota Mamãe Gansa ou Pac-Man ou Peter Pan, nem valia a pena ir, mas precisava descobrir alguma maneira de vencer o Gigante e chegar lá.

Bebeu o líquido cremoso. Imediatamente, começou a inflar e subir, como um balão. O Gigante riu. Estava morto, de novo.

Jogou novamente e desta vez o líquido solidificou, como cimento, e segurou sua cabeça, enquanto o Gigante abriu-o ao meio, pela espinha, como um peixe e começou a devorá-lo enquanto seus braços e pernas ainda estremeciam.

Reapareceu nas avalanches e decidiu não continuar. Deixou uma das avalanches apanhá-lo. Mas mesmo suando frio, na outra vida voltou às colinas até que elas se transformassem em pão, ficou na mesa do Gigante, até os copos serem colocados à sua frente.

Contemplou os dois líquidos. Um espumando, o outro com ondas, como o mar. Tentou adivinhar que tipo de morte cada um abrigava. “Provavelmente um peixe vai sair do oceano para me devorar e o espumante vai me de asfixiar. Odeio este jogo. Não é justo. Idiota. Podre.”

Em vez de pôr a cara em um dos líquidos, chutou um, depois o outro, e esquivou-se das manoplas do Gigante, enquanto este gritava:

— Trapaça, trapaça!

Pulou no rosto do Gigante, escalou pelos lábios e nariz, e começou a furar seu olho. A coisa que saiu era como requeijão cremoso e enquanto o Gigante gritava, a figura de Ender entrava pelo olho dele.

O Gigante caiu de costas. A vista mudou enquanto ele caía e quando o Gigante repousava no chão, haviam árvores intrincadas e rendilhadas à volta. Um morcego saiu voando e aterrissou no nariz do Gigante morto. Ender levou sua figura para fora do olho do Gigante.

— Como você chegou até aqui? —, perguntou o morcego. — Ninguém jamais conseguiu chegar até aqui.

Ender não podia responder, claro. Então esticou a mão, pegou um punhado da substância do olho do Gigante e ofereceu ao morcego.

O morcego apanhou a substância e saiu voando, gritando, enquanto se afastava:

— Bem-vindo à Terra das Fadas!

Por fim, conseguira. Agora, precisava explorar o lugar. Precisava descer do rosto do Gigante e ver o que finalmente conseguira.

Em vez disso, desligou, pôs a carteira em seu armário, tirou as roupas e puxou o lençol. Não queria matar o Gigante. Isso deveria ser um jogo. Não uma escolha entre sua morte terrível e um assassinato ainda mais terrível. “Sou um exterminador, mesmo quando jogo. Peter ficaria orgulhoso de mim.”

Salamandra

“Não é bom saber que Ender pode fazer o impossível?”

“As mortes do jogador sempre foram repugnantes. Sempre achei que a Bebida do Gigante era a parte mais pervertida de todo o jogo da mente, mas avançar no olho, daquele jeito, é ele que queremos colocar no comando de nossas esquadras?”

“O que interessa é que ele ganhou um jogo que não podia ser ganho.” “Suponho que agora vá promovê-lo.”

“Estávamos esperando para ver como ele enfrentava a coisa com Bernard. E saiu-se perfeitamente bem.”

“Então, assim que ele consegue sair de uma situação difícil, você provoca outra que ele não consegue enfrentar. Ele não vai ter sossego nunca?”

“Vai ter um mês ou dois, talvez três, com sua turma de calouros. Isso é bastante tempo na vida de uma criança.”

“Já pensou que esses meninos não são crianças? Fico observando o que eles fazem, as conversas que têm e não parecem criancinhas.”

“São as crianças mais brilhantes do mundo, cada um à sua maneira.”

“Mas mesmo assim, não deveriam comportar-se como crianças? Não são normais. Agem como... história. Napoleão e Wellington, César e Bruto.”

“Estão tentando salvar o mundo e não fazer filantropia. Você é bonzinho demais.”

“O general Levy não tem pena de ninguém. Todos os vídeos dizem isso. Mas não faça mal a esse menino.”

“Está brincando?”

“Quero dizer, não lhe faça mal além do estritamente necessário.”

No jantar Alai estava sentado à frente de Ender.

— Finalmente descobri como você mandou aquela mensagem, usando o nome de Bernard.

— Eu?

— Vamos lá, quem mais poderia ser? Certamente não era Bernard. E Shen não é lá muito bom no computador. E sei que não fui eu. Então, quem mais? Mas não importa. Descobri como falsificar um novo registro de aluno. Você criou um aluno chamado Bernard-branco, B-E-E-N-A-R-D-espaco, de modo que o computador não a rejeitou como repetição de um outro aluno.

— Parece que funciona.

— OK, OK, funciona mesmo. Mas você fez isso praticamente no primeiro dia.

— Ou alguém. Talvez tenha sido Dap, para impedir que Bernard ficasse muito poderoso.

— Descobri outra coisa. Não posso fazer isso com seu nome.

— O quê?

— Qualquer coisa com Ender é rejeitada. Também não posso entrar em seus arquivos. Você fez seu próprio sistema de segurança.

— Talvez.

Alai deu um sorrisinho.

— Fui adiante e entrei nos arquivos de alguém mais. E ele está atrás de mim, para invadir os meus. Preciso de proteção, Ender. Preciso de seu sistema.

— Se eu lhe der meu sistema, vai saber que fui eu e vai entrar nos meus.

— Eu? Sou seu melhor amigo!

— Vou criar um sistema para você —, Ender riu.

— Agora?

— Posso acabar de comer?

— Você nunca acaba de comer.

Era verdade. Na bandeja de Ender sempre sobrava comida depois das refeições. Ender olhou para o prato e resolveu que tinha acabado.

— Vamos lá, então.

Quando saíram do refeitório, Ender agachou-se junto à cama e disse:

— Traga sua carteira para cá. Vou mostrar como fazer.

Mas quando Alai trouxe a carteira dele para a cama de Ender, este ainda estava sentado ali, seu armário fechado.

— O que aconteceu?

Em resposta, Ender pousou a mão sobre o armário: "Tentativa de acesso não autorizado", dizia. Não abria.

— Alguém aprontou com você —, disse Alai. — Alguém sapateou em sua cabeça.

— Tem certeza que quer meu sistema de segurança, agora? —, Ender levantou-se e afastou-se de sua cama.

— Ender —, disse Alai.

Ender virou-se. Alai estava segurando um papel.

— O que é isso?

Alai levantou os olhos para o colega.

— Não sabe? Estava em sua cama. Você deve ter sentado em cima.

Ender pegou o papel.

Ender Wiggin designado para o Exército Salamandra, comandante Bonzo Madrid, efetivado imediatamente.

Código Verde-Verde-Marrom, nenhum pertence transferido.

— Você é esperto, Ender, mas não se sai tão bem quanto eu, na sala de combate.

Ender meneou a cabeça. Era a coisa mais idiota que podia pensar, ser promovido agora. Ninguém era promovido antes dos oito anos. Ender ainda nem tinha sete. E os calouros usualmente iam juntos para os exércitos, a maioria dos exércitos recebendo um menino novo cada. Não havia bilhetes de transferência nas outras camas.

Agora que as coisas estavam ficando em ordem e que Bernard estava se relacionando bem com todos os outros, até com Ender. Ender estava encontrando em Alai um amigo de verdade. Agora que sua vida estava ficando boa.

Ender estendeu a mão para puxar Alai da cama.

— De qualquer modo, o Exército Salamandra está mal cotado.

Ender estava tão nervoso com a injustiça da transferência que as lágrimas já estavam chegando a seus olhos. "Não posso chorar", disse

para si mesmo.

Alai viu as lágrimas, mas teve a bondade de não reparar.

— São uns cabeças de merda, não vão deixar levar nada que você tem.

Ender sorriu, e não chorou.

— Acha que devo tirar a roupa e ir pelado?

Alai riu, também.

Num impulso, Ender abraçou-o apertado, quase como se fosse Valentine.

Até pensou em Valentine e quis ir para casa.

— Não quero ir.

Alai abraçou-o também.

— Eu entendo esses caras, Ender. Você é o melhor de nós. Talvez estejam com pressa de ensinar-lhe tudo.

— Eles não querem me ensinar tudo. Eu queria aprender como é ter Um amigo.

Alai fez que sim, sério.

— Sempre meu amigo, sempre meu melhor amigo. — Então sorriu: — Vai lá, acaba com os *insecta*.

— É... —, Ender sorriu de novo.

Alai, de repente, beijou Ender no rosto e cochichou em seu ouvido:

— *Salaam*.

Então, com o rosto vermelho, deu as costas e foi para sua cama, no fundo do dormitório. Ender adivinhou que aquele beijo e aquela palavra eram de algum modo proibidos. Uma religião proibida, talvez. Ou ainda a palavra tivesse um significado particular e poderoso apenas para Alai. O que quer que significasse para Alai, Ender sabia que era sagrada, que o outro se expusera para Ender, como sua mãe o fizera, quando era muito jovem, antes de colocarem o monitor em seu pescoço, e ela colocara as mãos em sua cabeça, quando pensou que estava dormindo, e rezou. Ender nunca falou disso com ninguém, nem mesmo com sua mãe, mas guardou aquela lembrança de sacralidade, de como sua mãe o amara quando pensou que ninguém, nem ele mesmo, podia ver ou ouvir. Era isso que Alai lhe dera: um presente tão sagrado que mesmo Ender não podia entender o que significava.

Depois de uma coisa dessas, não havia mais nada a dizer. Alai chegou à sua cama e virou-se, para olhar para o amigo. Seus olhos se

encontraram por um momento, em mútua compreensão. Então Ender saiu.

Nesta parte da escola, não havia nenhum verde-verde-marrom, precisaria pegar as cores em algum local público. Os outros acabariam o jantar logo, logo, não queria chegar perto do refeitório. A sala de jogos estaria quase vazia.

Nenhum dos jogos o atraía, da maneira como estava se sentindo agora. Então foi ao conjunto das carteiras públicas, no fundo da sala e chamou seu jogo particular. Logo chegou à Terra das Fadas. O Gigante estava morto quando chegou lá, precisou descer cuidadosamente da mesa, pular para a perna da cadeira do Gigante, agora caída, e saltar para o chão. Por algum tempo, ratos roeram o corpo do Gigante, mas Ender matou um com o alfinete da camisa esfarrapada do Gigante e, depois disso, deixaram-no em paz.

O cadáver tinha quase acabado de apodrecer. O que pôde ser arrancado pelos pequenos carneiros, já fora arrancado, os vermes tinham feito seu trabalho com as vísceras e ele era agora uma múmia dissecada, oca, um sorriso rígido, olhos vazios, dedos recurvados. Ender lembrou-se de como escavou por seu olho adentro, quando estava vivo, malicioso e inteligente. Com raiva e frustrado como estava, Ender desejava executar aquela morte de novo. Mas o Gigante agora era parte da paisagem, e não podia existir raiva contra ele.

Ender sempre passara pela ponte até o castelo da Rainha de Copas, onde haviam muitos jogos para ele, mas agora nenhum lhe agradava. Deu a volta em torno do cadáver do Gigante, e seguiu o riacho contra a corrente, até onde ele saía da floresta. Havia um playground ali com gangorras, escorregadores, carrosséis, com uma dúzia de crianças rindo, enquanto brincavam. Ender aproximou-se e descobriu que no jogo ele se transformara numa criança, se bem que usualmente sua figura nos jogos era de adulto. De fato, ele era até menor do que as outras crianças.

Entrou na fila do escorregador. As outras crianças ignoraram-no. Subiu ao topo, observou o menino à frente dele rodopiando pela longa espiral abaixo, até o chão. Então sentou-se e começou a escorregar.

Não escorregou por que o escorregador não o agüentou e caiu no chão debaixo da escada.

A grade também não o agüentou. Podia subir por alguns, mas uma das barras, ao acaso, parecia frágil, e ele caía. Podia sentar-se na gangorra até subir ao ponto mais alto, depois caía. Quando o carrossel ia depressa, não conseguia segurar nenhuma das barras e a força centrífuga jogava-o para fora.

E as outras crianças: suas risadas eram estridentes, ofensivas. Dançavam à sua volta, apontando e rindo por algum tempo antes de voltar às suas brincadeiras.

Ender queria bater nelas, jogá-las no riacho. Em vez disso, foi para a floresta. Descobriu um caminho, que logo se transformou numa velha estrada de pedras, com muitas ervas crescendo entre elas, mas ainda utilizável. Havia pistas de possíveis jogos a cada lado, mas Ender não foi atrás de nenhum deles. Queria ver onde o caminho levava.

Levou a uma clareira, com um poço no meio e uma placa que dizia:

BEBA, VIAJANTE

Ender avançou e examinou o poço. Quase de imediato, ouviu um rosnar. Das árvores, saiu uma dúzia de lobos, com rostos humanos. Ender reconheceu-os, eram as crianças do playground. Só que agora, seus dentes podiam dilacerar. Ender, sem armas, foi rapidamente devorado.

Sua figura seguinte apareceu, como sempre acontecia, no mesmo ponto, e ele foi devorado novamente, mesmo quando tentou pular dentro do poço. dele. “Riam o quanto quiserem”, Ender pensou. “Eu sei o que vocês são.” Derrubou uma delas. Ela o seguiu, com raiva. Ender levou-a a subir no escorregador. É claro, ele caiu, mas desta vez, seguindo de perto, ela caiu também. Quando ela chegou ao chão, transformou-se num lobo e ficou ali, morta ou atordoada.

Uma a uma, Ender levou cada criança a uma armadilha. Mas, antes de acabar com a última, os lobos começaram a reviver e não eram mais crianças. Ender de novo foi despedaçado. Desta vez, tremendo e suando, Ender descobriu sua figura ressuscitada e na mesa do Gigante. “Devo sair”, pensou. “Preciso ir para meu novo exército.”

Mas, em vez disso, fez sua figura cair da mesa e andar em torno do corpo do Gigante até o playground. Desta vez, assim que a criança bateu no chão e se transformou em lobo, Ender arrastou o corpo até o riacho e empurrou-o para a água. Sempre que isso acontecia, os corpos ferviam,

como se a água fosse ácida, o lobo era consumido e uma fumaça escura subia e se desfazia. As crianças foram facilmente despachadas, se bem que começassem a segui-lo, em grupos de duas ou três, no final. Ender não descobriu nenhum lobo esperando por ele na clareira, e desceu o poço, pela corda do balde.

A luz na caverna era fraca, mas podia ver pilhas de jóias. Passou por elas, notando que, atrás de si, brilhavam olhos em meio às gemas. Uma mesa de comida não o interessou. Passou por algumas gaiolas penduradas no teto da caverna, cada uma contendo uma criatura exótica e de aspecto amigável. “Vou brincar com vocês depois”, pensou Ender. Por fim, chegou a uma porta, com a seguinte expressão escrita em esmeraldas brilhantes:

O FIM DO MUNDO

Não hesitou. Abriu a porta e saiu por ela.

Estava num penhasco, num rochedo que dava para um lugar coberto por uma floresta verde e ensolarada, com traços de cores outonais e manchas de terra desmaiada. Havia aldeias e bois puxando arados no cume do morro, ao longe existia um castelo e nuvens sendo levadas pelo vento, lá em baixo. Acima, o céu era o teto de uma vasta caverna, com cristais pendurados em estalactites brilhantes.

A porta fechou-se atrás dele. Ender estudou o cenário atentamente. Com toda aquela beleza, estava menos preocupado com a sobrevivência do que o usual.

Pouco ligava, no momento, para qual poderia ser o jogo deste lugar. Descobriria-o e vê-lo era sua própria recompensa. Assim, sem pensar em conseqüências, saltou do penhasco.

Agora, estava caindo em direção a um rio revoltoso e rochas pontiagudas, mas uma nuvem apareceu entre ele e o chão, enquanto caía, e apanhou-o e levou-o. Foi até a torre do castelo e por uma janela aberta, colocou-o para dentro. Era uma sala sem porta aparente — nem no chão, nem no teto — e janelas que davam para o que seria uma queda fatal.

Há um momento, lançara-se de um penhasco, descuidadamente, desta vez, hesitou. O pequeno tapete na frente da lareira desdobrou-se na forma de uma longa e esguia serpente, com dentes assustadores.

— Sou sua única escapatória —, disse ela. — A morte é a sua única escapatória.

Ender olhou em redor, procurando uma arma, quando de repente a tela escureceu. Algumas palavras piscaram na margem da carteira.

Apresente-se ao Comandante imediatamente.

Você está atrasado.

Verde-Verde-Marrom

Furioso, Ender desligou a carteira e foi à parede das cores, onde descobriu a faixa verde-verde-marrom. Tocou-a e, à medida que ia se acendendo à sua frente, o verde escuro, o verde claro e o marrom da faixa o fez lembrar do reino do início, de outono, que descobrira no jogo. “Preciso voltar para lá”, dizia com seus botões.

“A serpente é como uma corda, posso escorregar para fora da torre e encontrar um caminho por aquele lugar. Talvez se chame o fim do mundo porque é o fim dos jogos, porque posso ir a uma das aldeias e tornar-me um dos meninos, trabalhando e brincando ali, sem mais nada para matar e nada para me matar, apenas vivendo ali.”

Enquanto pensava nisso, entretanto, não conseguia imaginar o que “*apenas* vivendo” poderia de fato significar. Nunca fizera isso antes na vida. Mas, de qualquer modo, queria fazer.

Os exércitos eram maiores do que as turmas de calouros e o dormitório também era maior. Era comprido e estreito, com beliches nos dois lados, tão comprido, que dava para ver a curvatura do piso, com o outro extremo curvando-se para cima, parte da esfera que constituía a Escola de Guerra.

Ender ficou junto à porta. Alguns meninos ali perto olharam rapidamente para ele, mas eram mais velhos, e pareciam nem tê-lo notado. Continuaram com sua conversa, deitados ou sentados em suas camas. Estavam discutindo os combates, é claro, os mais velhos sempre faziam isso. Eram todos muito maiores do que Ender. Os de dez e 11

anos pareciam muito mais altos do que ele, mesmo os mais jovens tinham oito anos e Ender nem era alto o bastante para sua idade.

Tentou deduzir qual era o comandante, mas a maioria estava ou de uniforme de combate ou, no que os soldados sempre chamaram, de uniforme de dormir, pelados dos pés à cabeça. Muitos deles estavam usando suas carteiras, mas poucos estavam estudando.

Ender entrou no dormitório. Quando isso aconteceu, foi notado.

— O que quer aqui? —, perguntou o menino que dormia no beliche de cima, junto à porta. Era o maior de todos. Ender notara-o antes, um jovem gigante que tinha alguns fiapos de barba crescendo no queixo. — Você não é dos Salamandra.

— Devo ser, eu acho. Verde-verde-marrom, não é? Fui transferido. — E mostrou ao menino, obviamente o encarregado do quarto, seu papel.

O encarregado queria pegá-lo. Ender não deixou.

— Devo entregá-lo a Banzo Madrid.

Agora juntava-se à conversa um outro um pouco menor, mas ainda assim mais alto do que Ender.

— Não é “Banzo”, cabeça de merda. É Bonzo. O nome é espanhol. Bonzo Madrid. Aqui *nosotros hablamos espanol, Señor Gran Fedor*.

— Você é Bonzo, então? —, perguntou Ender, pronunciando o nome corretamente.

— Não. Só uma brilhante e talentosa poliglota, Petra Arkanian. A única menina no Exército Salamandra. Sou mais macho do que qualquer um neste dormitório.

— Mamãe Petra falou —, disse um dos meninos. — Falou, falou. E um outro ficou repetindo:

— Falou bosta, falou bosta, falou bosta! Alguns deles deram risada.

— SÓ entre você e eu —, continuou Petra. — Se fizessem um enema na Escola de Guerra, ele sairia verde-verde-marrom.

Ender começou a ficar desesperado. Já não tinha nada a seu favor, sem treinamento, pequeno, inexperiente e condenado a ser alvo de ressentimentos, por sua promoção prematura. E agora, por acaso, fizera exatamente o amigo errado. Ela, na mente do restante do Exército Salamandra, não passava de uma marginal. Que belo dia de trabalho. Por um instante, quando olhou para as caretas e as caras de riso, imaginou os

corpos deles cobertos de pêlos e os dentes prontos para dilacerá-lo. “Serei o único ser humano neste lugar? Será que todos os outros são animais, esperando apenas para devorar?”

Então lembrou-se de Alai. Em cada exército, com certeza, havia pelo menos um que valia a pena conhecer.

De repente, mesmo sem ninguém dizer para calar a boca, o riso parou e a turma silenciou. Ender virou para a porta. Havia ali um menino, alto, moreno, esbelto, com belos cabelos pretos e lábios finos, que indicavam um certo refinamento. “Eu seguiria essa beleza”, dizia algo dentro de Ender. “Eu veria como esses olhos vêm.”

— Quem é você? —, perguntou o menino, com toda a calma.

— Ender Wiggin, senhor. Transferido dos calouros para o Exército Salamandra. — E estendeu as ordens.

O menino apanhou o papel com um movimento rápido e seguro, sem tocar na mão de Ender.

— Que idade tem, Wiggin?

— Quase sete.

— Perguntei sua idade, não quantos anos você quase tem —, disse, ainda com toda calma.

— Tenho seis anos, nove meses e 12 dias.

— Quanto tempo você trabalhou na sala de combate?

— Alguns meses. Minha pontaria melhorou.

— Algum treinamento em manobras de combate? Já fez parte de um pelotão? Já fez um exercício conjunto?

Ender nunca ouvira falar dessas coisas. Meneou a cabeça. Madrid ficou olhando para ele.

— Certo. Como vai aprender rapidamente, os oficiais comandantes desta escola, especialmente o major Anderson, que dirige o jogo, gostam muito de trotes. O Exército Salamandra está começando a emergir de uma obscuridade indecente. Ganhamos 12 de nossos últimos 20 jogos. Surpreendemos os Ratos, os Escorpiões e os Filas, e estamos prontos para disputar a liderança no jogo. Então é claro, recebo um espécime inútil e destreinado de subdesenvolvido como você.

Petra observou, em voz baixa:

— Ele não teve nenhum prazer em conhecê-lo.

— Cala a boca, Arkanian. A uma provação, agora acrescentamos outra. Mas qualquer que seja o obstáculo que nossos oficiais jogarem em nosso caminho, ainda somos...

— Salamandras! —, gritaram os soldados, a uma Só voz.

Instintivamente, a percepção de Ender sobre os eventos mudou. Era um modelo, um ritual. Madrid não estava tentando atacá-lo, só estava assumindo o controle de um evento surpreendente e usando-o para reforçar seu domínio do exército.

— Somos o fogo que vai consumi-los, barriga e intestinos, cabeça e coração, somos muitas chamas, mas um fogo Só!

— Salamandra! —, gritaram de novo.

— Até mesmo este não vai conseguir nos enfraquecer. — Por um momento, Ender permitiu-se alguma esperança:

— Vou trabalhar duro e aprender depressa.

— Não lhe dei permissão para falar —, retrucou Madrid. — Pretendo barganhar você assim que puder. Provavelmente terei de abrir mão de alguém valioso junto com você, mas pequeno como você é, é mais do que inútil. Mais um congelado, inevitavelmente, em cada combate, é tudo o que você é, e agora estamos num ponto em que cada soldado congelado faz diferença na contagem. Nada pessoal, Wiggin, mas estou certo de que você poderá conseguir seu treinamento à custa de alguém mais.

— Ele tem um coração de ouro —, ironizou Petra.

Madrid avançou para perto da menina e esbofeteou-a com as costas da mão. Não fez barulho, pois só as unhas dele a atingiram. Mas ficaram quatro marcas vermelhas, e pontos de sangue onde fora atingida pelas unhas.

— Suas instruções são as seguintes Wiggin. Espero que seja a última vez que tenho de transmiti-las. Vai ficar fora do caminho, enquanto estivermos treinando na sala de combate. Você precisará estar presente, é claro, mas não vai pertencer a nenhum pelotão e não vai tomar parte de nenhuma manobra. Quando for chamado ao combate, vai vestir-se prontamente e apresentar-se no portão, com todos os outros. Mas *só* vai passar por ele quatro minutos depois do começo do jogo. Então vai ficar junto ao portão com a arma no coldre e não vai usá-la, até o fim do jogo.

Ender assentiu. Assim, ele seria um Zé-ninguém. Esperava ser barganhado logo.

Também percebeu que Petra não chorou, nem tocou a face, mesmo com o sangue já correndo, fazendo um fio até seu queixo. Ela pode ser uma marginal, mas como Bonzo Madrid não seria amigo dele, pensou que poderia ser amigo de Petra.

Foi-lhe designado um beliche no outro extremo do quarto. O de cima, de modo que, quando estivesse deitado, não podia ver nem a porta, porque a curva do teto bloqueava sua visão. Havia outros meninos perto dele, de olhar cansado, abatidos, os mais desprezados. Não tinham nada para dizer como boas-vindas.

Ender tentou aplicar a palma da mão no armário, para abri-lo, mas nada aconteceu. Então percebeu que os armários não tinham segurança. Todos os quatro tinham alças para puxar e abrir. Nada seria particular, agora que estava num exército.

Dentro, havia um uniforme, não verde-claro dos calouros, mas o uniforme verde-escuro com galões laranja do Exército Salamandra. Não lhe caía bem. Mas, afinal, nunca providenciaram antes um uniforme para um menino tão pequeno.

Estava tirando-o quando notou Petra caminhando em direção de seu beliche. Foi para baixo, para cumprimentá-la.

— Relaxe, eu não sou uma oficial.

— É líder de pelotão, não é? Alguém por perto deu um muxoxo.

— O que lhe deu essa idéia, Wiggin?

— Você tem um beliche na frente.

— Tenho um beliche na frente, porque sou a melhor atiradora do Exército

Salamandra e porque Bonzo tem medo que eu comece uma revolução se os líderes de pelotão não ficarem de olho em mim. Como se eu pudesse começar qualquer coisa com meninos como esses —, ela apontou para o pessoal desanimado nos beliches à sua volta.

O que ela estava tentando fazer, tornar as coisas piores do que já estavam?

— Qualquer um é melhor do que eu —, respondeu Ender, tentando dissociar-se do desprezo que ela sentia pelos meninos que, afinal, seriam seus colegas de quarto.

— Sou uma menina e você é um mijão de seis anos. Temos tanto em comum, por que não fazemos amizade?

— Não vou fazer a lição por você. Ela logo percebeu que era uma piada.

— Ha! —, respondeu. — É tudo tão militar, quando você entra no jogo. A Escola não é assim para os calouros. História, estratégia, tática, *insecta*, matemática e astros, coisas que você vai precisar, como piloto ou comandante. Vai ver Só.

— Então você é minha amiga. Não vou ganhar um prêmio? —, perguntou Ender. Estava imitando o modo desafiador dela falar, como se não estivesse se importando com nada.

— Bonzo não vai deixar você praticar. Vai fazer você levar sua carteira para a sala de combate, para ficar estudando lá. Ele tem razão, de certa forma, não quer um menininho totalmente destreinado estragando suas manobras de precisão —, então ela passou a falar em gíria, um jargão que imitava o inglês das pessoas sem educação. — Bonzo, é preciso. Tão cuidadoso, mija num prato e não espirra nada pra fora.

Ender sorriu um pouco.

— A sala de combate está sempre aberta. Se quiser, vou levá-lo nas horas em que não é usada e lhe mostrar alguns truques que eu sei. Não sou um grande soldado, mas tenho minhas habilidades e, com certeza, sei mais do que você.

— Se quiser...—, disse Ender.

— Começamos amanhã de manhã, depois do café.

— E se alguém estiver usando a sala? Sempre íamos depois do café em minha turma.

— Não tem problema. Há nove salas de combate.

— Nunca ouvi falar de outras.

— Todas têm a mesma entrada. Todo o centro da Escola de Guerra, o cubo central da roda é composto por salas de combate. Não giram com o resto da estação. É assim que fazem o nulo, gravidade zero, só ficando parada. Sem rotação, sem peso. Mas podem arranjar para que qualquer uma das salas esteja na entrada da sala de combate que todos usamos. Uma vez dentro, ela é deslocada e outra sala de combate fica em posição.

— Hmm.

— Como eu disse, logo depois do café.

— Certo —, respondeu Ender. E ela começou a afastar-se.

— Petra. Ela virou.

— Muito obrigado.

Ela nada disse, apenas virou-se de novo e foi embora.

Ender subiu em seu beliche e voltou a tirar o uniforme. Ficou nu na cama, brincando com sua nova carteira, tentando descobrir se fizeram alguma coisa com seus códigos de acesso. Com certeza, apagaram seu sistema de segurança. Aqui, não podia possuir nada de seu, nem mesmo a carteira.

As luzes foram diminuídas um pouco. Hora de dormir. Ender não sabia que banheiro usar.

— O do lado de fora, à esquerda —, disse o menino do beliche da frente.

— Nós o dividimos com os Ratos, Condores e Esquilos.

Ender agradeceu e dirigiu-se para lá.

— Ei —, voltou a falar o menino. — Não pode ir assim. Tem de estar de uniforme todas as vezes que sair do dormitório.

— Mesmo pra ir ao banheiro?

— Especialmente. E está proibido de falar com qualquer um de outro exército. Nas refeições ou no banheiro. Você pode falar na sala de jogos, sempre que um professor ordenar. Mas se Bonzo lhe apanha, cê tá morto, hein?

— Obrigado.

— Ah, e Bonzo também não vai gostar se você tirar a roupa perto de Petra.

— Ela estava pelada quando eu cheguei, não estava?

— Ela faz o que quiser, mas você fica vestido. Ordens de Bonzo.

Que coisa idiota. Petra ainda se parecia com um menino, era uma regra estúpida. Deixava-a de lado, tornava-a uma coisa diferente, dividia o exército. Idiota, idiota. Como Bonzo se tornou comandante, se não sabia nem disso? Alai seria um comandante melhor do que Bonzo. Ele sabia como manter a unidade de um grupo.

“Eu sei também como manter um grupo unido”, pensou Ender. “Talvez, algum dia, eu seja comandante.”

No banheiro, estava lavando as mãos, quando alguém falou com ele:

— Ei, estão colocando nenês com uniformes de Salamandra agora? Ender não respondeu. Só ficou secando as mãos.

— Olhem! O Salamandra está pegando nenês, agora! Olha só! Ele pode passar entre minhas pernas sem roçar em meu saco!

— É porque você não tem saco, Dink —, alguém respondeu. Enquanto saía do banheiro, ainda ouviu alguém dizer:

— É Wiggin. Você sabe, o sabichão da sala de jogos.

Saiu pelo corredor, sorrindo. Podia ser pequenininho, mas já conheciam seu nome. Da sala de jogos, claro, como se não significasse nada. Mas eles iam ver.

Seria um bom soldado, também. Todos conheceriam seu nome logo, logo. Não no Exército Salamandra, talvez, mas muito cedo.

Petra estava esperando no corredor que levava à sala de combate.

— Espere um pouco. O Exército Coelho acaba de entrar e leva alguns minutos para mudar para a sala seguinte.

— Há muito mais coisas na sala de combate do que mudar de uma para outra —, disse ele. — Por exemplo, por que existe gravidade no corredor do lado de fora da sala, logo antes de entrar? —, perguntou Ender sentando-se ao lado dela.

Petra fechou os olhos.

— E se as salas de combate têm queda livre, o que acontece quando se entra? Por que não se move junto com a rotação da escola toda?

Ender concordou.

— Estes são os mistérios —, Petra comentou num cochicho. — Não fique especulando. Coisas terríveis aconteceram com o último soldado que tentou descobrir. Foi achado pendurado pelos pés, no teto do banheiro, com a cabeça enfiada dentro da privada.

— Então, não sou o primeiro a fazer essa pergunta.

— Não se esqueça disso, menininho. — Quando ela dizia menininho soava amigável e não com desprezo. — Eles nunca lhe dizem mais verdades do que precisa saber. Mas qualquer criança que tenha miolos sabe que a ciência mudou, desde os dias do velho Mazer Rackham e da Esquadra Vitoriosa. Obviamente, agora podemos controlar a gravidade. Ligar e desligar, mudar sua direção, talvez refleti-la, pensei numa porção de lindas coisas que se poderia fazer com armas e motores gravitacionais nas astronaves. E imagine só como as astronaves poderiam mover-se perto dos planetas. Talvez até arrancar pedaços deles, refletindo de volta a gravidade do próprio planeta, em outra direção, focalizada num pequeno ponto. Mas eles não contam nada.

Ender entendeu até mais do que ela dizia. Manipulação da gravidade era uma coisa, os oficiais enganando os alunos, era outra, Mas a mensagem mais importante era: os adultos são o inimigo, não os outros exércitos. Eles não nos dizem a verdade.

— Vem, menininho. A sala de combate está pronta. As mãos de Petra são porto seguro, o inimigo está morto. — ela riu. — Eles me chamam de Petra Poeta.

— Também dizem que você é louca de pedra.

— É melhor acreditar nisso, nenê. — Estava levando dez bolas de alvo numa sacola. Ender segurava na roupa dela com uma das mãos e na parede com a outra, para que ela ficasse estável, enquanto as atirava, com força, em direções diferentes. Em gravidade zero, elas ficavam sempre ricocheteando, em todas as direções. — Pode soltar —, disse ela e impulsionou-se, deliberadamente girando, com alguns movimentos ágeis estabilizou-se e começou a mirar cuidadosamente em uma bola depois da outra. Quando atingia uma, o brilho dela mudava de branco para vermelho. Ender sabia que a mudança de cor durava menos de dois minutos. Só uma bola tinha mudado de volta para o branco, quando ela acertou na última.

Ela ricocheteou com precisão na parede e voltou para Ender, em alta velocidade. Ele a segurou contra o ricochete dela mesma, uma das primeiras técnicas que lhe ensinaram, quando era calouro.

— Você é boa nisso —, comentou ele.

— Que nada. E você vai aprender como fazer igualzinho. — Petra ensinou-lhe a atirar com o braço esticado. — Uma coisa que os soldados não percebem é que quanto mais longe estiver o alvo, mais tempo você deve manter o feixe dentro de um círculo de dois centímetros. É a diferença entre um décimo e meio de segundo, mas em combate isto é um longo tempo. Muitos soldados pensam que erraram, quando estavam bem no alvo, mas moveram-se cedo demais. Não use sua pistola como uma espada, *vapt-vupt*, e pronto: eles estão cortados ao meio. Precisa mirar.

Usou o chamador das bolas para trazê-las de volta e depois lançou-as devagar, uma a uma. Ender disparou contra elas. Errou todos os tiros.

— Bom —, comentou ela. — Você não tem nenhum mau hábito.

— Mas também não tenho os bons.

— Esses, eu vou lhe ensinar.

Naquela primeira manhã, não conseguiram muita coisa. Quase só conversa.

— Como pensar, enquanto faz pontaria. É preciso controlar na mente, ao mesmo tempo, seu movimento e o do inimigo. Você tem de manter o braço esticado e mirar com o corpo inteiro para que se congelarem seu braço, ainda possa atirar. Aprenda o ponto em que o gatilho realmente dispara e fique apertando-o sempre no limite, para que não precise puxar muito toda vez que for disparar. Relaxe o corpo, não fique tenso, faz tremer.

Foi o único treinamento que Ender teve naquele dia. Durante os exercícios da tropa à tarde, Ender recebeu ordem de levar sua carteira e fazer sua lição, sentado num canto da sala. Bonzo precisava ter todos seus soldados na sala de combate, mas não era obrigado a usar todos.

No entanto, Ender não fez sua lição. Se não podia exercitar-se como soldado, podia estudar Bonzo como tático. O Exército Salamandra estava dividido no padrão normal de quatro pelotões de dez soldados cada. Alguns comandantes dispunham seus pelotões de modo que o pelotão A fosse formado com os melhores soldados e o D com os piores.

Mas Bonzo misturara todos, para que cada um tivesse bons soldados e alguns mais fracos.

Só que o pelotão B tinha nove meninos. Ender ficou a imaginar quem teria sido transferido para dar espaço para ele. Logo ficou claro que o líder do pelotão B era novo. Não era de surpreender que Bonzo estivesse tão desgostoso, tinha perdido um líder de pelotão para receber Ender.

E Bonzo tinha razão sobre uma outra coisa. Ender ainda não estava pronto. Todo o tempo de prática era gasto em manobras. Os pelotões, sem poder ver uns aos outros, simulavam operações de precisão juntos, com sincronização perfeita, os pelotões treinavam usar uns aos outros para fazer súbitas mudanças de direção, sem perder a formação. Todos estes soldados conheciam técnicas que Ender não sabia. A capacidade de fazer uma aterrissagem suave e absorver quase todo o choque, vôo de precisão, ajuste de curso usando os soldados congelados que flutuavam pela sala, gingas, piruetas, desvios, deslizar ao longo das paredes, uma manobra muito difícil e das mais valiosas, pois o inimigo não poderia ficar atrás de você.

Mesmo com Ender aprendendo o quanto ele não sabia, também viu coisas que podiam ser melhoradas. As formações muito bem ensaiadas eram um erro. Permitia que os soldados obedecessem as ordens gritadas instantaneamente, mas também significava que elas eram previsíveis. E também o soldado tinha pouca iniciativa. Uma vez estabelecido um modelo, deviam sempre voar de acordo com ele. Não havia espaço para ajustar-se ao que o inimigo fazia contra a formação. Ender estudou as formações de Bonzo como se fosse um comandante inimigo, anotando maneiras de romper a formação.

Durante o jogo livre, naquela noite, Ender pediu que Petra praticasse com ele.

— Não —, respondeu ela, — Quero ser comandante, um dia, e preciso ir jogar na sala de jogos.

Era comum que os professores monitorassem os jogos e identificassem os futuros comandantes. Ender duvidava. Os líderes de pelotão tinham melhor chance de mostrar o que poderiam fazer como comandantes do que qualquer jogador de vídeo.

Mas não quis discutir com Petra. A prática depois do café da manhã já era generosidade demais. E ele precisava praticar muito. Mas não podia

fazê-lo sozinho, exceto umas poucas técnicas básicas. A maior parte das coisas difíceis exigia parceiros ou times. Se ele tivesse ao menos Alai ou Shen para treinarem juntos.

E por que não poderia praticar com eles? Nunca ouvira falar de um soldado praticando com calouros, mas não havia regra contra isso. Só que nunca tinha sido feito. Calouros eram muito desprezados. Ender ainda era tratado como calouro. Precisava de alguém para exercitar-se e em troca podia ajudá-los a aprender algumas das coisas que viu os meninos mais velhos fazendo.

— Ei, o grande soldado está voltando! —, disse Bernard.

Ender estava na porta de seu velho alojamento. Só estivera longe por um dia, mas aquele lugar já lhe parecia diferente e os outros, de sua turma, também pareciam estranhos. Quase deu meia volta e afastou-se. Mas lá estava Alai, que tornara sua amizade sagrada. Alai não era um estranho.

Ender não fez nenhum esforço para ocultar como era tratado no Exército

Salamandra.

— Eles têm razão. Sou tão útil quanto um espirro num traje espacial.

Alai riu e outros calouros fizeram uma roda em sua volta. Ender propôs um pacto: jogo livre todos os dias, trabalho duro na sala de combate, sob sua direção. Aprenderiam coisas dos exércitos, dos combates a que Ender assistira, e ele pegaria a prática necessária para desenvolver as habilidades de um soldado.

— Vamos aprender juntos. Muitos meninos quiseram ir.

— Claro —, Ender concordou. — Se quiserem trabalhar duro. Se ficarem só peidando por aí, vão cair fora. Não tenho muito tempo para perder.

Mas não perderam tempo algum. Ender não tinha muito jeito para descrever o que tinha visto, nem para idealizar um meio de pô-las em prática. Mas quando terminou o jogo, já tinham aprendido algumas coisas. Estavam cansados, mas iam adquirindo algumas técnicas.

— Onde você estava? —, quis saber Bonzo.

Ender estava em posição de sentido, junto ao beliche de seu comandante.

— Praticando numa sala de combate.

— Ouvi dizer que tinha alguns de sua antiga turma de calouros.
— Não podia praticar sozinho.
— Não quero nenhum soldado do Exército Salamandra por aí com calouros. Agora, você é um soldado.
Ender olhou-o, em silêncio.
— Ouviu, Wiggin?

— Sim, senhor.

— Não quero que pratique mais com aqueles merdinhas.

— Posso falar com o senhor em particular? —, Ender pediu.

Era um pedido ao qual os comandantes eram obrigados a assentir. O rosto de Bonzo denotou mais raiva ainda, mas levou Ender para fora, no corredor.

— Escuta, Wiggin, eu não lhe quero, estou tentando me livrar de você, mas não me cause mais problemas ou vou esmagá-lo contra uma parede.

“Um bom comandante”, pensou Ender, “não precisa fazer ameaças estúpidas.”

Bonzo ficou ainda mais perturbado com o silêncio de Ender.

— Você pediu para vir aqui falar comigo.

— O senhor estava certo em não me colocar num pelotão. Não sei fazer nada.

— Não preciso que você me diga quando estou certo.

— Mas eu pretendo ser um bom soldado. Não vou estragar seus exercícios regulares, mas vou praticar com as únicas pessoas que querem praticar comigo, que são meus calouros.

— Você vai fazer o que eu lhe mando, seu putto.

— Muito bem, senhor. Vou obedecer todas as ordens que o senhor está autorizado a me dar. Mas jogo livre é livre. Não pode ser dada ordem alguma. Por ninguém.

Com a raiva que sentia Bonzo ficou com o rosto em brasa. Uma raiva assim era coisa ruim. A raiva de Ender era imperturbável e podia usá-la. A de Bonzo era explosiva, e este era usado por ela.

— Senhor, tenho de pensar em minha carreira. Não vou interferir em seu treinamento e em seus combates, mas preciso aprender em alguma hora. Não pedi para ser posto em seu exército e o senhor vai me trocar assim que puder. Mas ninguém vai me aceitar se eu não souber nada, não é? Deixe-me aprender algo e então poderá livrar-se de mim mais cedo, receberá um soldado que realmente possa usar.

Bonzo não era tão louco a ponto de a raiva impedi-lo de ter bom senso.

Mesmo assim, não conseguia livrar-se de sua ira rapidamente.

— Enquanto estiver no Salamandra, vai obedecer a mim.

— Se tentar controlar meu jogo livre, posso fazer com que o senhor seja congelado.

Provavelmente, não seria verdade. Mas era possível. Certamente, se Ender fizesse muito barulho sobre o assunto, Bonzo poderia ser removido do comando caso interferisse no jogo livre. Também havia o fato de que os oficiais obviamente viam algo em Ender, pois o promoveram. Talvez Ender tivesse influência bastante junto aos professores para gelar alguém.

— Filho da puta —, disse Bonzo.

— Não é culpa minha que o senhor tenha dado aquela ordem na frente de todo mundo —, disse Ender. — Mas se quiser, vou fingir que o senhor ganhou a briga. Amanhã poderá dizer-me que mudou de idéia.

— Não preciso de você para me dizer o que tenho de fazer.

— Não quero que os outros caras achem que o senhor recuou. Daí em diante, não poderia comandar tão bem.

Bonzo o estava odiando por isso, por sua bondade. Era como se Ender estivesse lhe concedendo o comando, como um favor. Perdendo terreno e sem escolha. Sem escolha para nada. Não ocorreu a Bonzo que a culpa era dele mesmo, por dar a Ender uma ordem irracional. Só sabia que Ender o derrotara e esfregou seu nariz na derrota, sendo magnânimo.

— Algum dia, eu como seu rabo.

— Pode ser —, respondeu Ender. A campainha de apagar as luzes soou. Ender voltou ao dormitório, com ar abatido. Com raiva. Os outros tiraram a conclusão óbvia.

Pela manhã, quando Ender ia sair para tomar o café, Bonzo interrompeu-o e disse, em voz alta:

— Mudei de idéia, tampinha. Talvez praticando com seus calouros, aprenda alguma coisa e poderei trocar você com mais facilidade. Qualquer coisa para livrar-me de você depressa.

— Obrigado, senhor.

— Qualquer coisa —, sussurrou Bonzo. — Espero que você seja congelado.

Ender sorriu, agradecido, e saiu. Depois do café praticou de novo com Petra. Durante toda a tarde, observou Bonzo exercitar-se e imaginou algumas maneiras de destruir o exército dele. Durante o jogo livre, ele, Alai e os outros treinaram até a exaustão. “Eu posso fazer isso”, pensou

Ender, enquanto estava em sua cama, músculos doendo, relaxando. “Eu posso enfrentá-lo.”

O Exército Salamandra teve um combate quatro dias depois. Ender seguiu atrás dos soldados de verdade, pelos corredores até a sala de combate. Havia duas faixas ao longo das paredes: verde-verde-marrom, do Salamandra, e preto-branco-preto, do Condor. Quando chegaram ao local onde a sala de combate sempre estivera, o corredor dividiu-se com verde-verde-marrom indo para a esquerda e preto-branco-preto para a direita. Mais uma curva para a direita e o exército parou defronte a uma parede lisa.

Os pelotões formaram, em silêncio. Ender estava atrás de todos. Bonzo estava dando suas instruções.

— A pega os corrimões e vai pra cima, B à esquerda, C à direita, D pra baixo. — Viu que os pelotões estavam orientados para seguir instruções, e então acrescentou: — E você, tampinha, espere quatro minutos, depois entre. Não tire a arma de seu traje.

Ender concordou. De repente, a parede atrás de Bonzo ficou transparente.

Não era uma parede, então, mas um campo de força. A sala de combate também era diferente. Grandes caixas marrons estavam suspensas no ar, obstruindo parcialmente a visão. Então estes eram os obstáculos que os soldados chamavam estrelas. Estavam distribuídos aparentemente ao acaso. Bonzo parecia não se importar com as posições deles. Os soldados pareciam saber como lidar com as estrelas.

Mas Ender logo percebeu, quando se sentou e passou a assistir a batalha desde o corredor, que eles não sabiam lidar com as estrelas. Não sabiam como pousar suavemente numa delas e usá-la para se proteger, a tática de ataque a posições inimigas numa estrela. Não pareciam ter a mínima idéia de quais estrelas importavam. Continuavam a atacar estrelas que poderiam ter sido contornadas, com a ajuda do corrimão, até uma posição mais avançada.

O outro comandante tirava vantagem de Bonzo negligenciar a estratégia. O Exército Condor forçou o Salamandra a árduos ataques. Cada vez menos salamandras eram descongelados para atacar cada nova

estrela. Estava claro, depois de cinco ou seis minutos, que o Exército Salamandra, atacando, não podia derrotar o inimigo.

Ender entrou pela porta. Deslizou um pouco para baixo. As salas de combate onde praticara sempre tiveram suas portas no nível do piso. Para combates reais, porém, a porta ficava no meio da parede, a igual distância do teto e do piso.

Abruptamente sentiu-se reorientando, como no ônibus especial. O que fora para baixo, agora era para cima, e depois, de lado. Em gravidade zero, não havia razão para ficar do jeito que estivera no corredor. Era impossível dizer, olhando para as portas perfeitamente quadradas, qual era a direção para cima. Nem importava. Agora, Ender descobrira a orientação que fazia sentido. O portão do inimigo era para baixo. O objetivo do jogo era cair na direção da casa do inimigo.

Fez os movimentos que o orientavam na nova direção. Em vez de estender os membros, apresentando todo seu corpo para o inimigo, as pernas agora apontavam para ele. Ficou um alvo muito menor.

Alguém o viu. Estava, afinal, planando sem objetivo, em campo aberto.

Instintivamente, dobrou os joelhos. Neste momento, foi atingido e as pernas de seu traje imobilizaram-se naquela posição. Seus braços, porém, estavam livres, pois sem um impacto direto no corpo, só os membros atingidos é que congelavam. Ocorreu a Ender que, se não estivesse com suas pernas na direção do inimigo, ele teria atingido seu corpo por inteiro. Estaria imobilizado.

Como Bonzo ordenara que não sacasse a arma, continuou a deslizar, sem mover a cabeça ou braços, como se estivesse congelado inteiro. O inimigo ignorou-o e concentrou o fogo nos soldados que disparavam contra ele. O combate estava sanguinário. Em inferioridade numérica, o Exército Salamandra cedia terreno. O combate fragmentou-se em uma dúzia de lutas individuais. Agora, a disciplina de Bonzo estava compensada, pois cada Salamandra que congelava levava pelo menos um inimigo com ele. Ninguém fugia ou entrava em pânico, todos ficavam calmos e apontavam com cuidado.

Petra era especialmente mortífera. O Exército Condor percebeu-a e fez um grande esforço para congelá-la. Primeiro congelaram o braço com que ela disparava, a quantidade de insultos que ela estava falando só foi interrompida quando foi inteiramente congelada e o capacete segurou

seu maxilar. Em poucos minutos, estava acabado. O Exército Salamandra não oferecia mais resistência.

Ender notou, com prazer, que os condores tinham cinco soldados para abrir o portão e conquistar a vitória. Quatro deles tocaram seus capacetes nos pontos iluminados nos quatro cantos do portão dos salamandras, enquanto o quinto passou pelo campo de força. Isto encerrou o jogo. As luzes voltaram à intensidade normal e Anderson saiu pela porta do professor.

“Eu poderia ter sacado minha arma”, pensou Ender, “quando o inimigo aproximou-se do portão. Eu poderia ter atirado em um deles e já seria o suficiente. O jogo estaria empatado. Sem quatro homens para tocar os cantos e um quinto para passar pelo portão, o Condor não teria vitória. Bonzo, seu burro, eu poderia tê-lo salvo desta derrota. Talvez até transformado em vitória, pois eles estavam sentados ali, como alvos fáceis, e de início não veriam de onde vinham os tiros. E eu poderia acertá-los.”

Mas ordens eram ordens e Ender prometeu obedecer. Teve alguma satisfação pelo fato de na contagem oficial, o Exército Salamandra registrou não os esperados 41 fora de ação ou eliminados, mas 40 eliminados e um ferido. Bonzo não conseguiu entender aquilo, até consultar o livro de Anderson e perceber quem era. “Ferido, Bonzo”, pensava Ender. “Mas eu ainda podia disparar.”

Esperou que Bonzo viesse até ele e dissesse: “Da próxima vez, quando for assim, você pode atirar.” Mas Bonzo não disse nada, até a manhã seguinte, depois do café. Claro, Bonzo comia no refeitório dos comandantes, mas Ender tinha certeza que a contagem causaria lá o mesmo impacto que no refeitório dos soldados. Em todo jogo que não fosse um empate, todos os membros do time perdedor eram eliminados, totalmente congelados, ou fora de ação, o que significava que tinham alguma parte do corpo ainda não congelada, mas que não lhes permitia disparar ou causar dano ao inimigo. O Salamandra era o único exército perdedor com um homem na condição ferido, mas ativo.

Ender não quis tomar a iniciativa de explicar seja o que for, mas os outros membros do Exército Salamandra sabiam o que acontecera. Quando outros meninos perguntaram por que ele não desobedeceu as ordens e disparou, ele calmamente respondeu:

— Eu estava obedecendo as ordens.

Depois do café, Bonzo foi procurá-lo.

— A ordem ainda vale e nunca se esqueça disso.

“Vai lhe custar caro, idiota. Eu posso não ser um bom soldado, mas ainda posso ajudar e não há razão porque me impedir.”

Ender nada disse.

Um interessante efeito colateral daquele combate foi que Ender subiu para o topo da lista de eficiência dos soldados. Como não dera um só tiro, tinha um registro perfeito: não errara nenhum. E como nunca fora eliminado ou ferido, nestes pontos sua percentagem era excelente. Ninguém chegava nem perto. Fez muitos rirem e outros não gostaram nada, mas na muito estimada lista de eficiência Ender era agora o primeiro.

Continuou a assistir aos exercícios e trabalhava duro em particular, com Petra, pela manhã, e com os amigos, à noite. Agora mais calouros estavam com eles, não para brincar, porque estavam vendo os resultados, estavam ficando cada vez melhores. Ender e Alai estavam à frente deles. Em parte porque Alai estava sempre experimentando coisas novas, o que forçou Ender a pensar em novas táticas, e também porque continuavam cometendo erros grosseiros, o que sugeria coisas a fazer que nenhum soldado que se prezasse e tivesse treinamento, jamais faria. Muitas coisas que tentavam, no final percebiam ser completamente inúteis. Mas era sempre engraçado, sempre uma novidade. Muitas coisas funcionavam e eles viam que ajudavam. A noite era a melhor hora do dia.

Os dois combates seguintes foram vitórias fáceis para o Salamandra, Ender entrou depois de cinco minutos e ficou intocado pelo inimigo derrotado. Começou a perceber que o Exército Condor, que os vencera, era notavelmente bom, o Salamandra, mesmo com a fraca compreensão que Bonzo tinha sobre estratégia, era um dos melhores, subindo constantemente na cotação, lutando pelo quarto lugar, com o Exército Rato.

Ender completou sete anos. Não eram muito favoráveis a datas e calendários na Escola de Guerra, mas Ender descobrira como fazer aparecer a data em sua carteira e percebeu quando era seu aniversário. A escola percebeu, também, tiraram suas medidas e enviaram-lhe um novo

uniforme de Salamandra e um novo traje espacial para a sala de combate. Voltou ao alojamento com a nova roupa.

Parecia esquisita, muito grande, como se a pele não se ajustasse mais a seu corpo.

Quis parar junto ao beliche de Petra para contar sobre sua casa, como costumavam ser seus aniversários e só dizer que fazia anos para ela cumprimentá-lo ou coisa assim. Mas ninguém falava sobre aniversários. Era infantil. Era coisa do pessoal lá da Terra. Bolos e costumes bobos. Valentine assou o bolo para ele em seu sexto aniversário. Não ficou nada bom. Ninguém mais sabia cozinhar e era o tipo de coisa maluca que Valentine gostava de fazer. Todos caçoavam dela por causa disso, mas Ender guardou um pedacinho no armário. Então tiraram seu monitor e foi embora e até onde soubesse ainda estava lá: um pedacinho de poeira amarelada, engordurada. Ninguém conversava sobre suas casas, não entre os soldados, não havia vida antes da Escola de Guerra. Ninguém recebia cartas ou escrevia, Todos fingiam não se importar.

“Mas eu me importo”, pensava Ender. “A única razão pela qual estou aqui é para que um *insectum* não dispare nos olhos de Valentine e não estoure sua cabeça como os soldados nos vídeos das primeiras batalhas. Ninguém vai abrir a cabeça dela com um raio e fazer seus miolos esfacelarem no crânio e se esparramarem, como acontece em meus piores pesadelos, nas piores noites, quando acordo tremendo, mas calado, preciso ficar calado, ou vão saber que sinto falta da família e quero ir pra casa.”

De manhã, era melhor. A casa era apenas uma dor remota no fundo de sua memória. Um cansaço nos olhos. Naquela manhã, Bonzo chegou, quando estavam se vestindo.

— Trajes espaciais! —, gritou. Era um combate. O quarto jogo de Ender.

O inimigo era o Exército Leopardo. Seria fácil. O Leopardo era novo e estava sempre nos últimos lugares. Fora organizado apenas seis meses antes, com Pol Slattery como seu comandante. Ender vestiu seu novo traje espacial e entrou na fila, Bonzo empurrou-o para fora e fez com que marchasse no fim. “Não precisava fazer isso”, Ender pensou consigo. “Podia ter me deixado na fila.”

Ender ficou olhando do corredor. Pol Slattery era jovem, mas agressivo, e tinha algumas idéias novas. Mantinha seus soldados sempre em movimento, pulando de estrela para estrela, deslizando pelas paredes para ficar atrás e acima dos inertes salamandras. Ender sorriu. Bonzo estava confuso, assim como seus homens. Os Leopardos pareciam ter homens em todos os lugares. Entretanto, o combate não era tão desigual quanto parecia. Ender notou que os Leopardos estavam perdendo muitos homens, também, suas táticas descuidadas os deixavam muito expostos. O que importava, porém, era que o Salamandra sentia-se derrotado. Perdera completamente a iniciativa. Mesmo que estivessem razoavelmente iguais aos inimigos, ajuntavam-se como os últimos sobreviventes de um massacre como se esperassem que os inimigos não os notassem, em meio à carnificina.

Ender deslizou lentamente para dentro, orientou-se de modo a considerar o portão do inimigo como para baixo e foi lentamente para o Leste, onde não seria notado. Até disparou em suas pernas, para segurá-las dobradas, o que lhe oferecia melhor proteção. Para um observador desatento, parecia mais um soldado congelado colocado inapelavelmente fora de combate.

Com o Exército Salamandra esperando vergonhosamente pela destruição, o Leopardo Só podia acabar com ele. Só tinham novos meninos, quando o Salamandra finalmente parou de lutar. Entraram em formação e começaram a abrir o portão dos salamandras.

Ender mirou cuidadosamente, com o braço esticado, como Petra lhe ensinara. Antes que alguém entendesse o que estava acontecendo, congelou três dos soldados que estavam para pressionar seus capacetes contra os cantos iluminados da porta. Então alguns outros localizaram-no e dispararam, mas de início só acertaram suas pernas, que já estavam congeladas. Isto deu-lhe tempo para acertar os últimos dois da porta. O Leopardo só tinha quatro homens não congelados quando Ender foi atingido no braço e imobilizado. O jogo estava empatado e não chegaram a acertá-lo no tronco.

Pol Slattery estava furioso, mas não havia nada de injusto. Todos no Exército Leopardo presumiam que aquilo fora uma estratégia de Bonzo, deixar um homem de reserva até o último minuto. Não lhe ocorreu que o pequeno Ender disparara desobedecendo ordens. Mas o Exército

Salamandra sabia. Bonzo sabia e Ender podia ver, pela maneira como seu comandante o observava, que Bonzo o odiava por salvá-lo da derrota total. “Não me importo”, Ender dizia intimamente. “Vai ser mais fácil trocar-me e você não vai cair tanto na classificação. Apenas troque-me por outro. Aprendi tudo o que poderia aprender com alguém como você. Perder com classe, é tudo o que você sabe fazer, Bonzo.”

“E eu, o que aprendi, até agora?” Ender fez uma lista de coisas em sua mente, enquanto tirava a roupa, junto a seu beliche. O portão do inimigo é para baixo. Em combate, usar as pernas como um escudo. Uma pequena reserva, conservada até o fim do jogo, pode ser decisiva. E os soldados, por vezes, podem tomar decisões que são mais inteligentes do que as ordens que receberam.

Despido, estava para subir para sua cama, quando Bonzo veio em sua direção, o rosto rígido e carrancudo. “Já vi Peter assim”, pensou Ender, “silencioso, com a morte no olhar. Mas Bonzo não é Peter. Bonzo tem mais medo.”

— Wiggin, finalmente consegui trocar você. Consegui persuadir o Exército Rato que seu incrível lugar na lista de eficiência é mais do que accidental. Vai pra eles amanhã.

— Obrigado, senhor.

Talvez tivesse soado agradecido demais. De repente, Bonzo virou-se para ele e apanhou em cheio seu queixo com um soco. Derrubou Ender de lado, por cima do beliche, e quase caiu. Então Bonzo socou-o fortemente no estômago. Ender caiu de joelhos.

— Você me desobedeceu —, disse Bonzo, em voz bem alta, para todos ouvirem. — Nenhum bom soldado jamais desobedece.

Mesmo chorando com a dor, Ender não deixou de sentir um prazer vingativo nos murmúrios que ouviu surgir no alojamento. “Bonzo, seu idiota. Você não está reforçando a disciplina, está acabando com ela. Eles sabem que eu transformei a derrota num empate. E agora eles vêm como você me recompensa. Você pareceu um tonto na frente de todos. De que vale sua disciplina, agora?”

No dia seguinte, Ender contou para Petra, para o bem dela, que a prática de tiro pela manhã precisaria terminar. Agora Bonzo não precisava de nada que parecesse um desafio a ele. Era melhor que ela ficasse longe de Ender por algum tempo. Ela entendeu perfeitamente.

— Além do que você está bem perto de ser um bom atirador.

Ele deixou sua carteira e traje espacial no armário. Ia usar seu uniforme de Salamandra até que pudesse ir ao intendente e trocá-lo pelo marrom e preto dos ratos. Não trouxe nenhum pertence consigo, não ia levar nada. Não havia nada para possuir, tudo o que havia de valor estava no computador da Escola ou em sua cabeça e mãos.

Usou uma das carteiras públicas da sala de jogos para matricular-se num curso de combate pessoal em gravidade terrestre durante a hora imediatamente após o café. Não queria vingar-se de Bonzo, porque apanhou dele. Mas pretendia que ninguém fosse capaz de fazer aquilo outra vez.

Rato

“Coronel Graff, antes os jogos sempre se desenrolaram com igualdade, distribuição aleatória ou simétrica das estrelas.”

“A equidade é uma bela virtude, major Anderson. Nada tem que ver com a guerra.” “O jogo ficará comprometido. As comparações ficarão sem significado.”

“É mesmo?”

“Vai levar meses ou anos para desenvolver as novas salas de combate e fazer as simulações.”

“Por isso que estou pedindo agora. Comece. Seja criativo. Pense na maior quantidade de arranjos de estrelas impossíveis e injustos, que você puder. Pense em outras maneiras de quebrar as regras: aviso tardio, forças desiguais. Depois faça simulações e veja quais são as mais difíceis e as mais fáceis. Queremos um desenvolvimento inteligente. Queremos fazê-lo evoluir junto.”

“Quando planeja fazê-lo comandante? Quando chegar aos oito anos?”

“Claro que não. Ainda não reuni o exército dele.” “Ah, então está também pensando nisso?”

“Está levando o jogo muito a sério, Anderson. Está esquecendo que é meramente um treinamento.”

“Também é status, identidade, objetivo, nome, tudo o que torna essas crianças aquilo que são deriva deste jogo. Quando todos souberem que o jogo pode ser manipulado, avaliado, trapaceado, vão acabar com toda esta escola. E não estou exagerando.”

“Eu sei.”

“Então espero que Ender Wiggin seja realmente o homem, porque você terá acabado com a eficácia de nosso treinamento por um tempo indeterminado.”

“Se Ender não for o homem, se seu pico de brilho militar não coincidir com a chegada de nossas esquadras nos planetas natais dos insecta,

então não importa qual seja nosso método de treinamento.”

“Espero que você me perdoe, coronel Graff, mas acho que devo relatar suas ordens e minha opinião sobre as conseqüências delas ao Strategos e ao Hegêmona.”

“E por que não a nosso querido Polemarca?” “Todos sabem que você o tem em seu bolso.”

“Quanta hostilidade, major Anderson. E pensei que éramos amigos.”

“E somos. Também acho que você pode ter razão a respeito de Ender. Só não acredito que você, sozinho, decida o destino do mundo.”

“Não acho nem correto eu decidir o destino de Ender Wiggin.” “Então não se importa se eu notificar a eles?”

“Claro que sim, seu burro abelhudo. Isto é algo a ser decidido por pessoas que sabem o que estão fazendo, não por esses políticos apavorados que conseguiram seus cargos porque são politicamente poderosos em seus países de origem.”

“Mas você entende por que estou fazendo isso.”

“Porque você é um filho da puta burocrata e cego. Acha que precisa se proteger, caso as coisas saiam errado. Muito bem: se as coisas não saírem bem, seremos bucha de canhão para os insecta. Então, confie em mim agora, Anderson, e não traga toda a Hegemonia pra cima de meu pescoço. O que estou fazendo já é difícil o bastante sem eles.”

“Será uma injustiça? Será que tudo se opõe a você? Você pode fazer isso com Ender, mas não consegue suportar, não é?”

“Ender Wiggin é dez vezes mais esperto e mais forte do que eu. O que estou fazendo com ele despertará seu gênio. Se eu mesmo passasse por tudo isso, eu seria esmagado. Major Anderson, sei que estou estragando o jogo e sei que você gosta dele mais do que qualquer outro menino que o jogue. Pode me odiar, se quiser, mas não me impeça.”

“Reservo-me o direito de comunicar-me com a Hegemonia e com os Strategos a qualquer momento. Mas por hora... faça como quiser.”

“Muitíssimo obrigado.”

— Ender Wiggin, o cabecinha de merda que está em primeiro lugar, que prazer tê-lo aqui conosco. — O comandante do Exército Rato estava deitado na cama de baixo, apenas com sua carteira. — Com você por perto, como algum exército pode perder? — Vários dos meninos por perto riram.

Não haverá dois exércitos mais opostos do que o Salamandra e o Rato. O quarto estava uma bagunça e barulhento. Depois de Bonzo, Ender pensara que a indisciplina seria um alívio. Mas aconteceu o contrário: descobriu que estava esperando quietude e ordem, e a desordem do lugar deixava-o pouco à vontade.

— Estamos indo bem Ender Bender. Eu, Rose, o Nariz, sou o garoto judeu extraordinário, e você não é nada, um tampinha de cabeça de alfinete de um *goy*. Não esqueça.

Desde que a EI fora formada, o Strategos das forças militares sempre fora um judeu. Havia o mito de que os generais judeus não perdiam guerras. E, até agora, isso tinha acontecido o que fazia os judeus na Escola de Guerra sonharem em ser um Strategos e dava-lhes prestígio desde o começo. Mas também causava ressentimentos. Muitas vezes, o Exército Rato era chamado de Força Kike: metade em elogio, metade como paródia da Força de Ataque de Mazer Rackham. Mesmo que um judeu americano, como presidente, fosse o Hegêmona da aliança, um judeu israelense fosse o Strategos no comando geral da defesa da EI e um judeu russo fosse o Polemarca da esquadra durante a Segunda Invasão, havia muitos que gostavam de lembrar que Mazer Rackham — mestiço de maori e neozelandês pouco conhecido, que já enfrentara duas cortes marciais — era o líder da Força de Ataque que rompera e, por fim, destruíra a frota dos *insecta* que atuava perto de Saturno.

“Se Mazer Rackham podia salvar o mundo, não importava nem um pouco se você fosse judeu ou não*”, diziam as pessoas.

Mas importava, e Rose, o Nariz, sabia. Ele mesmo zombava de si por açambarcar os comentários dos anti-semitas — quase todos a que derrotava em combate tornavam-se, pelo menos temporariamente, um perseguidor de judeus —, mas ele mesmo deixava bem claro para todos quem era. Seu exército estava em segundo lugar e disputando o primeiro.

— Eu peguei você, *goy*, porque não quero que as pessoas pensem que eu venço. Só porque tenho grandes soldados. Quero que saibam que mesmo com um tampinha de um soldado como você ainda posso ganhar. Por aqui só temos três regras. Faça o que eu mando e não mije na cama.

Ender fez que sim. Sabia que Rose queria que ele perguntasse qual era a terceira regra. E foi o que fez.

— Essas são as três regras. Não somos muito bons em matemática, por aqui.

A mensagem era clara. Vencer é mais importante que tudo.

— Suas sessões de prática com calouros de meia tigela acabaram, Wiggin. Para sempre. Você está agora num exército de meninos grandes. Você vai ficar no pelotão de Dink Meeker. De agora em diante, para você, Dink Meeker é Deus.

— Então, quem é você?

— O oficial que recrutou Deus —, Rose sorriu. — E você está proibido de usar sua carteira de novo até ter congelado dois soldados inimigos num mesmo combate. Esta ordem é pura autodefesa. Ouvi dizer que você é um grande programador. Não quero você se intrometendo com minha carteira.

Todos explodiram em gargalhadas. Levou algum tempo para Ender perceber por que Rose programara sua carteira para apresentar uma figura maior do que a natural dos órgãos genitais masculinos, que sacudiam para frente e para trás, enquanto Rose segurava a carteira no colo. “É bem o tipo de comandante com quem Bonzo me trocaria”, considerou Ender. “Como é que um menino que passa o tempo com essas coisas vence combates?”

Ender encontrou Dink Meeker na sala de jogos, mas ele não estava jogando, apenas olhava, sentado, os outros jogarem.

— Um cara me apontou você —, foi dizendo Ender. — Sou Ender Wiggin.

— Eu sei.

— Estou em seu pelotão.

— Eu sei.

— Sou muito inexperiente.

Dink ergueu os olhos para ele.

— Olhe, Wiggin, eu sei de tudo isso. Por que acha que pedi a Rose para me dar você?

Ele não fora jogado em qualquer lugar, fora escolhido, fora solicitado. Meeker o queria.

— Por quê? —, quis saber Ender.

— Observei suas sessões de prática com os calouros. Acho você promissor. Bonzo é idiota e eu queria que você recebesse treinamento melhor do que Petra podia dar-lhe. Tudo o que ela sabe fazer é atirar.

— Eu também precisava aprender atirar.

— Você ainda se move como se tivesse medo de molhar as calças.

— Então ensine-me.

— Então aprenda.

— Não vou abandonar minhas sessões de treino no tempo livre.

— Nem quero que você as deixe.

— Rose, o Nariz, quer.

— Rose, o Nariz, não pode impedir você. Da mesma maneira que não pode impedi-lo de usar a carteira.

— Pensei que comandantes podiam ordenar tudo.

— Eles podem ordenar que a Lua fique azul, mas não vai acontecer. Escute, Ender, comandantes têm a autoridade que você deixar que eles tenham.

Quanto mais obedecer, mais poder eles terão.

— Como impedir que eles me batam? —, Ender lembrava-se do soco de Bonzo.

— Pensei que era por isso que estava tendo aulas de ataque pessoal.

— Você tem me espionado mesmo, não é?

Dink nem respondeu.

— Não quero que Rose fique zangado comigo. Quero participar dos combates. Estou cansado de ficar sentado até o fim.

— Sua classificação vai cair.

Desta vez foi Ender quem não quis responder.

— Escuta, Ender, enquanto você for parte de meu pelotão, será parte do combate.

Ender logo aprendeu por quê. Dink treinava seu pelotão independentemente do resto do Exército Rato, com disciplina e vigor, nunca

consultava Rose e raramente o exército inteiro fazia manobras conjuntas. Era como se Rose comandasse um exército e Dink outro, muito menor, que por acaso treinava na sala de combate ao mesmo tempo.

Dink começou o primeiro treinamento pedindo a Ender para demonstrar sua posição de ataque com os pés para a frente. Os outros meninos não gostaram.

— Como podemos atacar, ficando deitados desse jeito?

Para surpresa de Ender, Dink não interferiu a seu favor junto aos meninos: “Vocês não estão atacando deitados de costas, estão caindo sobre eles.” Vira o que Ender estivera fazendo, mas não entendera a orientação em que isso implicava. Logo ficou claro para Ender que mesmo que Dink fosse muito bom, sua persistência em ater-se à orientação gravitacional do corredor, em vez de pensar no portão do inimigo como para baixo, estava limitando seu pensamento.

Treinararam o ataque a uma estrela dominada pelo inimigo. Antes de tentar o método de Ender, com os pés para a frente, foram de pé, com o corpo inteiro exposto como alvo. Mesmo assim, atingiam a estrela e então assaltavam o inimigo apenas de uma direção.

— Por cima! —, gritava Dink, e por cima eles iam. Para seu crédito, então repetiu o exercício, gritando:

— De novo, de cabeça para baixo! —, mas por causa de sua insistência em uma gravidade que não existia, os meninos ficavam pouco à vontade quando a manobra estava em curso, pois sentiam como se estivessem com vertigens..

Detestaram o ataque com os pés para a frente. Dink insistia que o usassem.

Como resultado disso, detestaram Ender.

— Temos de aprender como lutar com um calouro? —, um deles resmungava, mas de maneira que Ender ouvisse.

— Sim —, respondeu Dink. E continuaram treinando.

Acabaram aprendendo. Com vários treinos de luta, começaram a perceber que era muito mais difícil acertar um inimigo que vinha com os pés para a frente. Assim que se convenceram disso, treinaram a manobra com mais boa vontade.

Naquela noite, foi a primeira vez que Ender foi a uma sessão de treino depois de praticar toda uma tarde de trabalho. Estava cansado.

— Agora, você está num exército de verdade —, disse Alai. — Não precisa continuar treinando conosco.

— Com você, posso aprender coisas que ninguém sabe —, respondeu Ender.

— Dink Meeker é o melhor. Ouvi dizer que ele é o líder de seu pelotão.

— Então vamos lá. Vou lhe ensinar o que aprendi com ele hoje.

Pôs Alai e duas dúzias de outros meninos fazendo os mesmos exercícios que o desgastaram por toda a tarde. Mas acrescentou retoques às formações. Fez os meninos tentarem as manobras com uma perna congelada, com as duas pernas congeladas ou usando meninos congelados para dar apoio para mudar de direção.

Em certo momento, Ender notou Petra e Dink juntos, perto da porta, observando. Mais tarde, quando olhou de novo, já não estavam mais.

“Então eles estão me observando e o que estamos fazendo.” Ele não sabia se Dink era seu amigo, acreditava que Petra era, mas não tinha certeza. Podiam estar com raiva, porque ele estava fazendo o que apenas comandantes e líderes de pelotão faziam: exercitar e treinar soldados. Podiam estar ofendidos porque um soldado se dava tão bem com os calouros. Ficava inquieto por outras crianças estarem lhe vigiando.

— Pensei ter mandado que você não usasse sua carteira —, Rose, o Nariz, estava junto ao beliche de Ender.

Ender não ergueu os olhos.

— Estou completando a lição de trigonometria para amanhã.

Rose bateu na carteira de Ender com o joelho.

— Eu disse para não usar.

Ender colocou a carteira em cima da cama e levantou-se.

— Preciso de trigonometria mais do que de você.

Rose tinha pelo menos 40 centímetros a mais do que Ender. Mas Ender não estava muito preocupado. Não chegariam à violência física. E se chegassem, ele achava que poderia se defender. Rose era desleixado e não conhecia muito de combate pessoal.

— Vai cair na classificação, rapaz.

— Espero que sim. Eu só estava em primeiro lugar por causa da maneira idiota que o Exército Salamandra estava me usando.

— Idiota? A estratégia de Bonzo ganhou um par de jogos-chave.

— A estratégia de Bonzo não ganharia uma luta de marmelada. Eu estava violando as ordens todas as vezes que disparei minha arma.

Rose não sabia daquilo. Deixou-o irritado.

— Então tudo que Bonzo falou a seu respeito era mentira. Você não só é pequeno e incompetente, mas também é insubordinado.

— Mas transformei uma derrota em empate, e sozinho.

— Veremos como você se sai da próxima vez. — E Rose afastou-se. Um companheiro de pelotão de Ender meneou a cabeça:

— Você é muito besta, mesmo.

Ender olhou para Dink, que estava mexendo com sua carteira. Dink ergueu os olhos, e devolveu-lhe o olhar. Sem expressão. Nada. “Certo”, pensou Ender, “posso cuidar de mim mesmo.”

O combate veio dois dias depois. Era a primeira vez que Ender lutava como membro de um pelotão, estava nervoso. O pelotão de Dink alinhava-se contra o lado direito do corredor e Ender tomou cuidado para não se inclinar, não deixar seu peso inclinar-se para nenhum lado. Ficou equilibrado.

— Wiggin! —, chamou Rose, o Nariz.

Ender sentiu o medo lhe tomar e um arrepio o fez estremecer da cabeça aos pés. Rose percebeu.

— Está arrepiado? Tremendo? Não vá molhar as calças, calourinho —, Rose passou um dedo em gancho na coronha da arma de Ender e empurrou-o para o campo de força que escondia a sala de combate. — Vamos ver como se sai agora, Ender. Assim que essa porta se abrir, pule para dentro, vá direto para a frente, rumo à porta do inimigo.

Suicídio. Sem sentido, autodestruição irracional. Mas precisava seguir ordens, isto era um combate, não era a escola. Por um momento, Ender ficou com raiva em silêncio, depois acalmou-se.

— Excelente, senhor. A direção que eu disparar minha arma é a direção do principal contingente deles.

Rose riu.

— Não vai ter tempo de disparar nada, tampinha.

A parede desapareceu. Ender pulou para cima, segurou o corrimão do teto e lançou-se para baixo, acelerando para o portão do inimigo.

Era o Exército Centopéia. Eles mal começavam a emergir de seu portão quando Ender estava na metade da sala de combate. Muitos deles correram rapidamente para trás das estrelas, mas Ender dobrara as pernas debaixo de si e, segurando a pistola na altura do púbis, disparava entre as pernas e congelava muitos deles, assim que surgiam no portão.

Eles dispararam contra suas pernas, mas ele teve antes três preciosos segundos que impediram que os inimigos pudessem atingir seu tronco e o colocasse fora de ação. Congelou diversos outros, atirando sua arma com constância em várias direções. A mão que segurava a arma ficou apontando para o principal membro do Exército Centopéia. Disparou contra o inimigo, e então este o congelou.

Um segundo depois, chocava-se contra o campo de força do portão do inimigo e ricocheteava com um rodopio louco. Aterrissou no meio de um grupo de soldados inimigos atrás de uma estrela, eles o empurraram e giraram-no ainda mais rapidamente. Ficou ricocheteando fora de controle até o fim do combate. Não podia saber quantos homens congelara antes de ele mesmo ser congelado, mas achava que o Exército Rato ganhara, como de hábito.

Depois do combate, Rose não quis falar com ele. Ender ainda era o primeiro colocado, pois congelara três, colocara dois fora de ação e danificara sete.

Não houve mais conversa sobre insubordinação e sobre se podia usar sua carteira, Rose ficou em seu canto no dormitório e deixou Ender em paz.

Dink Meeker começou treinar a saída rápida do corredor: o ataque de Ender sobre o inimigo enquanto ele ainda estava saindo do portão fora devastador.

— Se um só pode causar todo esse dano, imagine o que todo um pelotão pode fazer.

Dink conseguiu fazer com que o major Anderson abrisse um portão no meio de uma parede, mesmo durante os exercícios, em vez de apenas o portão ao nível do chão, para que pudessem treinar simulando uma batalha. A novidade se espalhou. De agora em diante, ninguém podia

esperar dez ou 15 segundos no corredor para fazer a formação. O jogo mudara.

Mais combates. Desta vez Ender desempenhou o papel correto dentro de um pelotão. Cometeu erros. Lutas foram perdidas. Caiu de primeiro para segundo na classificação, depois para quarto. Depois, cometeu menos erros e começou a ambientar-se no pelotão, voltou ao terceiro lugar, segundo e, depois, primeiro.

Depois de treinar numa tarde, Ender ficou na sala de combate. Notara que usualmente Dink Meeker chegava tarde para jantar e presumiu que era porque se exercitava mais. Ender não estava com muita fome e queria ver o que Dink treinava, quando ninguém estava olhando.

Mas Dink não se exercitava. Ficava perto da porta, observando Ender.

Ender estava do outro lado da sala, observando Dink.

Nenhum dos dois falava. Estava claro que Dink esperava que Ender saísse.

Mas também ficava muito claro que Ender estava dizendo que não.

Dink deu as costas para Ender, pegou seu traje espacial e calmamente saiu flutuando. Voou lentamente até o centro da sala, muito lentamente, o corpo estava quase todo relaxando, suas mãos e braços pareciam flutuar nas correntes de ar que quase não existiam naquela sala.

Depois da velocidade e tensão do exercício, a exaustão, o alerta, era repousante observá-lo deslizar. Ficou assim por cerca de dez minutos, até ir a outra parede. Então impulsionou-se com força até seu traje espacial, para pegá-lo.

— Venha —, disse para Ender.

Foram para o dormitório. O aposento estava vazio, pois todos estavam jantando. Cada um foi a seu beliche e vestiram o uniforme normal. Ender foi até o beliche de Dink e esperou um pouco, até que ele ficasse pronto.

— Por que esperou? —, perguntou Dink.

— Não estava com fome.

— Bem, agora você sabe por que eu não sou um comandante. Ender já tinha pensado nisso.

— De fato, promoveram-me duas vezes e eu recusei.

— Recusou?

— Levaram meu velho armário e a carteira, designaram-me para uma cabine nova, de comandante, e deram-me um exército. Mas eu fiquei na cabine até que desistiram, e colocaram-me novamente em um exército como soldado.

— Por quê?

— Porque não quero que façam nada comigo. Não acredito que você não tenha percebido como é toda essa porcaria, Ender. Mas acho que é porque você ainda é pequeno. Esses outros exércitos, eles não são o inimigo. Os professores é que são o inimigo. Eles nos fazem lutar um contra o outro. O jogo é tudo. Ganhar, ganhar, ganhar. Tudo isso, para nada. Nós nos matamos, enlouquecemos tentando vencer uns aos outros e todo o tempo aqueles filhos da puta ficam nos espiando, nos estudando, descobrindo nossos pontos fracos, decidindo se somos bons o bastante ou não. Bons o bastante para quê? Eu tinha seis anos quando me trouxeram para cá. Que diabo eu sabia? Eles decidiram que eu era certo para o programa, mas ninguém perguntou uma Só vez se o programa era certo para mim.

— Então, por que não voltou para casa?

Dink sorriu, com uma careta:

— Porque não consigo desistir do jogo. — Deu um puxão no tecido do traje espacial, na cama, ao lado dele. — Porque adoro isso.

— Então, por que não vira comandante?

Dink meneou a cabeça:

— Nunca Olhe o que acontece com Rose. O cara ficou louco. Rose, o Nariz. Dorme aqui conosco, em vez de dormir em sua cabina. Por quê? Porque tem medo de ficar sozinho. Tem medo do escuro.

— Rose?

— Mas ele virou comandante e tem de agir como um. Não sabe o que está fazendo. Está ganhando, mas isso lhe dá mais medo ainda, porque não sabe o motivo de estar ganhando, Só que eu tenho algo a ver com isso. A qualquer momento alguém pode descobrir que Rose não é nenhum general israelense mágico que pode vencer, não importa o que aconteça. Ele não sabe por que alguém ganha ou perde. Ninguém sabe.

— Isso não quer dizer que ele seja louco.

— Eu sei, você já está aqui há um ano e acha que esta gente é normal. Mas eles não são. Nós não somos. Consulto a biblioteca, peço os livros em minha carteira. Os livros velhos, porque não nos dão nada novo, mas eu tenho uma boa noção do que são as crianças e nós não somos crianças. As crianças podem perder às vezes, e ninguém se importa. As crianças não vão para exércitos, não são comandantes, não dirigem 40 outras crianças, e isso é mais do que alguém pode suportar sem ficar meio louco.

Ender tentou lembrar-se de como eram as outras crianças, na escola, lá na cidade. Mas tudo de que podia lembrar-se era Stilson.

— Eu tinha um irmão. Um cara normal. Só pensava em meninas. E em voar. Ele queria voar. Costumava jogar bola com os outros. Era para acertar a bola num anel, correndo pelos corredores até que os oficiais da paz confiscassem a bola.

Nós nos divertíamos bastante. Ele estava me ensinando a driblar, quando fui convocado.

Ender lembrou-se de seu próprio irmão e a lembrança não estava lá. Dink entendeu de outra maneira a expressão no rosto de Ender.

— Ei, sabe, ninguém deve falar de casa Mas viemos de algum lugar. A Escola de Guerra não foi que nos criou. A Escola de Guerra não cria

nada Ela só destrói. E todos nós nos lembramos de coisas de casa. Talvez não sejam coisas boas, mas lembramos, e quando mentimos e fingimos que... escute, Ender, por que é que ninguém nunca fala de casa? Não mostra que isso é muito importante? Ninguém nunca reconhece isso... que droga!

— Não, tudo bem. Eu estava só pensando em Valentine. Minha irmã.

— Eu não estava querendo deixar você triste.

— Está bem. Eu não penso muito nela, porque sempre fico... assim.

— Isso mesmo, nunca choramos. Cristo, nunca pensei nisso. Ninguém chora, nunca. Realmente estamos tentando ser como adultos. Como nossos pais.

Aposto que seu pai era como você. Aposto que ele ficava quieto e agüentava tudo, e então explodia...

— Eu não sou como meu pai.

— Então talvez eu esteja enganado. Mas olhe para Bonzo. Ele tem um caso avançado de orgulho espanhol. Não se permite ter fraquezas. Ser melhor do que ele é um insulto. Ser mais forte, é como cortar o saco dele. É por isso que ele lhe odeia, porque você não sofreu quando ele tentou puni-lo. Ele lhe odeia por isso e, sinceramente, quer matá-lo. Está louco. Eles estão todos loucos.

— E você, não está?

— Sou meio louco também, amizadinha, mas, pelo menos, quando eu estiver totalmente louco, estarei flutuando sozinho no espaço. Os loucos vão sair flutuando, vão entrar pelas paredes. Só sairão quando houver combates e os menininhos baterem nas paredes, expulsando os outros loucos.

Ender sorriu.

— E você também é louco —, acrescentou Dink. — Vamos comer.

— Talvez você possa ser um comandante e não ser louco. Talvez saber algo sobre a loucura queira dizer que você não precisa ser totalmente louco.

— Não vou deixar esses putos me manipularem, Ender. Eles lhe pegaram, também, e não vão tratar você bem. Olhe só o que fizeram com você até agora.

— Não fizeram nada, senão me promover.

— E isso melhorou tanto a sua vida, né? Ender riu e meneou a cabeça:

— Então, talvez você tenha razão.

— Eles acham que vão lhe congelar. Não deixe.

— Mas é para isso que vim. Para eles me usarem como uma ferramenta.

Para salvar o mundo.

— Não posso acreditar que você ainda acredite nisso.

— Acreditar no quê?

— Na ameaça dos *insecta*. Salvar o mundo. Ouça, Ender, se os *insecta* estivessem a fim de voltar e nos pegar, já estariam aqui. Não estão nos invadindo de novo. Nós os vencemos e eles se foram.

— Mas os vídeos...

— Tudo da Primeira e Segunda Invasão. Seus avôs nem tinham nascido quando Mazer Rackham acabou com eles. Olhe bem. É tudo falso. Não há guerra alguma, e eles estão brincando conosco.

— Mas, por quê?

— Porque enquanto as pessoas estiverem com medo dos *insecta*, a EI pode ficar no poder, e enquanto a EI estiver no poder, certos países poderão conservar sua hegemonia. Mas continue analisando os vídeos, Ender. As pessoas vão perceber essa jogada bem depressa e haverá uma guerra civil para acabar com todas as guerras. Essa é a ameaça, Ender, não os *insecta*. E nessa guerra, quando ela vier, você e eu não seremos amigos. Porque você é americano, como nossos queridos professores. E eu não.

Foram para o refeitório e comeram, conversando de outras coisas. Mas Ender não podia parar de pensar no que Dink dissera. A Escola de Guerra era tão isolada, o jogo era tão importante nas mentes das crianças, que Ender esquecera que existia um mundo lá fora. Orgulho espanhol. Guerra civil. Política. A Escola de Guerra era mesmo um lugarzinho muito pequeno, não era?

Mas Ender não chegou a todas as conclusões de Dink. Os *insecta* eram reais. A ameaça era real. A EI controlava muita coisa, mas não controlava os vídeos e as redes de comunicação. Não onde Ender crescera. Na casa de Dink, na Holanda, com três gerações sob a hegemonia russa, talvez tudo estivesse controlado, mas Ender sabia que,

na América, mentiras não podiam durar muito tempo. Assim, ele acreditava.

Acreditava, mas a semente da dúvida já estava plantada, e, ocasionalmente, lançava uma raiz. Mudava tudo, ter aquela semente crescendo. Fazia Ender ouvir com mais cuidado o que as pessoas realmente queriam dizer, em vez daquilo que elas simplesmente diziam. Tornava-o mais sábio.

Não havia muitos meninos no exercício da noite, nem a metade.

— Onde está Bernard? —, perguntou Ender.

Alai sorriu. Shen fechou os olhos e fingiu uma abençoada meditação.

— Não ouviu dizer? —, perguntou outro menino, calouro de um grupo mais jovem. — Dizem que qualquer calouro que vier a seus exercícios não vai ser nada no exército de alguém. Dizem que os comandantes não vão querer soldados que foram prejudicados pelo seu treinamento.

Ender concordou.

— Mas do jeito que eu entendo —, completou o calouro — vou ser o melhor soldado que puder e qualquer comandante que entenda alguma coisa, vai me pegar, né?

— É —, disse Ender, para encerrar o assunto.

E continuaram com os exercícios. Cerca de meia hora depois, quando estavam praticando colisões com soldados congelados, vários comandantes com uniformes diferentes entraram. Notoriamente, estavam anotando nomes.

— Ei —, gritou Alai. — Soletrem direito meu nome!

Na noite seguinte, havia menos meninos. Agora Ender estava ouvindo as histórias, pequenos calouros sendo surrados nos banheiros ou tendo acidentes no refeitório e na sala de jogos ou tendo seus arquivos apagados pelos mais velhos, que quebravam o sistema original de segurança que guardava as carteiras dos calouros.

— Não vamos fazer exercícios esta noite —, disse Ender.

— O diabo que não —, replicou Alai.

— Dê alguns dias. Não quero nenhum dos meninos pequenos sendo machucados.

— Se você parar uma noite sequer, eles vão ver que esse tipo de coisa funciona. Como se você tivesse se acovardado com Bernard, quando ele estava sendo um porco.

— Além do que não somos medrosos e não nos importamos. Por isso você deve continuar nos ensinando. Precisamos de treino e você também —, disse Shen.

Ender lembrou-se do que Dink disse. O jogo era trivial, comparado com o mundo. Porque alguém deveria desistir de uma noite de sua vida por causa deste jogo tão estúpido?

— De qualquer modo, não conseguimos muito —, disse Ender, e começou a sair.

Alai deteve-o:

— Eles estão lhe pondo medo? Surraram você no banheiro? Enfiaram sua cabeça na privada? Alguém espetou uma arma em seu traseiro?

— Não.

— Ainda é meu amigo? —, perguntou Alai, mais calmo.

— Sim.

— Então eu ainda sou seu amigo, Ender, e fico aqui e faço os exercícios com você.

Os meninos mais velhos voltaram para observá-los, mas poucos eram comandantes. A maioria era de membros da cúpula de exércitos. Ender reconheceu os uniformes do Salamandra e alguns ratos. Desta vez não anotaram nomes, mas caçoavam e gritavam, tentando ridicularizá-los, enquanto eles treinavam técnicas difíceis que exigia muito de seus músculos. Alguns meninos começaram a ficar intimidados.

— Prestem atenção! —, Ender dizia a seus colegas. — Lembrem-se dessas palavras: se quiserem deixar louco o inimigo, gritem esse tipo de coisa para eles.

Eles fazem coisas erradas, quando estão com raiva, Mas nós, não.

Shen pegou logo a idéia e, depois de cada provocação dos meninos mais velhos, fez com que um grupo de quatro calouros recitassem as palavras, gritando, cinco ou seis vezes. Quando começaram a cantarolar o xingamento como cantiga de criança, alguns dos mais velhos pularam da parede, querendo brigar.

Os trajes espaciais foram projetado para lutas com feixes de luz inofen- sivos. Ofereciam pouca proteção e dificultavam os movimentos, num corpo-a- corpo em gravidade zero. De qualquer modo, metade dos meninos estava congelada e não podia lutar, mas a rigidez de suas roupas tornavam lhes muito úteis. Ender rapidamente ordenou que seus

calouros se reunissem num canto da sala. Os mais velhos riram deles ainda mais, e alguns, que ficaram esperando junto à parede, avançaram para unir-se ao ataque, vendo o grupo de Ender em retirada.

Ender e Alai decidiram lançar um soldado congelado para cima do inimigo. O calouro congelado foi com o capacete para a frente e os dois ricochetearam um contra o outro. O mais velho colocou a mão no peito, onde o capacete o atingira, e gritou de dor.

A brincadeira acabou. O restante dos veteranos também entrou na briga.

Ender não tinha muita esperança de que os meninos saíssem sem se machucar. Mas o inimigo estava avançando sem coordenação, nunca trabalharam juntos antes, enquanto o pequeno exército de Ender, mesmo só com uma dúzia, era muito unido e sabia trabalhar em equipe.

— Vão se foder! —, gritou Ender. Os outros riram. Reuniram-se em três grupos, pés juntos, agachados e, joelhos seguros pelos braços e mãos, formando pequenas estrelas contra a parede. — Vamos cercá-los e depois seguimos para a porta, Agora!

Ao sinal dele, as três estrelas explodiram, separando-se, cada menino saltou numa direção, mas em ângulo, para ricochetear numa parede e sair pela porta. Como todos os inimigos estavam no meio da sala, onde as mudanças de curso eram mais difíceis, essa manobra dos meninos se tornava fácil de ser praticada.

Ender ficou numa posição que no momento em que se impulsionou, encontrou-se com o soldado congelado que acabara de usar como míssil. O menino estava descongelado agora, e permitiu que Ender o usasse como trampolim para se arremessar em direção à porta. Infelizmente, este impulso fez Ender ser mandado para a direção oposta e em baixa velocidade. Isolado de todos seus soldados, Ender estava flutuando devagar e no fim da sala. Os veteranos estavam juntos. Deslocou-se para certificar-se de que todos os seus soldados estavam reunidos em segurança na outra parede.

Entretanto, o inimigo, furioso e desorganizado, acabara de localizá-lo. Ender calculava rapidamente quando atingira a parede, como faria para se impulsionar de novo. Ia demorar. Vários inimigos estavam indo em sua direção. Ender estava surpreso ao ver o rosto de Stilson entre eles.

Então estremeceu e percebeu que se enganara. Mas era a mesma situação e, desta vez, ninguém estava esperando um duelo singular. Não havia um líder, pelo que Ender sabia, e esses meninos eram bem maiores que ele.

Mas aprendera algumas coisas sobre deslocamento do peso nas aulas de combate pessoal e sobre a física dos objetos em movimento. Os combates dos jogos quase nunca acabavam em mano-a-mano, nunca se atingia um inimigo que já não estivesse congelado. Assim, nos poucos segundos que ainda lhe restavam, Ender tentou posicionar-se para receber seus convidados.

Por sorte, entre os inimigos poucos sabiam sobre lutar em gravidade zero e os que ensaiaram alguns socos, descobriram que isso era inútil, pois o corpo ia para trás assim que a mão era impulsionada para a frente. Mas havia alguns que estavam a fim de quebrar alguns ossos, como Ender logo viu. Porém ele não queria ficar por ali.

Ender apanhou um dos atacantes pelo braço e lançou-o com toda a força. Tirou de seu caminho o que restou do primeiro ataque, se bem que ainda não tivesse ficado perto da porta.

— Fiquem aí! —, gritou para seus amigos, que obviamente estavam formando para vir em seu auxílio. — Fiquem aí!

Alguém apanhou Ender pelo pé. O ponto de apoio serviu para que Ender pisasse forte na orelha e no ombro do outro menino, fazendo-o gritar e largá-lo. Se o outro tivesse largado, assim que Ender o pisou, teria se machucado menos e permitiria que Ender usasse a manobra para se impulsionar. Mas o menino o segurara fortemente, sua orelha estava rasgada e lançava sangue pelo ar. Ender flutuava ainda mais devagar.

“Estou fazendo tudo de novo”, pensou Ender. “Estou ferindo as pessoas, Só para me salvar. Por que não me deixam em paz, assim não preciso machucá-los?”

Mais três meninos vinham em sua direção e desta vez estavam agindo juntos. Mas precisavam agarrá-lo, antes que os machucasse.

Ender posicionou-se rapidamente, de modo que dois apanhassem seus pés, deixando as mãos livres para enfrentar o terceiro.

Morderam a isca. Ender agarrou os ombros do terceiro menino e puxou-o fortemente para cima, dando-lhe uma cabeçada no rosto, com o

capacete. Mais um grito e muito sangue. Os dois meninos que seguravam suas pernas estavam se debatendo com elas, tentando torcer. Ender atirou o menino com o nariz sangrando por cima de um deles, ficaram atrapalhados um com o outro e a perna de Ender ficou livre. Era coisa simples usar o outro, que o segurava ainda, para se apoiar e chutá-lo no saco, para livrar-se dele e, ao mesmo tempo, voar em direção da porta. Não se lançou muito bem e sua velocidade não foi grande, mas não importava. Ninguém estava atrás dele.

Juntou-se a seus amigos na porta. Eles o apanharam e levaram-no embora. Estavam rindo e batendo em suas costas:

— Você é mau! —, diziam. — Você é de assustar! Você é fogo!

— O exercício acabou, por hoje.

— Eles vão voltar amanhã —, respondeu Shen.

— Não vai ser nada bom, para eles —, comentou Ender. — Se vierem sem traje espacial, vamos repetir a dose. Se vierem com os trajes, vamos congelá-los.

— Além do que os professores não vão deixar que isso aconteça —, disse Alai.

Ender lembrou-se do que Dink lhe contara e imaginou se Alai estava certo.

— Ei, Ender —, exclamou um dos outros meninos, quando Ender estava saindo da sala de combate. — Você é ninguém! Você não vai ser nada!

— Meu antigo comandante, Bonzo, acho que ele não gosta de mim —, disse Ender.

Naquela noite Ender verificou as baixas na carteira. Quatro meninos apareceram no relatório médico. Um com costelas quebradas, um com um testículo

ferido, um com uma orelha rasgada e outro com nariz quebrado e um dente solto. A causa do ferimento era a mesma, em todos os casos:

Colisão acidental em gravidade zero.

Se os professores estavam deixando este tipo de informação aparecer num relatório oficial, era Óbvio que não pretendiam punir ninguém pela

luta que aconteceu na sala de combate. Será que ninguém vai fazer nada? Não se importam com o que acontece nesta Escola?

Como tinha voltado ao dormitório mais cedo do que o usual, chamou o jogo de fantasia em sua carteira. Fazia muito tempo que não o jogava. Por isso, não recomeçou no ponto onde tinha parado, mas pelo cadáver do Gigante. Só que agora mal podia ser identificado como um cadáver, a menos que se ficasse a uma certa distância. O corpo estava corroído como se fosse uma colina, recoberto de grama e trepadeiras. Só os ossos brancos do rosto do Gigante ainda eram visíveis e pareciam calcáreo, destacando-se de uma montanha desgastada.

Ender não estava com vontade de lutar com as crianças-lobo de novo, mas, para sua surpresa, elas não estavam mais por lá. Talvez, mortas uma vez, nunca mais apareciam. Isso deixou-o um pouco triste.

Pelos túneis chegou no subterrâneo. Depois caminhou até a beirada do penhasco encontrando a linda floresta. Novamente, jogou-se para baixo e uma nuvem o apanhou, para em seguida, levá-lo ao aposento na torre do castelo.

A serpente começou a desenrolar-se do tapete, mas desta vez Ender não hesitou. Pisou na cabeça dela e esmagou-a com o pé. Ela se retorceu debaixo dele e, em resposta, ele pisou com mais força e esfregou-a contra o piso de pedra. Por fim, ela ficou quieta. Ender pegou-a e sacudiu-a, até que ela se desenrolou e o desenho do tapete desapareceu. Depois, ainda arrastando a serpente atrás de si, começou a procurar por uma saída.

No entanto, descobriu um espelho. E nele viu um rosto familiar. Era Peter, com sangue pingando pelo queixo e a cauda de uma serpente saindo de um canto da boca.

Ender gritou e jogou a carteira para longe. Os poucos meninos que estavam no dormitório ficaram alarmados com o barulho, mas ele pediu desculpas e disse que não era nada. Olhou de novo para a carteira. Sua figura ainda estava lá, olhando para o espelho. Tentou pegar algum móvel para quebrar o espelho, mas nada podia ser movido. O espelho também não saía da parede. Por fim, Ender jogou a cobra contra o espelho. O espelho estilhaçou, deixando um buraco na parede. Do buraco saíram dúzias de cobrinhas, que logo morderam sua figura. Arrancando cobras de si, a figura caiu e morreu.

A tela ficou em branco e surgiram as palavras:

Quer jogar de novo?

Ender desligou e pôs a carteira de lado.

No dia seguinte, diversos comandantes foram visitar Ender ou mandaram soldados para dizer-lhe que não se preocupasse, que a maioria deles achava que as sessões de treinamento extra eram uma boa idéia e que deveriam continuar. E para certificar-se de que ninguém

incomodaria, estavam enviando alguns de seus soldados que precisavam de treinamento extra.

— São do tamanho dos *insecta* que o atacaram a noite passada. Agora, antes, vão ter de pensar duas vezes.

Mas, em vez de uma dúzia de meninos, havia 45 naquela noite, mais que um exército. Nenhum de seus inimigos apareceu, não sabia se era por causa da presença de veteranos a seu lado ou porque tiveram o bastante na noite anterior.

Ender não voltou ao jogo de fantasia. Mas ele vivia em seus sonhos.

Continuava a lembrar-se como era matar a cobra, esmagá-la, da maneira que ele cortou a orelha daquele menino, como acabou com Stilson, como quebrou o braço de Bernard. E depois, levantar-se, olhar o corpo de seu inimigo e descobrir o rosto de Peter olhando para ele, do espelho. “Esse jogo sabe demais a meu respeito. Esse jogo conta mentiras sujas. Eu não sou Peter. Eu não tenho a morte em meu coração.”

O pior medo que sentia era que fosse mesmo um exterminador, só que melhor do que Peter jamais seria. Em sua personalidade, era isso que agradava nos professores. Precisavam de exterminadores para as guerras contra os *insecta*. Gente que pode esmagar o rosto do inimigo no chão e esparramar o sangue dele pelo espaço.

“Bem, eu sou seu homem. Sou o filho da puta sanguinário que queriam, quando me recrutaram. Sou sua ferramenta e que diferença faz se eu odeio a parte de mim de que vocês mais precisam? Que diferença faz se, quando as cobrinhas me mataram no jogo, eu concordei com elas e gostei?”

Locke e Demóstenes

“Não lhe chamei aqui para perder tempo. Como, diabos, o computador fez aquilo?” “Eu não sei.”

“Como ele poderia ter pego um retrato do irmão de Ender e colocado nos gráficos da rotina da Terra das Fadas?”

“Coronel Graff. Eu não estava presente quando ele foi programado. Tudo o que sei é que o computador nunca levou ninguém a esse lugar antes. A Terra das Fadas já é estranha por si só, mas isso já não é mais a Terra das Fadas. Está além do Fim do Mundo e...”

“Eu sei os nomes dos lugares. Só não sei o que eles significam.”

“A Terra das Fadas foi realmente programada. É mencionada em poucos lugares. Mas não há nada que fale do Fim do Mundo. Não temos nenhuma experiência com ele.”

“Não gosto de ter o computador brincando com a mente de Ender desse jeito. Peter Wiggin é a pessoa mais forte de sua geração, exceto talvez por sua irmã, Valentine.”

“E o jogo mental é projetado para ajudar a moldá-los, ajudá-los a descobrir palavras com as quais possam ficar à vontade.”

“O senhor não entende, não é, major Imbu? Não quero que Ender sintasse à vontade com o Fim do Mundo. Nosso objetivo aqui é não ficar a vontade com o Fim do Mundo!”

“O jogo do Fim do Mundo não é necessariamente o fim da humanidade, na Guerra dos Insecta. Para Ender, tem um significado individual.”

“Muito bem, qual significado?”

“Não sei, senhor. Eu não sou o menino.

Pergunte a ele.” “Major Imbu estou perguntando ao senhor.”

“Poderia haver mil significados.” “Tente um.”

“O senhor tem isolado o menino. Talvez ele esteja desejando pelo fim deste mundo, a Escola de Guerra. Ou talvez seja a respeito do fim do mundo em que ele viveu enquanto criancinha, sua casa, e quando veio para cá. Ou talvez seja a maneira de ele enfrentar o fato de ter machucado tantos outros meninos. Ender é muito sensível, sabe, e machucou muitas pessoas, talvez esteja desejando o fim deste mundo.”

“Ou nada disso.”

“O jogo da mente é uma relação entre a criança e o computador. Juntos, eles criam histórias. As histórias são verdadeiras, no sentido de refletir a realidade da vida da criança. Isso é tudo o que sei.”

“E vou dizer-lhe o que eu sei, major Imbu. Aquele retrato de Peter Wiggin não é coisa que possa ter sido tirada de nossos arquivos aqui da escola. Não temos nada neles, eletronicamente ou não, desde que Ender veio para cá. E aquele retrato é recente.”

“Passou-se apenas um ano e meio, senhor, o menino não deve ter mudado muito.” “Atualmente, está usando penteado totalmente diferente. Sua boca foi mudada, pela ortodontia. Recebi uma foto recente, da Terra, e comparei. A única maneira pela qual o computador da Escola de Guerra poderia ter obtido aquela fotografia seria requisitando-a de um computador da Terra. E nenhum comunicou-se com a EI. Isso exige poderes para requisição. Não podemos simplesmente ir até o Condado de Guilford, Carolina do Norte, e apanhar uma foto dos arquivos da escola. Alguém da Escola autorizou isso?”

“O senhor não entende. O computador da Escola de Guerra é apenas parte da rede da EI. Se nós quisermos um retrato, precisamos conseguir uma requisição, mas se o programa do jogo da mente determinar que o retrato é necessário, então...”

“Simplesmente pode ir pegar.”

“Não é por qualquer motivo. Só quando é para o bem da criança.”

“Certo, é para o bem dele. Mas, por quê? O irmão dele é perigoso, foi rejeitado para este programa porque é um dos piores seres humanos que já encontramos. Por que ele é tão importante para Ender? Por que, depois de todo esse tempo?”

“Honestamente, senhor, não sei. E o programa do jogo da mente é projetado para não nos dizer isso. Talvez nem ele mesmo saiba. Esse

território ainda não foi mapeado.”

“Quer dizer que o computador está inventando essas coisas, à medida que o jogo progride?”

“É, pode-se dizer que sim.”

“Bem, isso faz-me sentir um pouco melhor. Pensei que eu era o único que agia assim.”

No quintal cheio de árvores, de sua nova casa de Greensboro, Valentine estava celebrando sozinha o oitavo aniversário de Ender. Juntou um punhado de folhas de pinheiro e rabiscou seu nome na terra com um graveto. Depois fez uma fogueira com gravetos e folhas. A fumaça foi subindo e se entrelaçou com os galhos e folhas do pinheiro. “Até o espaço, lá no alto”, disse ela consigo mesma.

“Lá no alto, até a Escola de Guerra.”

As cartas que ela escrevia nunca chegavam e, pelo que sabiam, as cartas que os meninos enviavam também não chegavam a seu destinatário. Pouco depois de Ender ser levado, o pai e a mãe sentavam-se à mesa e digitavam cartas para ele, quase todos os dias. Depois começaram a escrever uma vez por semana e quando perceberam que não vinha resposta, uma vez por mês. Agora passaram-se dois anos desde que ele se fora e não houve carta alguma, nem se lembraram de seu aniversário. “Ele está morto”, pensou ela amargurada, “porque nós nos esquecemos dele.”

Mas Valentine não o esquecerá. Não queria que os pais soubessem e, acima de tudo, nunca deixou transparecer a Peter o quanto pensava em Ender. Escrevia às escondidas as cartas, sabia que não seriam respondidas. E quando a mãe e o pai anunciaram-lhes que iam mudar para uma cidade da Carolina do Norte, Valentine sabia que não esperavam mais ver Ender. Deixaram o único lugar onde ele podia encontrá-los. Como Ender os acharia na nova casa, entre essas árvores, sob esse céu pesado e mutável? Ele vivera enfiado em corredores por toda sua vida e se ainda estava na Escola de Guerra, conhecia pouco a natureza. O que ele acharia disso?

Valentine sabia o porquê desta mudança de casa. Era por causa de Peter, para que, vivendo entre as árvores e os animais, em contato como

a natureza em sua forma pura, como a mãe e o pai podiam imaginá-la, pudesse ter uma influência suavizadora sobre seu estranho e assustador filho. E, de certa forma, tinha. Peter reagiu de imediato. Fazia longas caminhadas pelo campo, abrindo picadas na floresta e saindo pelos campos, às vezes excursionava, por um dia inteiro, levando apenas em sua mochila um ou dois sanduíches, sua carteira e um canivete no bolso.

Mas Valentine sabia. Vira no chão um esquilo com a pele arrancada, espetado com graveto nas quatro patas. Ela imaginava como Peter o apanhara, o espetara na terra e, depois, como o abriu e tirou a pele sem romper o abdome, observando os músculos se contraindo e estremecendo. Quanto tempo levou para aquele esquilo morrer? E todo o tempo, Peter ficou sentado, ali perto, encostado na árvore onde talvez fosse a casa do esquilo, brincando com a carteira, enquanto a vida do animalzinho acabava.

De início, ela ficou horrorizada. No jantar quase vomitou, ao observar como Peter comia e conversava tão animadamente. Mas depois reconsiderou e percebeu que, talvez, para Peter era uma espécie de mágica, como as fogueirinhas dela, um sacrifício que, de certa forma, acalmava os deuses tenebrosos que estavam à caça da alma dele. Melhor torturar esquilos do que outras crianças. Peter sempre fora um senhor da dor, plantando-a, nutrindo-a e devorando-a avidamente quando estava madura. Melhor tomá-la em pequenas e fortes doses do que ser cruel com as outras crianças da escola.

— Um aluno-modelo —, diziam seus professores. — Gostaríamos de ter mais 100 na escola como ele. Estuda todo o tempo e traz todas as lições no prazo. Ele adora aprender.

Mas Valentine sabia que era tudo fingimento. Peter adorava aprender, era verdade, mas os professores jamais lhe ensinaram algo. Ele aprendia por meio da carteira, em casa, consultando bibliotecas e banco de dados, estudando e pensando e, acima de tudo, conversando com Valentine. Mas na escola, ele fingia estar animado com a banal lição do dia. “Oh, uau, eu não sabia que os sapos eram *assim* por dentro”, dizia ele. Depois, em casa, estudava a composição das células em organismos, por meio da comparação filótica do DNA. Peter era um mestre da adulação e todos seus professores faziam o jogo dele.

Mesmo assim, era bom. Peter não brigava mais. Não provocava ninguém. Dava-se bem com todos. Era um novo Peter.

Todos acreditavam nisso. O pai e a mãe falavam tanto isso que Valentine ficava com vontade de gritar com eles. “Não é um novo Peter! É o velho Peter, Só que mais esperto! Esperto, o quanto? Mais esperto que *você*, papai. Mais esperto que *você*, mamãe. Mais esperto que qualquer um que vocês conheceram. Mas não é mais esperto do que eu.”

— Estive decidindo se irei matá-la ou não —, disse Peter.

Valentine encostou-se no tronco do pinheiro, sua fogueirinha era apenas um montinho de cinzas.

— Eu amo você também, Peter.

— Seria tão fácil. Você sempre faz essas estúpidas fogueirinhas. É Só dar-lhe um soco e fazê-la desmaiar. Depois, jogá-la no fogo. Você é tão maníaca pelo fogo.

— E eu tenho pensado em castrar você, enquanto dorme.

— Não tem, não. Você só pensa em coisas assim quando estou com você. Eu provoço o que há de melhor em você. Não, Valentine, decidi não matá-la. Decidi que você vai me ajudar.

— Eu vou?

Alguns anos antes, Valentine ficaria aterrorizada com as ameaças de Peter.

Agora, porém, ela não tinha tanto medo. Não que duvidasse que ele fosse *capaz* de matá-la. Não conseguia pensar em nada tão terrível que Peter não pudesse fazer. Também sabia que ele não era louco, não no sentido de perder o autocontrole. Ele tinha um autocontrole melhor do que o de qualquer um. Exceto quando se tratava dela mesma. Peter podia retardar qualquer desejo, enquanto quisesse, podia ocultar qualquer emoção. Valentine, assim, sabia que ele nunca a feriria num ataque de raiva. Só o faria se as vantagens superassem em muito os riscos. E não superavam. De certa forma, preferia Peter a outras pessoas, por causa disso. Ele sempre agia por um interesse egoísta inteligente. Para manter-se a salvo, ela *só* precisava demonstrar a ele que era interessante mantê-la viva, em vez de matá-la.

— Valentine, as coisas estão atingindo um pico. Fiquei sabendo de movimentos de tropas na Rússia.

— Do que está falando?

— Do mundo, Vai. Conhece a Rússia? O grande império? O Pacto de Varsóvia? Governadores da Eurásia, da Holanda ao Paquistão?

— Eles não põem no jornal os movimentos de tropas.

— Claro que não. Mas publicam seus horários de trens de passageiros e de carga. Pus minha carteira para analisar esses horários e descobrir quando os trens secretos estão viajando nas mesmas linhas. Fiz esse trabalho nesses três anos. Nos últimos seis meses, eles aceleraram. Estão se preparando para a guerra. Uma guerra terrestre.

— Mas e a Liga? E os *insecta*? —, Valentine não sabia o que Peter queria, mas ele sempre começava discussões como estas, discussões práticas sobre os acontecimentos mundiais. Ele a usava para testar as idéias, para aperfeiçoá-las. No processo, ela também aperfeiçoava seu próprio pensamento. Descobriu que, enquanto raramente concordava com Peter sobre o que o mundo deveria ser, dificilmente discordavam sobre o que o mundo, de fato, era. Tornaram-se bastante hábeis em filtrar informações precisas das histórias dos jornalistas tendenciosos. “O rebanho noticioso, como Peter os chamava.”

— O Polemarca é russo, não é? E sabe o que está acontecendo com a Esquadra. Ou descobriram que os *insecta* não são uma ameaça, ou estamos às vésperas de uma grande batalha. De uma forma ou de outra, a Guerra dos *Insecta* está para acabar. Estão preparando-se para o Pós-guerra.

— Se estão deslocando tropas, deve ser sob o comando do Strategos.

— É tudo interno, dentro do Pacto de Varsóvia.

Isso era perturbador. A fachada de paz e cooperação não sofrera perturbação desde o começo das Guerras dos *Insecta*. O que Peter percebeu era uma perturbação fundamental na ordem do mundo. Ela fizera uma análise, com o maior discernimento possível, da maneira que o mundo era antes que os *insecta* forçaram a paz.

— Então voltamos a ser como era antes. Com poucas mudanças. Os escudos fazem com que ninguém mais se preocupe com armas nucleares. Precisamos matar uns aos outros aos milhares, em vez de aos milhões —, Peter sorriu. — Val, tinha de acontecer. Agora mesmo existe um vasto exército e Esquadra Internacional, com hegemonia americana. Quando a Guerra dos *Insecta* terminar, todo esse poderio

desaparecerá, porque está todo construído em cima do medo dos *insecta*. De repente, vamos olhar à volta e descobrir que todas as antigas alianças acabaram, menos uma: o Pacto de Varsóvia. E será o dólar contra cinco milhões de lasers. Temos o Cinturão de Asteróides, mas eles ficarão com a Terra e as hortaliças acabam logo lá em cima, sem a Terra.

O que incomodava mais Valentine era que Peter não parecia nem um pouco preocupado.

— Peter, imagino que você está pensando nisso como uma oportunidade de ouro para você mesmo, certo?

— Para nós dois, Val.

— Peter, você só tem 12 anos. E eu tenho dez. Eles têm uma palavra para gente de nossa idade. Eles nos chamam de crianças e tratam-nos como ratos.

— Mas nós não pensamos como as outras crianças, não é Val? Não falamos como as outras crianças. E acima de tudo, não escrevemos como as outras crianças.

— Para uma discussão que começou com ameaças de morte, Peter, acho que nos desviamos um pouco do assunto. — Mesmo assim, Valentine surpreendeu-se ficando animada. Escrever era algo que ela fazia melhor do que Peter. Os dois sabiam disso. Peter até comentara o assunto uma vez, quando disse que podia ver o que as pessoas mais odiavam a respeito de si mesmas, e as provocava com isso, ao passo que Val sempre podia ver aquilo que as pessoas mais apreciavam em si mesmas, e as adulava. Era uma maneira cínica de dizer, mas era verdade. Valentine podia persuadir outras pessoas a adotar seu ponto de vista, podia convencer qualquer um sobre qualquer coisa. Peter, por outro lado, só podia fazê-los temer o que quisesse. Quando ele apontou isso para Val, ela ficou ressentida. Quisera acreditar que era boa para convencer as pessoas por ter razão, não porque era esperta. Mas por mais que dissesse a si mesma que não queria explorar as pessoas da maneira como Peter fazia, ela gostava de saber que, por outro lado, podia controlar as outras pessoas. Não só controlar o que faziam. Podia controlar, de certa maneira, o que queriam fazer. Tinha vergonha de sentir prazer com este poder, mas usava-o, ocasionalmente. Fazia os professores seguir a sua vontade, bem como outros alunos. Fazer o pai e

a mãe seguirem suas vontades. As vezes, conseguia persuadir até mesmo Peter. Era a coisa mais assustadora, podia entender Peter perfeitamente, ter empatia com ele o suficiente, para entrar dentro dele. Havia mais de Peter dentro dela do que gostaria de admitir, mesmo que por vezes se atrevesse a pensar neste assunto.

Foi o que pensou, quando Peter falou: “Você sonha com o poder, Peter, mas à minha maneira, sou mais poderosa do que você.”

— Estive estudando história —, respondeu Peter. — Estive aprendendo coisas sobre os padrões do comportamento humano. Há épocas em que o mundo está-se reorganizando, e nessas ocasiões as palavras certas podem mudar o mundo. Pense no que Péricles fez em Atenas e Demóstenes...

— Sim, conseguiram arrasar Atenas duas vezes.

— Péricles, sim. Mas Demóstenes estava certo sobre Filipe...

— Ou provocou-o...

— Vê? É o que os historiadores sempre fazem, ficam discutindo causa e efeito todo o tempo, enquanto o ponto é que há ocasiões em que o mundo está em fluxo e a voz certa no lugar certo pode mover o mundo. Thomas Paine e Benjamin

Franklin, por exemplo, Bismarck, Lênin.

— Não são bem casos paralelos, Peter. — Agora ela estava discordando só por hábito. Percebia o que o outro queria dizer, e pensava também que poderia ser possível.

— Não esperava que você acreditasse. Você ainda acredita que os professores sabem algo que valha a pena aprender.

“Eu entendo mais do que você pensa, Peter.”

— Então você se vê como um Bismarck?

— Vejo a mim mesmo como alguém que sabe conscientizar o povo. Nunca lhe aconteceu, Val, de ter dito uma frase superinteligente, e duas semanas ou um mês depois, ouve um adulto dizendo a mesma coisa a um outro adulto, os dois estranhos? Ou ouve num vídeo ou numa rede?

— Sempre pensei ter ouvido, mas achei que eu tinha inventado.

— Está errada. Há talvez apenas duas ou três mil pessoas tão inteligentes como nós, irmãzinha. A maioria delas está trabalhando em

algum lugar. Ensinando pobres coitados ou pesquisando. Poucas estão em posições de poder.

— Acho que somos das poucas de sorte.

— Engraçado como um coelho de uma só perna, Val.

— Coisa que, sem dúvida, se encontra muito nestes bosques.

— Mancando em lindos círculos.

Valentine riu da imagem cruel e odiou a si mesma por achar graça.

— Val, sabemos dizer as coisas que todos os outros estarão dizendo duas semanas depois. Podemos fazer isso. Não precisamos esperar até crescer para sermos colocados em alguma carreira.

— Peter, você só tem 12 anos!

— Não, nas redes, não tenho. Nas redes, posso assumir qualquer nome e você também.

— Nas redes somos claramente identificados como estudantes e nem podemos entrar nas discussões de verdade, exceto como ouvintes o que significa que não podemos falar coisa alguma.

— Tenho um plano.

— Você sempre tem. — Ela fingiu desinteresse, mas estava ouvindo ansiosamente.

— Se papai nos der seu acesso de cidadão, podemos entrar nas redes como adultos de verdade, com o apelido que quisermos ter.

— E por que ele faria isso? Já temos acesso de estudantes. O que vai dizer? Preciso do acesso de cidadão para dominar o mundo?

— Não, Val. Não vamos dizer nada para ele. Você vai dizer-lhe como está preocupada comigo. Como estou me esforçando na escola, mas sabe que isso está me deixando maluco, porque não consigo conversar com ninguém realmente inteligente. Todos me desprezam, porque sou muito jovem. Nunca consigo conversar com crianças de minha idade. Você pode dizer que o estresse está tomando conta de mim.

Valentine pensou no cadáver do esquilo no bosque, e percebeu que mesmo aquela descoberta era parte do plano de Peter. Ou pelo menos, depois de ter acontecido, tornara aquilo como parte de seu plano.

— Então você consegue que ele nos autorize a compartilhar de seu acesso de cidadão. Adotaremos outras identidades, para esconder quem somos, para que as pessoas tenham o respeito intelectual que merecemos.

Valentine podia desafiá-lo nas idéias, mas nunca em coisas como esta. Ela não podia dizer: “O que o faz pensar que merece respeito?” Ela já lera sobre Adolf Hitler. Ficava imaginando como ele seria aos 12 anos. Não tão esperto, não como Peter, mas desejando honrarias, isso sim. E o que aconteceria com o mundo, se na infância ele fosse atropelado por uma ceifadeira ou pisoteado por um cavalo?

— Val —, disse Peter. — Sei o que pensa de mim. Você acha que eu não sou um cara legal.

Valentine atirou um graveto nele.

— Uma flecha em seu coração.

— Planejei vir conversar com você há muito tempo. Mas eu ficava com medo.

Ela pôs uma folha na boca e soprou-a para ele. Caiu quase em linha reta.

— Outro lançamento fracassado. — Por que ele estava fingindo ser fraco?

— Val, eu tinha medo de que você não acreditasse em mim. Que você não

acreditasse que eu pudesse.

— Peter, acredito que você possa fazer qualquer coisa, e provavelmente, vai.

— Mas eu tinha ainda mais medo de que você acreditasse em mim e tentasse me impedir.

— Vamos, ameace matar-me de novo, Peter. — Será que ele acreditava, sinceramente, que ela poderia ser enganada por esse teatro de se passar por um menino bonzinho e humilde?

— Tá bem, tenho um péssimo senso de humor. Lamento. Você sabe que eu a estava provocando. Preciso de sua ajuda.

— Você é bem o que o mundo precisa. Um menino de 12 anos para resolver todos nossos problemas.

— Não é minha culpa, se tenho 12 anos agora. Também não é minha culpa se justo agora surge uma oportunidade. Justo agora posso mudar o rumo dos acontecimentos. O mundo é sempre uma democracia, que pede mudanças, e o homem com melhor poder de conscientização vence. Todos pensam que Hitler subiu ao poder por causa de seu treinamento, porque queria matar, e isso é, em parte, verdade, porque no mundo real o poder é sempre construído sob a ameaça de morte e desonra. Mas Hitler subiu ao poder, principalmente, pelo dom da palavra certa na hora certa.

— Eu estava justamente pensando em comparar você com ele.

— Mas eu não odeio judeus, Val. Eu não quero destruir ninguém. Nem quero uma guerra. Quero que o mundo continue unido. Isso é tão ruim? Não quero retrocesso. Já leu sobre as guerras mundiais?

— Li.

— Podemos voltar àquilo. Ou pior. Poderíamos ficar num beco sem saída, com o Pacto de Varsóvia. Veja só que beleza.

— Peter, nós somos crianças, não entende? Vamos à escola, estamos crescendo... — Mas mesmo enquanto resistia, ela desejava ser persuadida. Queria ser persuadida, desde o começo.

Mas Peter não sabia que já ganhara.

— Se eu acreditar nisso, se eu aceitar isso, precisarei sentar-me e ficar olhando, enquanto todas as oportunidades passam e quando eu tiver mais idade, será muito tarde. Val, ouça. Eu sei qual é sua opinião a meu respeito, como sempre foi. Eu fui um irmão malvado, chato. Fui cruel com você e ainda mais com Ender antes de ele ser levado. Mas nunca odiei você. Eu amava vocês dois, mas eu precisava ser... eu precisava ter controle, entende? É a coisa mais importante para mim, é meu maior dom. Posso ver onde estão os pontos fracos, posso saber onde e quando usá-los. Vejo essas coisas, mesmo sem tentar. Poderia virar um comerciante e ter uma grande corporação. Poderia fazer e acontecer até estar no topo de tudo, e o que eu teria? Nada. Vou governar, Val, vou controlar alguma coisa. Mas quero que seja algo que valha a pena. Quero fazer algo que valha a pena. Uma Pax Americana por todo o mundo. Então, depois de ganharmos dos *insecta*, quando alguém vier aqui para nos vencer, vai descobrir que já nos espalhamos por 100

planetas e estamos em paz com nós mesmos e impossíveis de ser destruídos. Entende? Eu quero salvar a humanidade da autodestruição.

Ela nunca o vira falar com tanta sinceridade. Sem nenhuma sombra de ironia, sem um traço de mentira na voz. Ele estava ficando cada vez melhor. Ou quem sabe, estava falando a verdade.

— É assim que um menino de 12 anos e sua irmã menor vão salvar o mundo?

— Que idade tinha Alexandre? Não vou fazer isso da noite para o dia. Vou só começar agora. Se você me ajudar.

— Não acredito que o que você fez com aqueles esquilos fizesse parte de uma brincadeira. Acho que foi porque você adora fazer isso.

De repente, Peter pôs as mãos no rosto e começou a chorar. Val presumiu que estava fingindo, mas depois ficou pensando. Não era possível que ele não a amasse e que estivesse aproveitando este momento terrível para se mostrar fraco diante dela, para conquistar seu amor. “Ele está me manipulando, mas isso não significa que não seja sincero.” Suas faces estavam vermelhas quando afastou as mãos, os olhos inchados.

— Eu sei —, disse ele. — Isso é o que mais me dá medo. Que eu realmente seja um monstro. Não quero ser um exterminador, mas é uma coisa que não posso evitar.

Ela nunca o vira tão frágil. “Você é tão esperto, Peter. Economizou sua fraqueza, para me comover.” Conseguiu mesmo comovê-la. Porque se fosse sincero, ao menos em parte, Peter não era um monstro e ela poderia satisfazer seu amor pelo poder, tão semelhante ao de Peter, sem medo de ela mesma se tornar monstruosa. Sabia que Peter, agora mesmo, estava manipulando seus sentimentos, mas acreditava que, por debaixo dessa máscara, ele estava dizendo a verdade.

Estivera fechada dentro de si, mas ele sondou-a até certificar-se da confiança da irmã.

— Val, se não me ajudar, não sei o que vai ser de mim. Mas se me acompanhar, será minha parceira em tudo e me impedirá de ficar... daquele jeito. Como os maus.

Ela assentiu. “Você está só fingindo que vai dividir o poder comigo, mas, de fato, eu tenho poder sobre você, mesmo que você não saiba.”

— Sim, eu vou lhe ajudar.

Assim que o pai cedeu-lhes seu acesso de cidadão, eles começaram a fazer sondagens. Ficaram à distância das redes que exigiam o uso do nome verdadeiro. Isso não era difícil, porque a exigência dos nomes verdadeiros só era necessária para mexer com dinheiro. Eles não precisavam de dinheiro. Precisavam de respeito e isso eles podiam conquistar. Com nomes falsos, nas redes certas, eles poderiam ser qualquer um. Velhos, mulheres de meia-idade, qualquer um, desde que fossem cuidadosos quando escrevessem. Tudo o que os outros veriam, seriam suas mensagens, suas idéias. Nas redes, todos os cidadãos começavam iguais.

Em seus primeiros contatos, usaram nomes comuns não as identidades que Peter planejava para fazê-los famosos e influentes. Claro, não foram convidados para participar dos grandes eventos políticos nacionais e internacionais, só podiam ser ouvintes, até que fossem convidados, ou escolhidos para participar. Mas, mesmo assim, inscreveram-se como observadores em alguns eventos e tiveram acesso a ensaios publicados por grandes nomes e a debates que passavam por suas carteiras.

E nas conferências menores, onde gente comum comentava os grandes debates, começaram a inserir seus comentários. De início, Peter insistiu que fossem deliberadamente contundentes.

— Não poderemos saber como nosso estilo está funcionando se não obtivermos respostas, e se formos brandos, ninguém vai responder.

Não foram brandos e as pessoas responderam. As respostas inscritas nas redes públicas eram ácidas e do correio eletrônico eram venenosas. Mas aprenderam que atributos de seu estilo eram interpretados como infantis e imaturos. Foram se aperfeiçoando.

Peter ficou satisfeito, quando souberam se passar por adultos. Nesse momento, ele matou as antigas identidades e começaram a se preparar para atrair a atenção para valer.

— Devemos parecer completamente diferentes. Vamos escrever sobre assuntos divergentes. Nunca vamos nos referir um ao outro. Você vai trabalhar principalmente nas redes da Costa Oeste e eu nas do Sul. Questões regionais, também. Vamos, vá fazer sua lição de casa.

Fizeram sua lição de casa. Às vezes a mãe e o pai se preocupavam com Peter e Valentine estarem constantemente juntos, com suas carteiras

debaixo do braço. Mas não podiam se queixar: suas notas eram boas e Valentine representava uma boa influência sobre Peter. Ela mudara totalmente os modos dele sobre tudo. Peter e Valentine sentavam-se juntos na floresta, quando o tempo era bom, e em pequenos restaurantes e lugares cobertos, quando chovia, para fazer seus comentários políticos. Peter idealizou, cuidadosamente, os dois personagens, para que um não tivesse as idéias do outro, havia até alguns personagens de reserva, que costumavam apresentar como opinião de terceiros.

— Vamos deixar os dois abrir caminho do jeito que puderem —, dizia Peter.

Certa ocasião, cansada de escrever e reescrever até que Peter estivesse satisfeito, Val ficou nervosa:

— Escreva você, então!

— Não posso —, respondeu. — Os comentários não podem soar parecidos. Nunca. Você esquece que algum dia seremos famosos a ponto de alguém começar a nos analisar. Precisamos aparecer como pessoas diferentes, sempre.

Ela continuou a escrever. Sua principal identidade nas redes era Demóstenes, foi Peter quem escolheu o nome. Chamou a si mesmo de Locke. Eram obviamente pseudônimos, mas isso era parte do plano.

— Com alguma sorte, vão começar a tentar adivinhar quem somos nós.

— Se ficarmos bem famosos, o governo intercederá e descobrirá quem somos.

— Quando isso acontecer, estaremos bem escondidos e não sofreremos muito. As pessoas poderão ficar chocadas ao saber que Demóstenes e Locke são duas crianças, mas já estarão acostumadas a nos ouvir.

Começaram a compor debates para seus personagens. Valentine preparava uma afirmativa de abertura e Peter inventava um nome qualquer, para responder. Sua resposta era inteligente e o debate seria vivo, com muita e boa retórica política. Valentine tinha boa intuição para a aliteração, o que tornava suas frases memoráveis. Então inseriam o debate na rede, separados por períodos razoáveis, como se estivessem elaborando a coisa na hora. Por vezes, alguns participantes faziam comentários, mas Peter e Val os ignoravam ou mudavam seus próprios comentários ligeiramente, para se acomodar ao que fora dito.

Peter tomou nota cuidadosamente de todas suas mais memoráveis frases e fazia buscas, de tempos em tempos, para descobrir se elas apareciam em outros comentários. Nem todas, mas muitas eram repetidas em mais de um comentário e algumas até apareceram nos principais debates das redes de maior prestígio.

— As pessoas nos lêem —, disse Peter. — As idéias estão se difundindo.

— As frases, pelo menos.

— Mas é assim mesmo. Veja, estamos conseguindo alguma influência. Ninguém cita nossos nomes, mas estão discutindo as questões que levantamos. Estamos ajudando a estabelecer a pauta. Estamos chegando lá.

— Devemos tentar os debates principais?

— Não. Vamos esperar até sermos convidados.

Estavam nisso há sete meses, quando uma das redes da Costa Oeste enviou uma mensagem a Demóstenes. Uma oferta para uma coluna semanal em uma rede de notícias famosas.

— Não posso escrever uma coluna semanal —, disse Valentine. — Nem mesmo tenho um artigo mensal, ainda.

— As duas coisas não estão relacionadas —, retrucou Peter.

— Para mim, estão. Ainda sou criança.

— Diga que sim, mas como prefere não revelar sua verdadeira identidade, peça que lhe paguem em tempo de rede. Um novo código de acesso, por meio da identidade da firma deles.

— Então, quando o governo quiser me localizar...

— Você será uma pessoa que pode se inscrever pela CalNet O acesso de cidadão de papai não será envolvido. O que eu não consegui perceber é porque quiseram Demóstenes antes de Locke.

— É que eu tenho mais talento.

Como jogo, era muito divertido. Mas Valentine não gostava de algumas das posições que Peter fazia Demóstenes assumir. Demóstenes começou a virar um escritor anti-Pacto de Varsóvia, um tanto paranóico. Isto a incomodava, porque Peter era quem sabia explorar o medo, em seus escritos, ela precisava consultá-lo sempre sobre como fazer. Entretanto, seu Locke seguia as estratégias moderadas e empáticas dela.

De certo modo, fazia sentido. Fazendo com que ela escrevesse como Demóstenes, significava que ele também poderia ter alguma empatia, assim como Locke podia jogar com os temores dos outros. Mas o efeito principal era mantê-la amarrada a Peter. Não poderia afastar-se e usar Demóstenes para seus próprios fins. Não saberia como usá-lo. Mas funcionava nos dois sentidos. Ele não poderia escrever como Locke, sem ela. Ou poderia?

— Pensei que a idéia fosse unificar o mundo. Se eu escrever como você disse, estaria pedindo que uma guerra acabasse com o Pacto de Varsóvia.

— Não uma guerra, apenas estaria pedindo que as redes fossem livres e que houvesse liberdade de informação, com a aceitação das regras da Liga.

Sem querer, Valentine começou a falar como Demóstenes, mesmo que não estivesse emitindo as opiniões de Demóstenes.

— Todos sabiam, desde o começo, que o Pacto de Varsóvia deveria ser visto como uma sociedade isolada, no que concerne àquelas regras. O fluxo livre internacional ainda está aberto. Mas entre as nações do Pacto de Varsóvia, estas coisas são questões internas. Foi por isso que permitiram a hegemonia americana na Liga.

— Você está argumentando como Locke, Val. Confie em mim. Você precisa exigir que o Pacto de Varsóvia perca o caráter estatal. Precisa deixar uma porção de gente zangada. Mais tarde, você começa a reconhecer a necessidade de um meio-termo...

— Então, param de escutar-me e vão começar uma guerra.

— Val, confie em mim. Sei o que estou fazendo.

— Como pode saber? Você não é mais inteligente do que eu e nunca fez algo assim antes.

— Tenho 13 anos e você, dez.

— Quase 11.

— E eu sei como essas coisas funcionam.

— Está bem, vou fazer como você pede. Mas não vou escrever nada dessas coisas sobre liberdade ou morte.

— Vai, sim.

— Então, algum dia, quando nos prenderem e pensarem porque sua irmã é tão belicista, aposto que você vai lhes contar que foi você quem me mandou.

— Tem *certeza* que não está menstruada, mulherzinha?

— Odeio você, Peter Wiggin.

O que mais incomodava Valentine era que, quando sua coluna foi reproduzida por várias outras redes noticiosas regionais, seu pai começou a lê-la e citá-la à mesa.

— Finalmente, um homem sensato —, dizia ele. Então mencionava algumas das passagens que Valentine mais detestava de seu próprio trabalho. — Está bom trabalhar com os hegemônistas dos russos com os *insecta* aí fora, mas depois que ganharmos não posso imaginar como deixar metade do mundo civilizado virtualmente como ilhota. Pode, querida?

— Acho que você está levando tudo isso muito a sério —, respondia a mãe.

— Eu gosto desse Demóstenes. Gosto da maneira como ele pensa. Estou surpreso que ele não esteja nas grandes redes, procurei por ele nos debates sobre relações internacionais, mas ele nunca tomou parte em nenhum deles.

Valentine perdeu o apetite e deixou a mesa. Peter seguiu-a depois de algum tempo.

— Então, você não gosta de mentir pro papai. E daí? Você não está mentindo para ele. Ele não acha que você é realmente Demóstenes e Demóstenes não está dizendo as coisas que você realmente acredita. Elas se anulam e o resultado é zero.

— Esse é o tipo de raciocínio que torna Locke um tremendo idiota. — Mas o que mais a incomodava não era estar mentindo para o pai, era o fato de que o pai realmente concordava com Demóstenes. Pensava que só idiotas concordariam com ele.

Alguns dias depois, Locke foi convidado para fazer uma coluna numa rede noticiosa da Nova Inglaterra, especificamente para combater as opiniões da popular coluna de Demóstenes.

— Nada mau para duas crianças que, juntas, têm no máximo oito pelos públicos —, disse Peter.

— Há uma grande distância entre escrever uma coluna para uma rede e governar o mundo —, recordou Valentine. — Um caminho tão longo que ninguém jamais o fez.

— Já fizeram, sim. Ou moralmente equivalente. Vou dizer algumas falsidades sobre Demóstenes em minha primeira coluna.

— Bem, Demóstenes não vai nem notar que Locke existe. Jamais.

— Por hora.

Com suas identidades totalmente sustentadas pelo que recebiam por escrever as colunas, usavam o acesso do pai apenas para identidades secundárias. A mãe comentava que eles estavam gastando muito tempo nas redes.

— Só trabalho e nenhuma brincadeira deixam o menino bobo —, recordava a Peter.

Peter ficava nervoso e dizia:

— Se você acha que devo parar, acho que posso manter as coisas sob controle desta vez acho mesmo.

— Não, não —, a mãe voltava atrás. — Não quero que você pare. Só seja cuidadoso, é tudo.

— Estou tomando cuidado, mamãe.

Nada estava diferente, nada tinha “mudado em um ano. Ender tinha certeza e, no entanto, tudo parecia tedioso. Ainda era o primeiro colocado e ninguém duvidava que era bem merecido. Aos nove anos era líder de pelotão do Exército Fênix, com Petra Arkanian como seu comandante. Ainda fazia suas sessões noturnas de exercícios e agora eram freqüentadas por um grupo de soldados de elite destacados por seus comandantes, se bem que qualquer calouro que quisesse, ainda poderia entrar. Alai também era líder de pelotão, em outro exército, e ainda eram bons amigos, Shen não era líder, mas isso não era uma barreira à sua amizade. Dink Meeker, finalmente, aceitara um comando e sucedeu a Rose, O Nariz, no Exército Rato. “Tudo está indo bem, bem demais, e eu não poderia pedir nada melhor. Então, por que odeio minha vida?”

Passou pelas etapas dos exercícios e dos jogos. Gostava de ensinar os meninos de seu pelotão e eles o seguiam lealmente. Tinha o respeito de

todos e era tratado com deferência nos exercícios noturnos. Os comandantes vinham estudar o que ele estava fazendo. Outros soldados aproximavam-se de sua mesa, no refeitório, e pediam permissão para sentar-se com ele. Até mesmo os professores o respeitavam. Era tão respeitado, que tinha vontade de gritar.

Observava os meninos mais jovens de seu exército, recém-chegados de seus grupos de calouros, observava como brincavam, como caçoavam de seus líderes quando pensavam que ninguém estava olhando. Observava, também, a camaradagem dos velhos amigos que se conheciam há anos na Escola de Guerra, eles riam quando falavam sobre antigas batalhas, sobre os e soldados e comandantes que se graduaram.

Mas com seus velhos amigos não havia risada, não havia lembranças. Só trabalho. Só harmonia e exaltação sobre o jogo, nada além. Nesta noite, a coisa chegou ao ápice durante o exercício. Ender e Alai estavam discutindo os detalhes das manobras em espaço aberto quando Shen veio e escutou por alguns instantes. De repente ele agarrou Alai pelos ombros e gritou: “Nova! Nova! Nova!” Alai começou a rir e, por um momento, Ender observou-os, recordando a batalha em que as manobras de espaço aberto foram reais e se esquivou dos mais velhos e...

De repente, lembraram-se de que Ender estava ali.

— Desculpe, Ender —, disse Shen.

— Desculpar, o quê? Por sermos amigos? Eu também estava lá, lembra?

E desculparam-se de novo. Voltaram ao trabalho e ao respeito. E Ender percebeu que, apesar de sua amizade por todos, não estava incluído nas brincadeiras.

“Como eles poderiam pensar que eu não fazia parte do grupo? Eu ri? Juntei-me a eles? Só fiquei ali olhando, como um professor. É essa a opinião que eles têm a meu respeito. Professor. Soldado legendário. Não um deles. Não alguém

que você abraça e com quem cochicha *Salaam* no ouvido.” Isso só durou enquanto Ender parecia uma vítima e vulnerável. Agora, era um soldado-mestre e estava completamente, totalmente só.

Ender lamentou-se. Enquanto estava deitado, digitou em sua carteira as seguintes palavras: “Pobre Ender.” Então riu de si mesmo e apagou tudo. Não havia nenhum soldado ou menino da escola que não gostaria de estar no lugar dele.

Chamou o jogo de fantasia. Caminhou, como sempre, pela aldeia que os anões construíram no cadáver do Gigante. Era fácil levantar paredes sólidas com as costelas recurvadas, havia até o espaço certo entre elas

para fazer as janelas. Todo o corpo fora recortado para se transformar em apartamentos, e o corredor principal era a espinha do Gigante. O anfiteatro público estava escavado na bacia pélvica e o rebanho de pôneis ficava entre as pernas do Gigante. Ender nunca tinha certeza sobre o que os anões estavam fazendo, mas eles o deixavam em paz, quando passeava pela aldeia, em contrapartida, também não os perturbava.

Cruzou o osso pélvico na base da praça pública e caminhou pelo pasto. Os pôneis se assustavam um pouco com ele, mas não iam atrás deles. Ender não entendia mais como o jogo funcionava. Nos velhos tempos, antes de ter ido pela primeira vez ao Fim do Mundo, tudo era combate e enigmas para resolver, derrotar o inimigo antes que ele o matasse ou descobrir como passar pelos obstáculos.

Agora, entretanto, ninguém o atacava, não havia guerra e onde quer que fosse, não havia obstáculo.

Exceto, é claro, no quarto do castelo no Fim do Mundo. Era o único lugar perigoso que sobrara. Ender, por mais que jurasse que não, sempre voltava para lá, sempre matava a cobra e, não importava o que fizesse, morria.

Desta vez não foi diferente. Tentou usar a faca sobre a mesa para escavar a argamassa e remover uma pedra da parede. Assim que quebrou a vedação da argamassa, começou a entrar água pela rachadura e Ender ficou olhando para sua carteira, enquanto sua figura, agora fora de controle, fazia um esforço louco para continuar viva e não se afogar. Durante todo este tempo, o rosto de Peter Wiggin ficara no espelho olhando para ele.

“Isto é uma armadilha”, pensou Ender, “estou preso numa armadilha no Fim do Mundo e não tem saída.” E soube o que era, afinal, o gosto amargo que lhe viera, todo seu sucesso na Escola de Guerra. Era desespero.

Havia homens de uniforme nas entradas da escola quando Valentine chegou. Não estavam em posição de sentido, mas à vontade, como se esperassem que alguém lá dentro terminasse algum assunto. Estavam com os uniformes dos fuzileiros da EI, os mesmos uniformes que todos viam nos sangrentos combates nos vídeos. Naquele dia, isso emprestava um ar romântico à escola, todas as outras crianças estavam excitadas.

Menos Valentine. Fazia-a pensar em Ender, acima de tudo. E outra coisa: deixava-a com medo. Alguém recentemente publicara um comentário violento sobre a coletânea dos escritos de Demóstenes. O comentário, assim como o trabalho dela, fora discutido na conferência aberta da rede das relações internacionais por algumas das personalidades mais importantes da atualidade, atacando e defendendo Demóstenes. O que mais a preocupava era o comentário de um inglês: “Quer goste, quer não, Demóstenes não pode ficar incógnito para sempre. Ultrajou muitos homens sábios e agradou demasiados insensatos para se esconder por trás de seu muito conveniente pseudônimo por mais tempo. Ou ele se desmascara para assumir sua liderança das forças da estupidez, que conseguiu arrebanhar, ou seus inimigos o desmascararão, para entender melhor a doença que produziu uma mente tão distorcida.”

Peter ficou deliciado, mas não podia ser diferente. Valentine estava assustada, porque muitas pessoas poderosas ficaram zangadas com a perversidade de Demóstenes, a ponto de ela poder mesmo ser desmascarada. A EI poderia fazê-lo, mesmo que o governo americano não quisesse, pois feria sua Constituição. E ali estavam os soldados da EI na Escola Secundária de Guilford, na Zona Oeste. Este lugar não era exatamente o melhor para serem recrutados os fuzileiros da EI.

Assim sendo, não foi nenhuma surpresa para ela encontrar uma mensagem em sua carteira, assim que a ligou.

Por favor, desligue e vá imediatamente ao escritório do Dr. Lineberry.

Valentine esperou nervosamente na sala de espera do escritório do diretor, até que o Dr. Lineberry abriu a porta e pediu-lhe que entrasse. Sua última dúvida acabou quando viu um homem barrigudo, com uniforme de coronel da EI, sentado numa das confortáveis poltronas da sala.

— Você é Valentine Wiggin —, disse ele.

— Sim —, sussurrou ela.

— Sou o coronel Graff. Já nos encontramos antes.

Antes? Quando foi que ela teve algum contato com a EI?

— Vim falar-lhe confidencialmente, sobre seu irmão.

“Então não sou só eu”, pensou ela. “Descobriram Peter. Ou será alguma coisa nova? Será que ele fez alguma loucura? Pensei que ele tinha parado de fazer coisas malucas.”

— Valentine, você parece assustada. Não há a menor razão. Por favor, sente-se. Garanto-lhe que seu irmão está bem. Ele superou nossas expectativas.

E agora, com grande alívio, ela percebeu que eles tinham vindo falar sobre Ender. Ender. Não era castigo algum, era sobre o Enderzinho, que desaparecera há tanto tempo, que não era nada relacionado aos esquemas de Peter. “Você é que é sortudo, Ender. Fugiu antes que Peter o prendesse em sua conspiração.”

— O que você tem a dizer sobre seu irmão, Valentine?

— Ender?

— Claro.

— Como posso achar alguma coisa sobre ele? Não o vejo nem ouço falar dele desde os oito anos.

— Dr. Lineberry, pode dar-nos licença?

Lineberry ficou contrariado.

— Ou melhor, dr. Lineberry, acho que Valentine e eu teremos uma conversa muito mais produtiva se andarmos. Lá fora. Longe dos dispositivos de gravação que seu vice-diretor colocou nesta sala.

Foi a primeira vez que Valentine vira o dr. Lineberry atônito. O coronel Graff levantou um quadro da parede e removeu um minúsculo microfone junto com sua unidade de transmissão.

— Barato —, comentou Graff., — mas eficiente. Pensei que você soubesse..

Lineberry pegou o dispositivo e sentou-se pesadamente na carteira. Graff levou Valentine para fora.

Saíram pelo campo de futebol. Os soldados os seguiram a pequena distância, separaram-se e formaram um grande círculo, para que ninguém os incomodassem.

— Valentine, precisamos de sua ajuda, por causa de Ender.

— Que tipo de ajuda?

— Não temos muita certeza. Ainda não sabemos o quanto você pode ajudar.

— Bem, o que está errado?

— Isso é parte do problema. Não sabemos. Valentine só pode rir.

— Já faz três anos que não o vejo! Foram vocês que ficaram juntos com ele todo esse tempo!

— Valentine, custa mais dinheiro do que seu pai ganhará em toda a vida, para eu voar para a Terra e de volta à Escola de Guerra. Não faço essa viagem por nada.

— O rei teve um sonho —, comentou Valentine — mas esqueceu o que era, de modo que pediu a seus sábios que interpretassem o sonho ou morreriam. Só Daniel pôde interpretá-lo, porque era um profeta.

— Você leu a Bíblia?

— Estamos estudando os clássicos, este ano, em Inglês Avançado. Não sou profeta.

— Gostaria de poder contar-lhe tudo sobre a situação de Ender. Mas levaria horas, talvez dias e depois eu precisaria colocá-la sob proteção pois a maior parte das coisas é estritamente confidencial. Então vamos ver o que conseguimos com poucas informações. Nossos alunos praticam determinado jogo em nosso computador... — Contou a ela sobre o Fim do Mundo, e a sala fechada e a imagem de Peter no espelho.

— É o computador que coloca o retrato, não Ender. Por que não pergunta ao computador? —, disse Valentine.

— O computador não sabe.

— E eu é que devo saber?

— Já é a segunda vez, desde que Ender foi para a escola, que o jogo o leva para a morte, e parece não ter solução.

— Conseguiu ganhar o primeiro?

— Eventualmente, sim.

— Então dê-lhe tempo, provavelmente vai ganhar este, também.

— Não tenho certeza, Valentine, seu irmão é um menininho muito infeliz.

— Por quê?

— Não sei.

— Há muitas coisas que você não sabe, não é?

Valentine pensou, por um momento, que o homem podia ficar zangado, então resolveu rir:

— É verdade. Valentine, por que Ender continuaria a ver seu irmão Peter no espelho?

— Não deveria. É uma coisa boba.

— Por que é boba?

— Porque se há alguém que é o oposto de Ender, é Peter.

— Como?

Valentine não podia pensar numa maneira de responder que não fosse perigosa. Muitas perguntas sobre Peter poderia levar a problemas muito sérios. Valentine tinha conhecimento suficiente para saber que ninguém levaria a sério os planos de Peter sobre dominação mundial, como um perigo aos governos existentes. Mas poderiam resolver que ele estava louco e que precisava de um tratamento para sua megalomania.

— Está se preparando para mentir para mim —, interveio Graff.

— Estou me preparando para não falar mais com você.

— Está com medo. Do que tem medo?

— Não gosto de perguntas sobre minha família. Deixe minha família fora disso.

— Valentine, estou tentando deixar sua família fora disso. Vim vê-la para não ter de começar uma bateria de testes com Peter e interrogar seus pais. Estou tentando resolver este problema agora, com a pessoa que Ender mais ama e confia no mundo, talvez a única pessoa que ele ame e confie. Se não pudermos resolver dessa maneira, vamos isolar sua família e fazer o que quisermos dali por diante.

Este assunto não é comum, e não pretendo desistir.

A única pessoa que Ender ama e confia. Ela sentiu um profundo golpe de dor, de ressentimento, de vergonha, porque agora ela estava junto de Peter, este era o centro de sua vida. “Por você, Ender, acendo fogueiras em seu aniversário. Por Peter ajudo a cumprir todos os sonhos dele.”

— Nunca achei que você fosse um homem bom. Não achei, quando veio levar Ender, e também não acho, agora.

— Não finja ser uma menininha ignorante. Vi seus testes, quando era pequena, e atualmente não há muitos professores universitários que têm seu nível.

— Ender e Peter se odeiam.

— Eu sabia. Você disse que eles eram opostos. Por quê?

— Peter às vezes pode ser odiável.

— Odiável, de que maneira?

— Maldoso. Só maldoso, é tudo.

— Valentine, pelo bem de Ender, diga-me o que ele faz quando está sendo maldoso.

— Ele faz muitas ameaças de matar as pessoas. Não tem a intenção. Mas quando éramos pequenos, Ender e eu tínhamos medo dele. Dizia que ia nos matar.

De fato, dizia que mataria Ender.

— Monitoramos parte disso.

— Era por causa do monitor.

— E isso é tudo? Conte-me mais sobre Peter.

Contou-lhe sobre os casos das crianças das escolas que Peter freqüentou. Nunca batia nelas, mas torturava-as. Descobria aquilo de que elas mais se envergonhavam e contava para os amigos dela. Descobria o que mais temiam para depois assustá-las.

— Ele fez isso com Ender?

Valentine balançou a cabeça afirmativamente.

— Tem certeza? Ender não tinha um ponto fraco? Uma coisa que ele mais temesse, ou de que se envergonhasse?

— Ender nunca fez nada de que se envergonhasse. — De repente, por vergonha de ter-se esquecido de Ender e de tê-lo traído, começou a chorar.

— Por que está chorando?

Meneou a cabeça. Não conseguiria explicar como era pensar em seu irmãozinho, que era tão bom, que ela protegera por tanto tempo, e lembrar-se que agora era a aliada de Peter, a ajudante de Peter, a escrava de Peter num esquema que estava completamente fora de seu controle. “Ender nunca se rendera a Peter, mas eu sim, tornei-me parte dele, como Ender nunca foi.”

— Ender nunca cedeu.

— A quê?

— A Peter. A ser como Peter.

Caminharam em silêncio, ao longo da linha do gol.

— Como Ender viria a ser como Peter? Valentine estremeceu.

— Já lhe contei.

— Mas Ender nunca fez esse tipo de coisa, Era só um menininho.

— Mas nós dois queríamos. Nós dois queríamos... matar Peter.

— Ah.

— Não, isso não é verdade. Nunca dissemos isso. Ender nunca disse que era isso o que queria fazer. Eu só... só pensei isso. Era eu, e não Ender. Ele nunca falou em matá-lo.

— E o que ele queria?

— Ele só não queria ser...

— Ser o quê?

— Peter tortura esquilos. Ele os espeta no chão e os esfolta vivos. Depois senta-se e fica olhando, até que morram. Já fez isso, agora não faz mais. Mas já fez. Se Ender soubesse disso, acho que...

— Você acha que ele tentaria salvá-los? Tentaria curá-los?

— Não, naqueles dias não se... desfazia o que Peter fazia. Não se podia contrariá-lo. Mas Ender seria bonzinho com os esquilos. Entende? Daria comida pra eles.

— Mas se desse comida pra eles, os esquilos ficariam domesticados e mais fáceis de Peter apanhá-los.

Valentine começou a chorar de novo.

— Não adianta o que se faça, sempre se ajuda Peter. Tudo ajuda Peter, tudo, não se pode fugir, não importa o que se faça.

— Você está ajudando Peter? Ela não respondeu.

— Peter é tão mau assim, Valentine?

Ela fez que sim.

— Será que Peter é a pior pessoa do mundo?

— Como posso saber? Ele é a pior pessoa que conheço.

— Mas você e Ender são seus irmãos. Têm os mesmos genes, os mesmos pais, como ele pode ser tão mau se...

Valentine virou-se e gritou com ele, gritou como se o homem a estivesse matando:

— Ender não é como Peter! Ele não é como Peter em nada! Exceto por ser inteligente, isso é tudo... Não existe maneiras de alguma pessoa ser como Peter, ele não é nada! Nada!

— Entendo.

— Eu sei o que você está pensando, seu filho da puta, está pensando que eu estou errada, que Ender é como Peter. Bem, talvez eu seja como Peter, mas Ender não é, não é não. Eu dizia isso quando ele chorava, eu dizia muitas vezes, você não é como Peter, você nunca fere as pessoas, você é bom e simpático, e não é como Peter!

— E é verdade.

Sua concordância acalmou-a.

— Pode crer que é verdade. É verdade.

— Valentine, quer ajudar Ender?

— Agora, não posso fazer nada por ele.

— Mas é a mesma coisa que sempre fez por ele antes. Conforte-o e diga-lhe que ele não gosta de ferir as pessoas, que ele é bom e simpático, e não é como Peter. Essa é a coisa mais importante. Que ele não é como Peter.

— Posso vê-lo?

— Não. Quero que você lhe escreva uma carta.

— De que adianta? Ender nunca respondeu uma só carta que lhe enviei. Graff suspirou.

— Ele respondeu a todas as cartas que recebeu.

Só levou um segundo para ela entender.

— Vocês fedem.

— Isolamento é... um ambiente ótimo para a criatividade. Eram as idéias dele, que queríamos, não a... bem, não importa. Não preciso defender-me diante de você.

“Então por que está fazendo isso?”, mas ela não disse em voz alta.

— Mas ele está desanimando. Está estacionando. Queremos empurrá-lo para a frente, mas ele não quer.

— Talvez eu estivesse fazendo um favor a Ender se lhe pedisse para ir se foder.

— Você já me ajudou. E pode ajudar ainda mais. Escreva-lhe.

— Prometa que não vai censurar nada do que eu escrever.

— Não posso prometer uma coisa dessas.

— Então esqueça.

— Não há problema, eu mesmo vou escrever sua carta. Podemos usar suas outras cartas para conciliar o estilo. Coisa simples.

— Quero vê-lo.
— Ele vai ter a primeira licença aos 18 anos.
— Você disse que era aos 12 anos.
— Mudamos as regras.
— Por que eu deveria ajudar vocês?
— Não me ajude. Ajude Ender. E daí se isso nos ajuda, também?
— Que espécie de coisas terríveis estão fazendo com ele lá em cima?
— Valentine, minha querida, as coisas terríveis estão apenas para começar —, disse Graff, sorrindo.

Ender já tinha lido quatro linhas da carta antes de perceber que ela não era de nenhum dos outros soldados da Escola de Guerra. Viera regularmente, com uma mensagem de “Correio à Espera” quando ligou a carteira. Leu quatro linhas, pulou para o fim e leu a assinatura. Então voltou ao começo e se encolheu na cama para ler aquelas palavras, repetidas vezes.

Ender,

Esses filhos da puta não entregaram nenhuma das minhas cartas até agora. Devo ter escrito umas 100 vezes, mas você deve ter pensado que eu nunca escrevi, Nunca esqueci de você, Lembro de seu aniversário, Lembro de tudo. Algumas pessoas podem pensar que, porque você vai virar soldado, agora é uma pessoa dura e cruel que gosta de machucar os outros, como os fuzileiros nos vídeos, mas eu sei que não é verdade, Você não é em nada parecido como você-sabe-quem. Ele está parecendo melhor, mas, por dentro, ainda é uma puta de janela. Talvez você possa parecer mau, mas não me engana. Ainda remando a velha k-noa.

Com todo o meu amor, lábios de peru,

Val

Não responda, eles provavelmente vão psicoanalisar sua carta.

Obviamente, foi escrita com a total aprovação dos professores. Mas não havia dúvida de que fora escrita por Val. A grafia de psicanalisar, o epíteto puta de janela para Peter e a brincadeira com a palavra canoa eram coisas que ninguém podia saber, senão Val.

Mas tudo surgia muito bonitinho, como se alguém quisesse ter certeza de que Ender ia acreditar que a carta era genuína. Por que teriam toda essa ansiedade se a coisa era real?

Mas não era, afinal, uma carta verdadeira. Mesmo que ela tivesse escrito com seu sangue, porque fizeram-na escrever. Ela escrevera antes e eles não deixaram nenhuma carta chegar. Essas outras cartas poderiam ter sido verdadeiras, mas esta foi pedida e era parte da manipulação deles.

E novamente o desespero tomou conta dele. Agora, sabia por quê. Agora sabia o que tanto odiava. Não tinha controle sobre sua vida, eles é que faziam tudo. Faziam todas as escolhas. Só o jogo era deixado para ele, isso era tudo, tudo o mais era com eles: regras, planos, lições e programas. Tudo o que ele podia fazer era seguir este ou aquele caminho, num combate. A única coisa real, preciosa, que estava em sua memória, era Valentine, a pessoa que o amava antes de ele jogar qualquer jogo, que o amava houvesse ou não uma Guerra dos *insecta*, e tinham-na colocado do lado deles. Agora, ela era um deles.

Odiava todos eles e seus jogos. Odiava-os tanto que chorou, lendo novamente a carta encomendada a Valentine. Os outros meninos do Exército Fênix notaram e desviaram o olhar. Ender Wiggin, chorando? Era uma coisa perturbadora. Alguma coisa terrível devia estar acontecendo. O melhor soldado de qualquer exército, deitado em sua cama, chorando. O silêncio no dormitório era profundo.

Ender apagou a carta, apagou-a da memória e então chamou o jogo de fantasia. Não sabia bem por que tinha tanta vontade de jogar aquele jogo, ir ao Fim do Mundo, mas não perdeu tempo para ir até lá. Só quando foi apanhado pela nuvem, deslizando pelas cores outonais daquele mundo pastoril, percebeu o que detestou mais na carta de Val. Só falava de Peter. Como ele não era parecido com Peter. As palavras que ela tanto repetira quando o abraçava, confortando-o enquanto ele tremia de medo, raiva e aversão depois de Peter torturá-lo, era tudo o que a carta dizia.

Foi isso o que pediram para ela escrever. Os filhos da puta sabiam daquilo, de Peter no espelho na sala do castelo, sabiam a respeito de tudo. E para eles, Val era apenas mais um instrumento para controlá-lo, só mais um truque. Dink estava certo, *eles* eram o inimigo, não gostavam de ninguém, não se importavam com nada e ele não ia fazer o que eles queriam. Agora sim é que não faria nada para eles. Só restava uma boa lembrança, e aqueles malditos reviraram-na dentro dele como se fosse resto de esterco. Ele estava acabado e não ia jogar.

Como sempre, a serpente esperava na sala da torre, desenrolando-se do tapete. Mas, desta vez, Ender não a esmagou com o pé. Desta vez, apanhou-a nas mãos, ajoelhou em sua frente e, com todo o cuidado, deu-lhe um beijo.

Inicialmente, não teve aquela intenção. Queria que a serpente o mordesse na boca. Ou talvez quisesse devorar a serpente viva, como Peter tinha feito no espelho, com o queixo sujo de sangue e a cauda da serpente se retorcendo, saindo de sua boca. Mas, em vez disso, beijou-a.

E a cobra não podia ser Valentine. Ele a matara muitas vezes, para que fosse sua irmã. Peter a devorara muitas vezes para suportar a idéia de que, todo o tempo, poderia ser Valentine.

Era isso o que planejaram quando deixaram-no ler a carta dela? Não se importava.

Ela levantou-se do chão da sala da torre e foi até o espelho. Ender também fez sua figura levantar-se e ir com ela. Ficaram na frente do espelho, onde, em vez do cruel reflexo de Peter, havia um dragão e um unicórnio. Ender esticou a mão e tocou o espelho, a parede caiu e mostrou uma grande escadaria para baixo, acarpetada e com uma multidão alegre, de lado a lado. Juntos, de braços dados, ele e Valentine desceram as escadas. Lágrimas enchiam seus olhos, lágrimas de alívio, porque finalmente estava livre da sala no Fim do Mundo. Por causa das lágrimas, não notou que cada membro da multidão tinha a cara de Peter. Só sabia que, para onde quer que fosse no mundo, Valentine iria com ele.

Valentine leu a carta que o dr. Lineberry lhe dera: “Querida Valentine.

Estamos lhe agradecendo e lhe enviando uma comenda por sua colaboração no esforço de guerra. Por meio desta, você está notificada

de que recebeu a Estrela da Ordem da Liga da Humanidade, Primeira Classe, que é a mais alta comenda militar que um civil pode receber. Infelizmente, a segurança da EI proíbe-nos que esta comenda seja pública até o término bem-sucedido das atuais operações, mas queremos que você saiba que seus esforços resultaram em completo sucesso.

Sinceramente, general Shimon Levy, Strategos.”

Depois de ela ter lido a carta duas vezes, o dr. Lineberry tomou-a.

— Fui instruído para deixar você ler e depois destruí-la. — Ele pegou um isqueiro de uma gaveta e pôs fogo, deixando-a queimar no cinzeiro.

— Boas ou más notícias? —, perguntou ele.

— Eu vendi meu irmão e eles me pagaram.

— Isso é um pouco melodramático, não é, Valentine?

Valentine voltou à aula sem responder. Naquela noite, Demóstenes publicou uma feroz denuncia das leis sobre controle da natalidade. As pessoas deveriam ter quantos filhos quisessem e o excesso da população deveria ser mandado para outros mundos, para espalhar a humanidade pela galáxia. Com isso, nenhum desastre, nenhuma invasão poderia ameaçar a raça humana com a aniquilação. “O título mais nobre que qualquer criança pode ter”, Demóstenes escreveu, “é Terceiro.”

“Por você Ender”, dizia consigo mesma, enquanto escrevia. Peter riu, deliciado, quando leu.

— Isso vai fazer com que eles se levantem e prestem atenção. Terceiro!

Um nobre título! Você tem uma veia maligna.

Dragão

“Agora?”

“Acho que sim.”

“Tem de ser uma ordem, coronel Graff. Os exércitos não se movem porque um comandante diz: Eu acho que é hora de atacar.”

“Não sou um comandante. Sou um professor de criancinhas.”

“Coronel, admito que o atormentei, que fui uma dor de cabeça para o senhor, mas funcionou. Tudo funcionou do jeito que o senhor queria. Nessas últimas semanas, Ender foi ainda mais...”

“Feliz.”

“Contente. Está se saindo bem. Sua mente é aguçada, seu jogo é excelente. Jovem como é, nunca tivemos um menino melhor preparado para o comando. Geralmente, é aos 11, mas aos nove e meio, ele está pronto.”

“Está certo. De fato, por alguns minutos, fiquei imaginando que tipo de homem curaria uma criança ferida em seus ressentimentos, só para poder jogá-la de novo na guerra. Um pequeno dilema moral particular. Por favor, não leve em conta. Eu estava cansado.” “Salvando o mundo, lembra-se?”

“Chame-o.”

“Estamos fazendo o que precisa ser feito, coronel Graff.”

“Vamos, Anderson, você está morrendo de curiosidade para ver como ele enfrenta aqueles jogos especiais que eu lhe pedi.” “Não foi nada bonito...”

“Então eu sou um sujo. Vamos, major. Somos a escória da Terra e também estou morrendo de curiosidade para ver como ele os enfrenta. Afinal, nossas vidas dependem de ele se sair bem. Né?”

“Não está começando a usar a gíria dos meninos, não é?”

“Chame-o, major. Vou colocar a lista em seus arquivos e dar-lhe um sistema de segurança. O que vamos fazer com ele não é tão mau assim. Ele vai ter privacidade, novamente.” “Isolamento, quer dizer.”

“A solidão do poder. Vá chamá-lo.”

“Sim, senhor. Estarei de volta com ele em 15 minutos.”

“Até logo. Sim, senhor, sim senhorrr. Espero que você tenha se divertido. Espero que você tenha tido um bom período de felicidade, Ender. Poderá ser a última vez em sua vida. Bem-vindo, menininho. Seu querido tio Graff tem planos para você.”

Ender adivinhou o que estava acontecendo desde o momento que o trouxeram. Todos esperavam que, a qualquer momento, ele virasse comandante. Talvez não tão cedo, mas estivera, nos últimos três anos, sempre nas primeiras classificações e agora ninguém poderia ser comparado a ele e o grupo que treinava à noite era o de maior prestígio dentro da escola. Alguns imaginavam por que os professores esperaram tanto tempo.

Ender imaginava qual o exército que lhe seria designado. Três comandantes logo estariam formados, incluindo Petra, mas estava fora de cogitação que lhe dessem o Exército Fênix, ninguém conseguia comandar o mesmo exército em que estava quando promovido.

Anderson inicialmente levou-o a seu novo alojamento. Isso confirmava tudo, só comandantes tinham quartos particulares. Então, arranhou-lhe um novo uniforme e traje espacial. Procurou nos documentos, para saber o nome de seu exército.

Dragão, estava no papel. Não havia nenhum Exército Dragão.

— Nunca ouvi falar de um Exército Dragão.

— Isso porque há quatro anos não há um Exército Dragão. Não usamos mais esse nome porque havia uma superstição sobre ele. Nenhum Exército Dragão, na história da Escola de Guerra, ganhou sequer um terço de seus jogos. Passou a ser uma piada.

— Bem, e por que o estão reativando, agora?

— Tínhamos alguns uniformes sobrando.

Graff estava sentado à sua carteira, parecendo mais gordo e cansado do que da última vez que Ender se encontrara com ele. Entregou a Ender seu gancho, que os comandantes usavam durante o combate para ir aonde quisessem na sala de combate. Muitas vezes, nos exercícios da

noite, Ender desejou ter um gancho, em vez de ficar ricocheteando pelas paredes. Agora que possuía bastante habilidade, ganhara um.

— Só funciona —, Anderson assinalou — durante suas sessões de prática regularmente designadas.

Como Ender já planejara exercícios extras, significava que o gancho só seria útil parte do tempo. Também explicava por que tantos comandantes nunca faziam exercícios extras. Eles dependiam do gancho e não lhes seria útil no tempo extra. Se achassem que o gancho era símbolo de sua autoridade, de seu poder sobre os outros meninos, então teriam ainda menos probabilidade de trabalhar sem ele. “Essa é uma vantagem que terei sobre alguns de meus inimigos”, considerou Ender.

O discurso oficial de boas-vindas de Graff era desinteressante e demasiadamente ensaiado. Só no final ele começou a parecer interessado em suas próprias palavras.

— Estamos fazendo algo incomum com o Exército Dragão. Espero que você não se importe. Reunimos um novo exército promovendo prematuramente toda uma turma de calouros e atrasando a formatura de alguns alunos avançados. Acho que você vai gostar da qualidade de seus soldados. Espero que goste, porque estamos proibindo que transfira qualquer um deles.

— Sem barganhas? —, perguntou Ender. Era esta a maneira pela qual comandantes sempre compensavam seus pontos fracos: fazendo barganhas.

— Exatamente. Sabe, você tem feito suas sessões de exercícios extras há três anos. Tem seus seguidores. Muitos bons soldados fariam uma pressão injusta junto a seus comandantes para transferi-los para seu exército. Estamos lhe dando um exército que pode, com o tempo, ser competitivo. Não temos nenhuma intenção de deixar você se prevalecer injustamente sobre os outros.

— E se eu tiver um bom soldado, mas não conseguir conviver com ele?

— Você terá de contornar o problema. — E Graff fechou os olhos.

Anderson levantou-se e a entrevista estava encerrada.

O Dragão recebeu as cores cinza-laranja-cinza, Ender colocou seu traje espacial e seguiu as faixas coloridas até chegar ao alojamento que estava seu exército. Estavam lá, prontos, reunidos junto à entrada. Ender assumiu de imediato.

— As camas ficarão dispostas por tempo de serviço. Veteranos no fundo, calouros na frente.

Era o inverso do padrão normal, e Ender bem sabia. Também sabia que não tinha intenção de ser como muitos comandantes, que nunca chegavam a ver os meninos mais jovens, porque estes estavam sempre no fundo.

Enquanto eles se distribuíaam de acordo com suas datas de chegada, Ender andava por entre os beliches. Cerca de 30 de seus soldados eram novos, recém-chegados do lançamento, completamente sem experiência de combate. Alguns tinham pouca idade, os mais próximos da porta eram pateticamente pequenos. Ender lembrou a si mesmo que era assim que devia ter parecido para Bonzo Madrid quando chegou. Mas Bonzo tinha apenas um soldado de pouca idade. Nenhum dos veteranos pertencia à elite do grupo de exercícios de Ender. Nenhum jamais fora líder de pelotão. Nenhum, de fato, era mais velho que Ender, o que significava que mesmo seus veteranos não tinham mais do que 18 meses de treinamento. Alguns ele nem reconhecia, por não terem lhe chamado a atenção.

Mas eles reconheceram Ender, é claro, já que era o soldado mais célebre da Escola. Alguns, pelo que Ender pode reparar, tinham ressentimentos contra ele. “Pelo menos fizeram-me um favor: nenhum de meus soldados é mais velho do que eu.”

Assim que cada soldado estava em seu beliche, Ender ordenou que colocassem seus trajes espaciais e fossem treinar.

— Todos os dias, vamos treinar logo após o café. Vamos ver o que acontece depois de eu descobrir para que vocês servem.

Depois de três minutos, apesar de muitos ainda não estarem vestidos, ordenou que saíssem do quarto.

— Mas estou pelado! —, alegou um dos meninos.

— Vista-se mais depressa da próxima vez. Três minutos, da primeira chamada até sair correndo pela porta, é a regra desta semana. Na semana que vem, a regra será dois minutos. Acelerado!

Logo viria a ser motivo de piada, no restante da Escola, o fato de o Exército Dragão ter de treinar como se vestir.

Cinco dos meninos estavam completamente nus, levando seus trajes espaciais nas mãos enquanto corriam, poucos estavam totalmente vestidos. Chamavam atenção enquanto passavam pelas portas abertas das outras salas de aula. Nenhum se atrasaria de novo.

Nos corredores de acesso até a sala de combate, Ender fez com que corressem para a frente e para trás, enquanto os que estavam sem roupa, se vestiam. Depois levou-os pela porta superior, a que dava para o meio da sala de combate, até as portas dos jogos de verdade. Fez com que saltassem e usassem os corrimões do teto para se lançarem para dentro da sala.

— Reunam-se na parede oposta. Como se estivessem avançando para o portão do inimigo.

Os meninos saltavam de quatro em cada vez e mostravam muita inexperiência. Quase nenhum deles sabia como estabelecer uma linha reta rumo ao alvo e quando atingiam a parede oposta, poucos faziam idéia de como se segurar ou como controlar seus ricochetes.

O último era um menino pequeno, obviamente de pouca idade. Não havia maneira de conseguir pegar o corrimão do teto.

— Se quiser, use um corrimão lateral —, avisou Ender.

— Vai se foder —, respondeu o menino. Deu um bom salto, tocou o corrimão do teto com a ponta dos dedos e lançou-se pela porta sem nenhum controle, girando nos três eixos ao mesmo tempo. Ender não sabia se gostava do menininho por recusar o conselho ou se ficava contrariado pela atitude insubordinada.

Finalmente, agruparam-se ao longo da parede. Ender notou que, sem exceção, alinharam-se da forma que entraram na sala de combate. Ender valeu-se disso para considerar onde estava o chão e ficou dependurado de cabeça para baixo.

— Por que estão de cabeça para baixo, soldados? Alguns começaram a virar para o outro lado.

— Sentido! — Todos ficaram parados. — Eu perguntei por que estão todos de cabeça para baixo?

Ninguém respondeu. Não sabiam o que ele queria.

— Eu perguntei por que todos vocês estão com os pés para o ar e a cabeça para o chão?

Finalmente, um deles falou:

— Senhor, esta é a forma que entramos pela porta.

— E que diferença isso faz? Que diferença faz qual era a gravidade lá no corredor? Será que vamos lutar no corredor? Há alguma gravidade aqui?

— Não senhor. Não *senhor*.

— De agora em diante, esqueçam da gravidade antes de passar por aquela porta. A velha gravidade foi-se, acabou. Entenderam? Qualquer que seja sua gravidade quando passarem pela porta, lembrem-se: o portão do inimigo é para baixo. Seus pés estão na direção do portão do inimigo. Para cima é a direção de seu portão. Norte é para lá, Sul é para lá, Leste é para lá e Oeste, para onde é?

Todos apontaram certo.

— Isso é o que eu quero. O único processo que vocês dominaram é o de eliminação, e a única razão pela qual vieram a dominá-lo é porque podem fazer isso na privada! Mas que circo eu vi aqui! Chamam isso de formação? Isso é voar?

Todos: lancem-se e formem no teto! Agora mesmo! Movam-se!

Como Ender esperava, um bom número deles instintivamente lançou-se, não rumo à parede com a porta, mas para a parede que Ender chamara de Norte, a direção que fora para cima quando estavam no corredor. Claro, logo perceberam seu erro, mas tarde demais, precisaram ricochetear na parede Norte para mudar o rumo.

Entretanto, Ender estava classificando-os mentalmente entre os que aprendiam rápido e os que aprendiam mais lentamente. O menor de todos, o último a sair pela porta, foi o primeiro a chegar na parede certa e conseguiu parar corretamente. Tinham razão em promovê-lo. Iria muito bem. Era altivo e rebelde, e provavelmente se ressentia do fato de ser um dos que Ender mandou pelado pelo corredor.

— Você! —, disse Ender, apontando para o pequenino. — Para onde é para baixo?

— Para o portão inimigo. — A resposta foi rápida. Era também relutante, como quem diz: “Certo, certo, agora vamos adiante, para as coisas importantes.”

— Qual é seu nome, menino?

— Meu nome é Bean, senhor.

— Esse nome é por causa do tamanho ou por causa do cérebro? — Os outros riram. — Muito bem, Bean, você está aprendendo depressa. Agora ouça-me, porque isso é importante. Ninguém vai passar por aquela porta sem uma boa chance de ser atingido. Em outros tempos, vocês teriam cerca de 20 segundos antes de precisar mover-se. Agora, se não estiverem correndo pela porta quando o inimigo sair, estarão congelados. O que acontece quando estão congelados?

— Ninguém se mexe —, disse um dos meninos.

— Isso é o que congelado significa. Mas o que acontece com você?

Era Bean, sem estar minimamente intimidado, que respondeu inteligentemente:

— Continua-se indo na direção inicial e na velocidade em que se estava.

— Verdade. Vocês cinco, ali na ponta, movam-se!

Surpresos, os meninos olharam um para o outro. Ender disparou contra todos eles.

— Os próximos cinco, movam-se!

Adiantaram-se. Ender atingiu-os, também, mas eles continuaram movendo-se, dirigindo-se para a parede contrária. Os primeiros cinco, porém, estavam deslizando inutilmente perto do grupo principal.

— Vejam esses, assim chamados, soldados —, comentou Ender. — Seu comandante ordenou que se movessem e agora vejam só. Não só estão congelados, como também atrapalham o caminho de seu exército. Enquanto os outros, que se moveram quando receberam a ordem, estão congelados lá adiante, obstruindo o caminho do inimigo, prejudicando sua visão. Imagino que perto de cinco de vocês entenderam a lição. E sem dúvida, Bean é um deles. Certo, Bean?

Não respondeu, de início. Ender olhou para ele, até ouvir:

— Sim, senhor.

— Então, qual é o objetivo?

— Quando vocês receberem ordem para mover-se, é para mover-se depressa, porque se ficarmos congelados, vamos ficar ricocheteando, em vez de atrapalhar o caminho das operações do inimigo.

— Excelente. Pelo menos temos um soldado que consegue entender as coisas. — Ender já podia ver o ressentimento crescendo, pela maneira como os soldados mudavam de posição e olhavam de esguelha uns para

os outros e como evitavam olhar para Bean. “Por que estou fazendo isso? O que isso tem que ver com ser um bom comandante, tornando um dos meninos o alvo para todos os outros? Só por que fizeram isso comigo, também devo fazer isso com ele?”

Ender desejava desfazer a situação e queria dizer aos outros que o pequeno precisava de sua amizade e ajuda, mais do que ninguém. Mas é claro, Ender não podia fazer isso. Não no primeiro dia. No primeiro dia, até mesmo seus erros deviam parecer parte de algum plano brilhante.

Ender puxou-se para mais perto da parede, com o gancho e empurrou um dos meninos para longe dos outros.

— Deixe o corpo reto.

Girou o menino em pleno ar, de modo que seus pés apontaram para os outros. Quando o menino continuou impelindo seu corpo, Ender disparou contra ele. Os outros riram.

— Qual parte deste corpo vocês podem acertar? — Ender perguntou a um menino diretamente debaixo dos pés congelados do soldado.

— Quase só os pés dele.

Ender voltou-se para o menino perto dele.

— E você?

— Eu posso ver todo corpo dele.

— E você?

Um menino pouco adiante, na parede, respondeu:

— O corpo inteiro.

— Os pés por não serem muito grandes, não dão muita proteção. — Ender empurrou o soldado congelado para fora do caminho. Então dobrou as pernas, como se estivesse ajoelhado no ar e disparou contra suas próprias pernas. Imediatamente, as pernas de seu traje enrijeceram, ficando naquela posição.

Ender girou-se no ar, para ficar ajoelhado por cima dos outros meninos.

— O que estão vendo?

— Quase nada de seu corpo —, responderam eles. Ender apontou sua arma entre as pernas.

— Eu posso ver muito bem —, e começou a disparar nos meninos diretamente abaixo dele. — Acertem-me! Tentem me acertar!

Finalmente, conseguiram, mas antes ele já havia congelado um terço dos meninos. Pressionou seu gancho e descongelou a si e a todos os outros soldados congelados.

— Agora, qual a direção do portão inimigo?

— Para baixo!

— E qual é nossa posição de ataque?

Alguns começaram a responder com palavras, mas Bean respondeu afastando-se da parede com as pernas dobradas, direto para a parede oposta, disparando sempre entre as pernas.

Por um momento, Ender quis gritar com ele e puni-lo, depois conteve-se, repeliu o impulso mesquinho. “Por que eu deveria ficar zangado com esse menininho?, será que Bean é o único que sabe?”

Imediatamente, todo o exército impulsionou-se rumo à parede oposta, ajoelhando no ar, disparando por entre as pernas, gritando o mais alto que podia. “Poderá haver uma ocasião”, pensou Ender, “em que será exatamente esta a estratégia que vou precisar: 40 meninos gritando num combate desigual.”

Quando estavam todos do outro lado, Ender pediu que todos o atacassem, ao mesmo tempo. “Sim”, pensou Ender. “Nada mau. Deram-me um exército destreinado, sem veteranos brilhantes mas, pelo menos, não é um bando de idiotas. Posso trabalhar com eles.”

Quando estavam reunidos de novo, rindo, animados, Ender começou o trabalho de verdade. Fez com que congelassem as pernas na posição ajoelhada.

— Agora, para que servem suas pernas, em combate? “Para nada”, responderam alguns meninos.

— Bean não concorda —, disse Ender.

— São a melhor maneira de se impulsionar das paredes.

— Certo —, confirmou Ender.

Os outros discordaram, porque achavam que se impulsionar das paredes era movimento, não combate.

— Não há combate sem movimento —, respondeu Ender. Ficaram em silêncio e odiaram Bean ainda um pouco mais. — Agora, com suas pernas congeladas assim, podem se impulsionar das paredes?

Ninguém se atreveu a responder, por medo de estarem errados.

— Bean? —, perguntou Ender.

— Nunca tentei, mas talvez se ficasse de frente para a parede e dobrasse a cintura...

— Certo e errado. Observem-me. Minhas costas estão para a parede, pernas congeladas. Como estou ajoelhado, meus pés estão contra a parede. Normalmente, quando vocês se impulsionam, é necessário fazer um movimento para baixo, de modo que esticam seu corpo lá atrás como um fio de feijões, não é?

Risada geral.

— Mas com minhas pernas congeladas, uso a mesma força, impulsionando meu corpo para baixo a partir dos rins e coxas. Porém colocando meus ombros e pés para trás, quando saio voando, meu corpo fica reto. Vejam.

Ender forçou seus quadris para a frente, o que o lançou para longe da parede, em determinado momento, ficou de joelhos, pernas para baixo, aproximando-se rapidamente da parede oposta. Aterrissou sobre seus joelhos, deu uma pirueta de costas e ricocheteou da parede para outra direção.

— Disparem em mim! —, gritou. Então pôs-se a girar no ar, enquanto tomava um curso paralelo aos meninos ao longo da parede oposta. Como estava girando, não conseguiam acertar um feixe contínuo nele.

Descongelou seu traje e voltou para eles, com o gancho.

— Esse foi nosso trabalho na primeira meia hora de hoje. Desenvolver alguns músculos que vocês não sabiam que tinham. Aprender a usar suas pernas como um escudo e controlar seus movimentos para poder girar. Girar pode não ser útil de perto, mas de longe não poderão atingi-los: àquela distância, o feixe precisa atingir um mesmo ponto por algum tempo e se estiverem girando isso não acontecerá. Agora, congelem-se e comecem.

— Não vai designar faixas? —, perguntou um dos meninos.

— Não, não vou designar faixas. Quero que batam uns nos outros, para que aprendam a se defender. Só quando treinarmos formação, é que vou fazer vocês se chocarem de propósito. Movam-se!

Quando ele disse movam-se, todos puseram-se em movimento.

Ender foi o último a sair depois do exercício, porque ficou para ajudar aos mais lentos melhorarem sua técnica. Tinham bons professores, mas os soldados inexperientes, recém-chegados de suas turmas de calouros, estavam completamente perdidos quando era preciso fazer duas ou três coisas ao mesmo tempo. Era necessário praticar briga com faca e as pernas congeladas, não tinham dificuldade em movimentar-se no ar, mas lançar-se em uma direção, disparar em outra, girar duas vezes, ricochetear com a faca na mão contra uma parede e voltar disparando, virado na direção certa, isso estava fora do alcance deles. Treinar, treinar, treinar, era tudo o que Ender podia fazer com eles por algum tempo. Estratégias e formações eram importantes mas só se o exército soubesse como se comportar em combate.

Precisava ter seu exército pronto e já. Chegou a comandante muito cedo e os professores estavam mudando as regras, sem deixá-lo barganhar soldados, e não lhe dando veteranos com prática. Não havia garantia de que lhe dessem os três meses normais para preparar seu exército antes de mandá-los para um combate.

Pelo menos, à noite, teria Alai e Shen para ajudá-lo a treinar os meninos novos.

Estava ainda no corredor de saída da sala de combate quando defrontou-se com o pequeno Bean. Bean parecia irado. Ender não queria problemas.

— Oi, Bean.

— Oi, Ender. Pausa.

— *Senhor* —, Ender completou calmamente.

— Eu sei o que o senhor está fazendo, *seu* Ender, e estou lhe avisando.

— Avisando?

— Posso ser seu melhor homem, mas não brinque comigo.

— Ou o quê?

— Ou serei seu pior homem. Ou uma ou outra coisa.

— E o que você quer, flores e beijos? —, Ender estava ficando irritado. Bean não se importou.

— Eu quero um pelotão.

Ender aproximou-se e olhou bem nos olhos do outro.

— Por que você deveria ganhar um pelotão?

— Porque eu sei o que fazer com ele.

— Saber o que fazer com um pelotão é fácil. Fazer com que eles cumpram as ordens é que é difícil. Por que um soldado obedeceria a um tampinha como você?

— Eles o chamavam assim. Bonzo Madrid ainda o chama.

— Fiz-lhe uma pergunta, soldado.

— Vou ganhar o respeito deles, se você não me impedir.

Ender sorriu.

— Mas eu estou ajudando.

— Uma ova —, disse Bean.

— Ninguém o notaria, só ficariam com pena do menininho. Mas eu garanti que todos o notassem hoje. Vão observar todos seus movimentos. Tudo o que você tem a fazer agora para conquistar o respeito deles é ser perfeito.

— Então eu nem tenho uma chance de aprender, antes de ser julgado.

— Pobre menino. Ninguém o trata com justiça. — Ender empurrou Bean um pouco contra a parede. — Vou lhe dizer como conseguir um pelotão. Prove-me que sabe o que está fazendo como soldado, prove-me que sabe valer-se de outros soldados, e prove-me que alguém quer

segui-lo em um combate. Então vai ganhar seu pelotão. Mas até lá, não vai ter nada.

Bean sorriu.

— Isso é justo. Se você agir mesmo dessa forma, serei líder de pelotão em um mês.

Ender, com as mãos, empurrou-o contra a parede.

— Quando eu disser que trabalho de uma forma, Bean, é desse modo mesmo que eu trabalho.

Bean apenas sorriu. Ender soltou-o e se afastou. Quando chegou a seu quarto, deitou-se, estava trêmulo. “O que estou fazendo? Meu primeiro exercício e já estou provocando as pessoas da maneira como Bonzo e Peter faziam. Empurrando as pessoas. Expondo um menininho para que os outros tenham alguém para odiar. É de enojar. Tudo o que eu odiava num comandante, estou fazendo agora. Será alguma lei da natureza humana você se tornar igual a seu primeiro comandante? Acho que vou desistir agora mesmo.”

Repetidamente considerou as coisas que fez e disse em seu primeiro exercício com o exército. Por que não conseguia falar do mesmo jeito que nos exercícios noturnos? Nenhuma autoridade, exceto a competência. Nunca precisava dar ordens, só fazia sugestões. Mas isso não funcionaria, não com um exército. Seu grupo informal de treinamento não precisava aprender a fazer as coisas juntos. Não precisavam desenvolver um sentimento de grupo, nunca precisavam aprender o que é união e confiar uns nos outros em combate. Não precisavam responder instantaneamente a ordens.

E também poderia ir para o outro extremo. Poderia ser incompetente e relaxado como Rose, o Nariz, se quisesse. Poderia cometer erros estúpidos. Precisava ter disciplina, para ser exigente e conseguir a obediência do grupo.

Precisava ter um exército bem treinado, o que exigia treinar os soldados repetidamente até que as técnicas fossem feitas de forma natural e para que eles não precisassem pensar para executá-la.

Mas o que estava acontecendo em relação a Bean? Por que se concentrara no menor, mais fraco e provavelmente o mais brilhante dos meninos? Por que fizera com Bean o que fora feito com ele por comandantes que desprezava?

Então lembrou-se que a coisa não começara com seus comandantes. Antes de Rose e Bonzo o tratarem com desprezo, fora isolado em seu grupo de lançamento. E não foi Bernard quem começou tudo. Fora Graff.

Foram os professores. Não fora um acidente. Ender percebeu que era uma estratégia. Graff deliberadamente o separara dos outros, tornando impossível que se aproximasse deles. Começava agora a suspeitar das razões que estavam por detrás de tudo isso. Não era unificar o resto do grupo, de fato, era para dividir. Graff isolou Ender para que ele lutasse. Para que ele provasse, não que era competente, mas que era bem melhor do que todos os outros. Que era a única maneira pela qual podia conquistar respeito e amizade. Tornava-o melhor soldado do que seria de qualquer outro modo. Também tornava-o solitário, assustado e desconfiado. Talvez estes traços também faziam dele melhor soldado.

“É o que estou fazendo com você, Bean. Ferindo-o, para torná-lo o melhor soldado sob todos os aspectos, para aguçar sua percepção, para aumentar seu empenho, para mantê-lo desconfiado, sem ter nunca certeza do que vai acontecer em seguida, para que sempre esteja pronto para qualquer coisa, pronto para improvisar, determinado a vencer, não importa como. Também estou fazendo com que se sinta miserável. Por isso que o trouxeram para mim, Bean. Para que pudesse ser como eu. Para que crescesse e se tornasse como seu comandante.”

“E eu, deverei ficar como Graff? Gordo, amargo e sem sentimentos, manipulando as vidas de menininhos para que sejam generais e almirantes perfeitos, prontos para liderar a Esquadra em nome de seu planeta natal. Isso tem todos os prazeres de um manipulador de marionetes. Até arranjar um soldado que pode fazer mais do que qualquer um. Isso não pode ser. Estraga a simetria. Precisa colocá-lo na linha, quebrá-lo, isolá-lo, bater-lhe, até que se alinhe com todos os outros.

“Bem, o que fiz com você hoje, Bean, está feito. Mas vou observá-lo, com mais compaixão do que possa imaginar, e quando for a hora vai saber que eu sou seu amigo, e que você será o soldado que quer ser.”

Ender não foi à aula, naquela tarde. Ficou em sua cama e escreveu suas impressões sobre cada menino de seu exército, as coisas que observou sobre eles, e que precisavam ser mais trabalhadas. No exercício daquela

noite, conversaria com Alai e pensariam em maneiras de ensinar a pequenos grupos as coisas que precisavam saber. Pelo menos não entraria nessa sozinho.

Mas quando Ender foi à sala de combate naquela noite, enquanto a maioria ainda estava jantando, encontrou o major Anderson que ó esperava.

— Houve uma mudança nas regras, Ender. A partir de agora, só os membros de um mesmo exército podem trabalhar juntos numa sala de combate no tempo livre. Portanto, as salas de combate só estarão disponíveis se reservadas com antecedência. Depois desta noite, sua vez é daqui a quatro dias.

— Ninguém mais está fazendo exercícios extras.

— Estão, agora, Ender. Agora que você comanda outro exército, eles não querem seus meninos com você. Vão conduzir seus próprios exercícios.

— Sempre estive num exército diferente do deles. Ainda vão mandar soldados para eu treinar.

— Até então, você não era comandante.

— O senhor deu-me um exército completamente destreinado, major Anderson, senhor...

— Você tem um bom numero de veteranos.

— Não são bons.

— Ninguém chega aqui sem ser brilhante, Ender. Torne-os bons.

— Preciso de Alai e Shen para...

— Já é hora de você crescer e fazer algumas coisas por si mesmo, Ender.

Não precisa dos outros para segurar na sua mão. Agora, é um comandante. Por favor, aja como tal.

Ender passou por Anderson e foi para a sala de combate. Parou, virou-se e perguntou:

— Como estes exercícios noturnos agora têm horários regulares, significa que posso usar o gancho?

Será que Anderson sorriu? Não. Nem um pouco.

— Veremos —, disse o major.

Ender deu as costas e entrou na sala de combate. Logo seu exército chegou, e mais ninguém. Ou Anderson ficou esperando para impedir a

entrada de quem viesse para treinar com Ender ou toda a Escola já fora avisada de que as noites informais com Ender tinham terminado.

Foi um bom exercício e aprenderam muito, mas, no fim, Ender sentia-se cansado e solitário. Restava ainda meia hora antes da hora de recolher. Não podia ir para o alojamento de seu exército, havia aprendido que os melhores comandantes só visitavam seus alojamentos quando tivessem alguma boa razão para fazê-lo. Os meninos também precisam ter um momento de paz, descansar, sem que alguém ficasse observando a maneira como conversam, agem ou pensam.

Assim, foi até a sala de jogos, onde alguns meninos estavam usando a última meia hora para se distrair. Nenhum dos jogos lhe parecia interessante, mas divertiu-se com um muito fácil que era projetado para calouros. Entediado, ignorou os objetivos do jogo e usou a pequena figura do jogador, um urso, para explorar o cenário à sua volta.

— Nunca vai ganhar, assim.

Ender sorriu.

— Senti sua falta no exercício, Alai.

— Eu estive lá. Mas colocaram seu exército num lugar separado.

Parece que agora você é importante, não pode brincar com criancinhas.

— Você tem bem um côvado a mais que eu.

— Côvado! Será que Deus lhe mandou construir um barco ou coisa assim?

Ou está com vontade de parecer arcaico?

— Não arcaico, arcano. Secreto, sutil, circunloquial. Já sinto falta de você, seu cachorro circuncidado.

— Não sabia? Somos inimigos, agora. Da próxima vez que o encontrar em combate, acabo com seu rabo.

Era uma intimidação, como sempre, mas agora havia muita verdade por detrás disso. Agora, quando Ender ouvia Alai falar como se fosse piada, sentia a dor de perder um amigo e a dor ainda pior de pensar que Alai poderia não estar sentindo nada.

— Pode tentar —, respondeu Ender. — Eu lhe ensinei tudo o que sabe. Mas não lhe ensinei tudo o que eu sei.

— Eu sempre sabia que você estava escondendo algo o tempo todo, Ender.

Uma pausa. Na tela, o urso de Ender estava em dificuldades. Subiu numa árvore.

— Eu não fiz isso, Alai. Nunca escondi nada.

— Eu sei. Nem eu.

— *Salaam*, Alai.

— Infelizmente, não será assim.

— Não será o quê?

— A paz. É o que *salaam* significa. A paz esteja contigo.

As palavras trouxeram lembranças a Ender. A voz de sua mãe lendo para ele em voz baixa, quando era muito pequeno. “Não pensem que vim trazer a paz ao mundo. Não vim trazer a paz, mas a guerra”. Ender imaginava a mãe atingido Peter, o Terrível, com um florete ensangüentado. As palavras ficaram em sua mente, junto com a imagem.

No silêncio, o urso morreu. Foi uma morte surpreendente, com uma musica engraçada. Ender virou-se. Alai já tinha ido embora. Sentiu como se parte de si fosse levada junto, um apoio interior que estava segurando sua coragem e confiança. Com Alai, num grau que seria impossível com Shen, Ender sentira uma união tão forte que a palavra “nós” era muito mais repetida do que a palavra “eu”.

Mas Alai deixara algo para trás. Ender estava na cama, adormecido, e sentia os lábios de Alai em seu rosto enquanto murmurava a palavra paz. O beijo, a palavra e a paz ainda estavam com ele. “Sou só aquilo de que me lembro e Alai é meu amigo. A lembrança é tão intensa que não podem tirá-la de mim. Como Valentine, a lembrança mais forte de todas.”

No dia seguinte, passou por Alai no corredor e cumprimentaram-se, deram-se as mãos, conversaram, mas os dois sabiam que entre eles, havia uma barreira. Poderia ser derrubada futuramente, mas agora a única familiaridade entre eles era o passado, que estava acima de qualquer coisa e não poderia ser destruído.

Entretanto, a coisa mais terrível era o temor de que a barreira nunca fosse rompida e que Alai gostara da separação e estava pronto para se tornar seu inimigo. Agora, que tinham de ficar separados, o que fora certo e inabalável era frágil e sem substância, a partir do momento que não estavam mais juntos, Alai tornava-se um estranho, porque ele teria

uma vida que não compartilharia com a de Ender, o que significava que quando se vissem novamente, não iriam reconhecer um ao outro.

Isso causava-lhe dor, mas Ender não chorou. Nunca mais choraria. Quando transformaram Valentine numa estranha, usando-a como ferramenta para manipulá-lo, a partir daquele dia, não haveria nada que pudessem fazer para feri-lo tão fundo que o fizesse chorar novamente. Tinha certeza disso.

E, com esta raiva, decidiu que era forte o bastante para vencê-los: os professores e seus inimigos.

Veni Vidi Vici

“Você não pode estar falando sério sobre este cronograma para os combates.” “Sim, estou.”

“Só faz três semanas e meia que ele tem seu exército.”

“Eu já lhe disse. Fizemos simulações de computador sobre os prováveis resultados. E aqui está o que o computador estimou que Ender faria.”

“Queremos ensiná-lo e não dar-lhe um esgotamento nervoso.”

“O computador o conhece melhor do que nós.”

“O computador também não é famoso por ter compaixão.”

“Se você quisesse ser bonzinho, deveria ter ido para um mosteiro.”

“Quer dizer que isso não é um mosteiro?”

“É o melhor para Ender, também. Estamos levando-o à plenitude de seu potencial.” “Pensei que lhe daríamos dois anos como comandante. Normalmente eles fazem uma batalha a cada duas semanas, começando depois de três meses. Mas isso é ir a extremos.” “Temos dois anos para gastar?”

“Eu sei. Tenho esta imagem de Ender para daqui a um ano. Completamente inútil, desgastado, porque foi empurrado mais longe do que ele ou qualquer outra pessoa poderia ir.” “Dissemos ao computador que nossa principal prioridade era que o indivíduo continuasse útil após o programa de treinamento.”

“Bem, enquanto ele continuar útil...”

“Veja, coronel Graff, o senhor é que me fez preparar isso, sob meus protestos, caso queira lembrar-se.”

“Eu sei. Tem razão. Não devo sobrecarregá-lo com minha consciência. Mas minha ansiedade para sacrificar criancinhas para salvar a humanidade está se acabando. O Polemarca foi visitar o Hegemonia. Parece que a Inteligência Russa está preocupada com o fato de que alguns dos cidadãos ativos nas redes já estão idealizando como a América deveria usar a El para destruir o Pacto de Varsóvia assim que os insecta forem destruídos.”

“Parece prematuro.”

“Parece louco. Liberdade de expressão é uma coisa, mas comprometer a Liga por causa de rivalidades nacionalistas, e é por gente assim, de visão curta, suicida, que estamos empurrando Ender até os limites da resistência humana.”

“Acho que você está subestimando Ender.”

“Mas receio que também subestimo a estupidez do resto da humanidade. Temos absoluta certeza de que devemos ganhar esta guerra?” “Senhor, essas palavras soam como traição.” “Era só humor negro.”

“Não teve graça alguma. Quando se trata dos insecta, nada...”

“Nada é engraçado, eu sei.”

Ender Wiggin estava em sua cama, olhando para o teto. Desde que veio a ser comandante, nunca dormia mais do que cinco horas por noite. Mas as luzes eram apagadas às 10 horas da noite e só eram acendidas novamente às 6. Por vezes, trabalhava em sua carteira, forçando os olhos para aproveitar a fraca luz da tela.

Normalmente, porém, ficava olhando para o teto, pensando.

Ou os professores foram bons para com ele, afinal, ou era um comandante melhor do que pensava. Seu esfarrapado grupo de veteranos, totalmente sem crédito em seus exércitos anteriores, estava florescendo em líderes capazes. Tanto que, em vez dos quatro pelotões usuais, criou cinco, cada um com um líder e um auxiliar, cada veterano tinha uma posição. Fazia os exercícios em manobras de pelotões de oito homens e meios pelotões de quatro homens, de modo que, a um só comando, seu exército podia executar até dez manobras separadas e de imediato. Nunca um exército tinha se fragmentado daquela maneira, mas Ender não estava planejando fazer nada que já fora feito antes. A maioria dos exércitos fazia manobras em conjunto e executava estratégias. Ender não tinha nenhuma. Em vez disso, treinou seus líderes de pelotão para usar suas pequenas unidades com eficácia para atingir objetivos limitados. Sem apoio, sozinhos e com iniciativa própria. Simulou guerras já na primeira semana, atividades cruéis na sala de exercícios que deixaram todos exaustos. Mas ele sabia que, com menos

de um mês de treinamento, seu exército tinha o potencial para ser o melhor grupo de combate a disputar o jogo.

Até que ponto os professores tinham planejado isso? Será que sabiam que estavam lhe dando meninos desconhecidos, mas excelentes? Deram-lhe 30 calouros, muitos deles com pouca idade, por que sabiam que meninos pequenos aprendem e pensam depressa? Ou será que qualquer grupo poderia ficar semelhante com um comandante que sabe o que quer, e sabe ensinar o que quer?

A questão o incomodava, porque não tinha certeza se estava confundindo ou cumprindo as expectativas deles.

Tudo o que sabia era que estava ansioso para entrar em combate. A maioria dos exércitos precisava de três meses, porque perdiam tempo memorizando dúzias de formações complicadas. “Estamos prontos agora. Mandem-nos ao combate.”

No escuro, a porta se abriu. Ender escutou passos. A porta se fechou.

Levantou-se de sua cama e arrastou-se, no escuro, os dois metros até a porta. Encontrou um pedaço de papel. Não conseguiu ler, é claro, mas sabia o que era. Combate. “Que gentil da parte deles! Eu sinto vontade e eles me arrumam”

Ender já estava com o traje espacial do Exército Dragão, quando as luzes se acenderam. Apressou-se, pelo corredor, e às 6 horas estava à porta do dormitório de seu exército.

— Temos um combate com o Exército Coelho às 7 horas. Quero fazer um aquecimento em gravidade e estaremos, prontos para o combate. Tirem a roupa, vamos ao ginásio. Tragam seus trajes espaciais porque iremos direto para a sala de combate.

— E o café da manhã? —, perguntou um dos meninos

— Não quero ninguém vomitando na sala de combate.

— Podemos mijar, primeiro?

— Não mais de dez litros.

Riram. Os que não dormiram nus, despiram-se. Todos enrolaram seus trajes espaciais e seguiram Ender correndo, até o ginásio. Colocou-os na pista com obstáculos duas vezes, depois dividiu-os em turmas na rampa, no cavalo e na esteira.

— Não é para ficarem cansados, é só para acordar. — Não precisava se preocupar com cansaço. Estavam todos em boa forma, leves e ágeis, e acima de tudo animados com o combate que estava para vir. Alguns começaram a lutar, espontaneamente, o exercício no ginásio, em vez de ser uma coisa chata tornou-se uma brincadeira, por causa do combate. Sua confiança era máxima, porém todos que nunca estiveram na disputa acham que estão prontos. “Mas por que não deveriam pensar assim? Eles estão confiantes. E eu também.”

Às 6h40, fez com que se vestissem. Falou com os líderes de pelotão e seus auxiliares, enquanto se vestiam.

— O Exército Coelho é composto, em sua maioria, por veteranos, mas Carn Carby é seu comandante há apenas cinco meses e nunca combatei contra eles com esse comandante. Era um bom soldado e o Coelho sempre esteve em boas classificações. Mas espero ver formações, por isso não estou preocupado.

Às 6h50, fez com que todos deitassem nas esteiras e relaxassem. Depois, às 6h56, mandou que levantassem e fossem correndo até a sala de combate. Ender ocasionalmente pulava para tocar o teto. Os meninos também pulavam, fazendo o mesmo gesto. Sua faixa colorida levava para a esquerda, o Exército Coelho já havia passado para a direita. Às 6h58 chegaram à sua porta da sala de combate.

Os pelotões alinharam-se em cinco colunas. A e E estavam prontos para agarrar os corrimões laterais e deslizar para os lados. B e D alinhavam-se para agarrar os dois corrimões paralelos do teto e deslizar para cima, em gravidade zero. O pelotão C estava pronto para cair pela soleira da porta, e sair para baixo.

Para cima, para baixo, esquerda, direita, Ender estava na frente, entre colunas, para ficar fora do caminho e reorientou-os.

— Para onde é o portão do inimigo?

— Para baixo —, disseram todos rindo.

E naquele momento, para cima tornou-se Norte, para baixo tornou-se Sul e para esquerda e direita, Oeste e Leste

A parede cinza à frente deles desapareceu e a sala de combate estava visível. Não era um jogo enigmático, mas também não seria nada brilhante. À distância, na penumbra, podia ver a porta do inimigo, seus

trajes espaciais iluminados já aparecendo. Ender teve um momento de prazer. Todos aprenderam a lição errada, pelo mau uso que Bonzo fez de Ender Wiggin. Todos saíram pela porta imediatamente, de modo que não havia chance para fazer outra coisa senão dar o nome da formação que usariam. Os comandantes não tinham tempo para pensar. Ender aproveitaria esse tempo e confiaria na capacidade de seus soldados lutarem com as pernas congeladas para mantê-los ilesos, quando saíssem mais tarde pela porta.

Ender avaliou a formação do inimigo na sala de combate. A conhecida rede aberta dos outros jogos, como as barras da gaiola, com sete ou oito estrelas espalhadas pela rede. Em posições avançadas, já era tempo de seu exército atacar.

— Espalhem-se até as estrelas mais próximas —, disse Ender. — C tente deslizar para a parede. Se funcionar, A e E o seguirão. Se não, decidirei depois. Ficarei com o D. Movam-se.

Todos os soldados sabiam o que estava acontecendo, mas as decisões táticas ficavam inteiramente com os líderes de pelotão. Mesmo com as instruções de Ender, estavam com um atraso de dez segundos para passar pelo portão. O Exército Coelho estava fazendo um movimento complicado em seu extremo da sala. Em todos os outros exércitos que Ender lutara, agora estaria se preocupando em certificar-se que ele e seu pelotão estariam no lugar certo, dentro de sua formação. Mas ele e seus homens estavam pensando apenas na forma de deslizar ao redor da formação inimiga, controlar as estrelas e os cantos da sala, para destruir a formação do inimigo e deixá-los perdidos. Mesmo com menos de quatro semanas juntos, lutavam de maneira inteligente, ou seja, a única maneira possível. Ender ficou surpreso com a tática do Exército Coelho, totalmente ultrapassada.

O pelotão C deslizou ao longo da parede, com os joelhos dobrados, de frente para o inimigo. Crazy Tom, líder do pelotão C, aparentemente ordenou que seus homens congelassem suas pernas. Com a escuridão era uma boa idéia, pois os trajes espaciais, iluminados, ficavam escuros sempre que congelados. Ficavam menos visíveis. Ender precisava dar-lhe uma menção honrosa por essa iniciativa.

Antes de se proteger atrás de uma estrela, o Exército Coelho poderia repelir o ataque do pelotão C, mas, quando isso acontecesse, Crazy Tom

e seus meninos já tinham congelado vários Coelhos.

Han Tzu, comumente chamado Hot Soup, era o líder do pelotão D. Ele deslizou rapidamente pela borda da estrela em que Ender estava ajoelhado e disse:

— Que tal irmos pela parede Norte e ajoelhar na cara deles?

— Muito bem. Vou levar o B para o Sul para ficar atrás deles. — Então gritou: — A e E, devagar nas paredes! — Deslizou pela estrela, prendeu seu pé na borda e impulsionou-se para a parede de cima, ricocheteando até estrela do E. Num instante, estava liderando-os em direção da parede Sul. Ricochetaram quase todos juntos, e chegaram atrás das duas estrelas em que se defendiam os soldados de Carn Carby. Era como cortar manteiga com uma faca quente. O Exército Coelho estava acabado, restando pequenos focos de resistência. Ender refez a formação de seus pelotões, para poder acertar os soldados inimigos que ainda estavam perfeitos, ou apenas danificados. Em três minutos, seus líderes de pelotão informaram que o combate havia terminado. Só um dos meninos de Ender estava completamente congelado, um do pelotão C, que enfrentara a parte mais difícil do assalto, e só cinco fora de combate. A maioria estava danificada, mas eram tiros nas pernas e muitos provocados por eles mesmos. No total, foi melhor do que Ender esperara.

Ender colocou seus líderes de pelotão para fazer as honras junto ao portão: quatro capacetes nos cantos e Crazy Tom para passar pelo portão. A maioria dos comandantes pegava quem quer que estivesse vivo para passar pelo portão, Ender poderia ter escolhido qualquer um. Foi um bom combate.

As luzes se acenderam totalmente e o major Anderson veio pelo porta do professor, no extremo Sul da sala de combate. Tinha aspecto solene, ao oferecer a Ender o gancho do professor, que era dado ao vitorioso do jogo. Ender usou-o para descongelar as roupas de seu exército e reuniu os pelotões antes de descongelar o inimigo. Ele queria dar um aspecto militar, quando Carby e o Exército Coelho tivessem seus corpos descongelados. “Poderão nos amaldiçoar e mentir sobre nós, mas vão lembrar-se de que os destruímos. Não importa o que digam, outros soldados e comandantes vão ver isso nos olhos deles, nos olhos dos Coelhos, vão ver-nos em perfeita formação, vitoriosos e quase sem

danos, em nosso primeiro combate. O Exército Dragão não será um nome obscuro por muito tempo.”

Carn Carby veio falar com Ender assim que foi descongelado. Era um menino de 12 anos, que aparentemente fora feito comandante só em seu último ano da escola. Pôr isso, ele não era arrogante, como os outros, que eram comandantes aos 11. “Vou lembrar-me disso”, pensou Ender, “quando eu for derrotado. Manter a dignidade e reconhecer a derrota sempre que for preciso, para que ela não seja uma desonra. Espero também que não precise fazê-lo muitas vezes.”

Anderson dispensou o Exército Dragão por ultimo, depois de o Exército Coelho ter saído pela porta por onde vieram os meninos de Ender. Depois, Ender lembrava-os onde era para baixo, uma vez de volta à gravidade. No corredor, todos estavam reunidos.

— São 7h15 —, disse Ender. — Vocês ainda têm 15 minutos para o café antes de se reunirem na sala de combate para o exercício da manhã. — Podia ouvi-los dizendo consigo mesmos: “Vamos lá, nós ganhamos, vamos comemorar.” Ender percebeu a felicidade dos meninos: — E têm permissão de seu comandante para fazer brincadeiras e se divertir durante o café.

Riam e gritavam enquanto corriam para o dormitório. Alcançou os líderes de pelotão no caminho, e alertou-os que o exercício começaria 7h45 e que este terminaria cedo, para que os meninos pudessem tomar um banho. Meia hora para o café da manhã e sem banho depois de um combate, era um regime severo, mas parecia uma concessão, em comparação a 15 minutos. Ender gostaria de que o anúncio dos 15 minutos extras fosse feito pelos líderes de pelotão. Os meninos precisavam esperar conivência dos líderes de pelotão e severidade do comandante, isso faz com que haja união entre os líderes e seus meninos.

Ender não comeu. Não estava com fome. Foi ao banheiro e tomou uma ducha, colocando seu traje espacial no limpador. Lavou-se duas vezes e deixou a água correndo sobre seu corpo. Toda ela seria reciclada. “Que hoje todos bebam um pouco de meu suor.” Deram-lhe um exército sem treinamento e ele vencera, com grande vantagem. Vencera com apenas seis congelados ou fora de combate.

“Vamos ver por quanto tempo os outros comandantes continuam usando suas formações, agora que viram o que uma estratégia flexível pode fazer.”

Estava flutuando no meio da sala de combate, quando seus soldados começaram a chegar. Ninguém falou com ele. Ele falaria, todos sabiam, quando estivesse pronto.

Quando estavam todos reunidos, Ender chegou perto deles com o gancho e olhou um por um.

— Foi um belo combate —, disse, servindo de pretexto para uma aclamação e uma tentativa de começar um coro de Dragão, Dragão, que logo foi interrompido. — O Exército Dragão se comportou bem perante o Coelho. Mas o inimigo nem sempre será tão ruim. Se aquele exército fosse bom, pelotão C, sua aproximação foi tão lenta que eles os atacariam pelos flancos antes que vocês se posicionassem. Deveriam dividir-se e atacar de duas direções, para que eles não pudessem atacar seus flancos. A e E, sua mira foi péssima. As marcações mostram que acertaram um só tiro para cada dois soldados. Isso significa que a maioria dos acertos foi de soldados atacando a curta distância. Isso não pode continuar, um inimigo competente cortaria a força de assalto a menos que tenham cobertura muito melhor de soldados à distância. Quero que todos os pelotões treinem tiro à distância em alvos fixos e móveis. Cada meio pelotão se revezará como alvo. Vou descongelar os trajes a cada três minutos. Agora, movam-se.

— Vamos ter estrelas para trabalhar? —, perguntou Hot Soup. — Para fixar a mira?

— Não quero que se acostumem a ter alguma coisa para apoiar o braço. Se seu braço não for firme, congele o cotovelo! Agora, movam-se!

Os líderes de pelotão logo começaram a trabalhar e Ender ia de grupo para grupo para fazer sugestões e ajudar os soldados que estavam tendo problemas. Os soldados já sabiam que Ender podia ser bruto, na maneira como se dirigia aos grupos, mas quando trabalhava com um indivíduo era sempre paciente, explicando tantas vezes quantas necessárias, fazendo sugestões com calma, ouvindo às perguntas e problemas. Mas nunca ria, quando os meninos brincavam com ele, com isso, eles logo

paravam. Era o comandante, a cada instante em que estavam juntos. Nunca precisava lembrá-los disso: ele simplesmente era.

Trabalharam a manhã inteira, com o sabor da vitória em suas bocas, e comemoraram novamente quando foram dispensados meia hora mais cedo para o almoço. Ender reteve os líderes de pelotão até a hora normal do almoço, para conversar sobre as táticas que usaram e para avaliar o trabalho de cada soldado. Depois foi para seu quarto e metodicamente trocou de uniforme para o almoço. Ia entrar na sala dos comandantes dez minutos atrasado. Exatamente o tempo que queria. Como esta fora sua primeira vitória, nunca tinha entrado no refeitório dos comandantes e não tinha idéia do que os novos comandantes deveriam fazer, mas sabia que hoje queria ser o último a entrar, quando o combate da manhã estivesse sendo discutido. O Exército Dragão não seria mais um nome obscuro.

Em sua entrada, não houve grande agitação. Mas no momento em que alguns notaram como ele era pequeno e viram os dragões nas mangas do uniforme, ficaram olhando para ele ostensivamente. Quando pegou sua comida e sentou-se à sua mesa, toda a sala estava em silêncio. Ender começou a comer, lentamente, fingindo não notar que era o centro das atenções. Depois de algum tempo, a conversa e o ruído recomeçaram, Ender pode relaxar e olhar em redor.

Toda uma parede da sala era um placar. Os soldados eram lembrados do desempenho geral de um exército, nos últimos dois anos, aqui, porém, os registros eram mostrados para cada comandante. Um novo comandante não herdava a posição de seu predecessor, era classificado de acordo com o que fizera.

Ender tinha a melhor classificação. Um registro perfeito de vitórias e derrotas, mas em outras categorias estava muito à frente. Média de soldados feridos, média de inimigos feridos, tempo médio antes da vitória: em todas as categorias, estava em primeiro.

Quando estava acabando de comer alguém veio por trás e tocou-o no ombro.

— Incomoda-se se eu sentar? —, Ender nem precisou virar-se para saber que era Dink Meeker.

— Oi, Dink. Sente-se.

— Seu peido dourado —, disse Dink, alegre. — Estamos todos tentando decidir se seu placar ali é um milagre ou um erro.

— Um hábito —, disse Ender.

— Uma só vitória não é um hábito. Não fique presunçoso. Quando você é novo, colocam-no contra comandantes fracos.

— Carn Carby não está bem no fim da lista. — Era verdade. Carby estava mais ou menos no meio.

— Ele está bem, se considerarmos que é um principiante. Ele é uma promessa. Mas você não é uma promessa. É uma ameaça.

— Ameaça a quê? Eles lhes dão menos comida, se eu venço? Pensei que você tinha me dito que este jogo era idiota e nada disso importava.

Dink não gostava de ter de engolir suas próprias palavras, não nestas circunstâncias.

— Você é que me fez jogar com eles. Mas não estou brincando com você, Ender. A mim, você não vai vencer.

— Provavelmente não.

— Fui eu quem lhe ensinei.

— Tudo o que sei. Estou tocando de ouvido, agora.

— Felicidades.

— É bom saber que tenho um amigo por aqui. — Mas Ender não tinha certeza se Dink era ainda seu amigo. Nem Dink. Depois de algumas frases vazias, Dink voltou à sua mesa.

Ender olhou à volta, depois de terminar sua refeição. Havia algumas pessoas conversando. Ender avistou Bonzo, que agora era um dos comandantes

mais velhos. Rose, o Nariz, já tinha se formado. Petra estava com um grupo no canto afastado e nem olhou para ele. Como a maioria, às vezes, olhara em sua direção, incluindo aqueles com quem Petra estava conversando, Ender teve certeza de que ela deliberadamente estava evitando-o. “Esse é o problema de ganhar logo desde o começo”, pensou Ender. “Você perde amigos. Vou dar-lhes algumas semanas para se acostumarem. Quando eu tiver meu próximo combate, as coisas estarão mais calmas, por aqui.”

Carn Carby fez questão de cumprimentar Ender antes do fim da hora do almoço. Era, de novo, um gesto gracioso e diferentemente de Dink, Carby não parecia desconfiado.

— Neste momento, estou em desgraça —, disse ele, francamente. — Eles não querem acreditar quando digo que você fez coisas que ninguém fez antes.

Portanto, espero que você acabe com o próximo exército que combater. Faça-me esse favor.

— Um favor para você. Obrigado por conversar comigo.

— Acho que os outros o estão maltratando muito. Usualmente novos comandantes são aclamados quando vêm ao refeitório pela primeira vez. Mas, geralmente, um novo comandante tem algumas derrotas nas costas, antes da primeira vez que vem cá. Eu só vim aqui há um mês. Se alguém merece aplauso, é você. Mas a vida é assim. Faça com que eles comam poeira.

— Vou tentar.

Carn Carby saiu e Ender colocou-o em sua lista de pessoas que também se qualificavam como seres humanos.

Naquela noite, Ender dormiu bem como não acontecia há muito tempo.

Dormiu tão bem, que só acordou quando as luzes se acenderam. Sentia-se bem, foi correndo tomar um banho e só notou o papel no chão quando voltou para vestir seu uniforme. Só o viu porque ele se moveu no momento em que puxou seu uniforme. Pegou o papel e leu:

Petra Arkanian, Exército Fênix, 7H00.

Era seu antigo exército, aquele que deixara há menos de quatro semanas e conhecia suas formações de trás para a frente. Em parte por causa da influência de Ender, era o exército mais flexível, respondendo relativamente depressa a novas situações. O Exército Fênix seria o melhor para enfrentar o ataque rápido e improvisado de Ender. Os professores estavam mesmo empenhados em tornar sua vida interessante.

O bilhete dizia 7h00 e já eram 6h30. Alguns de seus meninos já poderiam estar indo para o café. Ender jogou o uniforme de lado, agarrou seu traje espacial, e num instante estava à porta do dormitório de seu exército.

— Cavalheiros, espero que tenham aprendido algo ontem, porque hoje vamos repetir tudo de novo.

Levou algum tempo para que percebessem que estava falando de um combate, e não de um exercício. “Devia ser um engano”, diziam. Ninguém combatia dois dias seguidos.

Entregou o papel a Fly Molo, o líder do pelotão A, que imediatamente gritou:

— Trajes espaciais! —, e começou a trocar de roupa.

— Por que não nos avisou antes? —, perguntou Hot Soup. Hot possuía uma forma de falar com Ender que ninguém tinha igual.

— Pensei que vocês precisavam de uma ducha —, respondeu Ender. — Ontem, o Exército Coelho alegou que nós só ganhamos porque foram nocauteados pelo nosso fedor.

Os soldados que o ouviram, riram.

— Só achou o papel depois que voltou do chuveiro, não é?

Ender procurou a fonte da voz. Era Bean, já com o traje espacial, e com aspecto insolente. “Hora de devolver as velhas humilhações, Bean?”, pensou

Ender.

— Claro —, disse Ender, altivo. — Não fico tão perto do chão quanto você.

Mais risadas. Bean ficou vermelho de raiva.

— Está claro que não podemos contar com as antigas formas de combater —, disse Ender. — Então é necessário que usem a criatividade

e alternem vários movimentos de ataque e de defesa. E com freqüência. Não posso fingir que gosto da maneira como eles estão brincando conosco, mas gosto de uma coisa: tenho um exército que pode enfrentar qualquer situação.

Depois disso, se pedisse que o seguissem até a Lua com seus trajes espaciais, eles o fariam. correndo tomar um banho e só notou o papel no chão quando voltou para vestir mais depressa ao ataque rápido e improvisado, imprevisível, de Ender. Ender teve três meninos congelados e nove feridos. Petra não teve dignidade para reconhecer a derrota. A raiva em seus olhos parecia dizer: “Eu era sua amiga e você me humilha assim?”

Ender fingiu não notar sua fúria. Imaginou que depois de alguns combates, ela perceberia que, de fato, marcara mais pontos contra ele do que esperava que qualquer um conseguisse. E ainda estava aprendendo com ela. No exercício de hoje, ensinaria seus líderes de pelotão como enfrentar aqueles truques que Petra usara contra eles. Logo seriam amigos, de novo.

Esperava que sim.

No fim da semana, o Exército Dragão tinha feito sete combates em sete dias e ganho todos. O combate em que Ender tivera mais baixas fora contra o Exército Fênix e em dois combates não teve nenhum soldado congelado ou ferido. Ninguém mais creditava à sorte o primeiro lugar. Era o melhor exército, por margens jamais vistas. Não era mais possível que os outros comandantes o ignorassem. Alguns sentavam-se com ele em todas as refeições, tentando aprender como derrotara seus oponentes mais recentes. Contava tudo abertamente, confiante que poucos deles saberiam como treinar seus soldados e líderes de pelotão para chegar no nível de seu exército.

Enquanto Ender conversava com alguns comandantes, grupos muito maiores reuniam-se em torno dos que Ender derrotara, tentando descobrir como vencê-lo.

Havia muitos, também, que o odiavam. Odiavam-no por ser jovem, por ser brilhante, por ter feito suas vitórias parecerem sem valor e fracas. Ender percebia isso em seus rostos quando passava por eles nos corredores. Depois disso, começou a notar que, no refeitório, alguns comandantes mudavam de mesa se ele se sentasse perto, na sala de

jogos, levava cotoveladas que acidentalmente o machucavam, pés esbarravam nos seus, quando entrava ou saía do ginásio, bolinhas de papel eram-lhe atiradas quando passava pelos corredores. Não podiam vencê-lo na sala de combates e sabiam disso, então atacavam-no onde era seguro, onde ele não era um gigante, mas um menino. Ender os desprezava, mas em segredo, tão em segredo que nem ele mesmo sabia e os temia. Eram esses pequenos tormentos que Peter sempre utilizara e Ender estava começando a se sentir em casa.

Estes incômodos eram toleráveis e Ender persuadiu-se a aceitá-los como outra forma de elogio. Já os outros exércitos estavam começando a imitar Ender. Agora, a maioria dos soldados atacava com os joelhos dobrados debaixo do corpo, as formações se subdividiam e mais comandantes enviavam seus pelotões deslizando pelas paredes. Nenhum ainda percebera a organização de Ender, em cinco pelotões, isso dava-lhe a ligeira vantagem de que, enquanto se movimentavam em quatro unidades, não estavam procurando por uma quinta.

Ender ensinava-lhes tudo sobre táticas em gravidade zero. Mas onde poderia aprender coisas novas?

Começou a assistir, na sala de vídeo, os combates de Mazer Rackham e outros grandes comandantes das forças da humanidade, na Primeira e na Segunda Invasão. Ender interrompia o exercício geral uma hora antes e deixava seus líderes de pelotão continuarem o treinamento. Geralmente, simulavam combates, pelotão contra pelotão. Ender ficava o bastante para ver que as coisas estavam indo bem e depois saía para ver as antigas batalhas.

A maior parte dos vídeos era uma perda de tempo. Músicas épicas, festas com os comandantes e soldados recebendo medalhas, filmagens confusas de fuzileiros invadindo instalações dos *insecta*. Mas, às vezes, encontrava seqüências úteis: naves, como pontos de luz, manobrando no espaço, ou, ainda melhor, os painéis de comando das naves, mostrando o quadro geral da batalha. Era difícil, a partir dos vídeos, ver as três dimensões e as cenas muitas vezes eram curtas e sem explicações. Mas Ender começou a perceber como os *insecta* usavam bem trajetórias de vôo aparentemente aleatórias para criar confusão, e também armadilhas e retiradas falsas para apanhar as naves da EI. Algumas batalhas foram

cortadas em várias cenas, mas, assistindo-as em seqüência, Ender conseguia reconstruir batalhas inteiras. Começou a ver coisas que os comentaristas oficiais nunca mencionavam. Estavam tentando sempre engrandecer os feitos humanos e menosprezar os dos *insecta*) mas Ender começou a imaginar por que a humanidade vencera. As naves humanas eram lentas, as esquadras assimilavam as coisas novas com uma lentidão insuportável, enquanto a esquadra dos *insecta* agia em perfeita unidade, respondendo a cada desafio instantaneamente. Na Primeira Invasão, as naves humanas eram completamente impróprias para o combate rápido, mas as naves dos *insecta* também o eram, só na Segunda Invasão que as naves e armas eram rápidas e mortais.

Assim, foi com os *insecta* e não com os humanos, que Ender aprendeu estratégia. Sentiu-se envergonhado e com medo, ao aprender com eles, pois eles eram o mais terrível dos inimigos, maus, assassinos e nojentos. Mas também eram muito bons no que faziam. Especialmente numa coisa: sempre seguiam uma só estratégia básica, reunir o maior número de naves no ponto-chave do conflito. Nunca faziam nada surpreendente, nada que mostrasse genialidade ou estupidez num oficial subordinado. A disciplina era, aparentemente, muito rígida.

E havia uma coisa estranha: muita conversa sobre Mazer Rackham, mas pouquíssimos vídeos de suas batalhas. Algumas cenas do começo da batalha, com a pequena força de Rackham parecendo patética contra o vasto poder da principal esquadra dos *insecta*. Os *insecta* já haviam vencido a principal esquadra humana no Cinturão de Asteróides, varrendo as primeiras naves estelares e ridicularizando as tentativas humanas de fazer altas estratégias, esse filme era mostrado várias vezes, para sublinhar muitas e muitas vezes a agonia e o terror de uma vitória dos *insecta*.

Depois a esquadra dirigia-se contra a pequena força de Mazer Rackham, perto de Saturno, com poucas chances, e então...

Uma vista do pequeno cruzador de Mazer Rackham, uma nave inimiga explodido. Era só isso o que apresentavam. Muitos filmes mostrando os fuzileiros acertando as naves dos *insecta*. Muitos cadáveres do inimigo caídos em seu interior.

Mas nenhum filme de *insecta* matando em combate, a menos que fossem vídeos da Primeira Invasão. Era frustrante para Ender que a vitória de Mazer Rackham fosse tão obviamente censurada. Os alunos da Escola de Guerra tinham muito a aprender com Mazer Rackham e tudo a respeito de sua vitória era subtraído de suas vistas. Esse tipo de segredo não ajudava às crianças que queriam fazer novamente o que Mazer Rackham fizera.

Assim que se espalhou a notícia de que Ender Wiggin estava assistindo repetidamente aos vídeos, a sala começou a encher. Quase todos eram comandantes, assistindo aos mesmos vídeos que Ender assistia, fingindo que entendiam e que absorviam alguma coisa proveitosa para seus futuros combates. Ender nunca explicava nada. Mesmo quando eram mostradas várias cenas da mesma batalha em diferentes vídeos, Apenas um menino perguntou, arriscando:

— Essas cenas não são as mesmas da batalha anterior? Ender só dava de ombros, como se não importasse.

Durante a última hora de exercício do sétimo dia, poucas horas após o exército de Ender vencer sua sétima batalha, major Anderson entrou na sala de vídeo, entregou um papel a um dos comandantes e, depois, dirigiu-se a Ender.

— O coronel Graff quer vê-lo em seu escritório imediatamente.

Ender levantou-se e seguiu Anderson pelos corredores. Anderson parou de frente a uma porta e colocou a palma da mão no mecanismo da fechadura que impedia os alunos de entrar nas salas dos oficiais. Finalmente chegaram ao lugar onde Graff estava sentado numa cadeira giratória chumbada no piso de aço. De tão gordo seu corpo parecia que fica entalado entre os dois braços da cadeira. Ender tentou lembrar-se. Graff não parecia nada gordo quando o encontrou pela primeira vez, há apenas quatro anos. O tempo e a tensão não estavam sendo bons para o administrador da Escola de Guerra.

— Sete dias desde seu primeiro combate, Ender —, disse Graff.

Ender não respondeu.

— E ganhou sete combates, um por dia. Ender concordou.

— Seus placares são também exageradamente altos.

Ender piscou.

— A que, comandante, o senhor atribui seu notável sucesso?

— O senhor deu-me um exército que faz tudo o que eu penso.

— E o que pensou para ele fazer?

— Nós nos orientamos para baixo, rumo ao portão do inimigo, e usamos as pernas como escudo. Evitamos formações e conservamos nossa mobilidade. Ajuda o fato de termos cinco pelotões de oito, em vez de quatro de dez. Também nossos inimigos não tiveram tempo de contra-atacar eficazmente as nossas novas técnicas, de modo que continuamos a vencê-los com a mesmas estratégias. Isso não vai durar muito.

— Quer dizer que você não espera continuar ganhando?

— Não com as mesmas estratégias.

Graff fez um movimento de cabeça.

— Sente-se, Ender.

Ender e Anderson sentaram-se. Graff olhou para Anderson e ele falou, logo em seguida.

— Em que condição está seu exército, lutando tão freqüentemente?

— Agora, são todos veteranos.

— Mas, como estão? Estão cansados?

— Se estão, não querem admitir.

— Ainda estão alertas?

— Vocês é que têm os jogos de computador que brincam com as mentes das pessoas. Vocês é que devem dizer-me isso.

— Sabemos o que sabemos. Queremos saber o que você sabe.

— Esses soldados são muito bons, major Anderson. Tenho certeza de que eles têm limites, mas ainda não os alcançamos. Alguns dos mais novos estão tendo problemas porque nunca dominaram realmente algumas das técnicas básicas, mas estão trabalhando duro e melhorando. O que quer que eu diga, que eles precisam de descanso? Claro que precisam de descanso. Precisam de umas duas semanas. Seus estudos estão sendo deixados de lado, nenhum de nós está indo bem nas aulas. Mas vocês sabem, e aparentemente não se importam, então por que eu me importaria?

Graff e Anderson trocaram olhares.

— Ender, por que está estudando os vídeos das Guerras dos *Insecta*?

— Para aprender estratégia, é claro.

— Aqueles vídeos foram criados para propaganda. Todas nossas estratégias foram retiradas.

— Eu sei.

Graff e Anderson trocaram olhares, de novo. Graff tamborilou em sua mesa.

— Você não está mais jogando o jogo de fantasia.

Ender não respondeu.

— Diga-me, por que não está jogando mais?

— Porque venci.

— Você nunca vence tudo naquele jogo. Sempre há mais alguma coisa.

— Ganhei tudo.

— Ender, queremos ajudá-lo a ser o mais feliz possível, mas se você...

— Vocês querem tornar-me o melhor soldado possível. Vão ver as classificações. Vejam as classificações globais. Até agora, fizeram um excelente trabalho comigo. Congratulações. Agora, quando vão colocar-me contra um bom exército?

Os lábios de Graff abriram-se num sorriso e estremeceu um pouco, com um riso silencioso.

Anderson entregou a Ender um pedaço de papel.

— Agora.

Bonzo Madrid, Exército Salamandra, 12h00

— Mas isso é daqui a dez minutos —, disse Ender. — Meu exército está no meio de um banho, depois do exercício.

Graff sorriu.

— Então é melhor correr, meu rapaz.

Chegou ao alojamento de seu exército cinco minutos depois. A maioria estava se vestindo, depois do banho, alguns já tinham ido para a sala de jogos ou de vídeo, para esperar o almoço. Enviou três dos mais jovens para chamar todos e ordenou que se vestissem para o combate o mais depressa possível.

— Este é quente e não temos tempo —, foi informando Ender. — Eles avisaram Bonzo há 20 minutos e quando sairmos pela porta, eles já estarão lá dentro há, pelo menos, cinco minutos.

Os meninos sentiram-se ultrajados, queixando-se em voz alta na gíria que usualmente evitavam, perto do comandante:

— Que é que estão fazendo com a gente? Tão louco, né?

— Esqueça o porquê, vamos nos preocupar com isso à noite. Estão cansados?

— Nos arrebatamos de trabalhar no exercício, hoje. Sem mencionar o trabalho de ganhar do Exército Ferrete, esta manhã —, respondeu Fly Molo.

— No mesmo dia, ninguém luta duas batalhas! —, disse Crazy Tom. Ender respondeu no mesmo tom:

— Ninguém jamais venceu o Exército Dragão, também. Será que esta é a grande chance de acontecer? —, a pergunta provocadora de Ender foi a resposta às queixas de todos. Ganhar primeiro, perguntar depois.

Todos estavam de volta à sala e a maioria, vestida.

— Movam-se! —, gritou Ender e foram atrás dele, alguns ainda se vestindo, quando alcançaram o corredor do lado de fora da sala de combate.

Muitos estavam ofegantes, um mau sinal, estavam cansados demais para este combate. A porta já estava aberta. Não havia estrelas. Apenas o espaço vazio, numa sala fortemente iluminada. Nenhum lugar para se esconder, nem mesmo no escuro.

— Ora, vejam só —, comentou Crazy Tom. — Eles ainda não tiveram tempo para vir.

Ender pôs a mão na boca, para que fizessem silêncio. Com a porta aberta, estava claro que o inimigo podia ouvir tudo o que diziam. Ender apontou para o contorno da porta, para dizer que o Exército Salamandra estava contra a parede atrás da porta, onde não eram vistos, mas podiam atirar facilmente em quem entrasse.

Ender fez sinal para que todos se afastassem da porta. Depois empurrou para a frente alguns dos meninos mais altos, inclusive Crazy Tom, e fez com que se ajoelhassem, não agachados, mas formando um “L” com seus corpos. Disparou contra eles. Em silêncio, o exército os observava. Escolheu o menor de todos, Bean, deu-lhe o revólver de Tom e fez com que Bean ajoelhasse sobre as pernas congeladas de Tom. Então posicionou as mãos de Bean, cada uma segurando uma pistola, em baixo das axilas de Tom.

Agora, os meninos entenderam. Tom era um escudo, uma espaçonave blindada, e Bean estava escondido dentro. Não era invulnerável, mas teria algum tempo.

Ender designou mais dois meninos para lançar Tom e Bean pela porta, mas fez sinal para que esperassem. Passou por todo o exército, determinando rapidamente grupos de quatro: um escudo, um atirador e dois lançadores. Depois, quando todos estavam prontos para ser lançados, fez sinal para que os lançadores empurrassem os meninos para dentro da sala e, em seguida, pulassem.

— Movam-se! —, gritou Ender.

Lá se foram. Dois de cada vez, os pares de escudos passaram pela porta, de costas, para que ficassem entre o atirador e o inimigo. O inimigo abriu fogo de imediato, mas atingiam principalmente o menino congelado, na frente. Neste meio tempo, com duas pistolas para usar e seus alvos alinhados na parede, os Dragões tiveram um trabalho fácil. Era quase impossível errar. E quando os lançadores pulavam pela porta, agarravam-se nos corrimões na mesma parede do inimigo, disparando de um ângulo mortal. Assim, os Salamandras não sabiam se disparavam nos pares de escudos que atiravam de cima ou nos lançadores, que estavam no mesmo nível. Quando Ender entrou pelo portão, a batalha estava encerrada. Não levou nem um minuto, desde que o primeiro Dragão passou pela porta até que o final do tiroteio.

O Dragão perdera 20 entre congelados ou feridos e só 12 meninos estavam ilesos. Fora sua pior contagem até aquele dia, mas venceram.

Quando o major Anderson apareceu e deu o gancho para Ender, este não conseguiu mais conter sua raiva.

— Pensei que o senhor ia colocar-nos contra um exército que estivesse à nossa altura, numa luta justa.

— Congratulações pela vitória, comandante.

— Bean! —, gritou Ender. — Se você tivesse comandado o Exército Salamandra, o que você teria feito?

Bean, ferido, mas não congelado inteiramente, gritou, de onde tinha deslizado, junto ao portão do inimigo.

— Manteria um padrão sempre mutável de movimento na frente da porta. Nunca se fica parado quando o inimigo sabe exatamente onde você está.

— Já que está trapaceando —, Ender disse a Anderson — por que não treina o outro exército para trapacear inteligentemente?

— Sugiro que você descongele seu exército —, disse Anderson.

Ender apertou os botões, para descongelar os dois exércitos ao mesmo tempo.

— Exército Dragão dispensado! —, exclamou de imediato. Não haveria nenhuma formação elaborada para aceitar a rendição do outro exército. Esta luta não fora justa, mesmo que tivessem vencido, os

professores desejaram que eles perdessem e só a inépcia de Bonzo que os salvara. Não havia glória naquilo.

Quando Ender estava deixando a sala de combate, notou que Bonzo ainda não percebera que ele estava furioso com os professores. Honra espanhola. Bonzo só sabia que fora derrotado mesmo com todas as chances a seu favor, que Ender fizera o menino mais jovem de seu exército afirmar publicamente o que ele deveria ter feito para vencer, e que Ender nem mesmo ficara para receber uma rendição honrosa. Se Bonzo já odiava Ender, agora odiaria muito mais, e odiando como já acontecia, tornaria sua raiva assassina. “Bonzo foi a última pessoa a me atingir”, pensou Ender. “Tenho certeza que não esquecerá disso.”

Nem esqueceu o maldito episódio na sala de combate quando os meninos mais velhos tentaram acabar com os exercícios de Ender. Nem muitos dos outros. Estavam sedentos de sangue, Bonzo estava sedento de sangue agora. Ender brincava com a idéia de voltar a um curso avançado de defesa pessoal, mas com os combates não só diários, mas duas vezes num mesmo dia, Ender sabia que não teria tempo. Teria de se arriscar. “Os professores me puseram nisso agora, eles que me arranjem um lugar seguro.”

Bean deixou-se cair em sua cama completamente exausto, metade dos meninos já tinha adormecido e ainda faltavam 15 minutos para as luzes se apagar.

Cansado, puxou a carteira de seu armário e ligou-a. No dia seguinte, haveria prova de geometria e Bean estava despreparado. Sempre podia deduzir as coisas, se tivesse tempo, e lera Euclides aos cinco anos, mas a prova tinha um limite de tempo, por isso não teria muitas chances para pensar. Precisava saber. E ele não sabia. Provavelmente iria mal na prova. Mas ganharam duas vezes num mesmo dia e sentia-se bem por isso.

Assim que ligou, porém, todos os pensamentos sobre geometria foram afastados. Uma mensagem desfilava ao redor da carteira:

Venha ver-me imediatamente. Ender

Eram 21h50, só dez minutos antes de as luzes se apagarem. Há quanto tempo Ender a enviara? Mas era melhor não ignorá-la, Poderia haver

outro combate de manhã, a idéia já o deixava cansado, e se Ender queria conversar com ele a respeito, não haveria tempo depois. Bean desceu da cama e caminhou, com ar indiferente, pelo corredor, até o quarto de Ender. Bateu à porta.

— Entre.

— Acabo de ver sua mensagem.

— Muito bem —, respondeu Ender.

— Já é quase hora de apagar as luzes.

— Depois eu ajudo você a voltar no escuro.

— Eu só não sabia se você viu que horas eram...

— Eu sempre sei que horas são.

Bean suspirou interiormente. Sempre que conversava com Ender, acabavam discutindo. Bean detestava isso. Reconhecia a inteligência de Ender e respeitava-o. Será que Ender conseguia ver algo de bom nele?

— Lembra-se de quatro semanas atrás, Bean? Quando você me pediu para fazê-lo líder de pelotão?

— Sim.

— Desde então, fiz cinco líderes de pelotão e cinco assistentes. E nenhum deles foi você. — Ender ergueu os sobrolhos. — Estou certo?

— Sim, senhor.

— Então diga-me o que fez nestes oito combates.

— Hoje foi a primeira vez que fui ferido, mas o computador registrou que acertei 11 antes de parar. Nunca tive menos de cinco acertos num combate. Também cumpri todas as missões que recebi.

— Por que fizeram de você um soldado tão cedo, Bean?

— Não mais cedo do que você.

— Mas, por quê?

— Não sei.

— Sim, você sabe e eu também.

— Tentei adivinhar, mas é só adivinhação. Você é muito bom. Eles sabiam disso, empurraram-no...

— Diga-me por quê, Bean.

— Porque precisam de nós, é por isso. — Bean sentou-se no chão e ficou olhando para os pés de Ender. — Porque eles precisam de alguém para vencer os *insecta*. É a única coisa com que se importam.

— É importante que você saiba, Bean. Porque a maioria dos meninos desta escola pensam que o jogo é importante por si só, mas não é. Só é importante porque os ajuda a encontrar meninos que possam crescer e virar comandantes de verdade, na guerra de verdade. Mas quanto ao jogo, que se dane. É o que estão fazendo. Estragando o jogo.

— Engraçado. Pensei que estavam danando é conosco.

— Um jogo nove semanas antes do que deveria acontecer. Um jogo por dia. E agora, dois jogos num mesmo dia. Bean, eu não sei o que os professores estão fazendo, mas meu exército está ficando cansado, e eu também, e eles não se importam com as regras do jogo. Examinei os antigos gráficos do computador. Ninguém jamais destruiu tantos inimigos e manteve tantos soldados inteiros em toda a história do jogo.

— Você é o melhor, Ender.

Ender meneou a cabeça.

— Talvez. Mas não foi por acidente que recebi esses meus soldados. Calouros, rejeitados de outros exércitos, mas colocados juntos, e meu pior soldado poderia ser líder de pelotão em outro exército. Colocaram muita coisa em meu caminho, mas agora estão pondo tudo contra mim, Bean, eles querem acabar conosco.

— Não podem acabar com você.

— Você ficaria surpreso. — Ender respirou fundo, de repente, como se estivesse cansado, ou precisasse respirar ar puro. Bean olhou para ele e percebeu que o impossível estava acontecendo. Longe de estar provocando, Ender Wiggim estava realmente fazendo-lhe confidências. Não muitas, mas estava. Ender era humano e a Bean fora permitido ver isso.

— Talvez você ficasse surpreso —, disse Bean.

— Há um limite para quantas boas idéias eu posso ter todo dia. Alguém vai inventar algo para jogar em cima de mim, e que eu não pensei antes e não estarei preparado.

— O que de pior poderia acontecer? Vai perder um jogo.

— Sim. É o pior que poderia acontecer. Não posso perder nenhum jogo.

Porque se eu perder um só...

Não se explicou e Bean nem quis saber.

— Preciso que você use sua inteligência, Bean. Preciso que você pense em soluções para problemas que ainda não encontramos. Quero que você experimente coisas que nunca ninguém tentou porque são absolutamente loucas.

— E por que eu?

— Porque mesmo havendo alguns soldados melhores do que você no Exército Dragão, não muitos, mas alguns, não há ninguém que possa pensar melhor e mais depressa do que você. — Bean nada disse. Os dois sabiam que era verdade.

Ender mostrou-lhe sua carteira. Nela havia 12 nomes. Dois ou três de cada pelotão.

— Escolha cinco dentre esses —, disse-lhe Ender. — Um de cada pelotão.

Será um esquadrão especial e você irá treiná-lo. Só durante os exercícios extras. Conte-me sobre o que você vai treinar com eles. Não gaste muito tempo em nenhuma coisa em particular. Na maior parte do tempo, você e seu esquadrão serão parte do exército todo, parte de seus pelotões regulares. Mas quando eu precisar de você, haverá coisas a serem feitas que só você poderá fazer.

— Eles são todos novos —, comentou Bean. — Nenhum é veterano.

— Desde a semana passada, Bean, todos nossos soldados são veteranos. Não percebe que na classificação dos soldados individuais, todos nossos 40 soldados estão entre os primeiros 50? Que os primeiros 17 colocados na classificação são soldados do Dragão?

— E se eu não conseguir imaginar nada?

— Então eu me enganei a seu respeito.

Bean sorriu.

— Você não estava enganado.

As luzes se apagaram.

— Pode achar o caminho de volta, Bean?

— Provavelmente não.

— Então fique aqui. Se ouvir com todo o cuidado, poderá ouvir, de noite, a fada madrinha deixar qual a missão de amanhã.

— Não vão nos dar outro combate para amanhã, vão?

Ender não respondeu. Bean ouviu-o subir na cama. Ergueu-se e fez o mesmo. Teve uma dúzia de idéias, antes de adormecer. Ender ficaria

contente: cada uma delas era louca.

Bonzo

“General Pace, por favor, sente-se. Pelo que entendi, o senhor veio ver-me para tratar de um assunto de certa urgência.”

“Geralmente, coronel Graff, eu nunca interfiro nos assuntos internos da Escola de Guerra. Sua autonomia é garantida e, sobre nossa diferença de patente, sei muito bem que minha autoridade é apenas para aconselhar e não para ordenar-lhe um curso de ação.”

“Ação?”

“Não se faça de desentendido comigo, coronel Graff. Os americanos são bastante espertos para fazer papel de bobos quando querem, mas o senhor não pode me enganar. Sabe por que estou aqui.”

“Ah, acho que isso quer dizer que Dap fez um relatório.”

“Ele se sente como que pai dos alunos. Acha que sua negligência em relação a uma situação potencialmente fatal é mais do que mero descuido, que beira a conspiração, visando a causar morte ou invalidez de um dos alunos.”

“Esta é uma escola para crianças, general Pace. Dificilmente teríamos um assunto para trazer-nos o chefe da polícia militar da EI.”

“Coronel Graff, o nome de Ender Wiggin já chegou até o alto comando. Chegou até mesmo a meus ouvidos. Foi-me descrito modestamente como nossa única esperança de vitória na invasão que se aproxima. Quando sua vida ou saúde está em perigo, não acho inadequado pensar que a polícia militar tenha algum interesse em preservar e proteger o menino, não acha?”

“Maldito Dap e maldito o senhor também. Eu sei o que estou fazendo.” “Sabe?”

“Melhor do que ninguém.”

“Ah, isso é claro, já que ninguém mais faz a menor idéia do que o senhor está fazendo.

Sabe, há oito dias existe uma conspiração entre algumas das piores dessas crianças para surrar Ender Wiggin, assim que puderem. E que

alguns membros dessa conspiração, especialmente Bonito de Madrid, apelidado Bonzo, provavelmente não terão limites quando esse castigo ocorrer, de modo que Ender Wiggin, um elemento internacionalmente importante, está correndo sério perigo de ter seus miolos esfregados nas paredes de sua escolinha orbital. E o senhor, com plena consciência desse perigo, propõe-se a fazer exatamente...”

“Nada.”

“O senhor pode muito bem ver como sua atitude estimula nossa curiosidade.”

“Ender Wiggin já esteve numa situação assim antes. Na Terra, no dia em que perdeu seu monitor e quando um grande grupo de meninos mais velhos...”

“Não vim para cá ignorando o passado dele. Ender Wiggin provocou Bonzo Madrid além do que um ser humano pode suportar. E o senhor não tem polícia militar de prontidão para conter distúrbios. É inconcebível.”

“Quando Ender Wiggin tiver nossas esquadras sob seu controle, quando tiver de tomar as decisões que trarão para nós a vitória ou a destruição, haverá uma polícia militar para salvá-lo, se as coisas fugirem do controle?”

“Não consigo ver qual a relação.”

“Obviamente. Mas a relação existe. Ender Wiggin deve acreditar que, não importa o que acontecer, nenhum adulto virá para ajudá-lo, de maneira alguma. Ele deve acreditar, no íntimo de sua alma, que só poderá fazer o que ele e as outras crianças puderem fazer sozinhos. Se não tiver essa fé, nunca atingirá o máximo de sua capacidade.”

“Também não atingirá o máximo de sua capacidade se estiver morto ou mutilado para sempre.”

“Isso não vai acontecer.”

“Por que simplesmente não dá o diploma para Bonzo? Ele já tem idade suficiente.” “Porque Ender sabe que Bonzo planeja matá-lo. Se transferirmos Bonzo antes da hora, vai saber que o salvamos. Todos sabem que Bonzo não é um comandante bom o bastante para ser promovido por mérito.”

“E as outras crianças? Não podem ajudar?”

“Vamos ver o que acontece. Esta é minha primeira, final e única decisão.”

“Deus o ajude, se estiver errado.”

“Deus ajude a todos nós, se eu estiver errado.”

“Vou levá-lo a uma corte marcial, vou desgraçar seu nome por todo o mundo, se estiver errado.”

“Razoável. Mas lembre-se, se eu estiver certo, quero ganhar uma dúzia de medalhas.” “Pelo quê?”

“Por impedir que você estragasse tudo.”

Ender estava sentado num canto da sala de combate, com o braço num corrimão, observando Bean praticar com seu esquadrão. No dia anterior, haviam trabalhado em ataques sem pistolas, desarmando os inimigos com os pés. Ender ajudou-os, com algumas técnicas de combate pessoal sob gravidade, muitas coisas precisavam ser mudadas, mas a inércia em vôo era uma estratégia que podia ser usada contra o inimigo tão facilmente sem atração gravitacional como na Terra.

Porém, Bean tinha um instrumento novo. Era uma linha quase invisível, usada na construção espacial para segurar objetos. Essas linhas, às vezes, tinham

quilômetros de comprimento. A de Bean era só um pouco mais comprida do que uma das paredes da sala de combate, mas estava meio enrolada na cintura de Bean. Puxou-a como se fizesse parte de sua roupa e deu uma ponta a um de seus soldados.

— Prenda a um corrimão e dê algumas voltas. Bean levou a outra ponta até o outro lado da sala.

Como armadilha, não era muito útil, Bean concluía. Era difícil de enxergar, mas só um fio não deteria um inimigo, que passaria facilmente por cima ou por baixo dela. Então teve a idéia de usá-la para mudar a direção de seu movimento no ar. Amarrou-a na cintura, o outro extremo ainda preso ao corrimão, deslizou a alguns metros de distância e lançou-se em linha reta.

A linha o segurou, mudou sua direção abruptamente e o fez descrever um arco e chocar-se com violência contra a parede.

Ele gritou. Ender levou um instante para perceber que não era de dor.

— Viu a velocidade com que eu fui? Viu como mudei de direção?

Logo, todo o Exército Dragão interrompeu suas atividades para observar Bean treinar com a linha. As mudanças de direção eram desconcertantes, especialmente quando não se sabia onde a linha estava. Quando usou a linha para amarrar-se a uma estrela, atingiu velocidade jamais vista.

Eram 21h40 quando Ender dispensou-os do exercício da noite. Cansado, mas entusiasmado com a novidade, seu exército voltou a seu alojamento. Ender caminhou entre eles, sem falar, mas ouvindo a conversa dos outros. Estavam cansados, era verdade, um combate por dia por mais de quatro semanas, muitas vezes em situações que testavam ao máximo sua capacidade. Mas estavam orgulhosos, felizes, unidos, nunca haviam perdido e confiavam uns nos outros. Confiavam em seu companheiro, para lutar duramente e bem, confiavam em seus líderes, para não desperdiçar seus esforços, e, acima de tudo, confiavam em Ender para serem preparados para qualquer coisa que pudesse acontecer.

Enquanto iam pelo corredor, Ender notou vários dos meninos mais velhos conversando nos corredores laterais e pelas escadas, alguns estavam no mesmo corredor, andando lentamente em sentido contrário. Era coincidência demais, porém, que tantos deles estivessem com uniforme do Salamandra e que os que não estavam fossem meninos mais velhos que pertenciam a exércitos cujos comandantes odiavam Ender Wiggin. Alguns o encararam e logo desviaram o olhar, outros estavam tensos, nervosos, fingindo estar à vontade. “E se atacarem meu exército aqui, no corredor? Meus meninos são todos pequenos, jovens, destreinados para combate sob gravidade. Quando vão aprender a não me provocar?”

— Oi, Ender! —, alguém exclamou. Ender parou e olhou para trás. Era Petra. — Ender, posso falar com você?

Ender percebeu que, se parasse para conversar, seu exército o deixaria rapidamente para trás e ele ficaria sozinho com Petra, no saguão.

— Venha comigo! É só por um instante.

Ender virou-se e continuou caminhando com seu exército. Ouviu Petra correndo para alcançá-lo.

— Está bem, vou com você.

Ender ficou tenso, quando ela se aproximou. Ela seria um deles, um dos que o odiavam o bastante para atacá-lo?

— Um amigo seu pediu-me para avisá-lo. Há alguns meninos que querem matá-lo.

— Surpresa! — disse Ender, em tom debochado. Alguns de seus soldados pareceram sobressaltados. Conspirações contra o comandante deles era notícia interessante.

— Ender, eles podem conseguir. Ele disse que têm planejado desde que você virou comandante...

— Desde que eu venci o Salamandra, quer dizer.

— Eu odiei você, depois que venceu o Fênix, também.

— Não estou acusando ninguém.

— É verdade. Ele me pediu que conversássemos hoje, em particular, e o avisasse no caminho de volta da sala de combate, para que tome cuidado amanhã, porque...

— Petra, há uma dúzia de meninos seguindo-nos que poderiam ter-me atacado no corredor. Será que não reparou?

De repente, ela ficou vermelha.

— Não, não reparei. Como pode pensar que eu vi? Não sabe quem são seus amigos?

Ela forçou passagem em meio ao Exército Dragão, foi à frente deles, e subiu correndo uma escada, até o piso superior.

— Será verdade? —, perguntou Crazy Tom.

— É verdade o quê? —, Ender olhou bem por todo o dormitório e gritou para dois retardatários irem para a cama.

— Que alguns dos mais velhos querem matar você?

— Isso é conversa fiada.

Mas sabia que não era. Petra soubera de algo e o que ele vira a caminho do dormitório não era imaginação.

— Pode ser só conversa, mas espero que você entenda que os cinco líderes de pelotão vão escoltá-lo a seu quarto, hoje.

— Completamente desnecessário.

— Deixe, por favor. Você nos deve um favor.

— Não lhes devo nada. — Seria um louco se recusasse a ajuda deles.

— Mas façam como quiserem.

Virou-se e saiu. Os líderes de pelotão foram com ele. Um correu na frente e abriu a porta. Inspeccionaram o quarto, fizeram Ender prometer que trancaria a porta e deixaram-no pouco antes de as luzes se apagarem.

Havia uma mensagem em sua carteira:

Nunca fique sozinho. NUNCA Dink

Ender sorriu. Então, Dink ainda era seu amigo. “Não se preocupe. Não vão fazer nada comigo. Tenho meu exército.”

Mas, na escuridão, não tinha seu exército. Naquela noite, sonhou com Stilson, mas agora via como Stilson era pequeno, só seis anos, como era ridícula sua atitude de durão. Mas, no sonho, Stilson e seus amigos amarravam Ender, de modo que não pudesse reagir, e tudo o que fizera com Stilson na vida real estavam fazendo com ele no sonho. E depois viu a si mesmo balbuciando como um idiota, tentando dar ordens a seu exército, mas as palavras que saíam não faziam sentido.

Acordou no escuro e estava com medo. Depois acalmou-se lembrando que os professores obviamente o estimavam ou não estariam fazendo tanta pressão sobre ele, não deixariam que nada acontecesse com ele, nada de mau, pelo menos.

Provavelmente, quando os meninos mais velhos o atacaram na sala de combate, anos antes, havia professores do lado de fora, esperando para ver o que ia acontecer, se as coisas saíssem de controle, entrariam para detê-los. “Provavelmente eu poderia ter ficado sentado, sem fazer nada, e eles não deixariam que nada me acontecesse. Podem me forçar ao máximo no jogo, mas fora do jogo deixam-me em segurança.”

Com esta certeza, dormiu de novo, até que a porta abriu-se devagarinho e o papel com a guerra do dia seguinte foi deixado no chão.

Ganharam, é claro, mas foi um combate difícil, com a sala de combate tão cheia com um labirinto de estrelas que caçar o inimigo no final levou 45 minutos. Era o Exército Castor, de Pol Slattery, que não se dava por vencido. Também havia uma nova dificuldade no jogo: quando feriam um inimigo ou deixavam-no fora de combate, ele descongelava em cinco minutos. Só quando o inimigo estava completamente congelado é que ficava fora de ação. Mas o descongelamento gradual

não funcionava com o Exército Dragão. Crazy Tom foi quem percebeu o que estava acontecendo, quando começaram a ser atingidos por trás, por gente que

pensava estar fora de combate. E no fim, Slattery apertou a mão de Ender e disse:

— Gostei que você tivesse ganho. Se algum dia eu ganhar de você, Ender, quero que seja uma vitória justa.

— Use o que eles lhe derem —, respondeu Ender. — Se algum dia tiver uma vantagem sobre o inimigo, use-a.

— Mas eu a usei —, sorriu Slattery. — Só sou justo antes e depois dos combates.

O combate demorou tanto que o horário do café já tinha acabado. Ender olhou para seus soldados, suados, esperando no corredor:

— Hoje, vocês já sabem tudo. Não haverá exercícios. Descansem. Divirtam-se. Passem em alguma prova.

Devido ao cansaço, não festejaram, nem riram, *apenas* dirigiram-se ao alojamento e tiraram a roupa. Teriam treinado, se lhes fosse pedido, mas estavam no limite de suas forças, e ficar sem café da manhã era mais uma injustiça.

Ender queria tomar banho imediatamente, mas também estava cansado.

Deitou-se com o traje espacial, só por um momento, e acordou já no começo da hora do almoço. Teve de abandonar sua idéia de estudar mais sobre os *insecta* naquela manhã. Só havia tempo para se lavar, comer e ir para as aulas.

Tirou o traje especial, que estava fedendo de suor. Seu corpo estava frio, as juntas estranhamente fracas. Não devia ter dormido no meio do dia. “Estou começando a ficar sem energia. Estou começando a ficar cansado. Não posso deixar que isso aconteça comigo.”

Foi correndo para o ginásio e subiu pela corda três vezes antes de tomar banho. Não lhe ocorreu que sua ausência no refeitório dos comandantes seria notada e que, ao tomar um banho ao meio-dia, quando seu exército estivesse devorando a primeira refeição do dia, ele estaria completamente só e desarmado.

Mesmo quando ouviu-os entrar no banheiro, não lhes deu atenção. Estava deixando a água correr por sua cabeça, por todo seu corpo, o som abafado de passos mal podia ser notado. “Talvez o almoço tivesse

acabado”, pensou. Começou a se ensaboar novamente. “Talvez alguém tivesse terminado os exercícios mais tarde.”

Talvez não. Virou-se. Havia sete deles, encostados contra as pias de metal ou perto dos chuveiros, observando-o. Bonzo estava na frente deles. Muitos estavam sorrindo, o sorriso condescendente do caçador por causa da vítima encurralada. Mas Bonzo não estava sorrindo.

— Oi —, disse Ender. Ninguém respondeu.

Então Ender fechou o chuveiro, mesmo ensaboado, e tentou apanhar a toalha. Não estava mais onde a havia colocado. Um dos meninos estava com ela.

Era Bernard. Para o quadro ficar completo, só faltavam Stilson e Peter. Faltavam-lhes o sorriso de Peter e a estupidez de Stilson.

Ender percebeu que a toalha serviria para começar o caso. Nada o faria parecer mais fraco do que correr nu atrás da toalha. Era o que queriam, humilhá-lo, quebrá-lo. Mas não ia fazer o jogo. Recusava-se a sentir-se fraco porque estava molhado e sem roupa. Empertigou-se, forte, encarando-os, braços relaxados. Encarou Bonzo.

— Sua jogada —, disse Ender.

— Isso não é um jogo —, respondeu Bernard. — Estamos cansados de você, Ender. Vai se formar hoje. No gelo.

Ender não se dignou a olhar para Bernard. Era Bonzo que ansiava por sua morte, mesmo que estivesse calado. Os outros estavam ali por oportunismo, só para ver até onde poderiam ir. Bonzo sabia o quanto iria longe.

— Bonzo —, Ender disse calmamente —, seu pai ficaria orgulhoso de você.

Bonzo enrijeceu.

— Como ele gostaria de vê-lo lutar com um menino pelado, no chuveiro, menor do que você, e você com seis amigos. Ele diria: “Mas que honra!”

— Ninguém veio brigar com você —, disse Bernard. — Viemos convencê-lo a jogar limpo. Talvez perder, vez ou outra.

Os outros riram, mas não Bonzo e nem Ender.

— Fique orgulhoso, peixinho, viadinho. Pode ir para casa e contar pro papai. É: bati em Ender Wiggin, que nem tinha dez anos, e eu tinha 13.

E só levei seis de meus amigos para ajudar e, de algum jeito, conseguimos ganhar, mesmo com ele molhado, pelado e sozinho. Ender Wiggin é tão *perigoso e terrível*, que quase levamos 200 para ajudar.

— Cala a boca, Wiggin —, disse um deles.

— Não viemos aqui ouvir esse puto falar! —, disse outro.

— Cala a boca você —, disse Bonzo. — Cala a boca e fica fora. — Começou a tirar o uniforme. — Pelado, molhado e sozinho, Ender, estamos iguais. Sou mesmo maior que você. Você é um gênio, você que imagine como me enfrentar. — Dirigindo-se aos outros: — Vigiem a porta. Não deixem ninguém entrar.

O banheiro não era grande e havia canos por todos os lados. Fora lançado numa só peça, como um satélite em órbita baixa, cheio do equipamento de reciclagem de água, foi projetado para não desperdiçar nenhum espaço. Era óbvio qual deveria ser a tática deles: jogar Ender contra os encanamentos até que ficasse tão machucado que se rendesse.

Quando Ender viu a posição que Bonzo assumia, seu coração ficou apertado. Bonzo também tinha tido aulas. Provavelmente há menos tempo que ele. Sua pegada era melhor, era mais forte e estava cheio de ódio. Não seria nada gentil. “Vai atacar minha cabeça. Vai tentar machucar meu cérebro. E se a luta demorar, ele vai ganhar. Sua força bruta pode me controlar. Para não sair ferido daqui,

preciso ser rápido e ganhar de uma vez por todas.” Sentia de novo a maneira repugnante como os ossos de Stilson quebraram. “Mas desta vez, vai ser o meu corpo que vai quebrar, a menos que eu o quebre primeiro.”

Ender recuou, desviou a ducha para fora e abriu só a água quente. De imediato, o vapor começou a tomar conta do banheiro. Abriu outra e mais uma...

— Não tenho medo de água quente —, disse Bonzo. Sua voz estava controlada.

Mas não era a água quente que Ender queria. Era o vapor. Seu corpo ainda estava ensaboado e seu suor tornava sua pele mais escorregadia do que Bonzo poderia esperar. De repente, uma voz da porta:

— Parem!

Por um segundo, Ender pensou que era um professor que viera parar a briga, mas era só Dink Meeker. Os amigos de Bonzo o agarraram na

porta e o seguraram.

— Pare, Bonzo! —, Dink gritou. — Não o machuque!

— Por que não? —, perguntou Bonzo e, pela primeira vez, sorriu. “Ah”, pensou Ender, “ele gosta que alguém reconheça que está no controle, que ele é que tem o poder.”

— Porque ele é o melhor, é por isso! Quem mais pode lutar contra os *insecta*! Isso é o que importa, seu idiota, os *insecta*!

Bonzo parou de sorrir. As pessoas achavam Ender importante, mas não davam o mesmo valor a ele. Bonzo odiava isso.

“Você me matou com essas palavras, Dink. Bonzo não quer ouvir que eu posso salvar o mundo. Onde estão os professores?”, pensou Ender. “Não perceberam que o primeiro contato entre nós nesta luta pode ser o fim? Não é como a briga na sala de combate, onde ninguém tem ponto de apoio para causar maiores ferimentos. Aqui, há gravidade, o piso e as paredes são duros e cheios de peças metálicas. Parem isso, agora ou nunca.”

— Se tocar nele, é porque ama os *insecta!* —, gritou Dink. — Você é um traidor, se tocá-lo, merecerá morrer! — Empurraram o rosto de Dink contra a porta e ele calou-se.

O vapor dos chuveiros prejudicava a visão e o suor escorria pelo corpo de Ender. “Agora, antes que o sabonete saia. Agora, enquanto estou muito escorregadio para você me segurar.”

Ender deu um passo para trás, deixando transparecer no rosto o medo que realmente estava sentindo.

— Bonzo, não me machuque, por favor.

Era o que Bonzo estava esperando, a confissão de que ele tinha poder. Para os outros meninos, poderia ter sido suficiente a submissão de Ender, para Bonzo, era apenas sinal de que a vitória era certa. Levantou a perna como se fosse chutar, mas, no último momento, transformou o gesto num salto. Ender notou a mudança e abaixou-se, para que Bonzo perdesse o equilíbrio ao tentar derrubá-lo.

As costelas duras de Bonzo deram contra o rosto de Ender e suas mãos acertaram-lhe as costas, tentando agarrá-lo. Mas Ender desviou um pouco e as mãos de Bonzo escorregaram. Num momento, Ender dera uma volta completa, mas ainda estava no alcance de Bonzo. Nessa altura, o movimento seria, com o calcanhar, chutar o saco de Bonzo. Mas, para ser eficiente, este golpe precisava ser muito preciso e Bonzo estava esperando por ele. Já estava erguendo-se na ponta dos pés, elevando os rins para trás, para impedir que Ender atingisse seu púbis.

Sem vê-lo, Ender sabia que traria seu rosto mais para perto, quase junto a sua nuca, assim, em vez de chutar, saltou, dando um forte impulso, como fazem os soldados que ricocheteiam de uma parede para outra, e deu uma cabeçada no rosto de Bonzo.

Ender levantou o rosto a tempo de ver Bonzo cair para trás, o nariz sangrando, ofegando com a surpresa e a dor. Ender sabia que neste momento poderia sair do banheiro e dar a luta por terminada, da mesma forma que escapara da sala de combate depois do primeiro sangue. Mas a seqüência se repetiria várias vezes até que a vontade de brigar terminasse. A única maneira de encerrar o assunto seria ferir Bonzo tão fundo que seu medo passasse a ser maior que seu ódio.

Ender apoiou-se de novo contra a parede atrás de si, saltou e impulsionou-se com os braços. Os pés aterrissaram na barriga e no peito de Bonzo. Ender deu uma pirueta no ar e caiu de quatro, levantou-se, continuou por debaixo de Bonzo e, desta vez, quando chutou para cima, acertou o saco, em cheio.

Bonzo não gritou de dor. Não reagiu, mas seu corpo subiu um pouco no ar. Foi como se Ender tivesse chutado um móvel qualquer. Bonzo desmaiou, caiu para o lado, e esparramou-se diretamente debaixo da água fervendo de uma ducha. Não fez nenhum movimento para escapar ao calor letal.

— Meu Deus! —, alguém gritou. Os amigos de Bonzo pularam para fechar a água. Ender levantou-se, lentamente. Alguém jogou-lhe a toalha. Era Dink.

— Vamos sair daqui, —, disse Dink, levando o amigo para longe. Atrás, ouviram o atropelo dos adultos descendo uma escada. Só então os professores estavam vindo. O pessoal médico. Para curar as feridas do inimigo de Ender. Onde estavam antes da briga, quando não havia feridos?

Não restavam dúvidas na mente de Ender. Não havia ajuda para ele. O que quer que ele enfrentasse, agora e para sempre, ninguém o salvaria. Peter podia ser um canalha, mas tinha razão, sempre tivera razão, “o poder de causar dor é o único poder que importa, assim como o poder de matar e destruir, porque, se você não puder matá-los, estará sempre sujeito àqueles que podem, e nada ou ninguém poderá salvá-lo.”

Dink levou-o a seu quarto e fez com que deitasse.

— Está machucado? Ender meneou a cabeça.

— Você desmontou ele. Pensei que você estava frito, do jeito que ele lhe agarrou. Mas você acabou com ele. Se ele resistisse, você o mataria.

— Ele queria me matar.

— Eu sei. Eu conheço ele. Ninguém sabe odiar como Bonzo. Mas agora, não mais. Se não o congelarem por causa disso e o mandarem para casa, nunca mais vai olhar você na cara. Você ou alguém mais. Ele tinha 20 centímetros de altura a mais do que você e você fez com que ele parecesse um bobo da corte.

Tudo o que Ender conseguia ver, porém, era a maneira como Bonzo ficou, depois que o chutara no saco. O olhar parado e vazio. Já estava acabado, naquele momento. Já estava inconsciente. Seus olhos estavam abertos, mas não estava mais pensando ou movendo-se, só aquele olhar morto e estúpido no rosto, do jeito que Stilson ficou quando acabara com ele.

— Vão congelá-lo —, repetiu Dink. — Todos sabem que foi ele quem começou. Eu os vi saindo do refeitório. Levei uns dois segundos para perceber que você também não estava lá e mais um minuto para saber onde estava. Eu lhe disse para não ficar sozinho.

— Desculpe.

— Sim, eles vão congelá-lo. Criador de caso. Ele e aquela sua honra nojenta.

Então, para surpresa de Dink, Ender começou a chorar. Deitado de costas, ainda ensopado pelo suor e pela água, soluçava sem parar, as lágrimas, saindo de suas pálpebras fechadas, misturavam-se com a água que cobria seu rosto.

— Você está bem?

— Eu não queria machucá-lo! Por que simplesmente não me deixou em paz?

Ouviu a porta abrir e fechar suavemente. Sabia de imediato que eram instruções de combate. Abriu os olhos, esperando encontrar apenas o escuro da madrugada, antes das 6h00. Mas as luzes estavam acesas. Estava nu e, quando se mexeu, a cama estava ensopada de água. Seus olhos estavam inchados e doloridos de tanto chorar. Olhou para o relógio: 18h20. O mesmo dia, ainda. “Já tive um combate hoje, ou melhor, dois combates, hoje, e os filhos da puta sabem pelo que passei e ainda estão fazendo isso comigo.”

William Bee, Exército Grifo

Talo Momoe, Exército Tigre, 19h00

Sentou-se na beirada da cama. A nota tremia em sua mão. “Não posso fazer isso”, dizia consigo mesmo. E, em voz alta:

— Não posso fazer isso.

Levantou-se, atordoado, e procurou seu traje espacial. Então lembrou-se: tinha colocado no limpador, no banheiro. Ainda estava lá.

Segurando o papel, saiu do quarto. O jantar estava quase no fim, havia poucas pessoas no corredor, mas ninguém lhe dirigiu a palavra, só o observavam, talvez espantados com o que acontecera ao meio-dia no banheiro ou pelo aspecto assustador que apresentava. A maior parte de seus meninos estava no dormitório.

— Oi, Ender. Vamos ter exercício esta noite?

Ender estendeu o papel a Hot Soup.

— Esses filhos de uma puta. Dois de uma só vez?

— Dois exércitos! —, gritou Crazy Tom.

— Vão até tropeçar uns nos outros —, disse Bean.

— Preciso lavar-me. Avise a todos e reúna-se. Encontro vocês lá no portão.

Saiu do alojamento. Uma agitação começou a acontecer logo que Ender saiu. Ouviu Crazy Tom exclamar:

— Dois exércitos de comedores de merda! Vamos esfolar a bunda deles!

O banheiro estava vazio. Tudo limpo. Nem sinal do sangue que escorrera do nariz de Bonzo. Tudo havia desaparecido. Parecia que nada acontecera ali.

Ender começou a tomar banho, tirou o suor da luta e deixou que fosse pelo ralo. Tudo foi-se embora, exceto que o líquido seria reciclado e beberiam a água do sangue de Bonzo, na manhã seguinte. “Toda a vida removida, mas ainda é

o sangue dele. E meu suor, lavados na estupidez ou na crueldade deles ou no que quer que permitiu que isso acontecesse.”

Enxugou-se, vestiu seu uniforme e foi para a sala de combate. Seu exército o esperava no corredor, mas a porta ainda estava fechada. Observaram-no em silêncio, enquanto ia ficar bem de frente para o

campo de força cinza. Todos sabiam de sua briga no banheiro, e o cansaço do combate da manhã os mantinha quietos, enquanto a idéia de que iriam se defrontar com dois exércitos ao mesmo tempo os deixava assustados.

“Fazem de tudo para me vencer”, pensou Ender. “Fazem de tudo, mudam todas as regras, não se importam com nada, desde que me vençam. Bem, estou enjoado do jogo. Não há jogo que valha Bonzo tingindo a água do chão do banheiro. Congelem-me, mandem-me para casa, não quero jogar mais.”

A porta desapareceu. Só a três metros de distância, quatro estrelas juntas, bloqueando completamente a vista da porta.

Dois exércitos só não bastavam. Precisavam fazer Ender deslocar suas forças às cegas.

— Bean —, disse Ender. — Leve seus meninos e diga-me o que há do outro lado dessa estrela.

Bean puxou o fio invisível da cintura, amarrou uma ponta ao corpo, estendeu a outra para um menino de seu esquadrão e saiu com cuidado pela porta.

Seu esquadrão logo seguiu-o. Haviam treinado essa situação várias vezes e logo estavam amarrados na estrela, segurando a ponta da linha. Bean lançou-se em grande velocidade, numa linha quase paralela à porta, quando chegou ao extremo da sala, impulsionou-se novamente e saiu direto para o inimigo. As manchas de luz na parede mostravam que o inimigo estava disparando contra ele. Com a corda se enroscando em cada canto da estrela, seu arco ficou mais fechado, sua direção mudou e ele tornou-se um alvo impossível de ser acertado. Seu esquadrão apanhou-o com precisão quando ele voltou do outro lado da estrela. Movimentava os braços e pernas para que seus amigos, que esperavam do outro lado da porta, soubessem que o inimigo não o acertara.

Ender puxou-o pelo portão.

— Está escuro, mas não é suficiente para acompanhar as pessoas pelas luzes de suas roupas. A visibilidade é a pior possível. Só existe espaço aberto desta estrela até o lado do inimigo. Têm oito estrelas fazendo um quadrado em torno do portão deles. Não vi ninguém, apenas os que estavam espiando pelos cantos das caixas. Estão sentados, esperando por nós.

Para confirmar a informação de Bean, o inimigo começou a chamar:
— Ei! Estamos com fome, venham nos alimentar! Cara de bundão! É o Exército Dragão!

A mente de Ender ficou amortecida. “Que coisa mais estúpida.” Não tinha nenhuma chance, em inferioridade numérica de dois para um e forçado a atacar um inimigo protegido.

— Numa guerra de verdade, qualquer comandante com miolos bateria em retirada, para salvar seu exército.

— Mas que diabo —, disse Bean. — É só um jogo.

— Deixa de ser um jogo, quando não respeitam mais as regras.

— Então, não respeite mais as regras você também.

Ender sorriu. “Certo, por que não? Vamos ver como eles reagem a uma formação.”

Bean ficou estupefato.

— Uma formação! Nunca fizemos uma formação durante todo o tempo em que estivemos num exército!

— Ainda temos um mês antes de terminar nosso período de treinamento. Já é hora de começar a treinar formações. Sempre é preciso conhecer formações.

Fez a letra “A” com os dedos, apontou para a porta e deu um sinal com a cabeça. Um pelotão logo apareceu e Ender começou a organizá-lo atrás da estrela.

Três metros não era espaço suficiente para eles trabalharem, os meninos estavam assustados e confusos. Levou quase cinco minutos só para que eles entendessem o que estavam fazendo.

Os soldados dos exércitos Tigre e Grifo cantavam músicas desafiando o de Ender e seus comandantes discutiam se deviam usar sua superioridade numérica para atacar o Exército Dragão, enquanto ainda estavam atrás da estrela. Momoe era favorável a atacar.

— Nós temos dois soldados para cada um deles.

— Fique sentado e não perderemos, se sairmos, com certeza ele vai imaginar uma maneira de vencer-nos —, alegava Bee.

Então ficaram sentados até que, na penumbra, viram uma grande massa deslizando para fora da estrela de Ender. Conservava sempre sua forma, mesmo que abruptamente parasse de se mover. De repente, lançou-se para o centro das oito estrelas, onde 82 soldados a esperavam.

— Nossa —, disse um grifo. — Estão fazendo uma formação.

— Deviam estar fazendo isso nestes cinco minutos —, comentou Momoe.

— Se nós tivéssemos atacado enquanto estavam ocupados, nós os venceríamos.

— Vá se foder, Momoe —, cochichou Bee. — Você viu o jeito que aquele menino voou. Circulou a estrela e voltou para trás, sem tocar em nenhuma parede.

Talvez todos eles tenham ganchos, já pensou nisso? Eles têm algo novo.

A formação era bem estranha. Um quadrado de corpos bem unidos na frente, fazendo uma parede, atrás, um cilindro composto de seis meninos de circunferência e dois de profundidade, membros esticados e congelados, de modo que não estavam segurando uns nos outros. Mas ficavam sempre juntos, como se estivessem amarrados, o que, na verdade, estavam.

De dentro da formação, o Exército Dragão estava disparando com precisão mortal, forçando grifos e tigres a ficarem atrás de suas estrelas.

— A retaguarda daquele negócio está aberta —, disse Bee. — Assim que passarem por entre as estrelas, podemos dar a volta por trás deles...

— Não fique falando, faça! —, disse Momoe. Então, seguindo seu próprio conselho, ordenou a seus meninos que se lançassem contra a parede e ricocheteassem para sair atrás da formação do Dragão.

O Exército Tigre fazia suas decolagens enquanto o Exército Grifo ficava junto a suas estrelas. De repente, a formação do Dragão mudou. O cilindro e a parede frontal abriram-se em dois, com os meninos que estavam dentro impulsionando-se, quase instantaneamente, a formação inverteu a direção, voltando para seu portão. A maior parte dos grifos disparou contra as formações e os meninos que estavam voltando com elas, os tigres apanharam os sobreviventes do Exército Dragão por trás.

Mas havia algo errado. William Bee pensou um pouco e logo viu o que era. Aquelas formações não poderiam ter invertido a direção no meio do vôo, a menos que alguém estivesse empurrando no sentido oposto, e, se haviam decolado com força suficiente para fazer aquela formação de 20 homens mover-se para trás, deviam estar indo muito depressa.

Ali estavam eles, seis pequenos soldados dragões perto da porta de William Bee. Pelo número de luzes piscando em suas roupas, Bee podia ver que três deles estavam fora de combate e dois feridos, só um estava inteiro. Nada para assustar. Bee apontou casualmente para eles, apertou o botão e...

Nada aconteceu.

As luzes se acenderam. O jogo acabara.

Mesmo olhando diretamente para eles, levou algum tempo para Bee perceber o que acontecera. Quatro dos soldados dragões tinham seus capacetes apertados contra os cantos da porta. E um deles acabara de passar.

Acabavam de fazer o ritual da vitória. Estavam sendo destruídos, mal conseguiram causar baixas, e tinham a ousadia de fazer o ritual da vitória e terminar o jogo bem debaixo de seus narizes!

Só então ocorreu a William Bee que não só o Exército Dragão terminara o jogo, mas era possível, segundo as regras, que tivessem ganho. Afinal, não importava o que acontecesse, o vencedor era proclamado desde que tivesse soldados suficientes para tocar os cantos do portão e passar alguém para o corredor do inimigo. Portanto, segundo este raciocínio, seria possível alegar que o ritual final era a vitória. A sala de combate certamente reconheceu-o como o final do jogo.

O portão do professor abriu-se e o major Anderson entrou:

— Ender —, disse, olhando à volta.

Um dos soldados dragões congelados tentou responder, mas seu maxilar estava fechado pela roupa espacial. Anderson puxou-o com o gancho e o descongelou.

Ender estava sorrindo:

— Ganhei do senhor de novo.

— Que bobagem, Ender —, Anderson respondeu, impassível. — Seu combate era com Grifo e Tigre.

— O senhor pensa mesmo que eu sou bobo, não é?

Em voz alta, Anderson disse:

— Depois daquela pequena manobra, as regras serão revistas, para que todos os soldados do inimigo estejam congelados ou fora de ação antes de o portão ser aberto.

— Só podia funcionar uma vez —, retrucou Ender.

Anderson estendeu-lhe o gancho. Ender descongelou todos, de imediato.

“Ao inferno com o protocolo. Ao inferno com tudo.”

— Ei! —, gritou, enquanto Anderson se afastava. — Como vai ser da próxima vez? Meu exército numa gaiola, sem armas, com o resto da Escola de Guerra contra ele? Que tal um pouco de igualdade?

Houve um ruidoso murmúrio de concordância dos outros meninos, mas não do Exército Dragão. Anderson nem se dignou a virar-se para ouvir o desafio de Ender. Por fim, foi William Bee quem respondeu:

— Ender, se você estiver de um lado do combate, ele não será igual, não importam as condições.

— Isso mesmo! —, gritaram os outros meninos. Muitos riram. Talo Momoe começou a bater palmas e gritou:

— Ender Wiggin!

Os outros meninos também aplaudiram e gritaram o nome de Ender.

Ender passou pelo portão do inimigo. Seus soldados seguiram-no. O ruído deles gritando seu nome seguiu-o pelos corredores.

— Haverá exercício esta noite? —, perguntou Crazy Tom.

Ender meneou a cabeça.

— Só amanhã de manhã, então?

— Não.

— Quando, então?

— Nunca mais, no que depender de mim.

Pôde ouvir o murmúrio atrás de si.

— Ei, assim não é justo —, disse um dos meninos. — Não é nossa culpa se os professores estão estragando com o jogo. Você não pode parar de nos ensinar só porque...

Ender bateu com força contra a parede e gritou com o outro:

— Eu não me importo mais com o jogo!

Sua voz ecoou pelo corredor. Meninos de outros exércitos olhavam-no de suas portas. Depois disso, falou com calma, em meio ao silêncio:

— Entenderam bem? —, e, sussurrando: — O jogo acabou.

Voltou sozinho a seu quarto. Queria deitar-se, mas não conseguiu, porque a cama estava molhada. Isso o fez lembrar-se de tudo o que

acontecera e, nervoso, arrancou lençóis, cobertores e colchões e jogou-os para o corredor. Enrolou um uniforme, para servir-lhe de travesseiro e deitou-se sobre o estrado de arame. Era desconfortável, mas Ender não se importou.

Ficou ali só por alguns minutos, até que alguém batesse à sua porta.

— Vá embora —, respondeu em voz baixa. Quem quer que estivesse batendo, não o ouviu ou não se importou. Por fim, Ender disse para entrar.

Era Bean.

— Vá embora, Bean.

Bean fez um sinal com a cabeça, mas não saiu. Ficou olhando para os sapatos. Ender quase gritou com ele, xingou, falou para que saísse. Mas não fez nada disso. Só observou como Bean estava cansado, o corpo curvado de exaustão, olhos sombrios, por falta de sono, mas sua pele ainda estava com aspecto saudável, a pele de uma criança, as bochechas redondas, os membros finos de um menino pequeno. Ainda não tinha oito anos. Não importava que fosse inteligente, dedicado e bondoso. Era uma criança. Era tão pequeno.

“Não, não é”, reconsiderou Ender. Pequeno, sim. Mas Bean passou por todo um combate, com o exército inteiro dependendo dele e dos soldados que liderava, saiu-se muito bem, e ganharam. Não há juventude nisso. Não há infância.

Tomando o silêncio e a expressão abrandada de Ender como uma permissão para ficar, Bean deu mais um passo para dentro do quarto. Só então Ender viu o pedaço de papel na mão dele.

— Você foi transferido? —, perguntou Ender. Estava incrédulo, mas sua voz saiu sem interesse.

— Para o Exército Coelho.

Ender assentiu. Claro. Era óbvio. “Se não posso ser derrotado com meu exército, eles começam a acabar com ele.”

— Carn Carby é um bom homem. Espero que ele reconheça o quanto você vale.

— Carn Carby formou-se hoje. Recebeu a notícia enquanto estávamos lutando.

— Bem, quem está comandando o Coelho, então?

Bean estendeu os braços, como que pedindo desculpas.

— Eu.

Ender olhou para o teto e fez que sim.

— Claro. Afinal, você só tem quatro anos a menos que a idade regulamentar.

— Não é engraçado. Não sei o que está acontecendo. Todas essas alterações no jogo. E agora isso. Não fui o único transferido, sabe? Graduaram metade dos comandantes e transferiram muitos dos nossos para comandar os exércitos deles.

— Quais dos nossos?

— Parece que... todos os líderes de pelotão e todos os assistentes.

— Sim, sim. Se decidiram acabar com meu exército, vão arrasá-lo mesmo.

O que quer que façam, fazem perfeitamente.

— Mas você ainda vai ganhar, Ender. Todos nós sabemos disso. Crazy Tom disse: “Quer dizer que eu preciso pensar num jeito de ganhar do Exército

Dragão?” Todos sabem que você é o melhor. Não podem quebrar você, não importa o que...

— Mas já quebraram.

— Não, Ender, eles não...

— Não me importo mais com o jogo deles, Bean. Não vou jogar mais, fazer exercícios ou combater. Podem passar seus papezinhos pela porta o quanto quiserem, mas eu não vou. Decidi isso antes de passar por aquela porta, hoje. Por isso que mandei você passar pelo portão. Não achava que ia funcionar, mas não importava. Eu só queria encerrar em grande estilo.

— Você devia ter visto a cara do William Bee. Ficou ali, tentando descobrir como é que tinha perdido, quando você só tinha sete meninos que podiam mexer os dedos dos pés e ele só tinha três imobilizados.

— Por que eu gostaria de ver a cara do William Bee? Por que eu gostaria de ganhar de alguém? —, Ender apertou as mãos contra os olhos. — Feri Bonzo para valer, hoje, Bean. Machuquei pra valer, mesmo.

— Ele merecia.

— Eu bati nele enquanto estava caído. Era como se ele estivesse morto. E eu continuei batendo.

Bean nada disse.

— Eu só queria me certificar de que ele nunca mais bateria em mim.

— Ele não vai bater em você. Foi mandado para casa.

— Já?

— Os professores não dizem muita coisa, nunca dizem. A nota oficial diz que ele se formou, mas o lugar para onde foi designado, como Escola tática, suporte, pré-comando, navegação, esse tipo de coisa, não foi anunciado, dizia apenas Cartagena, Espanha. É a casa dele.

— Estou contente porque ele se formou.

— Que diabo, Ender, estamos contentes porque ele se foi. Se soubéssemos o que ele queria fazer com você, nós o teríamos matado na hora. Verdade que ele levou uma turma?

— Não, foi só entre ele e eu. Ele lutou com honra.

“Se não fosse por sua honra, ele e os outros bateriam todos em mim. Então poderiam me matar. Seu senso de honra salvou minha vida.”

— Mas eu não lutei com honra —, acrescentou Ender. — Eu lutei para ganhar.

— Ganhou mesmo. Chutou o cara pra fora da órbita —, disse Bean, sorrindo.

Uma batida na porta. Antes que Ender pudesse responder, a porta abriu.

Estava esperando mais alguns de seus soldados. Mas era o major Anderson. Atrás dele, o coronel Graff.

— Ender Wiggin —, disse o coronel Graff.

— Sim, senhor —, respondeu Ender, pulando da cama.

— Sua demonstração de temperamento na sala de combate hoje foi insubordinação e não deve se repetir.

— Sim, senhor.

Bean, por outro lado, ainda estava sentindo-se insubordinado e não achava que Ender merecia aquela reprimenda.

— Acho que já era hora de alguém dizer a um professor nossa opinião sobre o que vocês têm feito.

Os adultos o ignoraram. Anderson entregou a Ender uma folha. Uma folha grande. Não uma das folhinhas que serviam para ordens internas da Escola de Guerra, era uma folha oficial de ordens. Bean sabia o que significava. Ender estava sendo transferido para fora da escola.

— Graduação? —, quis saber Bean. Ender fez que sim. — Por que demoraram tanto? Você só vai dois ou três anos antes da hora. Já aprendeu a andar, falar e vestir-se sozinho. Será que ainda tem mais alguma coisa pra você aprender?

Ender meneou a cabeça.

— Tudo o que sei é: o jogo acabou —, dobrou a folha. — Já era hora. Posso contar a meu exército?

— Não há tempo —, disse Graff. — Seu ônibus espacial parte em 20 minutos. Além do mais, é melhor não falar com eles depois de receber suas ordens. Fica mais fácil.

— Para eles ou para vocês? —, perguntou Ender. Não esperou por uma resposta. Voltou-se depressa para Bean, apertou sua mão por um segundo e depois foi para a porta.

— Espere —, disse Bean. — Para onde está indo? Tático? Navegação? Suporte?

— Escola de Comando.

— Pré-comando?

— Comando —, respondeu Ender, saindo pela porta.

Anderson seguiu-o de perto. Bean agarrou o coronel Graff pela manga.

— Ninguém vai para a Escola de Comando antes dos 16 anos!

Graff se livrou da mão de Bean e afastou-se, fechando a porta atrás de si.

Bean ficou sozinho no quarto, tentando entender o que aquilo poderia significar. Ninguém ia para a Escola de Comando sem três anos de Pré-comando no Tático ou Suporte. Mas, afinal, ninguém saía da Escola de Guerra antes de seis anos de curso e Ender estudara apenas quatro.

“O sistema está rachando. Sem duvida. Ou alguém lá em cima enlouqueceu ou algo deu errado com a guerra, a guerra de verdade, a Guerra dos *Insecta*. Por que alguém iria atrapalhar o sistema de treinamento assim, arruinar o jogo do jeito que fizeram? Por que colocariam uma criança como eu no comando de um exército?”, Bean ficou pensando nisso, enquanto voltava pelo corredor, para sua própria cama.

As luzes se apagaram assim que chegou a seu beliche. Tirou a roupa no escuro e, com dificuldade, jogou-a num armário que não conseguia enxergar. Sentia-se muito mal. De início, pensou que era medo, por ter de comandar um exército, mas não era isso. Sabia que seria um bom comandante. Sentia-se com vontade de chorar. Não chorava desde os primeiros dias, em que sentira saudades de casa. Tentou dar um nome ao sentimento que estava colocando um nó em sua garganta e o fazia solçar em silêncio, por mais que tentasse reprimi-lo. Mordeu a mão

para segurar o sentimento e substituí-lo pela dor. Não ajudou. Nunca mais veria Ender.

Uma vez dando um nome ao sentimento, poderia controlá-lo. Deitou-se e forçou-se a passar pela rotina de relaxamento, até não ter mais vontade de chorar.

Depois disso, acabou dormindo. Sua mão estava perto da boca. Ele ficou hesitante sobre o travesseiro, como se não conseguisse decidir se roia as unhas ou chupava o dedo. A testa estava enrugada. A respiração, rápida e leve. Era um soldado e se alguém lhe perguntasse o que queria ser quando crescesse, não entenderia o significado da pergunta.

Quando estava a caminho do ônibus espacial, Ender notou pela primeira vez que a insígnia no uniforme do major Anderson tinha mudado.

— Sim, ele é um coronel, agora —, disse Graff. — De fato, o major Anderson foi colocado no comando da Escola de Guerra, ainda esta tarde. Eu fui designado para outro posto.

Ender não perguntou qual era.

Graff puxou os cintos do assento do lado do corredor. Havia só mais um passageiro, um homem calado, à paisana, que foi apresentado como general Pace. Pace estava carregando uma valise, mas não tinha mais bagagem do que Ender. De certa forma, isso era reconfortante para Ender, que Graff também viesse sem nada.

Ender falou apenas uma vez, na viagem de volta ao lar.

— Por que estamos indo para casa? Pensei que a Escola de Comando fosse em algum lugar nos Asteróides.

— E é —, confirmou Graff. — Mas a Escola de Guerra não tem instalações para atracação de naves de longo alcance. Então você vai ganhar uma pequena licença na Terra.

Ender quis perguntar se aquilo significava que poderia ver sua família. Mas, de repente, ao pensar que isso poderia ser possível, ficou com medo e não perguntou nada. Só fechou os olhos e tentou dormir. Atrás dele, o general Pace o estudava, mas não sabia o porquê.

Era uma tarde quente de verão na Flórida, quando aterrissaram. Ender passara tanto tempo sem ver a luz solar que a claridade o deixou com as vistas ofuscadas. Apertava os olhos, espirrava e tinha vontade de voltar

para algum lugar fechado. Tudo ficava muito longe e era plano, o chão não tinha a curva para cima da Escola de Guerra, parecendo que caía para longe, assim, no nível do chão, Ender sentia-se no topo de um morro. O empuxo da gravidade real era diferente e, ao caminhar, tropeçava com frequência. Detestou tudo aquilo. Queria voltar para sua casa, para a Escola de Guerra, o único lugar do universo ao qual pertencia.

“Preso?”

“Bem, seria uma idéia natural. O general Pace é o chefe da polícia militar. E houve uma morte na Escola de Guerra.”

“Não me disseram que o coronel Graff ia ser promovido ou levado a corte marcial. Só transferido, com ordens de se apresentar ao Polemarca.” “Isso é bom ou é mau?”

“Quem sabe? De um lado, Ender Wiggin não só sobreviveu, mas passou uma barreira. Graduou-se de forma excelente e o velho Graff merece crédito por isso. Por outro, há o quarto passageiro do ônibus espacial. O que está indo dentro de um baú.”

“Esta foi a segunda morte na história da escola. Pelo menos desta vez não foi suicídio.” “De que modo um homicídio pode ser melhor, major Imbu?”

“Não foi homicídio, coronel. Temos a luta em vídeo, de dois ângulos. Ninguém pode culpar Ender.”

“Mas podem culpar Graff. Depois de tudo isso acabar, os civis podem examinar nossos

arquivos e decidir o que era certo ou errado. Vão dar-nos medalhas onde acharem que estávamos certos e tirar nossas pensões e colocarnos no xadrez quando decidirem que estávamos errados. Pelo menos tiveram o bom senso de não contar a Ender que o menino morreu.”

“A segunda vez, também.”

“Também não lhe contaram sobre Stilson.” “O menino é assustador.”

“Ender Wiggin não é um assassino. Ele apenas ganha todas as vezes. Se alguém precisa se assustar, são os insecta.”

“Quase dá pena, sabendo que Ender irá atrás deles.”

“Só tenho pena de Ender. Mas não tenho pena o suficiente para sugerir que lhe dêem folga. Acabo de ter acesso ao material que Graff

tem recebido todo este tempo. Sobre os movimentos da esquadra. Antes, eu costumava dormir tranqüilo, à noite.”

“O tempo está encurtando?”

“Não deveria nem ter mencionado isso. Não posso transmitir-lhe informação confidencial.”

“Eu sei.”

“Vamos dizer assim: não o mandaram para a Escola de Comando um dia antes do que deviam. Talvez uns dois anos tarde demais.”

Valentine

“Crianças?”

“Irmão e irmã. Eles evitaram cinco vezes as redes, escrevendo para empresas que pagavam sua colaboração, esse tipo de coisa. Levou um tempão para identificá-los.” “O que estão escondendo?”

“Poderia ser qualquer coisa. A coisa mais óbvia para esconder, porém, é a idade deles.

O menino tem 14, a menina, 12.”

“Qual é Demóstenes?”

“A menina. A de 12 anos.”

“Desculpe-me. Não acho que isso seja realmente engraçado, mas só posso dar risada.

Todo este tempo estivemos preocupados tentando persuadir os russos a não levar Demóstenes muito a sério, apontamos Locke como prova que nem todos os americanos eram loucos belicistas. Irmão e irmã. Na puberdade...”

“E o sobrenome deles é

Wiggin.” “Ah!

Coincidência?”

“O Wiggin é um Terceiro. Eles são número um e número dois.” “Excelente. Os russos nunca vão acreditar...”

“...que Demóstenes e Locke não estão tão sob nosso controle, como o Wiggin.”

“Será que existe uma conspiração? Será que alguém os está controlando?”

“Não conseguimos detectar contato algum entre essas crianças e qualquer adulto que pudesse estar controlando-as.”

“Isso não quer dizer que alguém não poderia ter inventado um método que você não pudesse detectar. Difícil acreditar que duas crianças...”

“Entrevistei o coronel Graff ao chegar da Escola de Guerra. Sua opinião abalizada é a de que nada do que essas crianças fizeram está fora de seu alcance. Suas capacidades são virtualmente idênticas à... do Wiggin. Só seus temperamentos são diferentes. O que o surpreendeu, entretanto, foi a orientação dos dois personagens. Demóstenes é definitivamente a garota, mas Graff diz que ela foi rejeitada pela Escola por ser demasiado pacifista, conciliadora e, acima de tudo, empática.”

“Definitivamente, isso não é Demóstenes.” “E o menino tem a alma de um chacal.”

“Não foi Locke que recentemente foi elogiado como “a única mente aberta de fato na América”.”

“É muito difícil saber o que ocorre na realidade, mas Graff recomendou, e eu concordo, que devemos deixá-los em paz. Não expô-los. Não fornecer nenhuma informação, por ora, exceto que descobrimos que Locke e Demóstenes não têm contatos com o estrangeiro e nenhuma ligação com grupos do país, exceto aqueles publicamente declarados nas redes.”

“Em outras palavras, dar-lhes um atestado de saúde.”

“Sei que Demóstenes parece perigoso, em parte porque ele, ou ela, tem um séquito muito grande, mas acho significativo que o mais ambicioso dos dois tenha escolhido a personalidade moderada e sábia. E eles ainda estão apenas conversando. Têm influência, mas não poder.”

“Segundo minha experiência, influência é poder.”

“Se acharmos que estão saindo da linha, poderemos expô-los facilmente.”

“Mas só nos próximos anos. Quanto mais esperarmos, mais velhos ficarão e menos chocante será descobrir quem são.”

“Você sabe para que foram os movimentos das tropas russas. Sempre há a chance de que Demóstenes esteja certo. Caso em que...”

“Seria melhor ter Demóstenes por perto. Tudo bem. Por ora, vamos mostrá-los como gente limpa. Mas vamos ficar de olho. Eu, é claro, tenho de achar um jeito de manter os russos calmos.”

A despeito de todos seus receios, Valentine estava se divertindo ao fazer o papel de Demóstenes. Sua coluna era publicada em todas as redes de notícias do país e era divertido ver o dinheiro se acumulando no livro de seu procurador. Às vezes ela e Peter, em nome de Demóstenes, doavam uma soma cuidadosamente calculada a um candidato ou causa em particular, era dinheiro bastante para que a doação fosse notada, mas não tanto que o candidato sentisse que ela estava tentando comprar um voto. Ela agora recebia tantas cartas que sua rede de notícias contratara uma secretária para responder as mais rotineiras em seu lugar. As cartas engraçadas, as de líderes nacionais e internacionais — por vezes hostis, por vezes amigáveis, sempre diplomaticamente tentando sondar a mente de Demóstenes — ela e Peter liam juntos, rindo deliciados, porque gente como *aquela* estava escrevendo para crianças e nem sabia.

Às vezes, porém, ela ficava com vergonha. O pai estava lendo Demóstenes regularmente, nunca lia Locke ou, se o fazia, nada comentava. No jantar, porém, muitas vezes os regalava com alguma opinião de Demóstenes na coluna do dia. Peter adorava quando o pai fazia isso — “Está vendo, mostra que o homem comum está prestando atenção.” —, mas fazia Valentine sentir-se humilhada pelo pai. “Se ele descobrisse que todo o tempo era *eu* quem escrevia as colunas sobre as quais ele nos falava e que nem eu acreditava em metade das coisas que escrevia, ele ficaria furioso e envergonhado.”

Na escola, ela quase colocou-os em má situação, quando o professor de história pediu à classe que escrevesse um trabalho comparando as opiniões de Demóstenes e de Locke expressas em duas de suas primeiras colunas. Valentine foi descuidada e fez uma análise brilhante. Como resultado, teve muito trabalho para convencer o diretor a não publicar seu trabalho na mesma rede que apresentava a coluna de Demóstenes. Peter ficou muito bravo com aquilo:

— Você escreveu demais como Demóstenes, não pode deixar que publiquem isso. Demóstenes precisava ser morto, você está saindo da linha!

Se ficava bravo com aquele passo em falso, Peter assustava-a ainda mais quando ficava silencioso. Isso aconteceu quando Demóstenes foi convidado para participar do Conselho Presidencial sobre Educação para o Futuro, um painel oficial destinado a não fazer nada, mas fazer

nada de maneira esplêndida. Valentine pensou que Peter ia considerar um triunfo, mas não.

— Recuse —, disse ele.

— Por quê? Não dá trabalho nenhum e eles até disseram que, por Demóstenes desejar privacidade, todas as reuniões seriam colocadas na rede. Torna Demóstenes uma pessoa respeitável e...

— Você adora ter conseguido isso antes de mim.

— Peter, não é você e eu, é Demóstenes e Locke. Nós os fizemos. Eles não são reais. Além do que, esta nomeação não quer dizer que gostam de Demóstenes mais do que de Locke, só que Demóstenes tem muito mais apoio. Você sabe que ele teria. Nomeá-lo agrada grande número de anti-russos e chauvinistas.

— Não deveria funcionar dessa maneira. Locke é que deveria ser o respeitado.

— Mas ele é! O respeito real demora mais tempo para conseguir do que o respeito oficial. Peter, não fique nervoso comigo só porque eu fiz direito as coisas que você me mandou.

Mas ele estava com raiva e desde então deixou que ela mesma concebesse todas as colunas, em vez de dizer a ela o que escrever. Provavelmente presumiu que assim a qualidade das colunas de Demóstenes cairia, mas se isso aconteceu, ninguém notou. Talvez o irritasse ainda mais o fato de ela nunca ter pedido ajuda a ele, choramingando. Ela já fora Demóstenes por muito tempo e não precisava de ninguém para dizer-lhe como Demóstenes deveria pensar.

Como crescia a correspondência com outros cidadãos politicamente ativos, ela começou a ficar sabendo de coisas, de informações que simplesmente não estavam disponíveis para o grande público. Certos militares que escreviam para ela davam indicações sobre coisas sem fazer referência direta e ela e Peter as integravam, pintando um quadro fascinante e assustador das atividades do Pacto de Varsóvia. Eles estavam mesmo se preparando para a guerra, uma guerra terrestre destrutiva e sangrenta. Demóstenes não estava errado ao suspeitar que o Pacto de Varsóvia não estava respeitando os termos da Liga.

Dessa forma, o caráter de Demóstenes gradualmente assumiu vida própria. Às vezes, depois de redigir, ela se surpreendia pensando como

Demóstenes, concordando com idéias que deveriam ser fingimento premeditado. Ocasionalmente, lia os ensaios que Peter escrevia como Locke e surpreendia-se contrariada com a óbvia cegueira dele a respeito do que estava acontecendo.

Talvez seja impossível interpretar um personagem sem tornarmo-nos aquilo que fingimos ser. Ela pensava no assunto, ficava preocupada por alguns dias e depois escrevia uma coluna usando esse tema, para mostrar que os políticos que eram coniventes com os russos para manter a paz acabariam inevitavelmente subservientes a eles em tudo. Era uma adorável alfinetada no partido da situação e ela recebeu muita correspondência a respeito. Também deixou de assustar-se com a idéia de se tornar, em parte, Demóstenes. “Ele é mais esperto do que Peter e eu nunca lhe dei crédito por isso”, pensava.

Graff esperava por ela depois da escola. Estava encostado em seu carro. Usava roupas civis e ganhara peso, de modo que ela de início não o reconheceu. Mas ele a cumprimentou e, antes que ele pudesse se apresentar, ela lembrou-se de seu nome.

— Não vou escrever outra carta —, disse ela, — Eu nem deveria ter escrito aquela.

— Acho que você não gosta de medalhas.

— Não muito.

— Venha dar um passeio comigo, Valentine.

— Não passeio com estranhos.

Graff entregou a ela um papel. Era uma autorização, seus pais haviam assinado.

— Acho que você não é um estranho. Onde estamos indo?

— Vamos ver um jovem soldado que está em Greensboro, de licença.

Ela entrou no carro.

— Ender só tem dez anos. Pensei que o senhor tinha dito que ele só poderia ter licença pela primeira vez aos 12 anos.

— Ele pulou alguns anos.

— Então ele está indo bem?

— Pergunte a ele quando o encontrar.

— Por que eu? Por que não toda a família?

Graff suspirou.

— Ender vê o mundo a sua maneira. Tivemos de conversar muito com ele para que aceitasse vê-la. Quanto a Peter e a seus pais, não manifestou o menor interesse. A vida na Escola de Guerra era... intensa.

— O que está querendo dizer? Que ele enlouqueceu?

— O contrário. É a pessoa mais sadia que conheço. Tem sanidade suficiente para saber que os pais não estão muito ansiosos para reabrir um livro de afeto que foi muito bem fechado quatro anos atrás. Quanto a Peter, não sugerimos uma reunião e, assim, ele não teve oportunidade de nos mandar para o inferno.

Foram pela estrada do lago Brandt e viraram pouco depois do lago, seguindo uma via sinuosa que subia e descia até chegar a uma mansão de madeira branca que dominava o alto de uma colina. Dava de um lado para o lago Brandt e, do outro, para um segundo lago, particular, de dois hectares.

— Esta é a casa construída pelo Mist-E-Rub da Medly —, disse Graff.
— A EI a tomou num leilão oficial, há 20 anos. Ender insistiu que sua conversa com ele não fosse espionada. Prometi-lhe que não seria e, para ajudar a inspirar confiança, vocês dois vão sair numa jangada que ele mesmo construiu. Devo advertir, porém, que pretendo fazer-lhe perguntas sobre a conversa, quando ela tiver acabado. Não precisará responder, mas espero que o faça.

— Não trouxe roupa de banho.

— Podemos arrumar uma.

— Uma sem microfones?

— Em algum ponto, é preciso haver confiança. Por exemplo, eu sei quem é realmente Demóstenes.

Ela sentiu um arrepio de medo passar por todo o corpo, mas nada disse.

— Eu soube desde que descí da Escola de Guerra. Há, talvez, seis pessoas no mundo que conhecem sua identidade. Sem contar os russos, só Deus sabe o que eles sabem. Mas Demóstenes nada tem a temer de nós. Ele pode confiar em nossa descrição. Assim como confio que Demóstenes não vai contar a Locke o que está acontecendo hoje, neste lugar. Confiança mútua. Contamos coisas uns para os outros.

Valentine não conseguia decidir se eles aprovavam Demóstenes ou Valentine Wiggin. Se o primeiro, ela não confiaria neles, se o segundo, talvez pudesse. O fato de não quererem que ela discutisse isso com Peter sugeria que talvez soubessem a diferença entre eles. Ela mesma não parou para pensar se ainda sabia a diferença.

— Você disse que ele construiu a jangada. Há quanto tempo está aqui?

— Dois meses. Queríamos que a licença durasse apenas alguns dias, mas, como vê, ele não parece interessado em continuar seus estudos.

— Ah. Quer dizer que eu sou a terapia, de novo.

— Desta vez, não podemos censurar sua carta. Estamos nos arriscando. Precisamos muito de seu irmão. A humanidade está num ponto crítico.

Agora, Valentine estava crescida o bastante para saber o perigo que o mundo corria. E ela fora Demóstenes por tempo bastante para não hesitar em cumprir seu dever.

— Onde ele está?

— Lá no cais.

— E onde está a roupa de banho?

Ender não acenou quando ela desceu o morro em sua direção nem sorriu quando ela subiu no cais flutuante. Mas Valentine sabia que ele estava contente em vê-la, porque os olhos dele não se desviavam de seu rosto.

— Você está maior do que eu lembrava —, ela disse, tolamente.

— Você também. Também me lembro como você era bonita.

— A memória nos engana.

— Não. Seu rosto é o mesmo, mas não me lembro mais do que significa “bonito”. Vamos. Vamos para o meio do lago.

Ela olhou desconfiada para a jangada.

— É só não ficar de pé em cima dela —, disse Ender, rastejando, com as mãos sobre a jangada, como uma aranha. — É a primeira coisa que construo com minhas mãos desde quando você e eu fazíamos as coisas com blocos. Construções à prova de Peter.

Ela riu. Costumavam gostar muito de construir coisas que continuavam de pé mesmo quando muitos dos suportes fossem removidos. Peter, por sua vez, gostava de remover um bloco aqui ou ali, para que a estrutura ficasse instável e caísse quando a próxima pessoa a tocasse. Peter era um idiota, mas deu uma certa referência à infância deles.

— Peter está mudado —, disse ela.

— Não vamos falar dele.

— Está bem.

Ela também rastejou para cima da embarcação, não com tanta habilidade como Ender. Ele usou um remo para manobrar lentamente para o centro do lago particular. Ela observou, em voz alta, que ele estava bronzeado e forte.

— A força vem da Escola de Guerra, o bronzeado vem deste lago. Passo muito tempo na água. Quando estou nadando, é como estar em gravidade zero. Sinto falta disso. Também, quando estou aqui no lago, a terra inclina-se para cima em todas as direções.

— Como viver dentro de uma tigela.

— Vivi numa tigela por quatro anos.

— Então, somos estranhos, agora?

— Não somos, Valentine?

— Não.

Ela estendeu a mão e tocou a perna dele. Então apertou o joelho, onde ele sempre sentira mais cócegas.

Quase no mesmo instante, ele agarrou o pulso dela. Sua mão era muito forte, mesmo sendo menor que a dela, e seus braços eram esbeltos e firmes. Por um momento, ele pareceu ameaçador, mas, depois, relaxou.

— Ah, sim, você costumava me fazer cócegas.

— Não mais —, disse ela, retirando a mão.

— Quer nadar?

Em resposta, ela deixou-se cair por um lado da jangada. A água era clara e limpa, não tinha cloro. Nadou um pouco, voltou à jangada e deitou-se, debaixo da luz difusa do sol. Uma vespa circundou-a e desceu na jangada, ao lado de sua cabeça. Ela sabia que estava ali, e, normalmente, sentiria medo. “Mas não hoje. Deixe que ela ande nesta jangada e tome sol, como eu.”

Então a jangada oscilou, e ela se virou, só para ver Ender calmamente esmagando a vespa com um dedo.

— Coisinhas *más*. Picam sem serem insultadas primeiro, — sorriu. — Estive aprendendo estratégias preventivas. Sou muito bom. Ninguém ganha de mim. Sou o melhor soldado que já tiveram.

— Quem esperaria por menos? Você é um Wiggin.

— Seja lá o que isso signifique...

— Significa que você vai fazer diferença para o mundo. Contou o que ela e Peter estavam fazendo.

— Quantos anos tem Peter, 14? Já planejando tomar o mundo?

— Ele acha que é Alexandre, o Grande. E por que não? Por que não *você* também?

— Não podemos os *dois* sermos Alexandre.

— Duas faces da mesma moeda. E eu sou o metal no meio.

Mesmo enquanto dizia isso, ela pensava se era verdade ou não.

Compartilhara tantas coisas com Peter nos últimos anos que, mesmo pensando que o desprezava, entendia o irmão. Enquanto Ender, até agora, fora só uma lembrança, um menino pequeno e frágil que precisava de sua proteção. Não esse homenzinho de pele escura e olhar frio, que matava vespas com os dedos. “Talvez ele, Peter e eu sejamos iguais, sempre fomos. Talvez apenas pensássemos que éramos diferentes por ciúmes.”

— O problema com as moedas é que quando uma face está para cima, a outra está para baixo.

Naquele exato momento, pensava que está para baixo.

— Querem que eu encoraje você a continuar seus estudos.

— Não são estudos, são jogos. Só jogos, do começo ao fim, só que mudam as regras sempre que querem —. Levantou uma mão frouxa. — Está vendo os cordões?

— Mas você também pode usá-los.

— Só se eles quiserem que use. *Só* se pensarem que estão usando você agora. Não, é muito difícil, não quero jogar mais. Quando começo a ficar feliz, quando penso que posso lidar com as coisas, eles espetam outra faca. Fico tendo pesadelos, agora que estou aqui. Sonho que estou na sala de combates, mas, em vez de não ter peso, os jogos são feitos sob gravidade. Ficam sempre mudando de direção. Então não chego nunca na parede que eu queria. Nunca vou onde queria ir inicialmente. Fico suplicando que eles me deixem chegar até o portão, mas não me deixam sair, continuam puxando-me para dentro.

Ela sentiu a raiva na voz dele, e pensou que era com ela.

— Para puxar você de volta

— Suponho que é para isso que estou aqui. Para puxar você de volta para dentro.

— Eu não queria vê-la.

— Eles me contaram.

— Tinha medo de ainda amar você.

— Esperava que sim.

— Meu temor, seu desejo, ambos realizados.

— Ender, é verdade mesmo. Podemos ser jovens, mas não somos inermes.

Jogamos muito tempo pelas regras deles e esse jogo tornou-se nosso —, ela sorriu.

— Estou numa Comissão Presidencial. Peter ficou furioso!

— Não me deixam usar as redes. Não há um só computador exceto as máquinas da casa, que operam o sistema de segurança e a iluminação. Coisas antigas. Instaladas há um século, quando faziam computadores que não se ligavam a nada. Levaram meu exército, levaram minha carteira e, sabe de uma coisa, pouco me importo.

— Você deve ser boa companhia para si mesmo.

— Não eu. Minhas lembranças.

— Talvez seja isso o que você é: aquilo de que se lembra.

— Não, minhas lembranças de estranhos. Minhas lembranças dos *insecta*.

Valentine estremeceu, como se tivesse sentido um vento frio.

— Recuso-me a ver os vídeos dos *insecta*. São sempre a mesma coisa.

— Eu os estudava durante horas. A maneira como as naves deles se moviam pelo espaço. Uma coisa engraçada, que só me ocorreu aqui, deitado no lago: percebi que todas as batalhas em que os *insecta* e os humanos lutaram mano a mano são da Primeira Invasão. Em todas as cenas da Segunda Invasão, quando nossos soldados estão com os uniformes da EI, os *insecta* estão mortos. Deitados ali, amontoados sobre os controles. Sem um sinal de luta, nada. E a batalha de Mazer Rackham... Nunca mostram filme dessa batalha.

— Talvez seja uma arma secreta.

— Não, não, não me importo com a maneira como os matamos. Importo-me com os *insecta*. Nada sei sobre eles, mas um dia vou combatê-los. Passei por muitas lutas em minha vida, às vezes jogos, às vezes... não eram jogos. Todas as vezes venci porque conseguia entender como meu inimigo pensava. A partir do que ele *fazia*. Eu sabia o que pensavam que eu estava fazendo, como queriam que a batalha tomasse forma. E eu jogava de acordo. Sou muito bom nesse tipo de coisa. Entender como os outros pensam.

— A maldição das crianças Wiggin.

Valentine estava brincando, mas assustava-a o fato de Ender poder entendê-la tão bem quanto a seus inimigos. Peter sempre a entendera — ou pensava que sim —, mas era tamanho aleijão moral que ela nunca precisava sentir-se embaraçada quando ele adivinhava até mesmo seus piores pensamentos. Mas Ender... Ela não queria ser entendida por ele. Isso a deixaria nua perante o irmão. Ficaria envergonhada.

— Não pode achar que vai derrotar os *insecta* a menos que os conheça.

— Vai além disso. Ao ficar aqui sem nada para fazer, pensei em mim também, tentando entender porque odeio tanto a mim mesmo.

— Não, Ender.

— Não venha me dizer “Não, Ender”. Levou um bom tempo para perceber que era isso, mas acredite: eu odeio a mim mesmo. E a questão reduz-se ao seguinte: no momento em que eu realmente entendo meu inimigo, compreendo o suficiente para derrotá-lo, também o amo. Acho que é realmente impossível entender alguém, o que a pessoa quer, em que acredita, e não amar a pessoa da mesma maneira que ela se ama. E então, no justo momento em que eu os *amo*...

— Você os derrota.

Por um instante Valentine não teve medo de compreender.

— Não, você não entende. Eu os *destruo*. Eu torno impossível eles me ferirem de novo. Eu os trituro até que não *existam* mais.

— É claro que não.

O medo voltou, pior do que antes. “Peter abrandou-se, mas você, eles o transformaram num Exterminador. Dois lados da mesma moeda, mas como distingui-los?”

— Eu feri algumas pessoas para valer, Val. Não estou inventando nada.

— Sei, Ender. “Como ele vai ferir a mim?”

— Vê no que eu estou me transformando, Val? —, comentou ele, devagar.

— Até você está com medo de mim.

Tocou o rosto dela tão delicadamente que ela quis chorar. Era como o toque de sua mão macia de bebê, quando ainda era pequeno. Lembrou-se disso, toque de sua mão macia e inocente no rosto dela.

— Não estou —, ela disse e, naquele momento, era verdade. — Mas deveria. — “Não. Eu não deveria.” — Você vai ficar todo enrugado, se ficar mais tempo na água. Além disso, os tubarões poderão comer você.

Ele sorriu.

— Os tubarões aprenderam a deixar-me em paz já faz muito tempo —, mas jogou-se para cima da jangada, trazendo um pouco de água consigo. Fez frio nas costas de Valentine.

— Ender, Peter vai conseguir. Ele é inteligente o bastante para esperar o tempo que for preciso, mas vai abrir caminho até o poder. Se não for agora, será mais tarde. Não tenho certeza se ele vai ser uma coisa boa ou má. Peter pode ser cruel, mas sabe como atingir e conservar o poder, e há sinais de que, terminada a Guerra dos *Insecta*, ou mesmo antes que ela acabe, o mundo vai recair no caos. O Pacto de Varsóvia estava a caminho da hegemonia antes da Primeira Invasão. Se tentarem mais uma vez, depois...

— Até mesmo Peter poderia ser uma alternativa melhor.

— Você tem descoberto um pouco do destruidor que existe em você, Ender. Mas eu também. Peter não tinha o monopólio disso, não importa o que os que nos testaram pensavam. Peter tem algo do construtor

dentro de si. Ele não é bom, mas não arrebenta mais todas as coisas boas que encontra. Depois que você percebe que o poder sempre acaba nas mãos de pessoas que ansiam por ele, acha que há gente pior do que Peter para alcançá-lo.

— Com uma recomendação assim tão forte, eu mesmo poderia votar nele.

— Às vezes, parece absolutamente idiota. Um menino de 14 anos e sua irmã menor conspirando para tomar o mundo —, ela tentou rir, mas não tinha graça. — Não somos crianças comuns, não é? Nenhum de nós.

— Às vezes você não gostaria que fôssemos?

Ela tentou imaginar-se como as outras meninas da escola. Tentou imaginar como seria a vida se não se sentisse responsável pelo futuro do mundo.

— Seria tão monótono...

— Não creio —, disse Ender, deitando-se na jangada como se pudesse ficar ali, na água, para sempre.

Era verdade. O que quer que tivessem feito com Ender na Escola de Guerra, tinham extinguido sua ambição. Realmente, não queria deixar as águas daquela tigela aquecida pelo Sol.

“Não”, ela se deu conta. “Não, ele *acredita* que não quer sair daqui, mas ainda há muito de Peter dentro dele. Ou demasiado de mim. Nenhum de nós

poderia ser feliz por muito tempo, sem fazer nada. Ou talvez nenhum de nós poderia ser feliz vivendo sem outra companhia que não nós mesmos.” Começou a sondar de novo:

— Qual é o nome que todo mundo conhece?

— Mazer Rackham.

— E se você ganhasse a próxima guerra, do jeito que Mazer fez?

- Mazer Rackham ganhou de bamba. Um reserva. Ninguém acreditava nele. Só estava no lugar certo, na hora certa.

— Mas suponha que você consiga. Suponha que vai ganhar dos *insecta* e seu nome fique tão conhecido como o de Mazer Rackham agora.

— Que outra pessoa fique famosa. Peter quer ficar famoso. Que ele salve o mundo.

— Não estou falando de fama, Ender, nem de poder. Estou falando de acidentes, como o que fez com que Mazer Rackham estivesse lá quando alguém precisava segurar os *insecta*.

— Se estou aqui, não estarei lá. Outro estará. Que ele tenha o tal acidente.

Seu tom de despreocupação cansada deixou-a furiosa.

— Estou falando da *minha* vida, seu puto egocêntrico. — Se as palavras dela o incomodaram, ele não deu mostras. Só deixou-se ficar ali, olhos fechados. — Quando você era pequeno e Peter torturava você, era bom que eu não ficasse deitada esperando mamãe e papai salvá-lo. Eles nunca perceberam como Peter era perigoso. Eu sabia que você tinha o monitor, mas eu não esperava por eles, também. Sabe o que Peter costumava fazer comigo porque eu o impedia de ferir você?

— Cale a boca —, murmurou Ender.

Como ela viu que o peito dele estava tremendo, porque ela sabia que o tinha ferido de verdade, porque ela sabia que, como Peter, ela encontrara seu ponto mais fraco e o visara, calou a boca.

— Não posso vencê-los. Estarei lá fora como Mazer Rackham, um dia, todos estarão dependendo de mim e eu não vou conseguir fazer nada.

— Se você não puder, Ender, ninguém poderá. Se não conseguir vencê-los, eles merecerão vencer, porque são mais fortes e melhores do que nós. Não será sua culpa.

— Conte isso aos mortos.

— Se não for você, então quem?

— Qualquer um.

— Ninguém, Ender. Vou lhe dizer uma coisa. Se você tentar e perder, não será sua culpa. Mas se você não tentar e perdermos, a culpa será só sua. Você terá matado a todos nós.

— Sou um exterminador, não importa o que diga.

— O que mais você poderia ser? Os seres humanos não desenvolveram seus cérebros para ficar deitados em lagos. Matar foi a primeira coisa que aprendemos. E foi bom isso, senão estaríamos mortos e os tigres teriam herdado a Terra.

— Eu nunca pude vencer Peter. Não importa o que eu tenha dito ou feito, eu não pude.

“Então voltamos ao assunto Peter.” — Ele era alguns anos mais velho do que você, e mais forte.

— Os *insecta* também.

Ela podia perceber o raciocínio de Ender — ou melhor, seu desraciocínio. Ele podia vencer quem quisesse, mas sabia, no fundo do coração, que sempre haveria alguém que poderia destruí-lo. Sempre soube que realmente não vencera, porque havia Peter, o campeão invicto.

— Quer vencer Peter? —, perguntou Valentine.

— Não.

— Derrote os *insecta*. Depois volte para casa e veja se alguém irá dar atenção a Peter Wiggin. Olhe-o nos olhos quando o mundo inteiro amar e reverenciar você. Será a derrota nos olhos dele, Ender. É assim que você vai vencer.

— Você não entende.

— Sim, eu entendo.

— Não, não entende. Não quero ganhar de Peter.

— Então, o que quer?

— Quero que ele me ame.

Ela não teve resposta. Pelo que sabia, Peter não amava ninguém. Ender nada disse. *Só* ficou ali. E continuou ali.

Finalmente Valentine, pingando de suor, os mosquitos começando a sobrevoar com a chegada do pôr-do-sol, deu um último mergulho na água e começou a empurrar a jangada para terra. Ender não dava sinal de perceber o que ela estava fazendo, mas sua respiração irregular dizia-lhe que não estava dormindo. Quando chegaram à terra, ela subiu à doca e disse:

— Eu amo você, Ender. Mais do que nunca. Não importa sua decisão.

Ele não respondeu. Valentine duvidava que ele acreditasse nela. Ela subiu o morro, muito zangada com eles por terem-na feito vir ter com Ender daquele jeito. Afinal, ela fizera como eles queriam. Convencera Ender a voltar a seu treinamento e ele não a perdoaria por isso durante algum tempo.

Ender chegou à porta, ainda molhado de seu último mergulho no lago.

Estava escuro lá fora e também na sala onde Graff esperava por ele.

— Já vamos? —, perguntou Ender.

— Se quiser —, respondeu Graff.

— Quando?

— Quando estiver pronto.

Ender tomou banho e vestiu-se. Finalmente acostumara-se às roupas civis, mas ainda não se sentia bem sem um uniforme ou traje espacial. “Nunca mais vou usar um traje espacial”, pensou. “Era o jogo da Escola de Guerra, e tudo isso acabou.” Ouvia os grilos cricrilando loucamente no bosque, a pouca distância, o ruído de um carro movendo-se devagar sobre o cascalho.

O que mais deveria levar consigo? Lera diversos livros da biblioteca, mas pertenciam à casa, e não podia levá-los. A única coisa que possuía era a jangada que fizera com as próprias mãos. Ela também ficaria.

As luzes estavam acesas na sala onde Graff esperava. Ele também trocara de roupa. Estava de novo de uniforme.

Sentaram-se juntos no banco de trás do carro, passando por estradas de terra, até o aeroporto.

— Quando a população estava crescendo —, disse Graff—, mantiveram esta região só como bosques e fazendas. Região de mananciais. A chuva aqui faz nascer muitos rios e cria muitos lençóis subterrâneos. A Terra é profunda e, até seu núcleo, está viva, Ender. Nós, as pessoas, só vivemos em cima, como os insetos que vivem na espuma da água parada, perto da margem.

Ender nada disse.

— Treinamos nossos comandantes da maneira que fazemos porque é preciso... Eles têm de pensar de uma determinada maneira, não podem ser distraídos por muitas coisas, de modo que nós os isolamos. Você. Nós o mantivemos à parte. E funcionou. Mas é muito fácil, quando você não encontra ninguém, quando não conhece a Terra, quando vive entre paredes de metal que deixam longe o frio do espaço, esquecer por que a Terra é uma coisa que vale a pena salvar, por que o mundo das pessoas pode valer o preço que você paga.

“Então foi por isso que você me trouxe aqui”, pensou Ender. “Com toda a sua pressa, foi por isso que levou três meses: para fazer com que eu amasse a Terra. Bem, funcionou. Todos seus truques funcionaram.

Valentine, também, ela foi outro de seus truques, para fazer-me lembrar que não vou à Escola só por mim. Muito bem, eu me lembro.”

— Posso ter usado Valentine —, disse Graff — e você pode odiar-me por isso, Ender, mas não esqueça: só funciona porque o que existe entre vocês é que é real, isso é o que importa. Bilhões dessas ligações entre os seres humanos. Você está lutando é para manter essas coisas vivas.

Ender virou o rosto para a janela e observou os helicópteros e dirigíveis subindo e descendo.

Tomaram um helicóptero até o espaçoporto da EI na Ponta do Toco. O nome oficial era de um Hegêmona morto, mas todos o chamavam de Ponta do Toco pela lamentável cidadezinha que fora demolida quando construíram os vastos acessos às enormes ilhas de aço e concreto que pontilhavam Pamlico Sound. Ainda havia aves aquáticas dando seus passos pomposos na água salgada, onde árvores musgosas mergulhavam seus ramos como que para beber. Começou uma chuva leve e o concreto era escuro e escorregadio, era difícil dizer onde acabava e o Sound começava.

Graff levou-o por um labirinto de câmara de verificação. A autorização era um pequena bola de plástico que Graff levava. Ele a colocava em escaninhos, as portas se abriam e as pessoas ficavam em posição de sentido e faziam continência, os escaninhos cuspiam a bola de volta e Graff ia adiante. Ender notou que, de início, todos olhavam para Graff, mas, à medida que avançavam pelo espaçoporto, as pessoas passaram a olhar para ele. A princípio notavam o homem com a autoridade real, mas depois, onde todos tinham autoridade, era quem era levado que lhes despertava curiosidade.

Só quando Graff apertou os cintos da poltrona do ônibus espacial a seu lado, é que Ender percebeu que Graff seria lançado junto.

— Até onde? —, perguntou. — Até onde o senhor vai comigo? Graff sorriu suavemente.

— O caminho todo, Ender.

— Eles vão fazer o senhor administrador da Escola de Comando?

— Não.

“Então removeram Graff de seu posto na Escola de Combate unicamente para acompanhar Ender até seu novo posto. Como sou

importante”, ficou cismando. E, como um sussurro da voz de Peter em sua mente, ouviu a pergunta: “Como posso usar isto?”

Estremeceu, e tentou pensar em alguma outra coisa. Peter podia ter suas fantasias sobre governar o mundo, mas Ender, não. Ainda pensando em sua vida na Escola de Guerra, ocorreu-lhe que, embora nunca tivesse buscado o poder, sempre o tivera. Mas decidiu que era um poder derivado da competência, não da manipulação. Não tinha motivo para sentir vergonha. Nunca usara seu poder para ferir alguém, exceto com Bean — com quem as coisas funcionaram bem, no final das contas. Bean tornara-se um amigo, ocupando o lugar de Alai, que fora perdido, e que, por sua vez, substituíra Valentine. Valentine, que estava ajudando Peter em sua conspiração e que ainda amava Ender, não importava o que acontecesse. Seguindo o curso dessas idéias, voltou à Terra, às horas calmas no centro das águas claras cercadas por uma tigela de morros cobertos de árvores. “Isso é a Terra”, pensou. Não um globo de milhares de quilômetros de circunferência, mas uma floresta com um lago brilhante, uma casa escondida no topo de um morro, em meio às árvores, uma encosta coberta de vegetação saindo da água, peixes saltando e aves tentando pegar os insetos que viviam entre a água e o ar. A Terra era o ruído constante de grilos, do vento e das aves. E a voz de uma menina, que lhe falava de sua infância distante. A mesma voz que certa feita, protegera-o contra o terror. A mesma voz que ele faria qualquer coisa para manter viva, até voltar para a Escola, deixar a Terra para trás, por mais quatro, 40 ou 4 mil anos. Mesmo se ela amasse mais a Peter.

Seus olhos estavam fechados e não emitira nenhum som, senão o da respiração, mas Graff estendeu o braço e tocou sua mão, do outro lado do corredor. Ender enrijeceu-se, surpreso, e Graff removeu a mão, mas, por um instante, Ender foi assaltado pela idéia surpreendente de que Graff talvez sentisse algum afeto por ele. Mas não, era só mais um gesto calculado. Graff estava criando um comandante a partir de um menininho. Sem dúvida, existia algum Capítulo 17 em seu livro-texto que incluía um gesto afetuoso do professor.

O ônibus alcançou o satélite LIP em apenas algumas horas. O Lançador Interplanetário era uma cidade de 3 mil habitantes que respiravam o oxigênio das plantas de que também se alimentavam,

bebiam a água que já passara por seus corpos 10 mil vezes e viviam apenas para servir aos rebocadores, que faziam todo o trabalho duro no sistema solar, e aos ônibus espaciais, que levavam a carga e passageiros para a Terra ou para a Lua. Era um mundo onde, em poucas palavras, Ender sentia-se em casa, pois o piso inclinava-se para cima, como na Escola de Guerra.

Seu rebocador era relativamente novo — a EI sempre jogava fora seus veículos velhos e comprava os últimos modelos. Acabara de comprar grande carga de aço laminado processado por uma nave-fábrica que estava desmontando planetóides no cinturão de asteróides. O aço seria lançado na Lua e o rebocador estava preso a 14 chatas. Graff jogou sua bola no leitor, de novo, e as balsas foram desacopladas do rebocador. Deveria fazer uma viagem rápida, dessa vez, para um destino determinado, por Graff e a ser especificado sò quando o rebocador se desligasse do LIP.

— Não é um grande segredo —, disse o capitão do rebocador. — Sempre que o destino é desconhecido, é para o LIE.

Por analogia com LIP, Ender deduziu que as letras significavam, Lançador Inter-Estelar.

— Desta vez, não é —, disse Graff.

— Para onde, então?

— Comando da EI.

— Não tenho liberação da segurança nem para saber onde é, senhor.

— A nave sabe —, replicou Graff. — Deixe o computador dar uma olhadela nisto e siga o curso que for plotado —, completou, dando a bola de plástico ao capitão.

— Devo fechar os olhos durante toda a viagem, para não descobrir para onde vamos?

— Não, é claro que não. O Comando da EI é no asteróide Eros, que deve estar a três meses daqui, na velocidade máxima, que é a velocidade que vai usar, é evidente.

— Eros? Mas eu pensei que os *insecta* haviam queimado aquilo, transformando-o num buraco radiativo... Ei, quando foi que recebi liberação da segurança para saber disso?

— Não recebeu. De modo que, quando chegarmos a Eros, você será designado para serviço permanente ali.

O capitão entendeu imediatamente. E não gostou nada.

— Sou um piloto, seu filho da puta, e você não tem direito de me trancar dentro de uma pedra!

— Vou relevar sua linguagem derrisória para com um oficial superior. Peço desculpas, mas minhas ordens eram para levar o rebocador militar mais veloz. No momento em que cheguei, havia você. Não é como se alguém fosse pegá-lo de propósito. Anime-se. A guerra poderá estar encerrada em mais 15 anos e, então, a localização do Comando da EI não precisará ser secreta. Aliás, fique sabendo que, se você confia no visual para atracar, Eros foi enegrecido. Seu albedo é só um pouco mais brilhante que um buraco negro. Não vai ver nada.

— Muito obrigado —, respondeu o capitão.

Passou-se quase um mês de viagem antes que ele conseguisse falar polidamente com o coronel Graff.

O computador de bordo tinha uma biblioteca limitada, dedicada principalmente a entretenimento, não à educação. Assim, durante a viagem, depois do café e dos exercícios matinais, Ender e Graff costumavam conversar sobre a Escola de Comando, a Terra, astronomia, física e qualquer coisa que Ender quisesse saber.

Acima de tudo, queria saber sobre os *insecta*.

— Não há muito que saibamos —, dizia Graff. — Nunca aprisionamos um deles vivo. Quando apanhamos um desarmado e vivo, ele morreu no momento em que ficou óbvio que tinha sido capturado. Mesmo o “ele” é incerto: a coisa mais provável, na realidade, é que a maioria dos soldados *insecta* são fêmeas, mas com órgãos sexuais atrofiados ou vestigiais. Não sabemos ao certo. A psicologia deles é que seria mais útil para você, mas ainda não tivemos uma boa ocasião para entrevistá-los.

— Conte-me o que o senhor sabe e talvez eu aprenda algo de que precise saber.

Graff contou-lhe. Os *insecta* eram organismos que poderiam ter evoluído também na Terra, se as coisas tivessem sido um pouco diferentes, há um bilhão de anos. No nível molecular, não havia novidades. Até o material genético era o mesmo. Não era por acidente que pareciam com insetos, para os humanos. Ainda que seus órgãos internos fossem muito mais complexos e especializados do que os de qualquer inseto, tivessem desenvolvido um esqueleto interno e eliminado a maior parte do exoesqueleto, sua estrutura física ainda lembrava a de seus ancestrais, que poderiam muito bem ter sido como as formigas da Terra.

— Mas não se deixe iludir por isso —, advertiu Graff. — É tão significativo quanto dizer que nossos ancestrais eram parecidos com esquilos.

— Se é tudo o que sabemos, já é *alguma* coisa —, comentou Ender.

— Esquilos nunca construíram espaçonaves. Normalmente há algumas diferenças entre coletar nozes e minerar asteróides e colocar estações permanentes de pesquisa nos satélites de Saturno.

Os *insecta* provavelmente poderiam ver o mesmo espectro de luz dos humanos, e havia iluminação artificial em suas naves e instalações de terra. Entretanto, suas antenas pareciam quase vestigiais. Não havia evidência, em seus corpos, de que olfato, paladar ou audição fossem particularmente importantes para eles.

— Claro que não podemos ter certeza. Mas não podemos ver como poderiam usar o som para comunicação. A coisa mais estranha é que não tinham nenhum dispositivo de comunicação em suas naves. Nenhum rádio, nada que pudesse transmitir ou receber qualquer espécie de sinal.

— Comunicam-se de nave para nave. Vi os vídeos, eles conversam uns com os outros.

— Verdade. Mas de corpo para corpo, mente para mente. É a coisa mais importante que aprendemos com eles. Sua comunicação, seja lá como a fazem, é instantânea. A velocidade da luz não é barreira. Quando Mazer Rackham derrotou a esquadra de invasão deles, todos fecharam a portas ao mesmo tempo. Imediatamente. Não houve tempo para um sinal. Tudo simplesmente parou.

Ender lembrou-se dos vídeos dos *insecta* ilesos mortos em seus postos.

— Sabíamos que isso era possível. Comunicar-se mais depressa do que a luz. Isso foi há 70 anos e, uma vez sabendo que podia ser feito, nós o fizemos. Não *eu*, é claro, ainda não tinha nascido.

— Como é possível?

— Não saberia explicar a física filótica para você. Metade das pessoas não entende. O que importa é que construímos o *ansible*. O nome oficial é Comunicador Instantâneo de Paralaxe Filótica, mas alguém desenterrou o nome *ansible*, de um velho livro em algum lugar e o nome pegou. Mas a maioria das pessoas sequer sabe que a máquina existe.

— Isso significa que as naves podem se comunicar mesmo quando estão em lados opostos do sistema solar —, disse Ender.

— Isso significa que as naves podem se comunicar umas com as outras mesmo quando estão de lados opostos da galáxia. Os *insecta* podem fazer isso sem máquinas.

— Então eles souberam de sua derrota no momento em que aconteceu —, completou Ender. — Eu sempre pensei nisso. Todos sempre diziam que eles provavelmente só há 25 anos descobriram que haviam perdido.

— Isso impede que as pessoas entrem em pânico —, disse Graff. — Estou contando-lhe coisas que você não deveria saber, aliás, se algum dia saísse do Comando da EI, antes de a guerra terminar.

Ender se irritou:

— Se o senhor conhece alguma coisa de mim, sabe que posso guardar um segredo.

— É regulamentar. As pessoas com menos de 25 anos são consideradas risco de segurança. É muito injusto para com muitas crianças responsáveis, mas ajuda a diminuir o número de pessoas que poderiam deixar escapar alguma coisa.

— Afinal, por que todo esse segredo?

— Porque assumimos alguns riscos terríveis, Ender, e não queremos que todas as redes da Terra fiquem criticando essas decisões. Como pode ver, assim que tivemos um *ansible* operacional, nós o instalamos em nossas melhores naves estelares e as lançamos para atacar os sistemas planetários natais dos *insecta*.

— Então sabemos onde ficam?

— Sim.

— Então, não estamos esperando pela Terceira Invasão.

— Nós somos a Terceira Invasão.

— Estamos atacando-os. Ninguém fala nada. Todos pensam que temos uma grande frota de naves de combate esperando no Cinturão de Asteróides .

— Nenhuma. Estamos quase sem defesas aqui.

— E se eles tivessem enviado uma esquadra para atacar-nos?

— Estaríamos mortos. Mas nossas naves nunca viram essa esquadra, nem sinal.

— Talvez tenham desistido e estejam planejando deixar-nos em paz.

— Pode ser. Você viu os vídeos. Você apostaria a raça humana contra a possibilidade de eles desistirem e nos deixarem em paz?

Ender tentou abranger os intervalos de tempo que haviam passado.

— As naves estão viajando há 70 anos...

— Algumas delas. Outras viajam 40 anos, e algumas 20. Agora fabricamos naves melhores. Estamos aprendendo a jogar melhor com o espaço, mas toda nave estelar que ainda não está em construção, está a caminho de um planeta ou posto avançado dos *insecta*. Cada nave estelar, com cruzadores e caças armazenados no porão, está lá, aproximando-se deles. Desacelerando, porque já estão quase chegando. As primeiras naves foram enviadas para os alvos mais distantes, as mais recentes, para os mais próximos. Nosso sincronismo foi bastante bom. Estarão chegando no alcance de combate com poucos meses de diferença umas das outras. Desgraçadamente, nosso equipamento mais primitivo e obsoleto é o que estará atacando o planeta natal deles. Mesmo assim, estão muito bem armados. Temos algumas armas que os *insecta* jamais viram.

— E quando vão chegar?

— Dentro dos próximos cinco anos, Ender. Tudo está pronto no Comando da EI. O *ansible-mestre* está lá, em contato com toda nossa esquadra de invasão, as naves estão todas prontas para entrar em combate. Tudo o que nos falta, Ender, é um comandante para a batalha. Alguém que saiba o que fazer com aquelas naves, quando elas lá chegarem.

— E se ninguém souber o que fazer com elas?

— Faremos o melhor que pudermos, com o melhor comandante que tivermos.

“Eu”, pensou Ender. “Querem que eu esteja pronto em cinco anos.”

— Coronel Graff, não há chance de que eu esteja pronto para comandar uma esquadra a tempo.

Graff deu de ombros.

— Então, faça o melhor que puder. Se você não estiver pronto, vamos recorrer ao que tivermos.

Isso acalmou a mente de Ender, mas só por um pouco.

— Mas o que temos, por ora, é ninguém.

Ender sabia que isso era mais uma das jogadas de Graff. “Fazer-me acreditar que tudo depende de mim, de modo que não desanime, de modo que eu me esforce ao máximo.”

Jogada ou não, poderia ser verdade. Assim, Ender trabalharia o máximo que pudesse. Era o que Val queria dele. “Cinco anos. Só cinco anos até que a esquadra chegue, e eu ainda não sei nada,”

— Terei apenas 15 anos, daqui a cinco.

— Perto dos 16. Tudo vai depender de seus conhecimentos.

— Coronel Graff, quero voltar e ficar nadando no lago.

— Depois que ganharmos a guerra. Ou perdermos. Teremos algumas décadas antes de eles chegarem aqui para acabar conosco. A casa estará lá, e prometo que você poderá nadar o quanto quiser.

— Mas ainda serei muito jovem para a segurança me liberar.

— Vamos mantê-lo sob guarda armada todo o tempo. Os militares sabem como cuidar dessas coisas.

Os dois riram e Ender precisou recordar-se que Graff estava só fingindo ser amigo, que tudo o que ele fazia era mentira ou um gesto calculado para transformá-lo numa máquina eficiente de lutar. “Vou tornar-me exatamente a ferramenta que você quer que eu seja”, disse Ender consigo mesmo, “mas pelo menos não estarei sendo *iludido*. Vou fazer isso porque escolhi, não porque você me enganou, seu sujo, filho da puta.”

O rebocador chegou a Eros antes que pudessem ver o asteróide. O capitão mostrou-lhes a varredura visual, e depois superpôs a varredura térmica sobre a mesma tela. Estavam praticamente em cima do asteróide — só a quatro quilômetros de distância —, mas Eros, com 24 quilômetros de comprimento, era invisível, não podia refletir a luz do Sol.

O capitão atracou a nave em uma das três plataformas de aterragem que rodeavam Eros. Não podiam descer diretamente porque Eros tinha gravidade aumentada e o rebocador, projetado para puxar grandes cargas, nunca poderia escapar daquele poço gravitacional. Deu-lhes um até-logo irritado, mas Ender e Graff continuaram de bom humor. O capitão estava amargurado porque teria de abandonar o rebocador, Ender e Graff sentiam-se como prisioneiros recém- libertados. Quando

subiram a bordo do ônibus que os levaria à superfície de Eros, repetiram citações, em forma de paródia, de trechos dos vídeos que o capitão assistia sem parar e riram como loucos. O capitão ficou cabisbaixo e retirou-se, fingindo que ia dormir. Então, como que reconsiderando, Ender fez uma última pergunta a Graff:

— Por que estamos combatendo os *insecta*!

— Já ouvi todo o tipo de explicações: porque o sistema solar deles está superpovoado e eles precisam de colônias, porque não podem suportar a idéia de outra vida inteligente no universo, porque eles não acham que *sejamos* vida inteligente, porque têm religião muito esquisita, porque assistiram nossas antigas transmissões de vídeo e concluíram que somos incuravelmente violentos. Todo o tipo de motivos.

— E no que o senhor acredita?

— Não importa o que eu acredito.

— Quero saber, de qualquer forma.

— Eles devem conversar uns com os outros diretamente, Ender, mente para mente. O que um pensa, o outro também pode pensar, o que um lembra, o outro também lembra. Por que desenvolveriam a linguagem? Por que aprenderiam a ler e a escrever? Como eles saberiam o que é ler e escrever, se vissem isso? Ou sinais? Ou números? Ou qualquer coisa que usamos para nos comunicar? Não é só uma questão de traduzir de uma língua para outra. Eles não têm língua alguma. Usamos todos os meios que pudemos imaginar para nos comunicar com eles, mas eles nem têm as máquinas para saber que estamos sinalizando. Talvez tenham tentado enviar seus pensamentos para nós e não tenham entendido por que não pudemos responder.

— Então toda essa guerra é porque não conseguimos conversar uns com os outros.

— Se o outro cara não pode contar-lhe a história dele, você nunca pode ter certeza se o outro não está a fim de matar você.

— E se nós simplesmente os deixássemos em paz?

— Ender, nós não fomos até eles primeiro, eles é que vieram para cima de nós. Se eles quisessem nos deixar em paz, poderiam tê-lo feito há 100 anos, antes da Primeira Invasão.

— Talvez não soubessem que éramos vida inteligente. Talvez...

— Ender, acredite-me, há um século de discussão só sobre este assunto. Ninguém sabe a resposta. No final das contas, a decisão concreta é inevitável: se um de nós tem de ser destruído, vamos nos certificar que fiquemos vivos no final. Nossos genes não nos deixam decidir de outra maneira. A natureza não pode permitir a evolução de uma espécie que não tem vontade de sobreviver. Os indivíduos podem nascer para sacrificar a si mesmos, mas a raça como um todo nunca pode decidir deixar de existir. Assim, se pudermos, vamos matar cada um dos *insecta*, até o último, e, se eles puderem, vão matar cada um de nós.

— Quanto a mim —, respondeu Ender —, sou a favor de sobreviver.

— Eu sei —, completou Graff. — É por isso que você está aqui.

O Professor de Ender

“Não teve pressa nenhuma, hein, Graff? A viagem não é curta, mas as férias de três meses me pareceram excessivas.”

“Prefiro não entregar mercadoria danificada.”

“Alguns homens simplesmente não têm senso de urgência. Afinal, trata-se apenas do destino do mundo. Não se importe comigo. Você deve entender nossa ansiedade. Estamos aqui com o ansible, recebendo relatórios constantes do progresso de nossas naves estelares. Precisamos nos defrontar com a guerra, que se aproxima a cada dia. Se é que se pode chamar a isso de dias. Ele é um menino tão pequeno...”

“Há grandeza nele. Grandeza de espírito.” “Um instinto assassino também, eu espero.” “Sim.”

“Planejamos um curso de estudos improvisado para ele. Tudo sujeito a sua aprovação, é claro.”

“Vou examiná-lo. Não vou pretender saber todos os assuntos, almirante Chamrajnagar. Estou aqui apenas porque conheço Ender. Não se surpreenda se eu tentar adivinhar a ordem de sua apresentação. Só o ritmo.” “O quanto podemos contar-lhe?”

“Não perca seu tempo com a física da viagem interestelar.” “E sobre o ansible?”

“Já lhe contei sobre isso e as esquadras. Disse que chegariam a seu destino em cinco anos.”

“Parece que falta contar muito pouco a ele.”

“Pode contar-lhe sobre os sistemas de armas. Ele precisa conhecer o suficiente para tomar decisões inteligentes.”

“Ah! Podemos ser de alguma utilidade, afinal. Que bondade a sua! Devotamos um dos cinco simuladores para o uso exclusivo dele.”

“E os outros?”

“Os outros simuladores?” “As outras crianças.”

“O senhor foi trazido, aqui para tomar conta de Ender Wiggin.”

“Só curiosidade. Lembre-se: todas elas foram minhas alunas, em alguma ocasião.”

“E agora são minhas. Estão sendo iniciadas nos Mistérios da Esquadra, coronel Graff, nos quais o senhor, como soldado, nunca foi.”

“O senhor faz isso soar como sacerdócio.”

“É um deus, uma religião. Mesmo aqueles entre nós que comandam pelo ansible conhecem a majestade do vôo entre as estrelas. Posso ver que o senhor acha desagradável meu misticismo. Garanto-lhe que seu desagrado apenas revela sua ignorância. Bem cedo, Ender Wiggin também saberá do que falo, ele dançará a graciosa dança dos fantasmas entre as estrelas e a grandeza que houver dentro dele será solta, revelada, apresentada perante o universo, para que todos vejam. O senhor tem alma de pedra, coronel Graff, mas posso cantar para uma pedra tão facilmente quanto qualquer outro cantor. O senhor pode dirigir-se a seus aposentos e instalar-se.”

“Nada tenho para instalar, exceto a roupa de meu corpo.” “Não possui nada?”

“Eles conservam meu salário numa conta em algum lugar da Terra. Nunca precisei dele.

Exceto para comprar roupas civis em minhas... férias.”

“Um não-materialista. No entanto, o senhor é desagradavelmente gordo. Um asceta glutão? Que contraditório!”

“Quando fico tenso, como. Ao passo que, quando você está tenso, ejeta resíduos sólidos.” “Gosto de você, coronel Graff, Acho que vamos nos dar bem.”

“Não me importa muito, almirante Chamrajnagar. Vim até aqui por causa de Ender.

Nenhum de nós veio aqui por sua causa.”

Ender odiou Eros desde o momento em que saiu do rebocador e foi para o ônibus espacial. Já se sentira bastante desconfortável na Terra,

onde os pisos eram planos, Eros estava além da compreensão. Era uma pedra alongada com apenas 6 quilômetros e meio de espessura no ponto mais estreito. Como a superfície do planeta estava dedicada inteiramente a absorver a luz do Sol e a convertê-la em energia, todos viviam em salas de paredes lisas unidas por túneis que rendilhavam o interior do asteroide. O espaço fechado não era problema para Ender, o que o incomodava era que o piso de todos os túneis visivelmente inclinava-se para baixo. Desde o início Ender foi atacado por vertigens ao caminhar pelos túneis, especialmente os que seguiam a estreita circunferência de Eros. Não adiantava a gravidade ser apenas a metade da Terra, a ilusão de estar à beira do precipício era quase total.

Também havia algo perturbador sobre a proporção das salas: os tetos eram muito baixos para sua largura e os túneis, muito estreitos. Não era um lugar confortável.

Pior do que tudo era o número de pessoas. Ender não tinha lembranças importantes sobre as cidades da Terra. Sua idéia de um número confortável de pessoas era o da Escola de Guerra, onde conhecia de vista todos os que lá moravam. Em Eros, entretanto, moravam 10 mil pessoas dentro de uma pedra. Não havia apinhamento, a despeito da quantidade de espaço dedicada à sustentação da vida e a outras máquinas. O que incomodava Ender era sempre estar rodeado de estranhos.

Nunca o deixavam conhecer alguém. Via muitas vezes os outros alunos da Escola de Comando, mas como ele não ia regularmente às aulas, continuavam sendo apenas rostos. Ia a uma aula aqui e ali, mas usualmente tinha aulas particulares de diversos professores ou, às vezes, outro aluno o ajudava a aprender um processo, mas ele o encontrava uma vez e nunca mais. Comia sozinho ou com o coronel Graff. Sua recreação era num ginásio, mas raramente encontrava ali duas vezes as mesmas pessoas.

Percebeu que o estavam isolando de novo, desta vez não colocando os outros estudantes a odiá-lo, mas não lhes dando oportunidade de fazer amizade. De qualquer modo, dificilmente poderia ser muito amigo da maioria deles: exceto por Ender, todos os outros já eram adolescentes.

Assim sendo, Ender retirou-se para seus estudos e aprendeu bem e depressa. Navegação estelar e história militar foram absorvidas como

água, a matemática pura era mais difícil, mas sempre que recebia um problema que envolvia padrões de espaço e de tempo descobria que sua intuição era mais confiável do que sua álgebra. Muitas vezes via logo uma solução que só poderia provar depois de minutos ou horas de manipulação de números.

Para o prazer, havia o simulador, o mais perfeito *videogame* com que já jogara. Professores e alunos treinaram-no, passo a passo, em seu uso. De início, sem conhecer o enorme poder do jogo, jogara apenas no nível tático, controlando só um caça em manobras contínuas para encontrar o inimigo e lutar contra ele. O inimigo, controlado pelo computador, era ardiloso e forte. Sempre que tentava uma tática, descobria que o computador a estava usando contra ele depois de alguns minutos.

O jogo era uma representação holográfica e seu caça era indicado apenas por um ponto de luz. O inimigo era um ponto de cor diferente, dançavam e revolteavam num cubo de espaço que deveria ter 10 metros de aresta. Os controles eram potentes. Podia girar a representação em qualquer sentido, para observar de qualquer ângulo, e deslocar seu centro, de modo que o duelo acontecesse longe ou perto dele.

À medida que foi ficando mais hábil nos controles da velocidade, da direção, da orientação e das armas do caça, o jogo foi tornando-se mais complexo.

Poderiam haver duas naves inimigas ao mesmo tempo, obstáculos, lixo espacial. Começou a ter de se preocupar com o combustível e com limitações nas armas. O computador passou a designar-lhe alvos particulares para destruir ou coisas a fazer, de modo que precisava evitar distrações e atingir um objetivo para ganhar.

Depois de dominar o jogo com um caça, deixaram-no experimentar uma esquadrilha com quatro. Dava comandos em voz alta aos pilotos simulados das quatro naves e, em vez de cumprir as instruções do computador, ele mesmo podia determinar as táticas, decidindo qual, entre diversos alvos, era o mais valioso e dirigindo sua esquadrilha para ele. A qualquer momento, podia assumir pessoalmente o comando de um dos caças por um pequeno período e, de início, fazia isso freqüentemente, porém, quando isso ocorria, os outros três caças logo

eram destruídos e, à medida que os jogos iam ficando mais difíceis, precisava passar cada vez mais tempo comandando a esquadrilha inteira. Sempre que o fazia, ganhava.

Depois de completar um ano na Escola de Comando, tinha bastante prática em operar o simulador em qualquer dos 15 níveis de dificuldade, desde um caça individual até o comando da esquadra. Percebera havia muito que a sala de combate estava para a Escola de Guerra como o simulador estava para a Escola de Comando. As aulas eram valiosas, mas a educação de verdade era o jogo. As pessoas vinham, de vez em quando, observar seu jogo. Nunca falavam, dificilmente alguém o fazia, a menos que tivesse algo específico para ensinar-lhe. Os observadores ficavam, silenciosamente, observando-o passar por uma simulação difícil, e saíam assim que ele terminava. “O que estão fazendo?”, ele gostaria de perguntar. “Estão me avaliando? Determinando se querem confiar-me toda a Esquadra? Lembrem-se que eu não pedi por isso.”

Descobriu que muito do que aprendera na Escola de Guerra podia ser transferido para o simulador. Rotineiramente reorientava o simulador com intervalo de alguns minutos, de modo a não ser apanhado numa orientação de cabeça para baixo, revisando constantemente sua posição a partir do ponto de vista do inimigo. Era excitante, por fim, ter tamanho controle da batalha, poder ver todos seus pontos.

Ao mesmo tempo era frustrante ter tão pouco controle, pois os caças controlados pelo computador eram tão bons quanto a máquina permitia. Não tinham iniciativa. Não tinham inteligência. Começou a sentir falta de seus líderes de esquadrão e, assim, contar com algumas esquadrilhas indo bem sem sua constante supervisão.

No final do primeiro ano, ganhava todas as batalhas no simulador e jogava como se a máquina fosse parte natural de seu corpo. Um dia, fazendo uma refeição com Graff, perguntou:

— Isso é tudo o que o simulador faz?

— Tudo o quê?

— A maneira como está jogando, agora. Está fácil e já faz algum tempo que não fica mais difícil.

— Oh.

Graff parecia despreocupado, mas sempre aparentava estar desligado. No dia seguinte, tudo mudou. Ele foi embora e, em seu lugar, deram um companheiro para Ender.

Ele estava no quarto, quando Ender acordou, pela manhã. Era um velho, sentado com as pernas cruzadas, no chão. Ender, na expectativa, olhou para o outro, aguardando que falasse. Nada disse. Ender se levantou, tomou banho, vestiu-se, contente de deixar o homem em silêncio, se assim o quisesse. Há muito aprendera que, quando algo inusitado acontecesse, algo que fosse parte do plano de alguém, mas não dele, obteria mais informações esperando, não perguntando. Os adultos quase sempre perdiam a paciência antes de Ender.

O homem ainda não falara quando Ender já estava pronto e dirigiu-se para a porta, para sair do quarto. A porta não abriu. Ender voltou-se para o homem sentado no chão. Parecia ter uns 60 anos, era o homem mais velho que vira em Eros. Tinha barba branca de um dia, só um pouco mais grisalha que seu cabelo, cortado curto. Seu rosto era um pouco murcho e os olhos rodeados de rugas e pés- de-galinha, Olhou para Ender com uma expressão que só revelava apatia.

Ender voltou-se para a porta e tentou abri-la de novo.

— Está bem — , disse, desistindo. — Por que a porta está trancada?

O velho continuou a olhar para ele, inexpressivo.

“Então, isto é um jogo”, pensou Ender. “Se quiserem que eu vá à aula, vão abrir a porta, Se não quiserem, então não. Pouco me importo.”

Ender não gostava de jogos em que as regras podiam ser qualquer coisa e o objetivo só era conhecido por quem os propunha. Não queria jogar. Recusou-se a perder a calma. Fez um exercício de relaxamento, apoiado contra a porta, e logo estava calmo de novo. O velho continuou a observá-lo, impassível.

Parecia que horas haviam passado, Ender recusando-se a falar, o velho com a aparência de mudo demente. Às vezes, Ender pensava que ele era doente mental, fugido de uma enfermaria em algum ponto de Eros, vivendo alguma fantasia insana em seu quarto. Mas quanto mais o tempo passava sem que ninguém aparecesse à porta procurando por ele, mais certo ficava de que tudo era proposital, pensado para desconcertá-lo. Ender não queria dar a vitória ao velho. Para passar o tempo, começou a fazer exercícios.

Alguns eram impossíveis sem o equipamento do ginásio, mas outros, especialmente os de suas aulas de defesa pessoal, ele podia fazer sem nenhum auxílio.

Os exercícios exigiam que se movesse ao redor do quarto. Estava praticando saltos e pontapés. Um movimento deixou-o muito perto do velho, como nunca se aproximara dele antes, mas, desta vez, a velha garra disparou, agarrando a perna esquerda de Ender no meio de um chute. Tirou-lhe o equilíbrio e fez com que caísse pesadamente ao chão.

Ender pôs-se de pé de imediato, furioso. Viu o velho sentado com as pernas cruzadas, calmo, sem alterar a respiração, como se nunca tivesse feito um só movimento. Ender colocou-se em posição de luta, mas a imobilidade do outro tornava o ataque impossível. “Que tal chutar e arrancar a cabeça do velho? E depois se explicar com Graff: “O velho me chutou, eu precisava reagir”

Voltou a seus exercícios, o velho continuou observando.

Por fim, cansado e irritado com o dia perdido, prisioneiro em seu quarto, Ender voltou à cama para pegar sua carteira, mas sentiu uma mão agarrando rudemente sua coxa e outra, seu cabelo. Logo estava de cabeça para baixo. O rosto e os ombros estavam sendo pressionados contra o chão pelo joelho do velho, enquanto suas costas estavam sendo dobradas, numa agonia de dor, e as pernas presas pelo braço do velho. Ender não podia usar os braços, dobrar as costas para ganhar impulso ou usar as pernas. Em menos de dois segundos, o velho derrotara Ender Wiggin completamente.

— Está bem —, Ender engasgou. — Você ganhou.

O joelho do homem forçou dolorosamente para baixo.

— Desde quando? —, perguntou ele com voz suave, mas rouca. — Você precisa dizer ao inimigo que ele ganhou?

Ender ficou calado.

— Surpreendi você uma vez, Ender Wiggin. Por que não me destruiu imediatamente depois? Só porque eu pareço pacífico? Deu as costas para mim. Coisa estúpida. Não aprendeu nada. Nunca teve um professor.

Ender ficou com raiva e não tentou se controlar ou esconder seu sentimento.

— Já tive muitos professores, como poderia supor que você fosse um...

— Um inimigo, Ender Wiggin —, sussurrou o velho. — Eu sou seu inimigo, o primeiro que já teve e mais esperto do que você. Não há professor, a não ser o inimigo. Ninguém, exceto o inimigo, vai lhe dizer o que o inimigo vai fazer. Ninguém além dele vai lhe ensinar como destruir e conquistar. Só o inimigo vai mostrar quais são seus pontos fracos. Só o inimigo vai contar-lhe onde ele é forte. E as únicas regras do jogo são o que você pode fazer com ele e o que você pode impedir que ele lhe faça. De agora em diante, eu serei seu inimigo. De agora em diante, eu serei seu professor.

Então deixou soltas as pernas de Ender. Como ainda estava segurando a cabeça contra o chão, o menino não podia usar os braços para compensar, e as pernas bateram na superfície com um estalo forte e uma dor desesperadora. Então o velho levantou-se e deixou Ender pôr-se de pé.

Lentamente, Ender puxou as pernas, com um pequeno gemido. Ficou de quatro por um pouco, recuperando-se. Então o braço direito disparou, buscando o inimigo. O velho logo saltou para trás e a mão de Ender fechou-se no ar, enquanto o pé do professor foi para a frente, atingindo Ender no queixo.

Mas o queixo de Ender não estava mais lá. Estava deitado de costas, girando no chão, e, no momento em que o professor estava sem equilíbrio, por causa do chute, os pés de Ender caíram sobre a outra perna do velho. Ele caiu encolhido, mas perto o bastante para dar um golpe e acertar o rosto de Ender. Ender não conseguia encontrar um braço ou uma perna que ficassem parados tempo bastante para ser agarrado e, enquanto isso, os golpes choviam em suas costas e braços. Ender era menor — não podia alcançar além dos membros do homem. Por fim, conseguiu safar-se e correr para perto da porta.

O velho sentou-se de novo com as pernas cruzadas, mas a apatia se fora. Estava sorrindo.

— Melhor desta vez, rapaz, mas ainda lento. Você precisará ser melhor com uma esquadra do que com seu corpo ou ninguém estará a salvo com você no comando. Aprendeu a lição?

Ender fez que sim, bem devagar. O corpo doía em uma centena de lugares.

— Muito bem —, continuou o velho. — Não vamos ter combates deste tipo de agora em diante. Tudo o mais será com o simulador. Eu é que vou programar seus combates, e não o computador, vou idealizar a estratégia de seu inimigo e você vai aprender a ser *rápido* e descobrir quais os truques o inimigo preparou para você. Lembre-se, menino. De agora em diante, o inimigo é mais inteligente do que você. De agora em diante, o inimigo é mais forte do que você.

De agora em diante, você sempre terá tudo para perder.

O rosto do velho ficou sério de novo.

— Você tem tudo para perder, Ender, mas vai acabar ganhando. Vai aprender a derrotar o inimigo. Ele mesmo vai lhe ensinar.

O professor levantou-se.

— Nesta escola, sempre foi costume que um jovem aluno seja escolhido por um aluno mais velho. Os dois tornam-se companheiros e o mais velho ensina o mais jovem tudo o que sabe. Eles sempre lutam, sempre competem, sempre estão juntos. Eu escolhi você.

Ender falou, enquanto o velho dirigia-se para a porta:

— Você é muito velho para ser um aluno.

— Nunca se é velho demais para ser um estudioso do inimigo. Aprendi com os *insecta*. Você vai aprender comigo.

Quando o homem usou a palma da mão para abrir a porta, Ender saltou e o atingiu na base da espinha, com ambos os pés. Bateu tão forte que levou um rebote de seus próprios pés. O homem deu um grito e caiu no chão.

O velho levantou-se devagar, segurando a maçaneta da porta, o rosto contorcido de dor. Parecia fora de combate, mas Ender não confiava nele. Apesar de sua desconfiança, foi apanhado de guarda aberta pela velocidade do velho. No momento seguinte, nariz e boca sangrando, estava no chão, perto da parede oposta, onde seu rosto batera na cama. Conseguiu virar-se, para ver o homem junto à porta, piscando e com as mãos nas costas. O velho sorria.

Ender também sorriu para ele.

— Professor, você tem um nome?

— Mazer Rackham —, disse o velho. Então, foi-se.

A partir daí, Ender estava ou com Mazer Rackham ou só. O velho raramente falava, mas estava sempre presente, nas refeições, nas aulas, no simulador, em seu quarto, à noite. Às vezes Mazer saía, mas sempre, quando não estava, a porta ficava trancada e ninguém vinha até que Mazer voltasse. Ender passou uma semana em que o chamava de “Carcereiro Rackham”. Mazer respondia a este apelido tão prontamente quanto a seu nome e não dava nenhum sinal de que isto o incomodasse. Ender logo desistiu.

Houvera compensações. Mazer mostrou a Ender os vídeos das velhas batalhas da Primeira Invasão e as derrotas desastrosas da EI na Segunda Invasão. Eles não estavam montados a partir de vídeos públicos censurados, mas eram inteiros e contínuos. Como existiam muitos vídeos ligados nas grandes batalhas, estudaram as táticas e estratégias dos *insecta* de vários ângulos. Pela primeira vez em sua vida, um professor estava apontando coisas que Ender não havia ainda percebido por si. Pela primeira vez, Ender descobrira uma mente viva que podia admirar.

— Por que não está morto? —, Ender perguntou-lhe. — Você lutou sua guerra há 70 anos. Não creio que você tenha mais de 60.

— Milagres da relatividade. Conservaram-me aqui por 20 anos depois da batalha, mesmo tendo eu implorado o comando de uma das naves estelares que investiram contra o planeta natal dos *insecta* e as colônias deles. Então eles... entenderam algumas coisas sobre como os soldados se comportam sob a tensão do combate.

— Que coisas?

— Você não teve aulas de psicologia suficientes para entender. Basta dizer que eles perceberam que, mesmo que eu nunca pudesse vir a comandar a Esquadra

— eu estaria morto antes de ela chegar —, eu ainda era a única pessoa capaz de entender as coisas que eu aprendi sobre os *insecta*. Eles perceberam que eu era a única pessoa que derrotara os *insecta* pela inteligência, não pela sorte. Precisavam de mim aqui — para ensinar a pessoa que *iria* comandar a Esquadra.

— Então colocaram-no numa nave estelar, em velocidade relativista...

— Depois dei meia volta e vim para casa. Uma viagem muito monótona, Ender. Cinquenta anos no espaço. Oficialmente, apenas oito anos se passaram para mim, mas senti como se fossem 500. Tudo para que eu pudesse passar ao próximo comandante tudo o que sabia.

— Eu vou ser o comandante então?

— Vamos dizer que você é o melhor que temos, agora.

— Há outros sendo preparados, também?

— Não.

— Isso me torna a única escolha, não é?

Mazer deu de ombros.

— Exceto você. Você ainda está vivo, não? Por que não você? — Mazer meneou a cabeça. — Por que não? Já ganhou uma vez.

— Não posso ser comandante por bons e suficientes motivos.

— Mostre-me como derrotou os *insecta*, Mazer. — O rosto de Mazer tornou-se impenetrável. — Já me mostrou todas as batalhas sete vezes, pelo menos. Acho que vi maneiras de derrotar o que os *insecta* fizeram antes, mas você nunca me mostrou como de fato os venceu.

— Esse vídeo é um segredo muito bem guardado, Ender.

— Eu sei. Eu o recompus, em parte. Você, com sua pequena força de reserva, e a armada deles, aquelas grandes naves, de porões grandes, lançando enxames de caças. Você vai rapidamente para uma das naves, faz fogo contra ela, uma explosão. É onde sempre interrompem os filmes. Depois, só vemos soldados entrando nas naves dos *insecta* e os encontrando mortos lá dentro.

Mazer achou graça.

— Que importam os segredos muito bem guardados? Vamos, vamos ver esse vídeo.

Estavam sós na sala de vídeo e Ender pôs a palma da mão para trancar a porta.

— Muito bem, vamos assistir.

O vídeo mostrava exatamente o que Ender deduzira. O mergulho suicida de Mazer no coração da formação inimiga, uma única explosão e então... Nada. A nave de Mazer continuou, desviou-se da onda de choque e abriu caminho em meio a outras naves dos *insecta*. Estas não dispararam contra ele. Não mudaram de curso. Duas delas colidiram

uma com a outra e explodiram — uma colisão desnecessária, que ambos os pilotos poderiam ter evitado. Nenhum deles fez a menor tentativa.

Mazer acelerou o filme. Passou adiante.

— Esperamos por três horas. Ninguém acreditava no que estava acontecendo.

Então as naves da EI começaram a se aproximar das naves estelares dos *insecta*. Os fuzileiros começaram as operações de cortar e abordar. Os vídeos mostravam os *insecta* já mortos, em seus postos.

— Então, como viu —, disse Mazer — você já sabia tudo o que havia para ver.

— Por que aconteceu?

— Ninguém sabe. Tenho minha opinião pessoal. Mas há muitos cientistas que dizem que não estou qualificado para ter opiniões.

— Mas foi você quem ganhou a batalha.

— Pensei que isso me qualificava para comentar, também, mas você sabe como é. Xenobiólogos e xenopsicólogos não podem aceitar a idéia de que um piloto estelar se tenha adiantado a eles por pura adivinhação. Acho que todos eles me odeiam porque, depois de eles terem visto estes vídeos, precisaram viver o resto de suas vidas aqui em Eros. Segurança, você sabe. Não ficaram nada contentes.

— Então conte-me.

— Os *insecta* não falam. Eles pensam uns para os outros, e é instantâneo, como o efeito filótico. Como o *ansible*. Mas a maioria pensou que isso significava comunicação controlada, como a linguagem, eu mando um pensamento para você e então você me responde. É demasiado *imediata* a maneira como eles respondem conjuntamente às coisas. Você viu os vídeos. Eles não estão conversando e decidindo os cursos possíveis de ação. Todas as naves agem como parte de um só organismo. Respondem da maneira como seu corpo responde durante um combate, diferentes partes automaticamente, sem pensar, fazendo tudo o que deveriam fazer. Não estão tendo uma conversação mental entre pessoas com processos mentais diferentes. Todos os pensamentos deles estão presentes, juntos, de imediato.

— Uma só pessoa e cada *insectum* é como uma mão ou um pé?

— Sim. Eu não fui a primeira pessoa a acreditar nisso. E outra coisa, algo tão infantil e estúpido que os xenobiólogos riram até me fazerem calar depois que eu disse isso após a batalha. Os *insecta* são meramente insetos. São como formigas e abelhas. Uma rainha e as operárias. Isso foi talvez há 100 milhões de anos, mas foi como começaram, com esse tipo de padrão. É certo que nenhum dos *insecta* que vimos tinha uma maneira de fazer filhotes. Quando evoluíram essa capacidade de pensar juntos, por que não conservariam uma rainha? A rainha ainda seria o centro do grupo? Por que isso deveria mudar?

— Então é uma rainha que controla todo o grupo.

— Eu também tinha alguma evidência disso. Mas não uma evidência que qualquer um deles pudesse ver. Não ocorreu na Primeira Invasão, porque ela foi *exploratória*. Mas a Segunda Invasão foi de *colonização*. Para estabelecer uma nova colméia, ou seja lá o que for.

— E, assim, trouxeram uma rainha.

— Os vídeos da Segunda Invasão, quando eles estavam destruindo nossas esquadras, no Cinturão de Asteróides —, Rackham começou a chamá-los e a apresentar os padrões das manobras dos *insecta*. — Mostre-me a nave da rainha.

Era uma coisa sutil. Ender não conseguiu percebê-la por um bom tempo.

As naves dos *insecta* não paravam de mover-se, todas elas. Não havia uma nave capitânea óbvia, nenhum centro nervoso aparente. Mas, gradualmente, à medida que Mazer ia repetindo todos os vídeos, Ender começou a ver a maneira como todos os movimentos se focalizavam, se irradiavam de um certo ponto. O ponto central mudava, mas era óbvio, depois de muito tempo de observação, que os olhos da esquadra, o *eu* da esquadra, a perspectiva de onde todas as decisões eram tomadas, era uma nave em particular. Apontou-a.

— Você viu. Eu também vi. Isso dá duas pessoas entre todas as que viram este vídeo. Mas é verdade, não é?

— Fazem aquela nave mover-se exatamente como qualquer outra nave.

— Eles sabem que é o ponto fraco deles.

— Mas você tem razão. Essa é a rainha. Mas é de pensar que, quando você se dirigiu para ela, eles teriam imediatamente focalizado todo o poderio deles sobre você. Poderiam ter varrido você do espaço.

— Eu sei. Eu não entendi essa parte. Não que não tenham tentado deter-me, estavam disparando contra mim. Mas era como se não pudessem acreditar que eu de fato queria *matar* a rainha, até que fosse muito tarde. Talvez no mundo deles, as rainhas nunca sejam mortas, só capturadas, só colocadas em xeque-mate. Fiz uma coisa que pensaram que um inimigo jamais faria.

— Quando ela morreu, todos os outros morreram.

— Não, só ficaram tontos. Nas primeiras naves que abordamos, os *insecta* ainda estavam vivos. Organicamente. Mas não se moviam, não respondiam a nada, mesmo quando nossos cientistas vivissecionaram alguns deles para ver se podíamos aprender mais algumas poucas coisas sobre eles. Depois de algum tempo, todos estavam mortos. Não fica nada naqueles pequenos corpos, quando a rainha se vai.

— Por que não acreditaram em você?

— Porque não encontramos uma rainha.

— Mas ela foi pulverizada na explosão.

— Azares da guerra. A biologia fica em segundo plano, em relação à sobrevivência. Mas alguns deles *estão* aceitando minha opinião. Você não pode viver neste lugar sem a evidência ser esfregada todo o tempo em sua cara.

— Que evidência há em Eros?

— Ender, olhe à sua volta. Não foram seres humanos que escavaram este lugar. Gostamos de tetos mais altos, por exemplo. Esse era o posto avançado dos *insecta* na Primeira Invasão. Escavaram este lugar antes que soubéssemos que eles estavam por aqui. Estamos vivendo numa colméia dos *insecta*, mas já pagamos nosso aluguel. Custou mil vidas de fuzileiros para eliminá-los destas colméias, sala por sala. Os *insecta* lutaram a cada metro.

Agora Ender entendeu por que as salas sempre lhe pareceram erradas.

— Eu sabia que este não era um lugar humano.

— Aqui era a câmara do tesouro. Se eles soubessem que ganharíamos a primeira guerra, provavelmente jamais construísem este lugar. Aprendemos a manipular a gravidade porque eles a aumentaram aqui. Aprendemos o uso eficiente da energia estelar porque eles enegreceram este planetóide. De fato, foi como nós *os* descobrimos. Em três dias,

Eros foi desaparecendo dos telescópios. Enviamos um rebocador para descobrir o porquê. Ele descobriu. O rebocador transmitiu seus vídeos, até mesmo os que mostram os *insecta* abordando e liquidando a tripulação. Continuou transmitindo toda a inspeção que eles fizeram da nave. Só quando desmantelaram o rebocador inteiro é que a transmissão parou. Foi o erro deles, eles nunca precisaram transmitir nada por uma máquina e, assim, com a tripulação morta, não lhes ocorreu que alguém ainda assim poderia estar espiando.

— Por que eles mataram a tripulação?

— Por que não? Para eles, perder alguns tripulantes seria como cortar as unhas. Nada para ficar triste. Provavelmente pensaram que estavam rotineiramente desligando nossas comunicações ao desligar os operários que operavam o rebocador. Não era como assassinar seres vivos conscientes, com um futuro genético independente. Assassinato pouco significa para eles. Só matar a rainha é assassinio de fato, porque só matar uma rainha fecha um caminho genético.

— Então, não sabiam o que estavam fazendo.

— Não comece a perdoá-los, Ender. Só porque não sabiam que estavam matando seres humanos não quer dizer que não estavam matando seres humanos. Temos o direito de nos defender o melhor que pudermos, e a única maneira que descobrimos é matar os *insecta* antes que eles nos matem. Pense da seguinte maneira: até agora, em todas as Guerras dos *Insecta*, eles mataram milhares e milhares de seres vivos e pensantes. E, em todas aquelas Guerras, nós matamos apenas um.

— Se você não tivesse matado a rainha, Mazer, teríamos perdido a guerra?

— Eu diria que as probabilidades seriam de três, ou dois, a um contra nós.

Ainda acho que poderíamos ter acabado com a esquadra deles antes de terem nos liquidado. Eles têm bom tempo de resposta e muito poder de fogo, mas temos nossas vantagens, também. Cada uma de nossas naves contém um ser humano inteligente que pensa por si próprio. Cada um de nós é capaz de inventar uma solução brilhante para um problema. Eles só podem inventar uma solução brilhante de cada vez. Os *insecta* pensam depressa, mas não são sempre tão espertos. Mesmo quando alguns comandantes incrivelmente tímidos e desajeitados perdiam as

principais batalhas da Segunda Invasão, alguns de seus subordinados conseguiam causar grandes danos à esquadra dos *insecta*.

— E quando nossa invasão os alcançar? Vamos pegar a rainha deles, de novo?

— Eles não aprenderam a viajar pelas estrelas porque eram burros. Essa estratégia só funcionou uma vez. Suspeito que jamais vamos chegar perto de uma rainha, a menos que cheguemos ao planeta natal deles. Afinal, a rainha *não* precisa estar com eles para dirigir uma batalha. Ela só precisa estar presente para ter filhotes. A Segunda Invasão era uma colônia, a rainha estava vindo para povoar a Terra. Mas desta vez... não, isso não vai funcionar. Vamos ter de vencê-los esquadra por esquadra. Como têm os recursos de uma dúzia de sistemas estelares para usar, minha estimativa é que terão grande superioridade numérica, em todos os combates.

Ender lembrou-se de seu combate contra dois exércitos ao mesmo tempo. “E eu, que pensei que estavam trapaceando? Quando a guerra de verdade começar, vai ser assim o tempo todo. Nem haverá um portão para onde ir.”

— Só temos duas coisas a nosso favor, Ender. Não temos de apontar bem. Nossas armas agora são difusas.

— Então não vamos usar os mísseis nucleares da Primeira e da Segunda Invasão?

— O Doutor Dispositivo é muito mais poderoso. Armas nucleares, afinal, eram fracas o bastante para poder ser usadas na Terra, outrora. O *doutorzinho* nunca poderia ser usado sobre um planeta. Mesmo assim, gostaria de ter tido um durante a Segunda Invasão.

— Como funciona?

— Eu não sei, não o suficiente para construir um. No ponto focal de dois feixes, estabelece um campo em que as moléculas não conseguem mais ficar juntas. Os elétrons não podem ser compartilhados. Quanto você sabe de física, neste nível?

— Passamos a maior parte do tempo estudando astrofísica, mas sei o suficiente para captar a idéia.

— O campo se propaga segundo uma esfera, mas vai ficando mais fraco à medida que se espalha, exceto onde encontra um grande número

de moléculas, onde fica forte e recomeça. Quanto maior a nave, mais forte o novo campo.

— Assim, cada vez que o campo atinge uma nave, emite uma nova esfera...

— E se as naves deles estiverem muito próximas, poderá criar uma reação em cadeia que varrerá a todas. Aí, o campo morre, as moléculas se reúnem de novo e, onde você tinha uma nave, agora terá um monte de lixo, com muitas moléculas de ferro. Nada de radiatividade, nada de poluição. Só poeira. Talvez os apanhemos bem próximos uns dos outros na primeira batalha, mas eles aprendem depressa. Passarão a ficar afastados uns dos outros.

— Então o Doutor Dispositivo não é um míssil, ele pode disparar na curva.

— Isso mesmo. Mísseis não adiantariam nada, agora. Aprendemos bastante na Primeira Invasão, mas eles também aprenderam conosco. Como gerar o escudo ecstático, por exemplo.

— O doutorzinho pode penetrar no campo?

— Como se não existisse. Não se pode ver através do campo e focalizar o feixe, mas como o gerador do escudo ecstático está sempre no centro exato, não é difícil fazer pontaria.

— Por que eu nunca fui treinado com isso?

— Mas você sempre foi. Só deixamos o computador cuidar dele em seu lugar. Sua função é colocar-se em posição estrategicamente superior e escolher um alvo. Os computadores de bordo são muito melhores do que você para apontar o Doutor.

— Por que é chamado de Doutor Dispositivo?

— Quando foi criado, foi chamado de Dispositivo de Desligamento Molecular, Dispositivo M. D.

Ender ainda não tinha entendido.

— “M. D.”. As iniciais de Doutor em Medicina. Dispositivo Doutor, portanto, Doutor Dispositivo. Foi só uma piada.

Ender não viu qual era a graça.

Tinham mudado o simulador. Ainda podia controlar a perspectiva e o grau de detalhe, mas não havia mais os controles da nave. Em seu lugar,

um novo painel de alavancas e um pequeno capacete com fones de ouvido e um microfone.

O técnico que estava à espera explicou rapidamente como usar o capacete.

— Mas como controlo as naves?

Mazer explicou. Não ia controlar mais as naves.

— Você atingiu a fase seguinte de seu treinamento. Já tem experiência em todos os níveis de estratégia, mas agora é hora de concentrar-se no comando de toda uma esquadra. Assim como trabalhou com líderes de pelotão na Escola de Guerra, agora tem três dúzias de líderes para treinar. Precisa ensinar-lhes táticas inteligentes, precisa conhecer seus pontos fortes e fracos, precisa transformá-los numa equipe.

— Quando virão para cá?

— Já estão em seus postos, nos simuladores deles. Você vai falar-lhes por esse capacete. As novas alavancas em seu painel de controle permitem que você tenha a perspectiva de qualquer um de seus líderes de esquadrilha. Isto imita mais de perto as condições que você poderia encontrar num combate real, onde só vai poder saber o que suas naves poderão ver.

— Como posso trabalhar com líderes de esquadrilha que nunca vejo?

— Por que precisa vê-los?

— Para saber quem são, como pensam...

— Vai saber quem são e muito do que pensam pela maneira como trabalharem no simulador. Mas, mesmo assim, creio que isso não vai fazer diferença. Estão a ouvi-lo agora mesmo. Ponha o capacete, para poder ouvi-los.

— *Salaam* —, um murmúrio chegava a seus ouvidos.

— Alai!

— E eu, o anão.

— Bean!

E Petra, Dink, Crazy Tom, Shen, Hot Soup, Fly Molo, todos os melhores alunos com quem ou contra quem lutara, todos em quem Ender confiara na Escola de Guerra.

— Não sabia que vocês estavam aqui. Não sabia que vocês também viriam.

— Estão nos torturando com o simulador já há três meses —, falou Dink.

— Vai descobrir que sou a melhor tática —, disse Petra. — Dink tenta, mas tem uma mente muito infantil.

Foi assim que começaram a trabalhar juntos: cada líder de esquadrão comandando seus pilotos e Ender comandando os líderes de esquadrilha. Aprenderam muitas maneiras de trabalhar juntos, pois o simulador forçava-os a experimentar situações diferentes. Por vezes, o simulador dava-lhes uma esquadra maior, Ender distribuía-os em três ou quatro esquadrões, que consistiam de três ou quatro esquadrilhas cada. Ocasionalmente, o simulador lhes dava uma só nave estelar, com seus 12 caças, e escolhia três líderes de esquadrilha com quatro caças cada.

Era prazer, era brincadeira. O inimigo, controlado pelo computador, não era muito brilhante, e eles sempre ganhavam, mesmo com seus erros e falhas de comunicação. Mas nas três semanas em que praticaram juntos, Ender veio a conhecê-los muito bem. Dink, que prontamente cumpria as instruções, mas era lento para improvisar, Bean, que não conseguia controlar grandes grupos de naves com eficiência, mas conseguia usar um pequeno número como um bisturi, reagindo lindamente a tudo o que o computador lhe jogava, Alai, que era um estrategista quase tão bom quanto Ender, e podia receber o comando de meia esquadra e só umas poucas e vagas instruções.

Quanto melhor Ender os entendia, mais depressa podia se utilizar deles. O simulador apresentava a situação na tela. Naquele momento, Ender soube pela primeira vez como sua esquadra seria constituída e como se apresentaria a esquadra inimiga. Levava agora apenas alguns minutos para chamar os líderes de esquadrilha de que precisava, designando-lhes certas naves ou grupos de naves, e dando-lhes suas missões. Então, com o progredir da batalha, pulava da perspectiva de um líder para a de outro, dando sugestões e, ocasionalmente, ordens, à medida que a necessidade surgia. Como os outros só podiam ver sua própria perspectiva da batalha, às vezes dava-lhes ordens que, para os outros, não faziam sentido, mas eles também aprenderam a confiar em Ender. Se lhes dizia para bater em retirada, retiravam-se, sabendo que deviam estar muito expostos ou que sua retirada poderia atrair o inimigo para uma posição fraca. Também sabiam que Ender confiava neles, que podiam fazer o que achassem melhor quando não recebessem ordens. Se o estilo de eles lutarem não fosse o certo para a situação em que estavam, Ender não os escolheria para a missão.

A confiança mútua era completa, o funcionamento da frota era rápido e imediato. Ao fim de três semanas, Mazer mostrou-lhes um filme de sua batalha mais recente, só que, desta vez, do ponto de vista do inimigo.

— Isto é o que ele viu quando você atacou. O que lhe lembra? A rapidez de resposta, por exemplo?

— Parecemos uma esquadra dos *insecta*.

— Você está à altura deles, Ender. Ficou tão rápido quanto eles. E aqui... Olhe só isto.

Ender observou todas suas esquadrilhas movendo-se conjuntamente, cada uma respondendo à sua situação, todas guiadas pelo comando geral de Ender, mas ousando, improvisando, esquivando-se, atacando com uma independência que nenhuma frota dos *insecta* jamais mostrara.

— A mente coletiva de colméia, dos *insecta*, é muito boa, mas só pode se concentrar em algumas poucas coisas, ao mesmo tempo. Todas suas esquadrilhas podem concentrar inteligência refinada naquilo que estiverem fazendo e as missões que recebem também são dirigidas por uma mente superior. Assim, pode ver que temos algumas vantagens. Armas superiores, se bem que não irresistíveis, velocidade comparável e inteligência. Essas são suas vantagens. Sua desvantagem é que sempre estarão em inferioridade numérica e, depois de cada batalha, o inimigo saberá mais a seu respeito, como enfrentá-lo, e essas mudanças serão instantaneamente utilizadas.

Ender esperou pela conclusão.

— Desse modo, Ender, agora vamos começar sua educação. Programamos o computador para simular o tipo de situação que esperamos nos encontros com o inimigo. Estamos usando os padrões de movimentação que observamos na Segunda Invasão. Em vez de imitar irracionalmente esses padrões, estarei controlando a simulação do inimigo. De início, você verá situações fáceis, que deverá vencer sem problemas. Aprenda com eles, porque eu sempre estarei lá, um passo à sua frente, programando padrões mais difíceis e avançados, de modo que a batalha seguinte seja mais dura, para que você seja empurrado até o limite de sua capacidade.

— E depois?

— O tempo é curto. Deve aprender o mais depressa que puder. Quando pus-me a viajar pelas estrelas para estar vivo quando você aparecesse, minha mulher e filhos morreram e meus netos tinham minha idade quando voltei. Não tinha nada a dizer-lhes. Fui separado de todos a quem amei, de tudo o que conheci, vivendo naquela estranha catacumba e forçado a fazer nada de importante, mas ensinar aluno após aluno, cada um muito promissor, e cada um, no final, um fraco, um fracasso. Ensino, ensino, mas ninguém aprende. Você também é muito promissor, como muitos alunos antes de você, mas as sementes do fracasso também podem estar aí. É minha função encontrá-las, destruí-las, se puder, acredite em mim, Ender, você também poderá ser destruído.

— Então, não sou o primeiro.

— Não, é claro que não. Mas é o último. Se não aprender, não haverá tempo para encontrar nenhum outro. De modo que tenho esperança em você só porque é o último.

— E o que aconteceu com os outros? Meus líderes de esquadrilha?

— Qual deles estaria apto a ocupar seu lugar?

— Alai.

— Seja honesto.

Ender não teve resposta.

— Não sou um homem feliz, Ender. A humanidade não nos pede para sermos felizes. Simplesmente nos pede que sejamos brilhantes em seu benefício. Sobrevivência primeiro, felicidade depois, o melhor que pudermos. Assim, Ender, espero que você não me incomode, durante seu treinamento, com queixas de que não está se divertindo. Aproveite o prazer que puder nos intervalos de seu trabalho, mas o trabalho vem primeiro, o estudo vem primeiro, ganhar é tudo, porque sem a vitória nada existirá. Quando puder me devolver minha esposa morta, Ender, então poderá reclamar do quanto sua educação lhe está custando.

— Eu não estava tentando fugir de nada.

— Mas vai tentar, Ender. Porque vou triturar você, se puder. Vou atacá-lo com tudo o que puder imaginar e não vou ter nenhuma contemplação porque, quando você se defrontar com os *insecta*, eles vão pensar em coisas que eu não posso imaginar e compaixão pelos seres humanos é coisa impossível para eles.

— Você não pode me triturar, Mazer.

— Ah, não?

— Porque sou mais forte do que você.

Mazer sorriu:

— Isso veremos, Ender.

Mazer o acordou de madrugada, o relógio indicava 3h40 e Ender se sentia tonto enquanto se esforçava para andar no corredor, atrás de Mazer.

— Dormir cedo e acordar cedo —, Mazer entoava — faz um homem ficar estúpido e cego.

Sonhara que os *insecta* o vivisseccionavam. Só que, em vez de cortar e abrir seu corpo, cortavam suas lembranças e as expunham como holografias, tentando entendê-las. Fora um sonho muito esquisito e Ender não conseguia esquecê-lo, mesmo enquanto caminhava pelos túneis até a sala do simulador. Os *insecta* o atormentavam durante seu sono e Mazer, enquanto estava acordado. Entre os dois, não tinha descanso. Ender se obrigou a acordar. Aparentemente, Mazer falava sério quando dizia que ia triturar Ender — forçá-lo a jogar quando estava cansado e com sono era o truque barato que Ender esperava. Mas, naquele dia, não iria funcionar.

Ligou o simulador e descobriu seus líderes de esquadrão já a postos, esperando por ele. Ainda não havia inimigo, de modo que dividiu-os em dois exércitos e começou uma batalha simulada, comandando os dois lados, para controlar o desempenho de seus líderes. Começaram devagar, mas logo estavam vigorosos e alertas.

Então, de repente, o campo do simulador se *apagou*, as naves desapareceram e tudo mudou. No canto mais próximo do simulador, podiam ver as formas, desenhadas em luz holográfica, de três naves estelares da frota humana, cada uma provavelmente com 12 caças. O inimigo, obviamente já sabendo da presença humana, formara uma esfera com uma só nave no centro. Ender não se deixou enganar: aquela não era uma nave de rainha. Os *insecta* tinham superioridade de dois para um em relação a Ender, mas também estavam agrupados muito mais próximos do que deveriam, o Doutor Dispositivo poderia causar muito mais danos do que o inimigo esperava.

Ender escolheu uma nave estelar, fez com que ela piscasse no campo do simulador e falou ao microfone:

— Alai, esta é sua, distribua os caças entre Petra e Vlad, como quiser. Destinou as duas outras naves com suas forças de caça, exceto um de cada nave, que reservou para Bean.

— Escorregue pela parede e fique debaixo deles, Bean, a menos que comecem a correr atrás de você. Nesse caso, volte para a retaguarda, por segurança. Caso contrário, vá para um lugar onde eu possa chamá-lo e conseguir resultados rápidos. Alai, componha sua força num grupo de assalto compacto contra um ponto da esfera deles. Não dispare até que eu lhe diga. Isso é só uma manobra.

— Essa é fácil, Ender —, respondeu Alai.

— Se é fácil, por que não ser cuidadoso? Gostaria de fazer isso sem perder uma só nave.

Ender agrupou suas reservas em duas forças que davam cobertura para Alai a uma distância segura, Bean já estava fora do alcance do simulador, se bem que Ender ocasionalmente passasse para a perspectiva de Bean, para saber onde estava.

Era Alai, porém, que estava fazendo o jogo mais delicado com o inimigo. Sempre que se aproximava, as naves dos *insecta* recuavam, como que para atraí-lo para a nave do centro. Alai desviava para o lado, as naves dos *insecta* o acompanhavam, retirando-se quando ele se aproximava, voltando a formar uma esfera quando os evitava. Esquivou-se, retirou-se, flanqueou a esfera até outro ponto, retirou-se de novo, esquivou-se outra vez, até que Ender disse:

— Avance, Alai.

Seu ponto luminoso começou a mover-se, enquanto dizia para Ender:

— Sabe que eles vão me deixar entrar para me cercar e vão me devorar vivo.

— Só ignore a nave do meio.

— Como quiser, chefe.

Imediatamente, a esfera começou a contrair-se. Ender fez as reservas avançar, as naves inimigas se concentraram na região da esfera mais perto das reservas.

— Ataque-os ali, onde não estão concentrados —, comandou Ender.

— Isso desafia 4 mil anos de história militar —, disse Alai, fazendo avançar seus caças. — Devemos atacar só onde estivermos em superioridade numérica.

— Nesta simulação, eles obviamente não sabem o que nossas armas podem fazer. Vai funcionar só uma vez, mas vamos dar um bonito espetáculo. Fogo à vontade.

Foi o que Alai fez. A simulação respondeu lindamente: primeiro, um ou dois, depois uma dúzia, a seguir, a maioria das naves inimigas explodiu numa luz cegante, à medida que o campo pulava de nave para nave, naquela formação cerrada.

— Fique fora do caminho —, ordenou Ender.

As naves no extremo mais afastado da formação esférica não foram afetadas pela reação em cadeia, mas foi fácil correr atrás delas e destruí-las. Bean cuidou dos desgarrados que tentaram escapar para seu lado. A batalha estava acabada. Fora mais fácil do que seus exercícios mais recentes.

Mazer deu de ombros quando Ender lhe disse:

— Esta é uma simulação de uma invasão real. Era preciso haver uma batalha em que eles não soubessem o que nós poderíamos fazer. Agora é que o trabalho vai começar. Tente não ficar arrogante com a vitória. Logo, logo, vou lhe apresentar os desafios de verdade.

Ender praticava dez horas por dia com seus líderes de esquadrão, mas não ininterruptamente, ele lhes dava algumas horas da tarde para descansar. Batalhas simuladas sob a supervisão de Mazer vinham a cada dois ou três dias e, como ele prometera, nunca mais foram tão fáceis. O inimigo logo abandonou suas tentativas de cercar Ender e nunca mais agrupou suas forças a ponto de permitir uma reação em cadeia. Havia algo de novo todas as vezes, alguma coisa mais difícil. Por vezes, Ender tinha só uma nave estelar e oito caças, uma vez o inimigo esquivou-se por entre um cinturão de asteróides, outras, deixava armadilhas estacionárias, grandes instalações que explodiam se Ender levasse um de seus esquadrões muito perto, muitas vezes inutilizando ou destruindo algumas de suas naves.

— Você não tem capacidade de absorver baixas! — Mazer gritou com ele depois de uma simulação. — Quando estiver numa batalha de verdade, não vai poder contar com um suprimento infinito de caças

gerados por computador. Vai ter o que tiver levado consigo, e nada mais. Agora, acostume-se a lutar sem perdas desnecessárias.

— Não foi um desperdício. Não posso vencer batalhas se ficar aterrorizado com a perda de uma nave, de modo a nunca me arriscar.

Mazer sorriu.

— Excelente, Ender. Está começando a aprender. Mas, numa batalha de verdade, você teria oficiais superiores e, o pior de tudo, civis gritando coisas assim com você. Agora, se o inimigo tivesse sido inteligente, teriam apanhado você *aqui* e levado o esquadrão de Tom.

Repassaram juntos a batalha, no exercício seguinte, Ender mostraria a seus líderes o que Mazer lhe mostrara e aprenderiam a enfrentar a novidade na próxima vez. Haviam pensado que estavam prontos, que tinham aprendido a trabalhar eficazmente como equipe. Porém, tendo enfrentado desafios reais juntos, todos começaram a confiar ainda mais uns nos outros e as batalhas começaram a ficar animadas. Contaram para Ender que os que não estavam jogando, iam assistir nas salas de simuladores. Ender imaginou como seria ter seus amigos ali com ele, gritando, rindo ou ficando preocupados, por vezes, achava que isso o distrairia muito, mas em outras ocasiões era o que mais desejava. Nem mesmo quando passara alguns dias tomando sol na jangada, no lago, estivera tão só. Mazer Rackham era seu companheiro, seu professor, mas não seu amigo.

Contudo, nada dizia. Mazer lhe dissera que não haveria dó e sua infelicidade particular nada significava, para ninguém. A maior parte do tempo não tinha significado nem para Ender. Conservava sua mente no jogo, tentando aprender com as batalhas. Não exatamente as lições específicas de uma batalha, mas o que os *insecta* poderiam ter feito, se fossem mais inteligentes, e como Ender reagiria, se o fizessem no futuro. Convivia simultaneamente com batalhas passadas e futuras, acordado ou dormindo, e solicitava seus líderes de esquadrão com uma insistência que às vezes despertava rebeldia.

— Você é tão bom conosco —, Alai comentou, certa feita. — Por que não fica bravo conosco por não sermos brilhantes *a cada* momento de *cada* exercício? Se continuar a nos tratar assim, vamos começar a pensar que está gostando de nós.

Alguns riram, pelos microfones. Ender reconheceu a ironia, claro, e respondeu com um longo silêncio. Quando por fim falou, ignorou a queixa de Alai.

— De novo e, desta vez, sem autopiedade.

Repetiram, repetiram e acertaram.

Mas, à medida que crescia a confiança deles em Ender como comandante, sua amizade, lembrança da Escola de Guerra, desaparecia. Era entre si que se aproximavam, era entre si que trocavam confidências. Ender era seu professor e comandante, tão distante quanto Mazer era dele e igualmente exigente.

Combatiam ainda melhor, por isso. E Ender não ficava distraído em seu trabalho.

Não, pelo menos, enquanto estava acordado. À noite, quando adormecia, era com o simulador lhe perpassando a mente. Mas, durante a noite, pensava em outras coisas. Muitas vezes lembrava-se do cadáver do Gigante, apodrecendo constantemente, não se lembrava, porém, dos *pixels* da imagem de sua carteira. Em vez disso, era real, o fraco odor da morte ainda no ar. As coisas mudavam em seus sonhos. A aldeia que fora construída entre as costelas do gigante passara a ser composta de *insecta* que o cumprimentavam, sérios, como gladiadores saudando César antes de morrer para entretê-lo. Não odiava os *insecta*, no sonho, e ainda que soubesse que tinham escondido sua rainha, não procurava por ela. Sempre se afastava rapidamente do corpo do gigante e, quando ia ao playground, as crianças sempre estavam lá, com cara de lobos, caçoando, tinham rostos conhecidos. Às vezes de Peter, às vezes de Bonzo, às vezes de Stilson e Bernard, em muitas oportunidades aquelas criaturas selvagens eram Alai e Shen, Dink e Petra, ocasionalmente uma delas era Valentine e, em seu sonho, ele também a empurrava para o fundo da água, até que se afogasse. Ela se debatia nas mãos de Ender, lutava para ir à tona, mas, de repente, ficava quieta. Puxava-a para cima da jangada, onde ficava com a rigidez da morte no rosto. Gritava e chorava sobre o cadáver dela, berrando e repetindo que era um jogo, um jogo, e que só estava brincando!

Então Mazer Rackham sacudiu-o, para acordar.

— Você estava gritando durante o sono.

— Desculpe.

— Não importa. Está na hora de outra batalha.

O ritmo sempre se intensificava. Costumeiramente havia duas batalhas por dia nessa fase e Ender exercitava o mínimo possível. Aproveitava o tempo de descanso dos outros para rever os filmes de jogos anteriores, tentando localizar suas fraquezas e adivinhar o que aconteceria a seguir. Algumas vezes, estava totalmente preparado para as novidades do inimigo, outras, não.

— Acho que você está trapaceando —, Ender disse para Mazer, um dia.

— Oh?

— Você pode observar minhas sessões de exercícios. Pode ver o que estou aperfeiçoando. Parecem estar preparado para tudo o que eu faço.

— A maior parte do que você vê são simulações do computador. Ele está programado para responder às suas inovações só depois de usá-las uma vez em combate.

— Então o computador é que está trapaceando.

— Está precisando dormir mais, Ender.

Mas não conseguia dormir. Ficava mais tempo acordado a cada noite e seu sono era menos reparador. Acordava com frequência no meio da noite. Não tinha certeza se acordava para pensar mais no jogo ou para escapar de seus sonhos. Era como se alguém o perseguisse no sono forçando-o a vagar por suas piores lembranças, e revivendo-as, como se fossem reais. As noites eram tão reais, que os dias começaram a parecer um sonho. Passou a temer que não pudesse pensar com clareza, que ficasse cansado demais para jogar. Sempre que o jogo começava, o movimento o acordava, mas, se sua capacidade mental começasse a falhar, imaginava, será que ele mesmo seria capaz de perceber?

E parecia mesmo estar falhando. Nunca mais houve batalha em que não perdesse pelo menos dois caças. Várias vezes o inimigo o atraía para que expusesse mais fraquezas do que gostaria, outras, o inimigo o desgastava até que a vitória fosse tanto uma questão de estratégia quanto de sorte. Mazer repassava o jogo com um olhar de desprezo.

— Veja só: não precisava fazer isso.

Ender voltava aos exercícios com seus líderes, tentando manter elevado o moral deles, mas eventualmente demonstrava desapontamento com suas fraquezas, com o fato de eles às vezes cometerem erros.

— De vez em quando, cometemos erros —, Petra sussurrara para ele, uma vez. Era um pedido de ajuda.

— E às vezes, não —, respondeu-lhe Ender. Se ela tivesse ajuda, não viria dele. Ele ensinava, ela que encontrasse amigos entre os outros.

Então veio uma batalha que quase acabou em desastre. Petra levou suas forças muito longe, estavam expostas. De repente, descobriu que Ender não estava com ela. Em poucos instantes, perdeu tudo, exceto duas naves. Aí Ender a encontrou e ordenou que fosse numa certa direção, ela não respondeu. Não havia movimento. Num instante, também aqueles dois caças estariam perdidos.

Ender logo viu que a tinha forçado muito. Por causa de sua genialidade, exigiu que ela jogasse muito mais e sob circunstâncias mais duras do que a maioria,

Mas não tinha tempo para se preocupar com Petra ou sentir-se culpado pelo que lhe ordenara. Chamou Crazy Tom para comandar os dois caças que sobraram e continuou, tentando salvar a batalha, Petra estivera em

uma posição-chave e, então, toda a estratégia de Ender estava desabando. Se o inimigo não tivesse sido afobado e desajeitado para tirar proveito dessa vantagem, Ender teria perdido. Mas Shen apanhou um grupo de inimigos em formação cerrada e eliminou-os com uma só reação em cadeia. Crazy Tom trouxe seus dois caças sobreviventes pela brecha e causou grande destruição em meio ao inimigo e, mesmo com suas naves e as de Shen por fim destruídas, Fly Molo conseguiu acabar com os inimigos e completar a vitória.

Ao fim da batalha, pode ouvir Petra chorando, tentando apanhar um microfone:

— Digam-lhes que lamento, eu estava tão cansada que não podia pensar, foi tudo, Ender, desculpe.

Ela não apareceu nos exercícios seguintes. Quando voltou, não foi tão *rápida* nem tão ousada quanto antes. Muito do que fizera dela uma boa comandante fora perdido. Ender não podia usá-la mais, exceto em missões de rotina, supervisionadas de perto. Ela não era boba, sabia o que tinha acontecido e, também, que Ender não tinha escolha e disse-lhe isso.

Permanecia o fato de que ela estava esgotada, mas ainda longe de ser a mais fraca de seus líderes de esquadrão. Era uma advertência: ele não podia pressionar seus comandantes mais do que podiam agüentar. Agora, em vez de usar seus líderes sempre que precisava de suas habilidades, tinha de lembrar-se do quanto já haviam lutado. Precisava poupá-los, o que significava que, em certas ocasiões, entrava em combate com comandantes que confiava menos. Ao reduzir a pressão sobre eles, aumentava a pressão sobre si mesmo.

Uma noite, muito tarde, acordou com dores. Havia sangue em seu travesseiro, gosto de sangue na boca. Os dedos estavam latejando. Viu que, dormindo, estivera roendo o próprio pulso. O sangue ainda escorria, devagar.

— Mazer! —, gritou. Rackham acordou e logo chamou o médico.

Enquanto o médico tratava da ferida, Mazer disse:

— Não me importa o quanto você coma, Ender, o autocanibalismo não vai tirá-lo desta escola.

— Eu estava dormindo. Não quero sair da Escola de Comando.

— Bom.

— Os outros. Os que não conseguiram.

— De que está falando?

— Antes de mim. Seus outros alunos, que não tiveram sucesso no treinamento. O que aconteceu com eles?

— Não passaram. Só isso. Não punimos os que falham. Eles simplesmente... não continuam.

— Como Bonzo.

— Bonzo?

— Foi para casa.

— Não como Bonzo.

— Então o que aconteceu com eles? Quando falharam?

— Por que isso é tão importante, Ender? Não houve resposta. — Nenhum deles falhou *nesta* altura do curso. Você cometeu um erro com Petra. Ela vai se recuperar. Mas Petra é Petra, você é você.

— Parte do que sou é ela. É o que fez a mim.

— Você não vai falhar, Ender. Não tão cedo. Passou por algumas situações difíceis, mas sempre ganhou. Ainda não sabe quais são seus limites, mas se os atingiu, deve ser muito mais fraco do que eu pensei.

— Eles morrem?

— Quem?

— Os que fracassam.

— Não, eles não morrem. Céus, menino, você está só jogando.

— Eu acho que Bonzo morreu. Sonhei com isso a noite passada. Lembrei de como ele ficou depois que quebrei a cara dele com a cabeça. Acho que enfiei o nariz dele no cérebro. Saía sangue dos olhos dele. Acho que morreu na hora.

— Foi só um sonho.

— Mazer, não quero continuar a sonhar com essas coisas. Tenho medo de dormir. Fico pensando em coisas que não quero lembrar. Toda minha vida fica passando como se eu fosse um gravador e alguém quisesse assistir às piores partes da minha vida.

— Não podemos drogá-lo, se é isso o que deseja. Lamento que tenha pesadelos. Devo deixar a luz acesa, à noite?

— Não brinque comigo! Estou com medo de enlouquecer.

O médico tinha acabado o curativo. Mazer o dispensou.

— Tem mesmo medo de ficar louco?

Ender reconsiderou, mas não tinha certeza.

— Em meus sonhos, nunca tenho certeza se sou eu.

— Sonhos estranhos são uma válvula de segurança. Estou pondo você sob pressão pela primeira vez em sua vida. Seu corpo está procurando maneiras de compensar, é só. Você é um menino crescido, agora. Já é hora de não ter mais medo da noite.

— Tudo bem.

Ender decidiu nunca mais contar seus sonhos para Mazer.

Os dias se passaram, com batalhas todos os dias, até que Ender acostumou-se com a rotina da destruição de si mesmo. Começou a ter dores de barriga.

Colocaram-no numa dieta mais branda, mas logo não tinha mais apetite para nada.

— Coma —, dizia Mazer, e Ender mecanicamente punha comida na boca.

Mas se ninguém lhe dissesse para comer não se alimentava.

Mais dois de seus líderes de esquadrão entraram em colapso, como Petra, a pressão sobre os demais, aumentou proporcionalmente. O inimigo os superava em três ou quatro para um em todas as batalhas e também se retirava mais rápido quando as coisas iam mal, reagrupando-se, para continuar as batalhas por mais e mais tempo. Em certas ocasiões, as batalhas duravam horas até que eles destruíssem o último inimigo. Ender começou um rodízio de seus líderes de esquadrão dentro de uma mesma batalha, trazendo os que estavam descansados para tomar o lugar dos que estavam começando a reagir devagar.

— Sabe de uma coisa —, comentou Bean certa vez, quando assumia o comando dos quatro caças restantes de Hot Soup —, este jogo não é mais tão divertido como costumava ser.

Então, um dia, no exercício, enquanto Ender treinava com seus líderes de esquadrão, a sala ficou escura e ele acordou no chão, com sangue escorrendo do ponto em que o rosto acertara os controles.

Mandaram-no para a cama, onde ficou muito mal por três dias. Lembrava de rostos em seus sonhos, mas não eram rostos de verdade — sabia disso, mesmo no momento em que pensava que os via. Imaginava

ver Valentine, às vezes, ou Peter, em algumas ocasiões, seus amigos da Escola de Guerra, em outras, os *insecta* a vivisseccioná-lo. Uma vez, tudo pareceu muito real, quando viu o coronel Graff inclinando-se sobre ele, falando com voz macia, como um pai bondoso. Mas acordou e encontrou apenas seu inimigo Mazer Rackham.

— Estou acordado —, disse Ender.

— Estou vendo. Levou bastante tempo. Tem batalha, hoje.

Ender levantou-se, lutou e ganhou. Mas não houve outra batalha naquele dia e deixaram-no ir para a cama mais cedo. Suas mãos tremiam enquanto tirava a roupa.

Durante a noite, pensou que mãos o tocavam com suavidade. Com afeição, com carinho. Sonhou que ouvia vozes.

— Você não tem sido bom para ele.

— Não foi essa a minha missão.

— Por quanto tempo mais ele pode agüentar? Está ficando esgotado.

— O suficiente. Está quase acabando.

— Tão cedo?

— Como ele vai ficar, se agora já está desse jeito?

— Bem. Mesmo hoje, lutou melhor do que nunca.

No sonho, as vozes pareciam as do coronel Graff e de Mazer Rackham. Mas os sonhos eram assim. As coisas mais loucas podiam acontecer, porque sonhou que uma das vozes dizia: “Não poderei suportar ver o que isso tudo vai fazer a ele.” A outra respondia: “Eu sei. Eu o amo, também.” E então transformavam-se em Valentine e Alai que, em seu sonho, o estavam enterrando, um morrinho surgia onde o haviam sepultado e secava, tornando-se uma casa para os *insecta*, tal como o Gigante.

Tudo sonho. Se havia amor ou piedade por ele, era só nos sonhos.

Acordou, travou outra batalha e ganhou. Depois, foi para a cama, dormiu e sonhou de novo, acordou, ganhou de novo, dormiu mais uma vez e mal notou quando acordar se tornou a adormecer. Nem se importava com isso.

O dia seguinte seria seu ultimo na Escola de Comando, mesmo que não soubesse disso. Mazer Rackham não estava no quarto, quando acordou.

Tomou banho, vestiu-se e esperou que Mazer viesse abrir a porta. Não veio. Ender tentou abri-la. Estava aberta.

Seria um acidente Mazer o deixar livre naquela manhã? Ninguém para lhe dizer que precisava comer, que devia ir para os exercícios, que precisava dormir. Liberdade. O problema era que não sabia mais o que fazer. Por um momento, achou que poderia encontrar-se com seus líderes de esquadrão, conversar com eles face a face, mas nem sabia onde estavam. Podiam, pelo pouco que sabia, estar a 20 quilômetros de distância. Depois de vagar um pouco pelos túneis, foi ao refeitório e tomou o café perto de alguns fuzileiros que estavam contando piadas sujas, que Ender ainda não podia entender. Daí, foi para a sala do simulador para praticar. Mesmo estando livre, não conseguia pensar em outra coisa para fazer.

Mazer estava esperando por ele. Ender entrou devagarzinho no quarto. Seu passo era ligeiramente arrastado, sentia-se cansado e entorpecido.

Mazer estranhou:

— Está acordado, Ender?

Havia outras pessoas na sala no simulador. Ender imaginou por que estariam ali, mas nem se importou em perguntar. Não valia a pena perguntar, ninguém lhe diria nada. Foi para os controles do simulador e sentou-se, pronto para começar.

— Ender Wiggin —, falou Mazer. — Por favor, vire-se. O jogo de hoje precisa de alguma explicação.

Ender voltou-se. Olhou de relance para os homens reunidos no fundo da sala. A maioria nunca tinha visto. Alguns até estavam à paisana. Viu Anderson e pensou no que ele poderia estar fazendo ali e em quem estaria cuidando da Escola de Guerra em sua ausência. Viu Graff, lembrou-se do lago no bosque perto de Greensboro e quis voltar para casa. “Leve-me para casa”, pediu-lhe em silêncio. “Em meu sonho, você disse que me amava. Leve-me para casa.”

Mas Graff fez apenas um cumprimento com a cabeça — uma saudação, não um assentimento — e Anderson agiu como se nem o conhecesse.

— Preste atenção, Ender, por favor. Hoje é seu exame final na Escola de Comando. Estes observadores estão aqui para avaliar o que você aprendeu. Se preferir que eles não fiquem na sala, vamos levá-los para acompanhar tudo em outro simulador.

— Eles podem ficar.

Exame final. Depois desse dia, talvez pudesse descansar um pouco.

— Para que isto seja um teste justo de sua capacidade e não só uma repetição do que fez muitas vezes, também vai encontrar desafios que nunca viu antes, a batalha de hoje introduz um novo elemento. Desenvolve-se em torno de um planeta. Isto afetará a estratégia do inimigo e vai forçá-lo a improvisar. Por favor, concentre-se no jogo de hoje.

Ender chamou Mazer para perto de si e perguntou-lhe em voz baixa:

— Eu sou o primeiro aluno a chegar a este ponto?

— Se ganhar hoje, Ender, será o primeiro aluno a tê-lo feito. Mais do que isso, não tenho liberdade para dizer.

— Bem, mas eu tenho liberdade para ouvir.

— Poderá ser tão petulante quanto quiser, amanhã. Hoje, gostaria que se concentrasse no exame. Não vamos desperdiçar tudo o que já foi feito. Bom, como vai lidar com esse planeta?

— Preciso colocar alguém do outro lado ou vai haver um ponto cego.

— Muito bem.

— E a gravidade vai afetar o consumo de combustível: será mais econômico descer do que subir.

— Isso mesmo.

— O Doutorzinho funciona contra um planeta? O rosto de Mazer endureceu.

— Ender, os *insecta* nunca atacaram a população civil em nenhuma das invasões. Você é quem decide se é prudente adotar uma estratégia que seria um convite a represálias.

— O planeta é a única coisa nova?

— Consegue se lembrar da última vez em que lhe dei uma batalha com uma só coisa nova? Devo garantir-lhe que não vou ser bonzinho, hoje. Tenho a responsabilidade, para com a Esquadra, de não deixar que um aluno de segunda se forme. Vou fazer o melhor que puder contra você. Não tenho a menor vontade de favorecê-lo. Nunca se esqueça de tudo o que sabe sobre si mesmo e tudo o que sabe sobre os *insecta*, e terá uma chance razoável de ser alguma coisa na vida.

Mazer saiu da sala. Ender falou ao microfone.

— Estão todos aí?

— Todos nós —, respondeu Bean. — Um pouco atrasado para o exercício desta manhã, não?

“Então eles nada contaram aos líderes de esquadrão.” Ender brincou com a idéia de contar-lhes como essa batalha era importante para ele, mas resolveu que não os ajudaria em nada ter um conceito alheio na cabeça.

— Desculpem, eu dormi demais.

Todos riram. Ninguém acreditou nele.

Liderou-os em algumas manobras, aquecendo-se para a batalha à frente. Levou mais tempo do que o normal para deixar a mente limpa e se concentrar no comando, mas logo retomou o ritmo certo, respondendo rapidamente e pensando com clareza. Ou pelo menos, como disse a si mesmo, “pensando que pensava com clareza”.

O campo do simulador se apagou. Ender esperou que o jogo retornasse.

“O que vai acontecer se eu passar no exame hoje? Será que existe mais uma escola? Mais uns dois anos de treinamento arrasador, outro ano de isolamento, de pessoas me empurrando de um lado para outro, sem qualquer controle sobre minha própria vida?” Tentou lembrar-se de sua idade. Tinha 11 anos. Há quantos anos completara esses 11? Há quantos dias? Deveria tê-los completado na Escola de Comando, mas Ender não conseguia lembrar-se do dia. Talvez nem mesmo tivesse percebido seu aniversário quando ele ocorreu. Ninguém notou, a não ser, talvez, Valentine.

Enquanto esperava que o jogo surgisse, desejou que pudesse simplesmente ser derrotado, de forma tão desastrosa e completa que tivesse de ser retirado do treinamento — como Bonzo — e mandado para casa. Bonzo fora comissionado para Cartagena. Ele queria receber ordens de viagem em que estivesse escrito “Greensboro”. Vencer significava ter de continuar. Ser derrotado significava poder voltar para casa.

“Não, isso não é verdade”, disse a si mesmo. “Eles precisam de mim e, se eu fracassar, pode ser que não exista mais uma casa para voltar.”

Mas ele não acreditava nisso. A razão lhe dizia que era verdade, mas, em outras regiões de sua mente, mais obscuras, duvidava que necessitassem dele. A insistência de Mazer era apenas mais um truque.

“Somente outro jeito de me obrigarem a fazer o que eles querem.” Apenas mais uma maneira de impedirem-no de descansar, de fazer nada por muito, muito tempo. Então a formação inimiga apareceu e o cansaço de Ender transformou-se em desespero.

O inimigo tinha superioridade de um para mil e, com o verde de suas naves, o simulador brilhava. Estavam agrupadas em uma dúzia de formações diversas, mudando de posição e de forma, deslocando-se segundo padrões aparentemente aleatórios pelo campo do simulador. Não conseguia encontrar um caminho entre elas — um espaço que parecia aberto, fechava-se de repente, logo aparecendo outro, uma formação que parecia penetrável de repente mudava e fechava. O planeta estava no limite exterior do campo e, pelo que Ender poderia supor, havia muitas outras naves inimigas fora do alcance do simulador.

Quanto à sua frota, compunha-se de 20 naves estelares, cada uma com apenas quatro caças. Conhecia naves como essas: eram antigas, muito lentas e o alcance dos doutorzinhos delas era a metade do das novas. Tinham 80 caças contra pelo menos 5 mil, talvez 10 mil naves inimigas.

Ouviu seus líderes de esquadrão respirando pesadamente, também podia ouvir, dos observadores atrás dele, um xingamento abafado. Era bom saber que um dos adultos, ao menos, notara que o exame não era justo. Não que fizesse qualquer diferença. O equilíbrio não era parte do jogo, estava bem claro. Não havia a menor intenção de dar-lhe sequer uma chance remota de sucesso. “Já passei por tudo isso antes e nunca tiveram o propósito de deixar-me passar.”

Vinham a sua mente Bonzo e sua turminha, em sua frente, ameaçando, conseguira humilhar Bonzo, lutando sozinho com ele. Isso não funcionaria no simulador. Tampouco poderia surpreender o inimigo com sua habilidade — como fizera com os meninos mais velhos na sala de combate. Mazer conhecia as habilidades de Ender, por dentro e por fora.

Os observadores lá atrás começaram a tossir, a mover-se nervosamente.

Estavam começando a perceber que Ender não sabia o que fazer.

“Não me importo mais”, pensou. “Podem ficar com seu jogo. Se não me dão nenhuma chance, por que eu vou jogar?”

Como em seu último jogo na Escola de Guerra, quando colocaram dois exércitos contra ele.

E, assim como ele, aparentemente Bean também lembrara-se desse jogo, pois sua voz veio pelo capacete, dizendo:

— Lembre-se, o portão do inimigo é *para baixo*.

Molo, Soup, Vlad, Dumper e Crazy Tom, todos riram. Eles também se lembravam.

Ender também riu. Afinal, *era* engraçado. Os adultos levando tudo isto tão a sério e as crianças brincando, acreditando em tudo — até que os adultos haviam ido longe demais, forçado demais e as crianças perceberam o jogo deles. “Esqueça, Mazer, não me importo se não passar em seu exame, não me importo em seguir suas regras. Se você pode trapacear, eu também posso. Não vou deixar que você me derrote injustamente, primeiro vou vencê-lo injustamente.”

Naquela batalha final, na Escola de Guerra, ganhou por ignorar o inimigo e suas próprias perdas, avançou contra o portão do inimigo.

O portão do inimigo era para baixo.

“Se eu quebrar esta regra, nunca vão deixar-me ser comandante. Seria muito perigoso. Nunca mais precisarei disputar um jogo. É essa a vitória.”

Sussurrou depressa ao microfone. Seus comandantes assumiram suas partes da frota e agruparam-se na forma de um grosso projétil, um cilindro

apontado para a mais próxima formação inimiga. O inimigo, longe de tentar repelir, atraiu-o para si, para que ficasse totalmente cercado antes de ser destruído. “Mazer pelo menos está levando em conta o fato de que, agora, os *insecta* já teriam aprendido a me respeitar. Isso me dá algum tempo.”

Ender desviou-se para baixo, para o Norte, para o Leste e para baixo de novo, sem aparentemente seguir qualquer plano, mas sempre terminando um pouco mais perto do planeta inimigo. Por fim, o inimigo começou a apertar o cerco para valer. Aí, subitamente, a formação de Ender rompeu-se. Sua esquadra estava em meio ao caos. Os 80 caças pareciam não seguir plano algum, disparando ao acaso nas naves inimigas, abrindo caminho sem esperança, individualmente, em meio aos aparelhos dos *insecta*.

Mas, depois de alguns minutos de luta, Ender cochichou mais uma vez com seus líderes de esquadrão e, de repente, uma dúzia dos caças remanescentes entrou em formação de novo. Porém, já estavam do outro

lado do mais formidável agrupamento de inimigos, com perdas terríveis, tinham atravessado e percorrido mais da metade do caminho ao planeta.

“O inimigo percebeu”, pensou Ender. “Com certeza Mazer agora sabe o que estou fazendo. Ou talvez ele não acredite que eu vou fazer. Tanto melhor para mim.”

A diminuta frota de Ender rumou em várias direções, enviando dois ou três caças como que para atacar e, depois, trazendo-os de volta. O inimigo se acercava, trazendo naves e formações que tinham estado espalhadas, agrupando-as para o golpe de misericórdia. A maior concentração do inimigo estava atrás de Ender, de modo que ele não podia retirar-se para o espaço aberto, estava cercado. “Excelente”, pensou Ender. “Mais perto. Cheguem mais perto.”

Então cochichou mais um comando e as naves caíram como pedras na direção da superfície do planeta. Eram naves estelares e caças, completamente incapazes de enfrentar o calor da entrada numa atmosfera. Mas Ender nunca pretendia atravessar a atmosfera. Quase na mesma hora em que começaram a cair, focalizaram seus doutorzinhos em uma só coisa. O planeta.

Um, dois, quatro, sete dos caças explodiram. Era tudo um jogo, agora, saber se uma das naves sobreviveria para ter o alcance certo. Não levaria muito tempo, uma vez que pudessem focalizar na superfície do planeta.”Só um instante com o Doutor Dispositivo, é tudo o que eu quero.” Ocorreu a Ender que o computador talvez nem estivesse equipado para mostrar o que ocorreria com um planeta se o doutorzinho o atingisse. “O que vai fazer então? Gritar: “Bangue, você está morto?”

Ender tirou as mãos dos controles e encostou-se na poltrona, para ver o que acontecia. A perspectiva estava próxima do planeta inimigo, com a nave caindo em disparada por sua atração gravitacional.”Com certeza está no alcance, agora”, pensou Ender. “Deve estar no alcance e o computador não consegue calcular.”

Então a superfície do planeta, que enchia metade do campo do simulador, começou a borbulhar, houve um brilho forte de explosão, lançando pedaços em direção dos caças de Ender. Tentou imaginar o que estava acontecendo no interior do planeta — as moléculas se rompendo, sem encontrar lugar para os átomos então separados.

Em três segundos, o planeta inteiro explodiu, tornando-se uma esfera de poeira brilhante em expansão. Os caças de Ender estavam entre os primeiros a desaparecer, sua perspectiva desapareceu de repente e o simulador só podia apresentar o ponto de vista das naves estelares que esperavam longe da batalha. Era o mais perto que Ender gostaria de estar. A esfera do planeta em explosão expandia-se mais depressa do que as naves inimigas podiam evitá-la. Levou consigo o doutorzinho. Não mais tão pequeno, o campo pulverizava todas as naves em seu caminho, explodindo-as em manchas luminosas, antes de se extinguir.

Só na extrema periferia do simulador o campo do Doutor Dispositivo enfraqueceu. Duas ou três naves inimigas estavam fugindo. As naves de Ender não explodiram. Mas, onde a enorme frota inimiga e o planeta que ela protegia haviam estado, nada existia digno de nota. Um amontoado de poeira se formava, com a gravidade atraindo os restos para seu centro de novo. Brilhava como brasa e notava-se sua rotação, também era muito menor que o planeta que existira antes.

Ender removeu os fones, por onde se ouviam os vivas de seus líderes e só então percebeu que também havia o mesmo barulho na sala, com ele. Os homens de uniforme se abraçavam, rindo, gritando, outros estavam chorando, alguns ajoelhados ou prostrados — e Ender percebia que estavam rezando. Ele não entendia. Parecia tudo errado. Deviam estar zangados.

O coronel Graff separou-se dos outros e foi até ele. Lágrimas escorriam por seu rosto, mas estava sorrindo. Abaixou-se, abriu os braços e, para a surpresa de Ender, deu-lhe um abraço, segurou-o com força e sussurrou:

— Obrigado, obrigado, Ender. Graças a Deus você existe, Ender.

Os outros logo vieram, apertado-lhe a mão, cumprimentando-o. Tentou entender alguma coisa em tudo aquilo. Será que tinha passado no exame? Era *sua* vitória, não a deles, e uma vitória vazia. Aliás, uma marmelada: por que agiam como se ele tivesse ganho com honra?

A multidão se foi e Mazer Rackham se aproximou. Foi direto para Ender, a mão estendida.

— Você tomou a decisão mais difícil, rapaz. Tudo ou nada. Acabar com eles ou acabar conosco. Mas os céus sabem que não havia outra maneira. Meus cumprimentos. Você os derrotou e está tudo acabado.

“Tudo acabado. Você os derrotou.” Ender não estava entendendo nada.

— Eu derrotei *você*.

Mazer riu alto, enchendo a sala.

— Ender, você nunca jogou *contra mim*. Você nunca participou de um *jogo* desde que eu me tornei seu inimigo.

Ender não entendeu a piada. Tinha jogado muitíssimas vezes, a um custo terrível para si. Estava começando a irritar-se.

Mazer estendeu a mão e tocou seu ombro. Ender sacudiu-o. Mazer ficou sério e disse:

— Ender, nos últimos meses você foi o comandante de nossas esquadras. Esta foi a Terceira Invasão. Não houve jogo algum. As batalhas foram reais e o único inimigo que você enfrentou foram os *insecta*. Você ganhou todas as batalhas e, hoje, finalmente, enfrentou-os em seu planeta natal, onde estavam a rainha e todas as outras rainhas das colônias deles e você os destruiu completamente. Eles nunca mais vão nos atacar. Você fez tudo. Você.

Era real, não um jogo. A mente de Ender estava cansada demais para abarcar tudo aquilo. Não eram apenas pontos de luz no ar, mas naves de verdade, com que combatera e a que destruíra. Era um planeta real o que explodira e lançara no esquecimento. Passou em meio à multidão, esquivando-se de seus cumprimentos, ignorando as mãos estendidas, suas palavras, sua alegria. Foi a seu quarto, tirou a roupa, caiu na cama e adormeceu.

Ender só acordou quando o sacudiram. Levou algum tempo para reconhecer Graff e Rackham. Deu-lhes as costas. “Deixem-me dormir.”

— Ender, precisamos conversar —, disse Graff. Virou-se para encará-los.

— Estão passando os vídeos na Terra o dia todo e de noite também, desde a batalha de ontem.

— Ontem?

Dormira por todo um dia.

— Você é um herói, Ender. Todos viram o que você fez. Você e os outros. Acho que não há um governo na Terra que não lhe tenha destinado sua principal condecoração.

— Matei todos eles, não foi?

— Todos, quem? Os *insecta*? —, perguntou Graff. — A idéia era justamente essa.

Mazer inclinou-se mais para perto.

— A guerra era para isso.

— Todas as rainhas deles. Matei todos os filhos delas, tudo de tudo.

— Eles que decidiram isso, quando nos atacaram. Não foi sua culpa. Tinha de acontecer.

Ender agarrou o uniforme de Mazer e se pendurou nele, puxando-o para baixo, para ficarem face a face.

— Eu não queria matar todos eles. Eu não queria matar ninguém! Eu não sou assassino! Vocês não queriam a mim, seus filhos da puta, vocês queriam Peter, mas forçaram-me a fazer isso, me enganaram!

Estava chorando, fora de controle.

— Claro que enganamos você. Esse era o ponto —, explicou Graff. — Era preciso usar um truque ou você não faria nada. Era um problema para nós: precisávamos de um comandante com tanta empatia que pudesse pensar como os *insecta*, entendê-los e antecipar seus movimentos, que tivesse tanta compaixão que pudesse conquistar seus subordinados e trabalhar com eles como uma máquina perfeita, tão perfeita como os *insecta*. Mas alguém com tanta compaixão jamais seria o assassino de que precisávamos. Nunca iria para a guerra com a intenção de vencer a qualquer custo. Se você soubesse de tudo, não teria podido ir. Se fosse o tipo de pessoa que aceitasse fazê-lo, mesmo sabendo de tudo, nunca poderia ter compreendido bem os *insecta*.

— E precisava ser uma criança, Ender —, interveio Mazer. — Você é mais rápido do que eu. Melhor do que eu. Eu sou muito velho e cauteloso. Qualquer pessoa decente que sabe como é a guerra jamais vai para o combate com o coração quente. Mas você não sabia. Fizemos tudo para que você não ficasse sabendo. Você era ousado, genial e jovem. Nasceu para a coisa.

— Havia pilotos em nossas naves, não é?

— Sim.

— Eu ordenava aos pilotos que fossem para a morte e nem sabia.

— Mas *eles* sabiam, Ender, e foram, de qualquer modo. Eles sabiam o que estavam fazendo.

— Mas você nunca me falou! Nunca me disse a verdade sobre coisa alguma!

— Você precisava ser uma arma, Ender. Como um canhão, como o doutorzinho, funcionando perfeitamente, mas sem saber para onde estava apontando. *Nós* apontávamos você. Nós somos os responsáveis. Se houve algo de errado, fomos nós que fizemos.

— Contem-me depois —, disse Ender. Seus olhos fecharam. Mazer Rackham sacudiu-o.

— Não durma de novo, Ender. É muito importante.

— Vocês já não têm mais nada a ver comigo. Agora, deixem-me.

— Mas é por isso que estamos aqui —, disse Mazer. — É o que estamos tentando lhe contar. Ainda temos o que fazer com você. A situação está maluca lá em baixo. Vão começar uma guerra. Os americanos alegam que o Pacto de Varsóvia está para atacar e o Pacto diz a mesma coisa do Hegêmona. A Guerra dos *Insecta* acabou há 24 horas e a Terra vai entrar em luta de novo. A situação é a pior possível. Todos estão preocupados com você. Todos o querem. O maior líder militar da história. Querem que você lidere seus exércitos. Os americanos. O Hegêmona. Todos, exceto o Pacto de Varsóvia, que quer ver você morto.

— Por mim, está bem —, respondeu Ender.

— Precisamos tirá-lo daqui. Há fuzileiros russos por toda a parte aqui em Eros, e o Polemarca é russo. Pode haver derramamento de sangue a qualquer momento.

Ender deu-lhes as costas de novo. Dessa vez, deixaram-no. Mas não dormiu, ficou ouvindo os dois.

— Eu receava isto, Rackham. Você exigiu demais dele. Alguns daqueles postos avançados podiam esperar até mais tarde. Você poderia ter-lhe dado alguns dias para descansar.

— Você também caiu nessa, Graff? Tentando decidir como eu poderia ter feito as coisas melhor? Você não sabe o que aconteceria se eu não tivesse exigido. Ninguém sabe. Fiz o que fiz e funcionou. Acima de tudo, funcionou. Memorize essa defesa, Graff. Você também talvez tenha de usá-la.

— Desculpe.

— Estou vendo o que aconteceu com ele. O coronel Liki diz que há uma boa chance que ele fique prejudicado permanentemente, mas eu não acredito. Ele é muito forte. Vencer significava muito para ele, e ele ganhou.

— Não me venha falar de força. O menino tem 11 anos. Deixe-o descansar, Rackham. As coisas ainda não explodiram. Podemos pôr um guarda na porta.

— Ou pôr um guarda numa outra porta e dizer que é a dele.

— Seja lá como for.

Foram-se embora. Ender caiu no sono de novo.

O tempo passou sem afetar Ender, exceto por golpes ocasionais. Em certo momento, acordou por uns poucos minutos, com algo apertando sua mão, empurrando-a para baixo, com uma dor pouco intensa, mas insistente. Esticou a outra mão e tocou a coisa, era uma sonda, enfiada numa veia. Tentou arrancá-la, mas estava presa com fita adesiva e ele se sentia fraco demais. Em outra ocasião, acordou no escuro, ouvindo gente murmurando e xingando por perto. Seus ouvidos zumbiam com o grande barulho que o acordara, não sabia que ruído era aquele.

— Acendam as luzes —, alguém disse. E em outra ocasião, pensou que havia alguém chorando baixinho perto dele.

Poderia ter-se passado apenas um dia, mas também uma semana, por seus sonhos, poderiam ter decorrido meses. Em seus sonhos, tinha a impressão de passar por vidas inteiras. Passou de novo pela Bebida do Gigante, pelas crianças-lobos, reviveu todas aquelas horríveis mortes, os assassinatos constantes, ouviu uma voz sussurrar na floresta: “Você precisava matar as crianças para chegar ao Fim do Mundo.” E ele tentou responder: “Eu nunca quis matar ninguém. Ninguém me perguntou se eu queria matar alguém.” Mas a floresta riu dele. Quando saltava do rochedo, no Fim do Mundo, às vezes não eram nuvens que o aparavam, mas um caça que o levava a um ponto elevado, perto da superfície do mundo dos *insecta*, para que pudesse assistir, repetidamente, à explosão da morte quando o Doutor Dispositivo iniciava a reação em cadeia na superfície do planeta, e depois mais perto, até poder ver cada *insectum* explodir, virar luz e se desmanchar num montículo de poeira na frente de seus olhos. E a rainha, cercada por suas filhas. Só a rainha era sua

mãe e as crianças eram Valentine e todas as que conhecera na Escola de Guerra. Uma delas tinha a cara de Bonzo, e ficava ali, sangrando pelos olhos e nariz, dizendo: “Você não tem honra,” O sonho sempre terminava com um espelho, uma lagoa ou a superfície metálica de uma nave, algo que refletisse seu rosto. De início, era o rosto de Peter, com sangue e a cauda de uma serpente saindo da boca. Depois de algum tempo, porém, transformava-se no rosto dele mesmo, velho e triste, com olhos que vertiam lágrimas por um bilhão de assassinatos — mas eram seus olhos e estava contente de usá-los.

Esse foi o mundo em que Ender viveu, durante muitas vidas, durante os cinco dias da Guerra da Liga.

Quando acordou de novo, estava deitado no escuro. À distância, podia ouvir o ruído surdo das explosões. Ficou ouvindo um pouco. Então ouviu alguém caminhando suavemente.

Virou-se e estendeu rápido a mão para agarrar quem estava se aproximando daquela forma. Com certeza agarrara a roupa de alguém e puxou-o para baixo, para seus joelhos, pronto para matar se fosse necessário.

— Ender, sou eu, sou eu!

Reconheceu aquela voz. Surgiu em sua memória como se fosse há milhão de anos.

— Alai.

— *Salaam*, tampinha. O que estava tentando fazer, me matar?

— Sim, pensei que você estava tentando *me* matar.

— Eu estava tentando acordar você. Bem, pelo menos restou-lhe algum instinto de sobrevivência. Do jeito que Mazer fala, você estava se tornando um vegetal.

— Eu estava tentando. O que são essas explosões?

— Há uma guerra. Nossa seção está em blecaute, por segurança.

Ender girou as pernas para ficar sentado, mas não conseguiu. Sua cabeça doía. Com a dor, apertou os olhos.

— Não sente, Ender. Está tudo bem. Parece que podemos ganhar. Nem todo o Pacto de Varsóvia ficou com o Polemarca. Muitos deles desertaram quando o Strategos anunciou que você continuava leal à EI.

— Mas eu estava dormindo.

— Então ele mentiu. Você não estava planejando uma traição em seus sonhos, não é? Alguns russos que vieram para cá nos disseram que, quando o Polemarca ordenou-lhes para achá-lo e matá-lo, quem eles quase mataram foi ele.

Não importa o que sentem por outras pessoas, Ender, eles gostam de você. O mundo todo assistiu às nossas batalhas. Vídeos, noite e dia. Eu vi alguns. Completos, com sua voz dando as ordens, está tudo ali, nada foi censurado. Coisa boa. Você poderia fazer carreira no vídeo.

— Acho que não.

— Eu estava brincando. Ei, acredita nessa? Ganhamos a guerra. Estávamos com tanta pressa de crescer, para lutar nela, e já estávamos lutando o tempo todo. Quero dizer, somos meninos, Ender. E fomos nós que fizemos tudo —, Alai riu. — Foi você, pelo menos. Você foi muito bom, sabia? Não tinha idéia de como você conseguiria nos tirar daquela, mas consegui. Você foi bom, mesmo.

Ender notou a maneira como o outro falava no tempo passado. “Eu *fui* bom.”

— E o que sou *agora*, Alai?

— Ainda é bom.

— Em quê?

— Em... qualquer coisa. Há um milhão de soldados que o seguiriam até o fim do universo.

— Não quero ir até o fim do universo.

— Então, para onde quer ir? Eles o seguirão.

“Quero ir pra casa”, pensou Ender, “mas não sei onde é isso.” As explosões acabaram.

— Ouça só —, disse Alai.

Ficaram à escuta. A porta abriu. Alguém apareceu. Pessoa pequena.

— Acabou —, era Bean. Como que para provar, as luzes acenderam-se de novo.

— Oi, Bean —, disse Ender.

— Oi, Ender.

Petra entrou depois dele, com Dink segurando-lhe a mão. Aproximaram-se da cama de Ender.

— Ei, o herói acordou —, disse Dink.

— Quem ganhou? —, perguntou Ender.

— Nós ganhamos —, disse Bean. — Você estava lá.

— Ele não está *tão* louco, Bean. Ele quer saber quem ganhou agora.

Petra tomou a mão de Ender.

— Houve uma trégua na Terra. Estavam negociando há dias. Finalmente, aceitaram a Proposta Locke.

— Ele não conhece nada sobre a Proposta Locke...

— É muito complicado, mas significa que a EI continua a existir, mas sem o Pacto de Varsóvia. Os fuzileiros do Pacto vão para casa. Acho que a Rússia concordou porque está havendo uma revolta dos eslavos. Todos estão tendo problemas. Aqui morreram perto de 500, mas na Terra foi pior.

— O Hegêmona renunciou —, disse Dink. — Todos enlouqueceram lá embaixo e ninguém liga.

— Você está bem? —, quis saber Petra, tocando sua cabeça. — Deixou-me com medo. Disseram que você estava maluco, e nós dissemos que *eles é* que estavam malucos.

— Estou maluco —, confirmou Ender. — Mas acho que estou bem.

— E quando é que chegou a essa conclusão? —, perguntou Alai.

— Quando pensei que vocês iam me matar e resolvi matar vocês primeiro. Acho que sou assassino até o fundo. Mas prefiro ficar vivo do que morto.

Riram e concordaram com ele. Então Ender começou a chorar e abraçou Bean e Petra, que estavam mais perto.

— Senti falta de vocês. Queria tanto vê-los.

— Você nos viu muito mal —, respondeu Petra, beijando o rosto dele.

— Eu vi vocês magnificamente —, respondeu Ender. — Os que eu mais precisava, usei mais cedo. Mau planejamento de minha parte.

— Mas todos estão bem, agora —, respondeu Dink. — Não havia nada de errado conosco que cinco dias encolhidos em quartos sem luz no meio de uma guerra não pudessem curar.

— Eu não preciso mais ser seu comandante, não é? —, quis saber Ender.

— Não quero mais comandar ninguém.

— Você não precisa comandar ninguém —, respondeu Dink, — mas você sempre será nosso comandante.

Fizeram silêncio durante algum tempo.

— Então, o que vamos fazer agora? —, falou Alai. — A Guerra dos *Insecta* acabou e a guerra lá na Terra também e até a guerra daqui. Que vamos fazer?

— Somos crianças —, disse Petra. — Provavelmente, vão mandar-nos para a escola. É a lei. Você precisa ir à escola até completar 17.

Todos caíram na gargalhada, até as lágrimas escorrerem por seus rostos.

Orador dos Mortos

O lago estava calmo, nem brisa havia. Dois homens estavam sentados em cadeiras, lado a lado, sobre o cais flutuante. Uma pequena jangada de madeira estava amarrada no cais, Graff enganchou seu pé na corda e puxou a jangada para perto, depois deixou-a flutuar e afastar-se, daí, puxou-a de novo.

— Você está emagrecendo.

— Um tipo de estresse engorda, outro, emagrece. Sou produto da química.

— Deve ter sido difícil.

Graff deu de ombros.

— De fato, não. Eu sabia que ia conseguir.

— Alguns de nós não tinham tanta certeza. Por um momento, as pessoas enlouqueceram. Maus-tratos com as crianças, homicídio por negligência... Aqueles vídeos das mortes de Bonzo e de Stilson eram bem assustadores. Assistir uma criança fazendo aquilo com outra.

— Tão assustadores quanto qualquer outra coisa. Acho que os vídeos me salvaram. A promotoria os editou, mas nós mostramos tudo. Ficou bem claro que Ender não fora o provocador. Depois disso, foi um jogo de suposições. O que eu disse foi que eu acreditava ser necessário para a preservação da raça humana e funcionou, conseguimos fazer os juizes concordarem que a promotoria precisava provar, sem deixar dúvida, que Ender ganharia a guerra *sem* o treinamento que lhe demos. Depois disso, foi simples. Exigências da guerra.

— De qualquer modo, Graff, foi um grande alívio para nós. Sei que brigamos e que a promotoria usou fitas de nossas conversas contra você. Mas, na época, eu sabia que você estava certo, até me ofereci como testemunha de defesa.

— Eu sei, Anderson. Meus advogados me contaram.

— O que vai fazer, agora?

— Eu não sei. Ainda estou relaxando. Tenho mais alguns anos de licença, o bastante para chegar à reforma, e tenho muito em salários que não gastei, guardado em bancos. Poderia viver de rendas. Talvez não faça nada.

— Isso soa bem. Mas eu não poderia suportar uma vida assim. Ofereceram-me as reitorias de três universidades diferentes, dizendo que seria educador. Não acreditam em mim quando digo que tudo o que me importava na Escola de Guerra era o jogo. Acho que vou aceitar aquela outra oferta.

— Cartola?

— Agora que a guerra acabou, é hora de brincar de novo. Vai ser quase como estar de férias o tempo todo. Só 28 times na federação. Se bem que, depois de vários anos vendo aquelas crianças voando, futebol é como ver minhocas dando trombadas umas nas outras.

Riram. Graff suspirou e empurrou a jangada com o pé.

— Aquela jangada. Com certeza você não conseguiria flutuar nela. Graff meneou a cabeça.

— Foi Ender quem fez.

— Isso mesmo. Foi com ela que você o convenceu.

— Foi até dada a ele. Também cuidei para que ele fosse amplamente recompensado. Vai ter todo o dinheiro que jamais precisará.

— Se algum dia deixarem-no voltar para gastá-lo.

— Nunca vão deixar.

— Com Demóstenes fazendo agitação para ele voltar para casa?

— Demóstenes não está mais nas redes.

Anderson ergueu a sobrancelha.

— O que *isso* significa?

— Demóstenes se aposentou. Permanentemente.

— Você está sabendo de alguma coisa, seu velho malandro. Sabe quem é Demóstenes.

— Quem era.

— Então me conte!

— Não.

— Não tem graça nenhuma, Graff.

— Nunca fui engraçado.

— Pelo menos, pode contar-me *por quê*. Havia muitos de nós que achavam que Demóstenes seria o Hegêmona um dia.

— Nunca houve a menor chance de que isso acontecesse. Nem mesmo a multidão de cretinos políticos partidários de Demóstenes poderia persuadir o Hegêmona a trazer Ender de volta para a Terra. Ender é demasiado perigoso.

— Só tem 11 anos. Agora, 12.

— Ainda mais perigoso, porque poderia ser facilmente controlado. Em todo o mundo, o nome de Ender é mágico. O menino-deus, o fazedor de milagres, com a vida e a morte nas mãos. Todo candidato a tirano gostaria de ter o menino, colocá-lo na frente de um exército e observar o mundo acorrer para apoiá-lo ou encolher-se de medo. Se Ender viesse para a Terra, ele gostaria de vir para cá, para descansar, salvar o que pudesse de sua infância. Mas nunca o deixariam.

— Percebo. Será que alguém explicou isso para Demóstenes?

Graff sorriu.

— Demóstenes explicou isso para outra pessoa, que poderia ter usado Ender como ninguém, para governar o mundo e transformar o mundo a sua imagem.

— Quem?

— Locke.

— Foi Locke quem argumentou a favor da permanência de Ender em Eros.

— Nem tudo é como parece.

— Isso é profundo demais para mim, Graff. Abra o jogo. Regras bonitas e claras. Juizes. Começo e fim. Ganhadores e perdedores. Depois todos vão para casa com suas mulheres.

— Vai me arranjar entradas para um jogo ou outro, está bem?

— Você não vai mesmo ficar aqui e se aposentar, não é?

— Sou o novo ministro da Colonização.

— Então é isso o que estão fazendo.

— Assim que recebermos os relatórios sobre os planetas-colônias dos *insecta*. Quero dizer, lá estão eles, já férteis, com habitação e indústria instaladas e todos os *insecta* mortos. Muito conveniente. Vamos abolir as leis de limitação da população...

— Que todos odeiam...

— E todos aqueles terceiros, quartos e quintos filhos vão entrar em espaçonaves e sair para mundos conhecidos e desconhecidos.

— Será que as pessoas irão mesmo?

— As pessoas sempre vão. Sempre. Sempre acreditam numa vida melhor do que no velho mundo.

— Que diabo, talvez consigam.

De início, Ender acreditava que o levariam de volta à Terra assim que as coisas se acalmassem. Mas as coisas agora estavam calmas há um ano e ficara claro para ele que não poderiam, de modo algum, levá-lo de volta, que era muito mais útil como um nome e uma história do que jamais seria como uma inconveniente pessoa de carne e osso.

E havia a questão da corte marcial sobre os crimes do coronel Graff. O almirante Chamrajnagar tentara impedir que Ender a assistisse, mas não conseguiu, Ender também recebeu a patente de almirante e foi uma das poucas vezes que fez valer suas prerrogativas. Assim, assistiu aos vídeos das lutas com Stilson e Bonzo, observou as fotos dos cadáveres serem exibidas, ouviu psicólogos e advogados argumentarem a favor de homicídio ou de legítima defesa. Ender tinha opinião, mas ninguém lhe perguntou. Durante todo o julgamento, fora Ender quem estivera sob ataque. A promotoria foi esperta ao acusá-lo diretamente, mas houve tentativas de mostrá-lo como doente, pervertido e psicótico criminoso.

— Não ligue para isso —, disse-lhe Mazer Rackham. — Os políticos estão com medo de você, mas ainda não podem destruir sua reputação. Isso só será feito quando os historiadores o atacarem, daqui uns 30 anos.

Ender pouco estava se importando com sua reputação. Observou os vídeos impassível, mas, de fato, estava desconcertado. “Em combate, matei 10 bilhões de *insecta*, que estavam tão vivos e conscientes quanto qualquer homem e nunca lançaram um terceiro ataque contra nós, e ninguém pensa em chamar isso de crime.”

Todos seus crimes pesavam-lhe muito. As mortes de Stilson e Bonzo não lhe eram mais leves nem mais pesadas que o resto.

E assim, com esse peso, esperou meses até que o mundo que salvara decidisse podia voltar para casa.

Um a um, seus amigos relutantemente partiram, chamados de volta a suas famílias, para serem recebidos com as honras de heróis em suas

idades natais. Assistiu aos vídeos de suas voltas e ficou comovido quando passaram boa parte do tempo elogiando Ender Wiggin, que lhes ensinara tudo e os liderara até a vitória. Mas, se pediram que Ender fosse levado para casa, as palavras foram censuradas dos vídeos e ninguém as ouviu.

Por algum tempo, as únicas atividades em Eros eram a limpeza depois da sangrenta Guerra da Liga e o recebimento de relatórios de naves estelares, antes militares, que passaram a fazer a exploração dos planetas-colônias dos *insecta*.

Eros estava mais ocupado do que nunca, mais apinhado do que estivera durante a guerra, pois os colonos eram levados para lá para preparar suas viagens rumo aos planetas dos *insecta*, então desabitados. Ender participou do trabalho o máximo que lhe foi permitido, mas não lhes ocorreu que aquele menino de 12 anos seria tão bem dotado para a paz quanto o era para a guerra. Ele foi paciente com a tendência de ignorarem-no e aprendeu a fazer suas propostas e a sugerir seus planos por intermédio dos poucos adultos que o ouviam, deixando que fossem apresentados como de autoria deles. Estava preocupado não com o crédito, mas com a boa execução de um trabalho.

A única coisa que não podia suportar era o culto dos colonos. Aprendeu a evitar os túneis onde eles moravam, porque sempre era reconhecido — o mundo decorara seu rosto, os colonos gritavam, davam vivas, abraçavam-no, cumprimentavam-no, mostravam-lhe as crianças que haviam recebido seu nome, diziam que era muito jovem, que os deixava comovidos, que *eles* não o achavam culpado de nenhum crime e que não era sua culpa, pois era apenas uma *criança*...

Escondia-se deles tanto quanto podia.

Havia um colono, porém, de quem não podia se esconder.

Não estava em Eros, naquele dia. Saíra com o ônibus espacial para o novo LIE, onde estava aprendendo a trabalhar a bordo de naves estelares, Chamrajnagar lhe dissera que era indigno de um oficial superior fazer trabalho mecânico, mas Ender respondeu-lhe que, como o ofício que dominava já não tinha muita demanda, era hora de aprender outro.

Chamaram-no pelo rádio de seu capacete e disseram-lhe que alguém queria vê-lo assim que ele voltasse. Ender não conseguiu pensar em

alguém que quisesse ver, de modo que não se apressou. Acabou de instalar o escudo do *ansible* da nave e voltou usando o gancho pela superfície até subir para a porta estanque.

Ela estava à espera dele no lado de fora da sala de vestir. Por um momento, ficou aborrecido por deixarem um colono ir incomodá-lo lá, onde devia ficar só, mas olhou melhor, e percebeu que, se aquela moça fosse uma menininha, ele iria reconhecê-la.

— Valentine.

— Oi, Ender.

— O que está fazendo aqui?

— Demóstenes se aposentou. Agora estou indo para a primeira colônia.

— Leva 50 anos para chegar lá...

— Só dois, se você estiver a bordo da nave.

— Mas, se algum dia voltar, todos os que você conheceu na Terra estarão mortos...

— Era isso mesmo o que eu tinha em mente. Esperava, porém, que alguém que eu conhecia em Eros viesse comigo.

— Não quero ir para um mundo que roubamos dos *insecta*. Só quero ir para casa.

— Ender, você nunca mais vai voltar para casa. Eu mesma providenciei isso antes de sair. — Ele a olhava em silêncio. — Estou lhe contando isso agora para que, se quiser me odiar, me odeie desde o início.

Foram para o pequeno alojamento de Ender no LIE, enquanto ela explicava. Peter queria Ender de volta à Terra, sob a proteção do Conselho do Hegêmona.

— Da maneira que as coisas estão agora, Ender, isso colocaria você sob controle de Peter, já que metade do Conselho faz o que Peter quer. Os que não são do bando de Locke estão sob seu domínio de outras maneiras.

— Eles sabem quem ele é, na verdade?

— Sim. Não é de conhecimento público, mas quem detém altos cargos sabe. Não importa mais. Ele tem poder demais para que se importem com sua idade. Ele fez coisas incríveis, Ender.

— Notei que o tratado de anos atrás recebeu o nome de Locke.

— Essa foi sua grande vitória. Colocou a proposta por meio de seus amigos das redes públicas de política e, então, Demóstenes também apoiou. Era o momento que estava esperando. Usou a influência de Demóstenes com o populacho e a de Locke com a intelectualidade para fazer algo grande. Impediu

uma guerra realmente sangrenta, que poderia durar décadas.

— Acho que sim. Mas, em seus momentos cínicos, que são muitos, ele me falou que, se deixasse a Liga desabar, precisaria conquistar o mundo pedaço por pedaço, enquanto, com a existência do Hegêmona, pôde fazer isso de uma só vez.

Ender concordou.

— Esse é o Peter que eu conheci.

— Engraçado, não é? Peter poder salvar milhões de vidas.

— Enquanto eu matei bilhões.

— Não era isso o que eu ia dizer.

— Então ele queria me usar?

— Tinha planos para você, Ender. Revelaria a si mesmo publicamente quando você chegasse, indo a seu encontro na frente de todos os vídeos. O irmão mais velho de Ender Wiggin que, por acaso, era também o grande Locke, arquiteto da paz. Ficando a seu lado, pareceria maduro. E a semelhança física entre vocês é muito grande. Seria simples para ele tomar o poder.

— Por que você o impediu?

— Ender, você não ficaria nada contente sendo um peão de Peter o resto da vida.

— Por que não? Passei toda minha vida como peão de alguém.

— Eu também. Mostrei a Peter todas as evidências que colecionei, o bastante para provar, aos olhos do povo, que ele era um assassino psicótico. Havia fotos em cores de esquilos torturados e alguns vídeos do monitor sobre a maneira como ele tratava você. Deu algum trabalho reunir tudo, mas, quando ele viu, dispôs-se a conceder-me o que quisesse. O que eu queria era a sua liberdade e a minha.

— Minha idéia de liberdade não é ir morar na casa das pessoas que matei.

— Ender, o que está feito, está feito. Os mundos deles estão vazios agora, o nosso, cheio. Podemos levar conosco o que os mundos deles

nunca conheceram: cidades cheias de pessoas com vidas só suas, individuais, que se amam e se odeiam por motivo próprios. Em todos os planetas dos *insecta*, nunca houve mais do que uma só história a ser contada, quando estivermos lá, aquele mundo ficará cheio de histórias, cujos finais vamos improvisar todos os dias. Ender, a Terra pertence a Peter. E se você não for comigo agora, ele vai conservá-lo aqui e usá-lo até você desejar nunca ter nascido. Essa é a única chance que você tem de ir embora.

Ender nada disse.

— Eu sei o que você está pensando, Ender: que eu estou tentando controlá-lo como Peter, Graff ou qualquer dos outros.

— Até que isso me passou pela cabeça.

— Bem-vindo à raça humana. Ninguém controla sua própria vida, Ender.

O melhor que você pode fazer é escolher ser controlado por gente boa ou por gente que o ama. Não vim aqui porque queria ser colona. Vim porque passei toda minha vida na companhia de um irmão que odiava. Agora quero uma chance para conhecer o irmão que amei, antes que seja muito tarde, antes de não sermos mais crianças.

— Já é muito tarde para isso.

— Está errado, Ender. Acho que você está envelhecido, cansado e machucado com tudo, mas em seu coração é tão criança quanto eu. Podemos esconder esse segredo de todos. Enquanto você governa a colônia e eu escrevo sobre filosofia política, eles nunca vão adivinhar que, à noite, vamos escondidos um para o quarto do outro jogar damas e fazer guerras de travesseiros.

Ender achou graça, porém notou algumas coisas que ela mencionou de passagem, mas não por acaso.

— Governar?

— Sou Demóstenes, Ender. Publiquei uma notícia-bomba. Um comunicado público de que acreditava tanto no movimento de colonização que eu mesmo iria na primeira nave. Ao mesmo tempo, o ministro da Colonização, um antigo coronel chamado Graff, anunciou que o piloto da nave colonizadora seria o grande Mazer Rackham e o governador da colônia seria Ender Wiggin.

— Poderiam ter-me consultado antes.

— Eu queria pedir sua opinião pessoalmente.

— Mas já foi anunciado.

— Não. Vão anunciar amanhã, se você aceitar. Mazer aceitou há algumas horas, em Eros.

— Vai contar para todo o mundo que você é Demóstenes? Uma menina de 14 anos?

— Só vamos dizer que Demóstenes vai para a colônia. Eles que passem os próximos 50 anos examinando a lista de passageiros para descobrir qual deles foi o grande demagogo da Era de Locke.

Ender riu e meneou a cabeça.

— Você está mesmo se divertindo com isso, Val.

— Não vejo por que não.

— Está bem. Eu vou. Talvez até como governador, se você e Mazer me ajudarem. Minha capacidade está sendo pouco utilizada, atualmente.

Ela deu um gritinho e o abraçou, como qualquer adolescente que acaba de receber o presente que queria do irmão menor.

— Val, só quero deixar bem claro outra coisa. Não estou indo por sua causa. Não vou para ser governador ou porque estou chateado aqui. Vou porque conheço os *insecta* melhor do que qualquer outro ser vivo e talvez, se for até lá, possa entendê-los ainda melhor. Roubei seu futuro, só posso começar a compensá-los vendo o que posso aprender de seu passado.

A viagem foi longa. Ao fim, Val terminara o primeiro volume de sua História das Guerras dos *Insecta* e transmitiu-o pelo *ansible*, sob o nome de Demóstenes, para a Terra. Ender ganhou algo mais do que a adulação dos passageiros, passaram a conhecê-lo e conquistara seu amor e respeito.

Trabalhou duro no novo mundo, governando pela persuasão mais do que por decreto e esforçando-se tanto quanto qualquer outro nas tarefas que deveriam criar uma economia auto-sustentada. Mas seu trabalho mais importante, no que todos concordavam, era explorar o que os *insecta* haviam deixado para trás, tentando descobrir, em meio a construções, maquinaria e lavouras há muito abandonadas, alguma coisa que os humanos pudessem usar ou com que pudessem aprender. Não havia livros para ler, os *insecta* nunca precisaram deles. Com todas as

coisas presentes em sua memória, faladas quando pensadas, seu conhecimento se perdeu quando morreram.

Mesmo assim, pela robustez dos tetos que cobriam os estábulos e os armazéns, Ender soube que o inverno era rigoroso, com muita neve. Pelas cercas com estacas pontiagudas e voltadas para fora, soube que havia predadores perigosos para lavouras e rebanhos. Pelo moinho, aprendeu que as frutas compridas e de gosto ruim que cresciam nos pomares abandonados deviam ser secas e moídas. Pelas faixas que antes eram usadas pelos adultos para carregar as crianças nas lavouras, aprendeu que, mesmo que os *insecta* não fossem muito individualistas, amavam seus filhos.

A vida foi assentando e os anos passaram. A colônia tinha casas de madeira e usava os túneis da cidade dos *insecta* como armazéns e fábricas. Os colonos eram governados por um conselho e elegiam administradores, de modo que Ender, mesmo sendo chamado de governador por todos, de fato era apenas juiz. Havia crimes e brigas, junto com bondade e cooperação, havia gente que se amava e gente que não se amava, era um mundo humano. Não esperavam mais ansiosamente cada transmissão do *ansible*, os nomes que eram famosos na Terra significavam pouco. O único nome que conheciam era Peter Wiggin, o Hegêmona da Terra, as únicas notícias que vinham falavam de paz, prosperidade, grandes naves deixando o limiar do sistema solar da Terra, passando pelo Cinturão de Asteróides e povoando os planetas dos *insecta*. Logo haveriam outras colônias naquele mundo, o Planeta Ender, logo haveria vizinhos, já estavam a meio caminho, mas ninguém se importava.

Ajudariam os recém-chegados, iriam ensinar-lhes o que tinham aprendido, mas o que importava na vida, então, era quem ia se casar com quem, quem estava doente, quando era preciso fazer o plantio e “porque tenho de pagar a ele quando a bezerra morreu três semanas depois de eu comprá-la?”

— Tornaram-se gente da terra —, dizia Valentine. — Ninguém se importa que Demóstenes esteja enviando o sétimo volume de sua História, hoje. Ninguém daqui vai ler.

Ender apertou um botão e sua carteira mostrou a página seguinte.

— Grandes intuições, Valentine. Quantos volumes mais você vai escrever para acabar?

— Só mais um. A História de Ender Wiggin.

— E o que vai fazer? Só vai escrever depois que eu morrer?

— Não. Só vou escrever e, quando chegar aos dias de hoje, parar.

— Tenho uma idéia melhor. Escreva até o dia em que ganhamos a batalha final. Pare aí. Nada do que fiz depois vale a pena escrever.

— Talvez sim, talvez não.

O *ansible* trouxe-lhes a notícia de que a nova nave colonizadora estava apenas a um ano de distância. Pediram a Ender que achasse um lugar para se estabelecerem, perto o bastante da colônia dele para que as duas

comerciassem, mas longe o bastante para terem governos separados. Ender usou o helicóptero e começou a explorar. Levou consigo uma das crianças, um menino de 11 anos chamado Abra, tinha só três anos quando a colônia fora fundada e não se lembrava de nenhum outro planeta que não aquele. Voaram até onde o helicóptero podia levá-los, acamparam durante a noite e começaram um reconhecimento a pé na manhã seguinte.

Foi na terceira manhã que, de repente, Ender começou a sentir algo incômodo, achando que já estivera no lugar antes. Olhou a sua volta, era território novo, nunca o tinha visto. Chamou Abra.

— Oi, Ender! —, respondeu Abra. Estava no topo de um morro baixo, mas de encostas íngremes. — Venha cá!

Ender escalou o morro, os torrões se desfazendo debaixo de seus pés.

Abra estava apontando para baixo.

— Acredita numa coisa dessas?

A colina era oca. Uma profunda depressão no meio, parcialmente cheia de água, orlada por encostas côncavas, que se inclinavam perigosamente sobre a água.

Numa direção, a colina se fundia com duas longas serras, que formavam um vale em “V”, na outra, subia até um rochedo esbranquiçado, como o sorriso de uma caveira e uma árvore saindo de sua boca.

— É como se um gigante tivesse morrido aqui —, falou Abra — e a terra tivesse coberto sua carcaça.

Agora Ender sabia por que lhe parecia familiar. O cadáver do Gigante. Brincara ali muitas vezes quando criança para não reconhecer o lugar. Mas não era possível. O computador na Escola de Guerra provavelmente jamais teria visto aquele lugar. Olhou pelo binóculo numa direção que conhecia bem, temendo e esperando ver o que deveria estar lá.

Gangorras e escorregadores. Gaiolas. Agora cobertos pelo mato, mas as formas eram claras.

— Alguém deve ter construído isso tudo —, disse Abra, — Olhe, esse lugar da caveira, não é pedra, olhe bem. É concreto.

— Eu sei. Construíram isso para mim.

— O quê?

— Conheço este lugar, Abra. Os *insecta* construíram para mim.

— Todos os *insecta* estavam mortos 50 anos antes de chegarmos aqui.

— Tem razão. É impossível, mas eu tenho certeza, Abra, e não deveria levar você comigo. Pode ser perigoso. Se me conheciam tão bem a ponto de construir este lugar, poderiam estar planejando...

— Acertar as contas com você.

— Por tê-los matado.

— Então não vá, Ender. Não faça o que eles querem.

— Se eles querem vingança, Abra, eu não me importo. Mas talvez não seja isso. Talvez seja o mais perto que conseguiram chegar de uma conversa. Escreveram-me um bilhete.

— Mas eles não sabiam ler e escrever.

— Talvez estivessem aprendendo, mas morreram.

— Bem, pode crer que não vou ficar aqui se você for decolar para algum lugar. Vou com você.

— Não. Você é muito jovem para correr o risco...

— Vamos lá! Você é *Ender Wiggin*. Não me venha dizer o que uma criança de 11 anos pode ou não fazer!

Voaram juntos no helicóptero, sobre o playground, o bosque e o poço da clareira da floresta. Lá longe havia, de fato, um rochedo, com uma caverna em sua parede e uma beirada, onde devia ser o Fim do Mundo. Ao longe, onde deveria estar o jogo de fantasia, a torre do castelo.

Deixou Abra no helicóptero.

— Não venha atrás de mim e volte para casa em uma hora, se eu não voltar.

— Vá se danar, Ender. Vou com você.

— Vá se danar você, Abra, ou vou encher você de lama.

Abra pode ver, a despeito do tom brincalhão de Ender, que ele estava falando sério, e ficou.

As paredes da torre tinham sulcos e saliências, facilitando a escalada.

Queriam que ele entrasse.

A sala estava como sempre. Ender se lembrava muito bem e procurou cobras no chão, mas havia apenas um tapete com a cabeça de uma serpente esculpida num canto. Imitação, não duplicação, para um povo que não tinha arte, fizeram tudo muito bem. Devem ter arrancado essas

imagens da mente de Ender, achando-o e apreendendo seus sonhos mais tenebrosos a anos-luz de distância. Mas, por quê? Para levá-lo àquela sala, claro. Para deixar-lhe uma mensagem. Mas onde estava a mensagem e como ele a entenderia?

O espelho estava a sua espera, na parede. Era uma folha de metal sem brilho, onde a forma aproximada de um rosto humano fora rabiscada. “Tentaram desenhar a imagem que eu deveria ver.”

Olhando para o espelho, pôde lembrar-se de quebrá-lo, arrancá-lo da parede e as cobras saltarem do esconderijo, atacando-o e mordendo onde suas mandíbulas venenosas conseguissem atingir.

“Como eles me conheciam bem”, pensou. “Bem o bastante para saber o quanto eu pensava na morte e que não tenho medo dela? Bem o bastante para saber que mesmo que eu temesse a morte, isso não me impediria de arrancar o espelho da parede.”

Foi até o espelho, levantou-o, arrancou-o. Nada pulou do espaço atrás dele. Em vez disso, num lugar escavado, havia uma bola branca de seda com uns fios saindo aqui e ali. Um ovo? Não. A pupa de uma rainha, já fertilizada pelas larvas de machos e pronta para gerar 100 mil *insecta* a partir de seu corpo e até algumas rainhas e machos. Ender podia imaginar os machos, semelhantes a vermes, dependurados nas paredes de um túnel escuro e os grandes adultos carregando a rainha criança para a sala de acasalamento, cada macho, por sua vez, penetrava a rainha-larva, estremecia de êxtase e morria, caindo no chão do túnel, estrebuchando. Então a nova rainha era colocada na frente da velha, uma criatura magnífica coberta por asas macias e brilhantes, que há muito haviam perdido o poder de voar, mas que ainda representavam a majestade. A rainha velha beijava-a para dormir com o suave veneno de seus lábios, então enrolava-a em fios saídos de sua barriga e ordenava que se tornasse ela mesma uma nova cidade, um novo mundo, para gerar muitas rainhas e muitos mundos...

“Como é que estou sabendo disso?” Ender ficou intrigado. “Como posso ver essas coisas, como memórias de minha mente?”

Como resposta, viu a primeira de suas batalhas com as esquadras dos *insecta*. Tinha-a visto antes no simulador, mas agora via como a rainha, através de muitos olhos diferentes. Os *insecta* formavam sua esfera de

naves quando os terríveis caças vieram do escuro e o doutorzinho as destruiu num clarão. Sentia o que a rainha sentia, observando através dos olhos das operárias, enquanto a morte chegava para elas, depressa demais para evitar, mas não tão depressa que não pudesse ser antecipada. Não havia lembrança de medo ou morte, entretanto. O que a rainha sentia era tristeza, resignação. Ela não pensara nessas palavras ao ver os seres humanos chegando para matar, mas foi em palavras que Ender a entendeu: “Eles não nos perdoaram”, ela pensou. “Vamos morrer, com certeza.”

“Como vocês podem viver de novo?”

A rainha, em seu casulo de prata, não tinha palavras para responder, mas, quando ele fechou os olhos e tentou lembrar-se, em vez de lembranças suas, vieram novas imagens. Colocar o casulo num lugar fresco, mas com água, para que não secasse, não só água, mas misturada com a seiva de uma certa árvore, para que certas reações pudessem ocorrer dentro do casulo. Depois, tempo. Dias e semanas, para a pupa lá dentro sofrer metamorfose. Quando a cor do casulo tivesse mudado para um marrom fosco — Ender imaginava — ele quebraria a casca e ajudaria a pequena e frágil rainha a sair. Viu a si mesmo levando-a pelo membro dianteiro, ajudando-a a sair do líquido do casulo até um ninho macio, com folhas secas e sobre a areia. “Então estarei viva”, veio a sua mente. “Então estarei desperta. Então terei meus mil filhos.”

“Não”, pensou Ender, “não posso.” Angustiou-se. “Seus filhos agora são monstros de nossos pesadelos. Se eu a acordar, seria só para matá-los de novo.” Perpassaram sua mente a imagem de uma dúzia de seres humanos sendo mortos por *insecta*, mas com ela veio uma dor tão forte que não pôde suportar e chorou por elas.

“Se você pudesse fazê-los sentir como pôde fazer comigo, talvez eles o perdoassem.”

“Só eu”, ele percebeu. “Encontraram-me pelo *ansible*, seguiram-me e residiram em minha mente. Na agonia de meus sonhos torturados, vieram a conhecer-me, mesmo enquanto eu passava a vida destruindo-os, descobriram o medo que eu tinha deles e que eu não sabia que os estava matando. Nas poucas semanas que lhes restavam, construíram este lugar para mim, o cadáver do Gigante, o playground e o precipício do Fim do Mundo, para que eu encontrasse este lugar pela evidência de

meus olhos. Sou o único que eles conheceram, e só puderam conversar comigo, e através de mim.”

“Somos como vocês”, era o pensamento que pressionava a sua mente. “Não queríamos matar e, quando entendemos, nunca mais voltamos. Pensávamos ser os únicos seres pensantes no universo, até que os encontramos, mas nunca achamos que o pensamento podia surgir em animais solitários que não podem sonhar os sonhos uns dos outros. Como poderíamos saber? Poderíamos ter convivido com vocês em paz. Acredite, acredite em nós.”

Esticou a mão dentro do buraco e tirou o casulo. Era surpreendentemente leve. Segurar toda a esperança e futuro de uma grande raça dentro dele...

“Vou levá-la”, pensou Ender. “Irei de planeta em planeta até encontrar hora e lugar onde possa despertá-la em segurança. Também vou contar sua história para meu povo, de modo que, com o tempo, talvez ele possa perdoar vocês. Da maneira como vocês me perdoaram.”

Enrolou o casulo da rainha em sua jaqueta e levou-a da torre.

— Quem estava lá? —, perguntou Abra.

— A resposta.

— De quê?

— De minha pergunta.

Foi tudo o que mencionou sobre o assunto, procuraram mais cinco dias e escolheram um local para a nova colônia, mais para leste e sul da torre.

Semanas depois foi ter com Valentine e pediu-lhe para ler algo que escrevera, ela chamou o arquivo que ele deu do computador da nave e leu.

Estava escrito como se a rainha da colméia estivesse falando, contando tudo o que queriam e tinham feito. “Aqui estão nossos antigos fracassos e nossa grandeza, não queríamos machucar vocês e os perdoamos por nos terem matado.”

Desde sua primeira consciência até as grandes guerras que varreram seu planeta natal, Ender contou toda a história rapidamente, como se fosse uma lembrança antiga. Quando chegou à lenda da Grande Mãe, a rainha de todos, a que primeiro aprendeu a conservar e ensinar a nova rainha, em vez de matá-la ou expulsá-la, demorou-se mais, contando quantas vezes ela teve de destruir os filhos saídos de seu corpo, o novo

eu que não era ela mesma, até que ela pariu um que entendeu sua busca de harmonia. Era uma coisa nova no mundo, duas rainhas que amavam e ajudavam uma à outra, em vez de combater. Juntas, eram mais fortes do que qualquer outra colméia. Prosperaram, tiveram mais filhas, que juntaram-se a elas, em paz, era o começo da sabedoria.

“Se pudéssemos falar com vocês...”, a rainha dizia nas palavras de Ender.

“Mas como isso não pode ser, pedimos só o seguinte: lembrem-se de nós não como inimigos, mas como irmãs trágicas, transformadas numa forma horrível pelo Destino, por Deus ou pela Evolução. Se tivéssemos nos beijado, seria o milagre de nos transformarmos em humanos aos olhos uns dos outros. Em vez disso, matamos uns aos outros. Mas ainda lhes damos as boas-vindas como hóspedes-amigos. Venham para nossa casa, filhos da Terra, morem em nossos túneis, arem nossos campos, o que não pudemos fazer, vocês serão nossas mãos para fazer em nosso lugar. Floresçam, árvores, amadureçam, lavouras, dêem calor para elas, sóis, sejam férteis para elas, planetas, eles são nossos filhos adotivos e vieram para sua casa.”

O livro que Ender escreveu não foi longo, mas nele estava contido todo o bem e todo o mal que a rainha conhecia. E assinou-o, não com seu nome, mas com um título:

Orador dos Mortos

Na Terra, o livro foi publicado discretamente, e assim passou de mão em mão, até que ficou difícil acreditar que alguém na Terra ainda não o lera. A maioria dos leitores achava-o interessante, alguns que o leram recusavam-se a largá-lo. Começaram a viver segundo seus preceitos o melhor que podiam e, quando seus entes queridos morriam, um crente se levantava junto ao túmulo para ser o Orador dos Mortos e expunha o que o morto teria dito, mas com toda a franqueza, não escondendo defeitos e sem fingir virtudes. Os que compareciam a essas cerimônias às vezes as achavam dolorosas e perturbadoras, mas houve muitos que concluíram que sua vida valia a pena a despeito de seus erros e que, quando morressem, um Orador deveria dizer a verdade por eles.

Na Terra, transformou-se numa religião dentre muitas. Mas para os que viajavam pela grande caverna do espaço e viviam suas vidas nos túneis das rainhas e lavravam os campos dos *insecta*, era a única religião. Não havia colônia sem seu Orador dos Mortos.

Ninguém sabia — nem queria saber — quem fora o Orador original. Ender não estava inclinado a revelar-lhes.

Quando Valentine chegou aos 25 anos, acabou o último volume de sua História das Guerras dos *Insecta*. Incluiu, ao fim, o texto completo do livrinho de Ender, mas não disse que ele era o autor.

Pelo *ansible*, recebeu uma resposta do antigo Hegêmona, Peter Wiggin, com 77 anos e cardíaco.

— Eu sei quem escreveu isso. Se ele pode falar pelos *insecta*, com certeza poderá falar por mim.

Por meio do *ansible*, Ender e Peter conversaram. Peter despejou a história de seus dias, de seus crimes e de suas boas ações. Quando morreu, Ender escreveu um segundo volume, de novo assinando como Orador dos Mortos. Publicados, seus dois livros foram chamados *Rainha da Colméia* e *Hegêmona* e passaram a ser como escrituras sagradas.

— Vamos —, disse para Valentine, um dia. — Vamos sair voando e viver para sempre.

— Não podemos —, retrucou ela. — São milagres que nem a relatividade pode fazer, Ender.

— Precisamos ir. Estou quase feliz, aqui.

— Então fique.

— Convivi tempo demais com a dor. Não saberei mais quem sou sem ela.

Então subiram a bordo de uma nave estelar e foram de planeta em planeta. Onde quer que parassem, ele era sempre Andrew Wiggin, Orador dos Mortos itinerante, e ela era sempre Valentine, historiadora errante, escrevendo as histórias dos vivos, enquanto Ender contava as histórias dos mortos. Ender sempre levava consigo um casulo branco e seco, procurando o mundo onde a rainha pudesse acordar e prosperar em paz. Procurou por muito tempo.

Orson Scott Card

“Não vi ninguém que alcançasse a popularidade de Orson Scott Card, seja com leitores ou críticos, desde Robert Heinlein em seu auge, quarenta anos atrás,”

Isaac Asimov

A presente obra de Orson Scott Card, O Jogo do Exterminador (*Ender's*

Game, no original inglês), foi publicada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1985, ganhando de imediato o reconhecimento do público e a atenção da crítica. Arrebatou em um mesmo ano os dois mais importantes prêmios da Ficção Científica: o Prêmio *Hugo* e o Prêmio *Nébulas*. Recebendo também o prêmio da revista informativa *SF Chronicle* e o *Hamilton-Brackett Memorial Award*.

O Prêmio *Hugo* é concedido anualmente dentro da Convenção Mundial de Ficção Científica, por meio de votação efetuada pelo público. Além de exprimir a consagração de um trabalho, valoriza em especial as qualidades de interesse e estímulo de investigação. Polêmico e controverso às vezes, este prêmio, o mais famoso no campo da FC, é sempre ambicionado pelo prestígio que proporciona. Atualmente ele é concedido às seguintes categorias: romance, novela, noveleta, conto, editores (profissional e amador), ilustradores (profissional e amador), revista especializada e obras cinematográficas, além de ocasionalmente atribuir prêmios especiais.

O Prêmio *Nébulas*, concedido anualmente pela poderosa *Science Fiction Writers of America*, é também muito ambicionado e prestigiado por reconhecer a alta qualidade literária, artística e criativa das obras agraciadas, pois é o porta-voz da opinião dos escritores, que valorizam mais as qualidades técnicas e a eficiência no tratamento da caracterização, drama e desenvolvimento de uma idéia.

Ganhar em uma obra o *Hugo* e o *Nébula* é raro e surpreendente, significando um alto reconhecimento de público e dos especialistas, o que então representaria se no ano seguinte, 1986, a seqüência dessa obra também recebesse o *Hugo* e o *Nébula*? Foi justamente o que houve com *Speaker for the Dead*, uma espécie de continuação de *O Jogo do Exterminador*. Foi a primeira vez que um romance e sua continuação venceram os dois prêmios e também a primeira vez que um escritor os recebeu sucessivamente. *Speaker for the Dead* recebeu ainda os prêmios da revista *Locus* (a mais importante revista especializada em FC) e da revista *SF Chronicle*, por meio de votação entre seus leitores.

Sua novela *Eye for Eye*, publicada em 1987, também foi agraciada com o *Hugo*, conferindo a Card três *Hugo* em anos consecutivos, feito precedido apenas por Ursula K. Le Guin, outra gigante do gênero. Um ano antes o conto *Hatrack River* fora finalista do *Hugo* e *Nébula*, e venceu o *World Fantasy Award* (o principal prêmio para Fantasia)

Se pensarmos que atualmente nos Estados Unidos são lançados mais de 1.400 livros por ano, praticamente quatro livros de FC por dia, torna-se ainda mais surpreendente esse sucesso e popularidade de Scott Card.

Orson Scott Card nasceu em 24 de agosto de 1951, em Richland, no Estado de Washington, noroeste dos EUA. Cursou escolas públicas na Califórnia — onde participou de programas especiais — e no Arizona (2º Grau). Mais tarde, estudando na Brigham Young University, em Utah, teve alguns de seus textos teatrais encenados em âmbito acadêmico. Isso pouco antes de Card embarcar para o Brasil, como missionário da Igreja dos Santos dos Últimos Dias (mórmons).

Card passa pela paisagem paulista de janeiro de 1972 a outubro de 1973, vivendo em cidades como Araraquara, Ribeirão Preto, Araçatuba, Campinas, Itu e na Capital. Enquanto aqui esteve, escreveu ou deu início a vários rascunhos de suas obras.

Voltando aos EUA, Scott Card completou seus estudos universitários, formando-se Bacharel de Artes com especialização em Teatro, em 1975. Um ano antes começara a trabalhar na Brigham Young University Press como revisor, passando rapidamente para redator em tempo integral e, posteriormente, a editor na área de livros. Atuou também como redator

na *Ensign*, revista oficial da Igreja dos Santos dos Últimos Dias (cuja tiragem é de 500 mil exemplares), de 1976 a 1978.

Em 1975 submeteu a história *The Thinker* (cujo rascunho fora feito no Brasil), para a revista *Analog*. Ben Bova, o editor na época, recusou-a alegando que a revista publicava apenas FC e não Fantasia. Card determinou-se então a escrever uma história que fosse pura FC e, baseando-se em uma idéia que tivera aos 16 anos (após a leitura da trilogia da *Fundação* de Asimov) escreveu a noveleta *Ender's Game*, publicada na *Analog* de agosto de 1977. Mais tarde ela seria expandida para tornar-se no romance *O Jogo do Exterminador*.

A estréia não poderia ter sido mais auspiciosa: *Ender's Game* (a noveleta) ficou em segundo na votação do *Hugo* 1978 e Card recebeu o prêmio *John W. Campbell Jr.* para o Melhor Escritor Estreante naquele ano.

Sua produção passa a ser mais intensa e ainda com grande aceitação. Os contos *Mikal's Songbird* (1978) e *Unaccompanied Sonata* (1979), por exemplo, foram finalistas do *Hugo* e *Nébula*, e *Songhouse* (1979), finalista do *Hugo*.

Em rápida seqüência, Card publicou os romances *A Planet Called Treason* (1978) e *Songmaster* (1979), além da coleção de histórias *Unaccompanied Sonata and Other Stories* (1980). *Songmaster*, em especial, demonstrou o talento precoce de Card, sendo considerado por alguns como um clássico moderno, agraciado com o *Hamilton Brackett Memorid Award*.

Com seus livros já publicados na Inglaterra, França, Itália, Alemanha, Holanda e Japão, Card já era um escritor estabelecido e prestigiado, destacando-se como um dos mais promissores autores dentre aqueles surgidos nos anos 70.

Mas o pico do reconhecimento e atenção veio, sem dúvida, com o romance *O Jogo do Exterminador* (1985), onde a escalada do personagem Andrew "Ender" Wiggin rumo ao confronto com a ameaça alienígena, os *insecta*, e as profundas implicações psicológicas e dramáticas de sua trajetória cativaram público e crítica. E no ano seguinte foi a vez de *Speaker for the dead*, romance passado em uma colônia brasileira num planeta onde pela segunda vez a Humanidade depara-se com inteligências alienígenas.

Sua coleção de contos *The Folk of the Fringe* (1989), poderá despertar nossa atenção por incluir a história *América*. Sua ação é dividida entre a Amazônia Brasileira e o Estado de Utah, após uma guerra nuclear e de química limitada. Trata-se de um ciclo de histórias interligadas, onde Card teve a chance de falar com mais profundidade da comunidade mórmon, às vezes, como uma crítica a seus companheiros de religião.

Entretanto, após *O Jogo do Exterminador* e *Speaker for the Dead* é com a série *Tales of Alvin Maker*, que seu trabalho adquire maior ambição e impacto. Composta até o momento por *Seventh Son* (1987), *Red Prophet*(1988) e *Prentice Alvin* (1989) esta série de Fantasia foi apontada pela revista *Analog* como “o melhor candidato até a data, em toda literatura americana, para O Grande Romance Americano”.

A aceitação e popularidade dessa série é tanta, que têm surpreendentemente concorrido como finalista a prêmios que tradicionalmente prestigiam a FC e não a Fantasia, como o caso do *Hugo* e o do *Nébula*, obtendo excelentes colocações. *Seventh Son* foi finalista do *Hugo* e do *World Fantasy Award*, e ganhou o *Mythopoetic Society Award* e o *Locus Award*. *Red Prophet* foi também finalista ao *Hugo* e ao *Nébula*, e venceu o *Locus Award*. *Prentice Alvin* acaba de ser indicado para o *Nébula* 1989, assim como seu conto *Lost Boys*.

Todos os livros de Card são caracterizados pelo domínio e uso imaginativo dos elementos da FC e de Fantasia. Suas histórias refletem a essência de seu trabalho: a preocupação com o ser humano. A figura central em suas histórias é inegavelmente o ser humano em conflito com dilemas universais.

Esse enfoque no homem torna mais críveis situações passadas em cenários e contextos exóticos — exigências próprias da FC—, conseguindo a interação perfeita do imaginário da FC com uma proposta humanista.

Card torna-se muito próximo do leitor e fala com uma voz intensa e apaixonada, sem cair no sentimentalismo fácil. É fascinante sua capacidade de emocionar o leitor com apenas um parágrafo.

Além disso, seu domínio da psicologia dos personagens e o modo como as ações deslizam com naturalidade refletem os atributos de um autor no comando de seu meio de expressão, dispondo os elementos de

FC e de Fantasia como coadjuvantes do ser humano, de modo sempre moderado e eficiente.

Sua obra é carregada de emoção e de humanismo, de esperança nas pessoas e na vida, Card acredita que a função de um escritor é mudar o mundo e que a FC é o veículo ideal para essa transformação, preparando as pessoas para as mudanças e sugerindo as alterações positivas ou alertando-as contra as perigosas, ou mesmo quanto aos erros que nos escapam em nosso próprio presente.

Isto é visível no *Jogo do Exterminador* na forma como Locke e Demóstenes alteram a situação estratégica do mundo por meio de seus artigos. E como os livros *O Orador dos Mortos* e *Rainha da Colméia* trazem a verdade a respeito dos *insecta*, modificando a concepção humana quanto aos alienígenas.

A religiosidade de Card também se faz sentir. Não como proselitismo, mas como uma ética filtrada dos anseios humanos por harmonia e redenção. Uma constante são personagens angustiados e solitários, buscando a integração e o amor.

Esse sentido de embate do homem consigo próprio e com sua incapacidade de decodificar a vida é também visto em Card, ora como uma angustia amenizada pela esperança de redenção, ora como a jovialidade tranqüila dos que são capazes de extrair o melhor da existência humana, com todas suas imperfeições e limites.

Nesse ponto, a perspectiva do desajustado procurando a integração parece ter uma relação íntima com a passagem de Card pelo Brasil. Muitos de seus escritos, centrados no estrangeiro (ou alienígena), mostram o quanto o homem pode ser um alienígena (ou estrangeiro) entre sua própria espécie na busca da comunicação ou na procura, entre as pessoas, de serem menos desconhecidas e ameaçadoras umas às outras.

O próprio Card diz que “viver num país estrangeiro permite ao escritor de FC separar em sua mente aquelas coisas que são humanas daquelas coisas que são meramente costumes locais”. É esse trabalho de identificar o que há por baixo da superfície do *status quo*, que faz da FC um gênero tão forte, e o trabalho de Card é fundamentalmente calcado nessa investigação.

Um elemento constante em seus livros são os personagens crianças e adolescentes. Card os usa como um recurso de força própria. Assim como o escritor húngaro FÉRENC MOLNAR usou uma organização de meninos para falar da identidade com a Terra em seu belíssimo *Os Meninos da Rua Paulo*, Card emprega crianças e jovens para falar do conflito íntimo das índoles humanas em busca de harmonia e da necessidade de ser aceito e amado, e da luta pela efetivação do potencial do homem para o bem.

Temas freqüentes também são as relações familiares e seus desenganos, a preocupação ecológica, a questão indígena (ou alienígena) e o conflito cultural, sempre tratados de maneira clara, coerente, honesta e cheia de compaixão pelo ser humano.

Não se contentando com todos os recordes conquistados, Card mostra-se também um dos mais ativos membros do Fandom (comunidade dos fãs), dando palestras, *workshops*, cursos, atendendo a convenções e seminários. E publicando seu próprio fanzine, *Short Form*.

Ele acredita que “a FC é essa literatura tão boa e vital por causa da crítica e do diálogo entre autores e fãs. O fato de nós autores não lançarmos nossos trabalhos no vazio, mas, ao contrário, recebermos respostas e críticas, faz com que melhoremos nosso trabalho muito mais rapidamente do que os escritores de outros gêneros, e o fato de todo este útil “criticismo” ser feito não por profissionais que são pagos por seus julgamentos, mas por voluntários que estão lendo e escrevendo somente por amor e interesse pessoal, significa também que não estamos trancados em algum estreito canal de pensamento acadêmico. Ao contrário, podemos alcançar livremente todo o universo de possibilidades enquanto desenvolvemos nossa arte. Em resumo, os fãs são uma parte da criação da FC, tanto quanto os autores”.

Podemos afirmar que o mais importante em Orson Scott Card como escritor é o atributo moral. Ele parece ter chamado a si uma função próxima à de seu Orador dos Mortos, falando pela verdade que toda a inércia social e nossos preconceitos e temores mantém oculta, usando a FC como uma lente para desvendar o que se encontra além da colina, no interior das motivações humanas.

O que mais um escritor de Ficção Científica poderia almejar?

Roberto de Sousa Causo